

30

fevereiro 2012

fms

Cadernos **MARISTAS**



Instituto
dos
Irmãos
Maristas

ÍNDICE DE MATÉRIAS

EDITORIAL	
André Lanfrey, fms.....	3

ESTUDOS	
----------------	--

A Família Marista segundo o Irmão Virgílio León	
Antonio Martínez Estaún, fms.....	7

O Padre e o Pastor diocesano	
Frederick McMahon, fms.....	45

A Boa Mãe e a Virgem do Voto	
André Lanfrey, fms.....	63

OUTROS ARTIGOS	
-----------------------	--

O Projeto da História Bicentenária	
Michael Green, fms.....	83

O Carisma Marista em terras mexicanas	
Aureliano Brambila de la Mora, fms.....	93

Esboço de uma História do Instituto	
André Lanfrey, fms.....	131

Projeto de História do Instituto: Bibliografia	
Juan Jesús Moral Barrio, fms.....	155

FMS CADERNOS MARISTAS

Nº 30 ANO XXII 2012

Responsável pela redação:

Comissão do Patrimônio

Diretor técnico :

Alberto Ricca, fms

Colaboradores neste número :

André Lanfrey, fms

Juan Jesús Moral Barrio, fms

Frederick McMahon, fms

Michael Green, fms

Aureliano Brambila

de la Mora, fms

Antonio Martínez Estaún, fms

Tradutores :

Alain Delorme, fms

Joannès Fontanay, fms

Josep Roura, fms

Aimé Maillet, fms

Moisés Puente, fms

Carlos Martín, fms

Edward Clisby, fms

John Allen, fms

Carla Bertana

Marilu Balbis

Salvador Durante, fms

Virgílio J. Balestro, fms

Aloisio Kuhn, fms



André Lanfrey
fms

EDITORIAL

Este número 30 dos Cadernos Maristas parece ter uma função um pouco particular: em seus tradicionais artigos versando sobre pesquisas diversas, ele anuncia a conclusão de dois projetos e o lançamento de outro.

ORIGENS DOS IRMÃOS MARISTAS

Acaba de aparecer, em 2011, em três volumes, na coleção *Fontes Historici Societatis Mariae*, a coleção de todos os escritos do Padre Champagnat e dos documentos e cadernos redigidos ou começados na sua época. Intitulada *Origines des Frères Maristes* essa obra é fruto de um longo trabalho, coordenado pelo Ir. Paul Sester, com a ajuda técnica de vários coirmãos: Jean-Rousson, Louis Richard, Claude Morisson, Henri Réocreux.

O uso da palavra « origens » no título presta homenagem à obra fundamental dos Padres Coste e Lessard – *Origines Maristes*, publicada nos anos 1960-67. O Ir. Paul Sester, em sua introdução, sublinha mais uma razão:

esses documentos estão longe de serem todos da mão do Padre Champagnat e numerosos cadernos ou registros iniciados em seu tempo continuam depois dele. A expressão *Ecrits du P. Champagnat* – Escritos do Padre Champagnat – sendo muito restrita, pareceu mais adequado o título finalmente escolhido.

O volume 1, de 566 pp., intitulado “Do projeto pessoal à congregação”, inclui as resoluções de Champagnat e os oito “Cadernos Champagnat” recolhendo os regulamentos da casa-mãe, os prospectos e estatutos, os projetos de regras, rascunhos de cartas, esquemas de conferências e instruções e os livros de contabilidade.

O volume 2, intitulado « Afirmação da identidade de uma família religiosa », de 785 páginas, contém o registro das inscrições de 1822 a 1848 e as correspondências de Champagnat, organizadas por séries temáticas: cartas aos Irmãos, ao Pe. Mazelier, cartas administrativas autógrafas e minutas. Enfim, encontramos aí as homilias, discursos e instruções.

O volume 3, intitulado “Estruturação e desenvolvimento dos Irmãos Maristas” compreende os registros: tomada de hábito, votos temporários e perpétuos, falecimentos. Em seguida, um “Memorial eclesiástico” reúne todos os acontecimentos religiosos marcantes como as bênçãos de capelas, implantação de vias-sacras... de 1825 a 1942. A obra se encerra pelos “Escritos isolados diversos” recolhendo vários atos de compra e venda, e também documentos mais fundamentais como as promessas dos primeiros Irmãos ou o Testamento espiritual do Padre Champagnat.

A segunda parte do volume 3, p. 509-698, é consagrada aos diferentes índices: temático, nomes de lugares e, sobretudo, de pessoas, Irmãos e não Irmãos.

Essa coletânea de 687 documentos completa, pois, as « Origens Maristas » dos Padres Coste e Lessard, bem como as “Cartas” de Champagnat publicadas pelo Ir. Paul Sester, em 1985 (tomo 1: textos) e, em 1987, (tomo 2: repertórios) este último com a ajuda do Ir. Raymond Borne. Graças a essa obra, temos de ora em diante numa única coleção todos os documentos concernentes à origem do Instituto e, mesmo desbordando com frequência as épocas ulteriores, pois os cadernos e registros, aqui publicados inteiramente, foram muitas vezes continuados depois de 1840. Graças a um aparato crítico cuidadoso (introduções, notas, índice) ela oferece aos pesquisadores um instrumento de trabalho excepcional.

CRONOLOGIA MARISTA

A casa-geral acaba de publicar uma nova *Chronologie mariste* - «Cronologia Marista » - das origens até 2009, elaborada sob a direção do Ir. Jean Ronzon, ex-secretário geral. Esse livro de 535 páginas, de cuidadosa apresentação, é o número 1 de uma nova coleção denominada *MS/ Studia* que tem por finalidade publicar trabalhos marcantes sobre o Instituto.

A obra completa a cronologia do Instituto, de 1976, mas com espírito um pouco diferente. Os fatos relacionados, com efeito, foram estruturados em divisão cronológica renovada que insiste menos sobre a história interna (casas-mães, superiores gerais) esforçando-se por situar o Instituto dentro da história geral. É por isso que pequenas introduções conferem uma visão de conjunto de cada uma das fases históricas ou iluminam as datas especialmente importantes. Ainda, o cuidado de citar a fonte de cada acontecimento, já presente na cronologia de 1976, foi sistematizado, levando a eliminar certos fatos, não baseados em fontes comprováveis. Por último, certo número de cartas, fotos e anexos oferecem preciosas sínteses visuais.

PROJETO DE HISTÓRIA DO INSTITUTO

Aproximando-se o ano de 2017, a comissão do patrimônio espiritual considerou oportuno de pensar numa história geral do Instituto que, sem ser

exageradamente erudita nem demasiado extensa, ofereça uma visão séria de nossos dois séculos de história. Para esse empreendimento não falta a documentação, como o demonstra a rica bibliografia apresentada, em seguida, pelo Ir. Juan Moral. A principal dificuldade é, sem dúvida, a de delimitá-lo para que o trabalho final não apresente dimensões exageradas ou se torne uma compilação de histórias de Províncias. É o motivo por que o Ir. Aureliano Brambila escreveu, a propósito do México, um exemplo metodológico, dando uma visão de conjunto, ao mesmo tempo documentado e sucinto, sobre uma região do Instituto. Por sua vez, os Irmãos André Lanfrey

e Michaël Green tentaram redigir esboços concernentes a um empreendimento que, sem dúvida, vai requerer colaborações e exigir modificações.

Assim, o Caderno Marista nº 30 anuncia certa finalização ou confluência da pesquisa marista, fortemente focalizada sobre Champagnat e as origens, esboçando ao mesmo tempo uma oportuna reflexão sobre o Instituto como um todo, às vésperas de seu bicentenário. O artigo do Ir. Antonio Martínez Estaún, sobre a noção de família marista, reinterpretada recentemente pelo Ir. Virgílio Leon, parece-nos, aliás, um bom exemplo desse tipo de trabalho.

A FAMÍLIA MARISTA SEGUNDO O IRMÃO VIRGILIO LEÓN



**Antonio Martínez
Estaún, fms**

1. MOTIVAÇÃO, PROPÓSITOS E METODOLOGIA

No momento em que escrevo, comemoram dois aniversários quase simultâneos. A 6 de setembro de 2011, completam-se 25 anos da morte do Irmão Virgílio León Herrero (1927-1986), homem que intuiu horizontes inopinados para a família marista, da qual foi apóstolo e propagador. E o 25.º aniversário do Movimento Champagnat da Família Marista (MChFM), celebrado em cada Província. A Província de l'Hermitage o celebrou em outubro de 2010, nos espaços do renovado Hermitage. O Movimento Champagnat foi aprovado pelo 18.º Capítulo Geral (1985) dos Irmãos. O Irmão Charles Howard, Superior-Geral, publicou, em sua "circular" de 15 de outubro de 1991, o Projeto de Vida do Movimento e sua visão do laicato marista de Champagnat¹.

Esses acontecimentos levaram-me a analisar o alcance da família marista na intuição originária do Irmão Virgílio León através de alguns de seus escritos. Com esta investigação quisera trazer um aporte que ajude a enriquecer a reflexão, a vida e o dinamismo das fraternidades que vivem vinculadas ao Movimento Champagnat da Família Marista e a outros grupos que se sintam atraídos pelo carisma de Champagnat.

1.1. A família marista antes do Movimento Champagnat

O Irmão Alexandre Lefebvre produziu uma extensa contribuição sobre a família marista no seu trabalho *Dos Antigos Alunos os ao Movimento Champagnat da Família Marista*². Nesse trabalho se investigaram duas realidades distintas da história ma-

¹ O *Projeto de Vida do MChFM* foi publicado a 16 de julho de 1990 numa edição destinada a tornar o texto conhecido e difundido. O Irmão Charles Howard o incluiu na sua "circular" de 15 de outubro de 1991, ficando assim recolhido numa publicação oficial do Instituto. Ver: Charles Howard, *Circulares*, Vol. 29, p. 303-378.

² Alexandre Lefebvre, *Dos Antigos Alunos ao Movimento Champagnat da Família Marista*. *Cadernos Maristas* (maio de 1999), n. 15, p. 119-170.

rista: as associações dos antigos alunos, por um lado, e a família marista por outro. O Irmão Lefebvre encontrou pontos importantes de coincidência nas histórias dos dois grupos. Para informar-se de ambos, utilizou reiteradamente como fonte bibliográfica a biografia do Irmão Virgilio León Herrero, publicada em 1991. A seleção das referências biográficas, relativas à família marista, usadas pelo Irmão Lefebvre para seu trabalho, ficaram sujeitas aos objetivos que se propunha e à necessidade metodológica de unir à investigação sobre a família marista o tópico das associações de Antigos Alunos. O Irmão Lefebvre se propôs em seu trabalho, entre outras coisas, “descobrir o papel determinante do Irmão Virgilio León Herrero³”, em relação à família marista de quem afirma que “foi o visionário, o profeta e principal obreiro”⁴. Seu trabalho acompanha o Irmão Virgilio e sua intuição através dos relatos dos Congressos de Antigos Alunos sobre a família marista, quando a ideia se havia difundido amplamente. Não trata, porém, das origens dessa intuição, que é muito anterior aos Congressos dos Antigos Alunos.

O Irmão Lefebvre atribui a fundação do Movimento Champagnat da Família Marista a “uma insinuação do movimento de ex-alunos”⁵. Não ne-

garei mérito ao movimento dos ex-alunos pelo apoio que ofereceu ao Irmão Virgilio no processo que conduziu ao reconhecimento oficial do Movimento Champagnat da Família Marista por parte do Instituto, embora também tenha consciência das matizações que haveria que fazer. Mas os próprios ex-alunos reconhecem que “o Irmão Virgilio León tem o mérito de ter sido o promotor da ideia da família marista”⁶.

O Movimento Champagnat da Família Marista começou sua vida oficial no Instituto com a inclusão do Estatuto 164.4 nas Constituições Maristas, e com a promulgação de seu *Projeto de vida*, a 15 de outubro de 1991, na “circular” do Irmão Charles Howard, Superior-Geral. Mediante esse procedimento, o Irmão Charles Howard não fazia senão pôr em prática as recomendações do Capítulo Geral 18.º (1985). Atrás dessa data fica uma longa história, da qual o tempo nos distancia inevitavelmente.

Para muitos membros do Movimento, como também para os que acompanham os processos de formação das pessoas que aderem a ele, essas datas são o referencial obrigatório dos inícios. Mas, tanto os membros da família marista, que se congregam no Movimento Cham-

³ Idem, p. 119

⁴ Idem, p. 119

⁵ Idem, p. 119

⁶ *Boletín da La Federación de Exalumnos de España*. Assim o cita o próprio Irmão Lefebvre, sem indicar data, nem número e página.

pagnat, como aqueles que não aderem a essas siglas, estão vinculados a uma longa e interessante história, que começa várias décadas antes que os documentos a reconheçam oficialmente e lhe deem carta de cidadania. Pôr como referência das origens o gesto legal da aprovação por parte da autoridade não pode deixar no esquecimento o momento humilde e silencioso em que o Espírito fez nascer essa corrente de vida institucional. Mais ainda, para muitas pessoas pode ser enriquecedor conhecer os primeiros filetes de água desse manancial de vida carismática marista, tanto nas motivações que impulsionaram os protagonistas a definir essa intuição, quanto ao modo de levá-la à prática. Seguir o curso desse rio de vida pode levar-nos até às fontes amenas das origens.

Nestas páginas proponho-me realçar a intuição do Irmão Virgilio León sobre a família marista a partir de quatro escritos selecionados dentre os que publicou sobre esse tema, quando começou a difundir essa ideia entre os Irmãos das casas de formação da Província de Catalunha, os juvenistas, os postulantes, noviços e escolásticos e suas famílias.

1.2. Descrição das fontes

Os textos que vou utilizar nesta pesquisa são uma seleção de quatro escritos dentre os que foram publicados pelo Irmão Virgilio, de novembro de 1966 a junho de 1968, na revista *Familia Marista*⁷. A publicação dessa revista começou a se difundir no juvenato marista de Llinars del Vallés, a partir de novembro de 1966. Consta de 16 páginas de tamanho 16 por 24cm, em duas cores, impressa nas oficinas “Gráficas O. Kolbe” dos Franciscanos Menores Conventuais de Granollers (Barcelona). Com o tempo chegou a ser a publicação veterana de todas quantas a criatividade do Irmão Virgilio lançou. Editaram-se 138 números (janeiro de 2010), alguns deles com o subtítulo de “extraordinário”. Os conteúdos foram mingando, à medida que a presença de juvenistas nas casas de formação era menor. Vários números foram editados como calendário de parede e diretório das casas maristas da Província, mantendo o primeiro formato. Nos inícios dos anos Noventa, seu tamanho mudou e se editou como calendário de parede, primeiro em branco e preto, depois em cores. Hoje se continua publicando, com o mesmo timbre, como um calendário, em todas as cores⁸.

⁷ Na revista *Familia Marista* foram recolhidas 10 contribuições do Irmão Virgilio relacionadas com a família marista. Dada a extensão dos textos, selecionamos os quatro que podem resultar mais significativos para explicar sua intuição sobre a família marista.

⁸ O calendário de 2010 é o número 138 de *Familia Marista*, editado em catalão. Número especial: Gener 2010. Edita Maristes Catalunya D. L.: B-9951986. Imprimeix: Tallers Gràfics EDELVIVES. Fotos: Archiu Maristes Catalunya.

Os destinatários desses textos são os juvenistas, postulantes, noviços, escolásticos e suas famílias, quer dizer, um público não especializado. O Irmão Virgílio se dirige a eles em linguagem carregada de paixão e sentimento, em tom kerigmático, inspirado na experiência da vida e na experiência de Deus, com intenção

pastoral e catequética, mas sem um tom catedrático. Podemos dizer que alguns fragmentos são um autêntico relato de sua própria vida. São textos breves, dirigidos a leigos, com linguagem direta facilmente inteligível.

1.3. Textos

Texto 1⁹

Desta vez não me referirei nem à tua, nem à minha, nem à de outro. Desta vez quero referir-me à nossa família, à que é de todos. Desta vez me refiro à grande Família Marista.

E esta família, que é nossa família, está de festa, em plenas festas jubilares, celebrando seus 150 anos de vida.

E eleva um hino ao Senhor que quis que nela se cumprisse a Escritura:

Multiplicarei teus filhos como as estrelas do céu...

E quem forma a grande Família Marista? Quando eu descobri esta nova filiação, precisamente lá pelo ano de 1940, após poucos meses de separação de minha outra família, tive uma alegria imensa. Se o Senhor me havia pedido, como se pede a todos os que o seguem, que deixasse fisicamente, nunca moral nem espiritualmente, meu lar, o sentir-me deveras filho de uma nova família me encheu de prazer imenso e entendi logo que Deus também me premiava com o cêntuplo.

A descoberta eu a fiz aos poucos. Melhor dizendo, todos os dias descobro algo novo, porque é o amor de cada dia que me possibilita descobrir, e como ainda não deixei de amar...

Por isso minha alegria e meus anseios se renovam cada dia, porque na medida em que amo a todos os membros desta grande família, se me renovam os motivos deste amor, e sempre me restam coisas bonitas a descobrir.

Um dia, descobri que existe um grande santo que todos chamavam de pai.

Comecei a invocá-lo como tal. E desde então, meu Pai Fundador, o Beato Marcelino Champagnat, ocupa um lugar elevado no meu coração, sem que discuta o lugar que também guardo àquele que Deus me deu aqui embaixo. Antes, pelo contrário, ele me ajudou a sobrenaturalizar meu sentimento e reforçar meu amor de filho. Descobri logo, imediatamente, que aqueles homens, que me haviam recebido em sua grande família, tinham uma mãe singular, que amavam delirantemente e invocavam realmente como Mãe, Padroeira, Modelo e Superiora.

Então, sim, minha alegria foi imensa. O Senhor me havia exigido muito ao pedir-me que deixasse

⁹ Publicado na revista *Família Marista*, em junho de 1967. O texto foi transcrito em Antonio Martínez Estaún, *Hermano Virgilio León, marista rebelde*. Imprenta Lericiana, Lleida 1992, p. 553-554. Este texto está escrito em plena celebração do 150º aniversário da fundação do Instituto. "Nossa família está de festa em plenas festas jubilares, celebrando seus 150 anos de vida."

momentaneamente a mãe tão boa que me dera aqui embaixo. Mas, ao sentir-me filho predileto da Virgem; ao saber que se podia harmonizar o amor das mães, ao palpar, dia após dia, que o amor àquela de cima purificava o amor àquela daqui embaixo; ao comprovar que cada dia eu amava sempre mais a uma e outra; ao adquirir consciência de que, na realidade, amo a ambas com um único e mesmo amor, com o mesmo amor imenso, porque ambos os amores são espirituais; ao me ser confirmada lá do céu, no fundo do coração, a dita de poder amá-las também juntas na outra vida: então, sim, comecei realmente a ser feliz e com uma felicidade que, espero, me acompanhe até a eternidade.

Logo também descobri que nesta família me haviam nascido muitos irmãos. Nela todos somos irmãos. Os idosos para com vocês, benjamins do juvenato. Irmãos meus no espírito, em Maria e Champagnat, são teus familiares, e os meus o são para os demais. Todos a uma dizemos: PAI! E ele nos ama e protege com tal. Todos a uma lhe rezamos: MÃE! E Ela nos responde sempre carinhosa: Filho! Nesta família não há contraparentes, que olhamos com receio, nem meio-irmãos a quem ocultamos certas coisas, nem irmãos mal-avindos, como alguma vez ocorre nas famílias de cá embaixo quando se repartem as heranças. Todos formamos a mesma categoria, temos os mesmos direitos e nos repartimos fraternalmente a mesma herança:

- o amor imenso e delicado do mesmo Pai,
- o carinho imenso e prazerosíssimo da mesma Mãe.

Que Eles concedam a todos nós o gozo delicado do mesmo lar, a dita infinita de sentir-nos família, a GRANDE FAMÍLIA MARISTA de Maria e Champagnat.

Irmão Provincial.

Texto 2¹⁰

Há pouco, foi a Família Cristã que, por iniciativa do Espírito Santo, se reuniu para celebrar o Concílio. E o Papa João indicou a pauta de trabalho que deviam realizar: Revisar as estruturas para pô-las em dia; fazer um balanço da Mensagem que recebeu do Senhor e mirar-se no espelho do Evangelho para contemplar sua figura.

Os frutos não se fizeram esperar, porque quando o Espírito quer, das pedras tira filhos de Abraão, reacende o pavio meio apagado e faz sentir sua presença tão violentamente como no dia de Pentecostes. E como efeito dessa meditação séria e comunitária que fizeram os bispos, o Concílio nos disse: A Igreja se define como a grande família cristã; povo de Deus em marcha, todos unidos com os laços da fraterna caridade universal. ... Em nossa marcha para a Pátria Celestial, conseguiremos a redenção de todas as criaturas no Senhor.

¹⁰ Publicado na revista *Família Marista*, no número de dezembro de 1967, p. 2. E transcrito em: Antonio Martínez Estaún, *Hermano Virgilio León, marista rebelde*. Imprenta Lleridiana, Llleida 1992, p. 560-561.

Palavras simples, mas muito profundas. E, cristãos, nos empenhamos em tomá-las a sério. E as meditamos para enriquecer-nos com sua mensagem.

Isso tem sido nosso Capítulo Geral; um concílio em miniatura da grande Família Marista. Uma meditação em comum para assimilar a doutrina da Igreja. E à luz de seus ensinamentos, sentimos avivar-se em nós a consciência de que somos Família. Somos a grande Família Marista. E é por isso que, dentro dessa grande assembleia de 155 capitulares, falando em espanhol ou francês, em alemão ou inglês, em italiano ou português, todos nos sentimos irmãos, filhos da mesma Mãe Congregação.

Havia gente da Europa e Oceania, brancos, negros e amarelos: de povos aristocratas e de povos subdesenvolvidos, mas todos nos amávamos como irmãos em Cristo e Champagnat. E quando buscamos a fórmula para definir nossa Congregação e assentá-la sobre uma base vigorosa, não encontramos outra que a de considerar-nos como a GRANDE FAMÍLIA MARISTA porque tivemos presente o desejo que nosso Beato Fundador nos deixou em seu testamento: Que se possa realmente dizer com, toda a verdade: VEDE COMO SE AMAM! Já temos assinalado o caminho de nossa renovação: saber-nos irmãos, sentir-nos irmãos, querer-nos e amar-nos como irmãos.

Irmãos que se alimentam do único rico pão espiritual que a TODOS sacia e torna felizes na casa da Virgem: o pão do AMOR, o pão da CARIDADE, que se reparte entre todos pela oração. E quanto mais o repartimos mais se multiplica e alcança pequenos e grandes.

Porque nesse todos, nos encontramos os Irmãos idosos e os benjamins da casa, seus e nossos familiares, nosso alunos e antigos alunos, e as famílias de uns e de outros.

Senhor, que na casa de Marcelino haja pão para todos!

Que tomemos consciência de verdadeira família!

Irmão Virgílio León, Provincial.

Texto 3¹¹

Hoje, queridos pais e familiares de todos os Irmãos da Província de Catalunha, nasce para vocês Família Marista. Nesta circunstância, quisera dirigir-me a todos e chamá-los por seu nome, para que todos se sintam mencionados.

Cabe-me, em nome dos Irmãos, apresentar-lhes esta simples revista que nasce de nós para todos vocês.

Talvez um certo rigor tradicional nos manteve, os consagrados ao Senhor, um tanto distanciados de nossos familiares. E vocês, por esse respeito ao sacrifício que o Senhor lhes pediu e um dia, generosos, aceitaram, os manteve a uma certa distância, muito meritória por certo, mas de certo modo com um excessivo rigor, que a Igreja do Concílio Vaticano II quis abrandar. Os Irmãos pensaram nisso. E se materialmente têm o consolo de ver-nos com frequência, queremos dizer-lhes, com toda a verdade, que também os queremos mais perto

¹¹ Publicado na revista *Família Marista*, em fevereiro de 1968, n. 1, dirigido aos pais dos Irmãos, p. 3. E transcrito em: Antonio Martínez Estaún, *Hermano Virgilio, marista rebelde*. Imprenta Leridiana, Lleida 1992, p. 591-592.

espiritualmente, que são, com todo o direito, membros de nossa família, que pensamos e rezamos por vocês todos os dias, que os queremos mais vinculados a nós, desfrutando todos os bens espirituais da Congregação. E para isso nasce hoje Família Marista. Para levar a vocês, pais e mães de nossos Irmãos, que ainda vivem, o consolo, a alegria de saber que são membros de pleno direito de nossa Família Marista:

- a vocês, irmãos da família com quem partilhamos as alegrias do mesmo lar, o consolo de participar também de nossas coisas;*
- a vocês, avós que ainda vivem, algo da riqueza de nossa herança religiosa;*
- a vocês, primos, sobrinhos, uma participação no tesouro que nos prometeu o Senhor que nos escolheu.*

Sim, com imenso prazer, Família Marista para vocês, como laço material, símbolo espiritual que sempre existiu e que desde agora queremos reforçar entre nós, os Irmãos e todos os nossos familiares.

Irmão Provincial.

Texto 4¹²

Seis e junho! Festa do Beato Marcelino Champagnat!

Num dia já distante, a 2 de janeiro de 1817, dois adolescentes se juntaram a um jovem sacerdote, vigário de uma paróquia simples, na diocese de Lião, no município de La Valla.

E desde aquele dia, o chamaram PAI, porque em seu coração encontraram todo o amor, toda a compreensão, todo o apoio de que necessita aquele que Deus escolheu para ser cabeça, chefe de uma família: a grande Família Marista. E desde aquele dia, quanto viemos a formar parte desta Família continuamos a chamá-lo Pai, convencidos de que seu amor aos primeiros Irmãos se projeta para nós. Quando estudamos e meditamos sua vida, nos convencemos de que realmente nosso Fundador merece o apelativo de Pai.

Se todos os Fundadores têm sobeja razão para amar com predileção aqueles que hão de continuar sua obra, o nosso, o Beato Marcelino Champagnat, nos deu mostras durante sua vida de possuir todos os dotes de um coração delicado, cheio de abnegação e ternura.

Seu estilo, familiar e bondoso, comunicativo e delicado, o projetou nas Regras que dele herdamos e também em todos os seus escritos espirituais.

Chamar-se-ão Irmãos – nos deixou escrito nas Regras – para que recordem que formam uma mesma e única família, na qual todos devem amar-se.

Daí que para nós constitua este desejo – o de chegar a formar uma verdadeira Família, dentro da Família de Deus, na qual circule, entre todos os seus membros, a caridade, o amor delicado, a compreensão e a ajuda mútua... – uma meta necessária para que todos os seus membros se sintam felizes e reine entre todos a união.

Noutro dia, precisamente antes de morrer, nos deixou recomendado, como o melhor desejo e augúrio de seu coração de Pai que se preocupa pelo futuro da Família: – Oxalá se possa dizer de vocês como dos primeiros cristãos: “Vejam como eles se amam!”.

¹² Publicado na revista *Família Marista*, em junho de 1968. Publicado simultaneamente com o n. 3, dedicado aos pais dos Irmãos. E transcrito em: Antonio Martínez Estaún, *Hermano Virgilio León, marista rebelde*. Imprenta Leridiana, Lleida 1992, p. 595.

Por isso, nestes momentos em que a Santa Igreja deseja renovar-se e enriquecer-se em seus princípios, nestes momentos em que o Concílio deseja fortalecer os laços do povo de Deus, agora que nós, cristãos, sentimos mais do que nunca nossa família de Deus, devemos empenhar-nos nesta campanha interna de amor, de solidariedade espiritual, de união entre todos os que de algum modo pertencemos a esta outra grande Família, a Família Marista de Champagnat.

Um dia, já faz um século e meio, dois adolescentes, com os quais iniciou a Congregação, começaram a chamá-lo de PAI. E o sentiram e amaram realmente como Pai.

Em outro dia, também já distante, ao redor de seu leito de morte, mais de uma centena de Irmãos se desvelava em consolar, em aliviar as dores àquele que se despedia, deixando-lhes, por melhor herança, um rico testamento espiritual que é autêntica carta de caridade, fundamento de nosso espírito de família.

E, no decorrer dos anos, foram milhares e milhares os que pertenceram à sua Família, sentindo que o amor, a devoção ao Pai comum, foi o nexo de união, o segredo de um excelente espírito de família.

Hoje, são mais de meio milhão de almas, entre alunos, antigos alunos e seus familiares, juvenistas, Irmãos e seus familiares, os que continuamos sentindo nossa vida de família com esse carisma de amor simples, natural, delicado, que produz a felicidade e o bem-estar em todas as nossas casas.

E para o amanhã, este é nosso compromisso: que esta grande Família Marista se estenda, que se fortaleçam os laços de união e solidariedade entre todos os seus membros, que possamos transmitir à posteridade o rico patrimônio de um espírito de família, graças ao qual, seus filhos, espalhados pelo mundo inteiro, continuem fiéis aos santos desejos de seu testamento espiritual e continuem formando uma grande família na qual todos o chamam de pai e o amam como tal.

Irmão Provincial.

2. DE QUE FAMÍLIA FALA O IRMÃO VIRGÍLIO LEÓN?

2.1 Acepção da expressão “família marista”

A expressão “família marista” entre os maristas foi utilizada com alcance diverso, originando certa ambiguidade na hora de usá-la. De que “família marista” fala o Irmão Virgílio quando

começou a tratar deste tema? Ao referir-nos à linguagem usada pelo Irmão Virgílio, é fundamental conhecer o alcance que ele lhe deu. Utilizar uma linguagem adequada para expressar corretamente o que se quer dizer é um desafio para todos. Os técnicos que estudam o Patrimônio Marista reconhecem que se lhes apresentam desafios “em quatro campos: a história, a espiritualidade, a linguagem e a política”¹³.

¹³ P. Alois Greiler. Cadernos Maristas 28 (maio 2010) p. 112

Na reunião intermarista¹⁴, celebrada em Roma em 2008, por ocasião do encontro anual realizado pelo grupo internacional de estudiosos do patrimônio, o P. Alois Greiler, sm, propôs que se fizesse “uma reflexão sobre a terminologia marista”, concretamente “que significa *família marista e sociedade de Maria* em cada ramo¹⁵”. Essa iniciativa centrou a reflexão do colóquio intermarista realizado no ano seguinte, 2009. Eis aqui algumas contribuições expostas após um ano de investigação:

O P. Alois Greiler, sm, afirma que a expressão família marista

“se refere à relação (histórica, espiritual) das congregações maristas atuais e os grupos de leigos maristas”¹⁶.

O Irmão A. Lanfrey, em seu subsídio nesse mesmo colóquio, alude abertamente à referência¹⁷ que aparece no livro *Origines Maristes*, publicado em Roma em 1967, a propósito de “família marista”, em que se diz:

“Denominação dada recentemente ao conjunto de congregações religiosas e da terceira ordem

surgidas do projeto da Sociedade de Maria, concebido em 1815-1816, no seminário maior de Lião. Antes de 1836, o nome de Sociedade de Maria [...] se aplicava integralmente ao dito projeto.¹⁸”

A delimitação dos tempos aos quais se refere *Origines Maristes* dizendo que a denominação “família marista” foi dada recentemente, é aclarada pelo P. Alois Greiler, quando conclui sua intervenção dizendo que

“segundo Green, “família marista” foi empregada desde os anos 1960, a partir de uma “circular” do Irmão Basílio”¹⁹.

Com efeito, o Irmão Basílio Rueda, em sua “circular” de 2 de janeiro de 1968, quando o Instituto vivia ainda o período de “intersessão” capitular, escreveu o seguinte:

“O Beato Marcelino Champagnat morreu com a íntima convicção de que os Padres e os Irmãos Maristas continuariam formando uma só família (cf. Testamento espiritual). Entretanto, algum tempo depois de sua morte, uma intervenção de Roma devia conduzir a uma separação ‘jurídica’ dos dois ramos; desde então, houve duas Congregações distintas.

¹⁴ A partir de junho de 2006, tem lugar, cada ano, em Roma, na Casa Geral dos Irmãos Maristas, uma jornada intermarista sobre o patrimônio histórico e espiritual dos diversos ramos da Sociedade. Esta reunião é a quarta. Dita série de encontros tem sua origem indireta na constituição, por parte do Conselho-Geral dos Irmãos Maristas, a 8 de janeiro de 2004, de uma equipe internacional do patrimônio, composta por seis membros, que, por sua vez, depende de uma comissão formada por quatro membros do Conselho-Geral. As tarefas principais dessa equipe são: organizar a investigação, assegurar a difusão através da publicação *Cadernos Maristas*, e publicar as fontes maristas”. *Cadernos Maristas* 28 (maio de 2010), p. 99

¹⁵ *Cadernos Maristas* 28 (maio de 2010), p. 100

¹⁶ Idem. p. 112

¹⁷ A referência é trazida pelo Irmão A. Lanfrey em *Cadernos Maristas* 28 (maio de 2010), p. 115

¹⁸ *Origines Maristes*, 4, Roma, 1967, p. 842

¹⁹ *Cadernos Maristas* 28 (maio de 2010), p. 113

Os corações permaneciam unidos por um afeto profundo, mas as relações mútuas se tornaram cada vez mais raras. ... Mas, aos poucos, sob o influxo dessa união que persistia nos corações, Padres e Irmãos tornaram a se aproximar espontaneamente; em diversos países, as relações fraternas se multiplicaram²⁰; de uma e outra parte se expressou o desejo de uma colaboração ativa e profunda. ... Entre as duas 'Casas Gerais', sobretudo depois da instalação da nossa em Roma, as relações se tornaram tão frequentes, tão cordiais, tão afetuosas, que já não se podia falar de separação: éramos novamente como dos ramos da mesma família marista. ... Os 'Irmãos' que se separaram por exigência da História e da Igreja, tornam a aproximar-se por exigências da mesma História e da mesma Igreja..."²¹.

Não obstante, a expressão "família marista", e talvez o conteúdo que logo se esboçou com mais exatidão, existia, se usava e já se gestava, entre os Irmãos, antes que o Irmão Basílio Rueda escrevesse, em sua "circular" de 2 de janeiro de 1968, o fragmento que citamos anteriormente, utilizado pelos pesquisadores do patrimônio marista como referência para determinar o alcance da expressão "família marista". Uma prova disso podemos extrair da das "circulares" dos Irmãos Léonida e Charles Raphaël, escritas entre os anos 1950 e 1967.

2.2. As primeiras sementes da "família marista" dos Irmãos

2.2.1. A expressão "família marista" nas "circulares" dos Irmãos Léonida e Charles Raphaël

A expressão "família marista" aparece nas Circulares dos Superiores-Gerais dos Irmãos antes das datas indicadas por *Origines Maristes* como "recentemente". O Irmão Charles Raphaël a empregou alguns anos antes do Irmão Basílio na "circular" a que alude o Irmão M. Green. Inclusive já o Irmão Léonida usou essa expressão para aludir a uma realidade que não se referia ao conteúdo clássico que se lhe atribuiu como próprio dos quatro ramos. Podemos aventurar a hipótese de que entre os Irmãos a expressão "família marista" percorreu um caminho próprio antes que se suscitasse o movimento de renovação propiciado pelo Vaticano II: *A família Marista dos Irmãos*. A confirmação desse dado seria mais uma manifestação de que, desde as origens do carisma marista, existe uma família espiritual liderada pelos Irmãos.

2.2.2. A família religiosa do Irmão Léonida

Nas Circulares do Irmão Léonida se alude ao conceito *família marista* em três ocasiões diversas muito distantes no tempo. São apenas quatro linhas per-

²⁰ O alcance dessa afirmação é um tema aberto à pesquisa. A que países se refere o Irmão Basílio Rueda? Em que se concretizaram as relações fraternas?

²¹ Basílio Rueda, *Circulaires* T 24 (1968), p. 487-488

didadas no meio de um grosso volume de mais de 500 páginas em que estão recolhidas suas Circulares²². Tão breves citações poderiam parecer algo insignificante, mas não é assim.

O Irmão Léonida, ao referir-se ao conjunto dos Irmãos do Instituto, emprega habitualmente em suas “circulares” a expressão “família religiosa”. Mas em três ocasiões muda de terminologia e, em vez de usar “família religiosa”, acepção que poderia utilizar qualquer Superior-Geral para referir-se à sua instituição, usa a expressão “família marista”. Nos parágrafos aludidos se pode observar a originalidade dessa expressão.

A primeira alusão que o Irmão Léonida faz à “família marista” está em sua “circular” datada na festa da Imaculada Conceição de 8 de dezembro de 1950, em Saint-Genis-Laval. Diz assim:

1. “Embora insistamos sobretudo na necessidade de encontrar candidatos para a linda carreira de educadores em nossa querida família marista, também temos o dever de trabalhar, na medida do possível, no recrutamento de vocações para o sacerdócio”²³.

Essa alusão ao sacerdócio se faz num parágrafo que fala do recrutamento vocacional dos Irmãos, portanto a expressão “nossa querida família marista” parece referir-se aos “religiosos educadores”, sem pretender implicar a família marista da Socieda-

de de Maria. Quase oito anos mais tarde, na “circular” de convocação ao 15.º Capítulo Geral (1958) datada em Saint-Genis-Laval a 1.º de março de 1958, usa também a expressão *família marista*. Diz textualmente:

2. “E nas tormentas e calamidades que por vezes se abatem sobre um ou outro setor de nossa família marista, que confiança em Deus não necessitam os Superiores para que eles mesmos nunca desanimem e para manter o ardor e o entusiasmo nos demais!”²⁴.

Nessa ocasião, a expressão vai glosada no parágrafo seguinte com o desenvolvimento de duas ideias que muito bem poderiam ser consideradas como a expressão daquilo que o Irmão Léonida entende por família marista.

“Se levarmos em conta, de um lado, a extensão que hoje nosso Instituto adquiriu, presente em todo o mundo, o impressionante número de membros, de estabelecimentos e de alunos, se pode ter uma ideia da inteligência, método, capacidade de seguimento, ordem e previsão necessários àqueles que devem garantir uma administração tão vasta e complicada. E isso é apenas o aspecto material. Que responsabilidade não cabe aos Superiores que têm de velar por tantos religiosos, fazê-los avançar nas virtudes próprias de seu estado, em tantas obras para garantir seu bom funcionamento, tão numerosos aspirantes, postulantes, noviços e escolásticos, para proporcionar-lhes uma excelente formação, sobre tantas comunidades e Províncias para manter por toda a parte a regularidade e o fervor, numa palavra, para dirigir todos os nossos Irmãos e seus alunos pelo caminho da santidade!”²⁵.

²² Versão em espanhol publicada pela Editorial Luis Vives, de Zaragoza.

²³ Versão espanhola, publicada pela Editorial Luis Vives, de Zaragoza.

²⁴ Léonida, *Circulaires* T 22 (1957-1962), p. 148

²⁵ Idem, p. 148

Essa alusão ao que é o conjunto da obra se faz através de uma visão administrativa e funcional na qual prevalece o interesse pela estrutura e seu funcionamento bem coordenado. Quer dizer que não expressa uma concepção carismática da família marista, senão funcional. Mas não centra sua atenção unicamente nos Irmãos, senão que inclui na família marista o “impressionante número de membros, de estabelecimentos e de alunos”. Na segunda parte de seu raciocínio, quando alude à dimensão de cuidado e responsabilidade dos Superiores sobre o Instituto, a visão de conjunto é presidida pelo conceito de uma autoridade centralizada e bem estruturada. Tudo depende da autoridade. Inclusive na visão de animação pastoral surgida da responsabilidade há uma preponderância da preocupação em dar continuidade à obra, mediante os aspirantes que é preciso formar. Dois são os pontos de referência de fundo: aspirantes e formação. Essa concepção da família marista parece mais orientada para a eficácia e o prestígio que para a fidelidade ao carisma e à missão. De fato não aparece alusão explícita de pertença à dita família em função do carisma institucional ou da missão. Mas a mente do Superior se abre inclusivamente mais além da “família religiosa”, superando o alcance que dá habitualmente a essa expressão.

Essa afirmação se poderia reforçar com outro dado interessante extraído das “circulares” do Irmão Léonida. Em

várias de suas “circulares”, o Irmão Léonida costuma incluir notícias tomadas dos relatórios feitos pelos Assistentes-Gerais ao regressarem da visita de delegação realizada às Províncias. Na “circular” datada em Saint-Genis-Laval a 24 de maio de 1952, festa de Nossa Senhora Auxiliadora dos cristãos, se incluem algumas notas tomadas do informe do Irmão Charles Raphaël, Assistente-Geral, ao regressar da visita de delegação na Bélgica e no Congo. Quando fala das escolas na Bélgica diz:

3. “A Província tem, em Lovaina mesmo, uma casa para estudantes, muito bem aparelhada, onde nossos Irmãos podem seguir facilmente todos os cursos da famosa Universidade, ao mesmo tempo que vivem a vida de família marista, como é tradicional entre nós. Eventualmente, seria possível admitir estudantes de outras Províncias”²⁶.

Desses dados podemos concluir que no ambiente em que se move o Irmão Léonida já se usa a expressão “família marista” com um alcance específico, incluindo, ao menos como possibilidade, pessoas que não são Irmãos. Esse modo de entender a família marista é diferente daquele que se lhe dá em outros contextos quando se faz referência à Sociedade de Maria. Ao menos na Europa. Não tenho conhecimento do ocorrido em outros continentes.

Esses dados nos permitem afirmar que durante o generalato do Irmão Léonida, entre os Irmãos Maristas existia um uso espontâneo da ex-

²⁶ Léonida, *Circulaires* T 21 (1952-1956), p. 71

pressão “família marista” nos anos em que se celebrava o 15.º Capítulo Geral.

Mas o Irmão Léonida não dá o salto qualitativo, difundindo essa expressão no Instituto; apenas a linguagem, que utiliza nas “circulares”, mantém sua linha habitual utilizando a expressão “família religiosa”. Nem sequer numa ocasião tão favorável, como a Beatificação de Marcelino, em que houve uma certa aproximação mútua dos outros ramos maristas, alude à ideia de “família marista” que foi dada “recentemente” às congregações do projeto da Sociedade de Maria.

Na “circular” sobre a Beatificação e a fidelidade às obrigações da virtude do voto de pobreza, datada pelo Irmão Léonida, em Saint-Genis-Laval, a 8 de dezembro de 1955, recordando a beatificação de Marcelino, que foi o grande acontecimento desse ano, faz uma menção especial aos Padres Maristas, de sua presença na beatificação e da contribuição que deram para cobrir os gastos. Em continuação diz:

“Que tudo isso contribua para unir cada vez mais nossas duas famílias religiosas que tiveram a mesma origem e estão animadas de idêntico espírito”²⁷.

A grande experiência coletiva do Instituto, de ser uma grande família, foi sem dúvida a Beatificação de Marcelino, em 1955. Foi um momento-chave em que se tomou consciência de pertencer a um coletivo muito impor-

tante. O encontro em Roma de Irmãos procedentes de todas as partes do mundo os fez descobrir de forma vivencial as dimensões da internacionalidade e a universalidade. Somos uma família com presença em todos os continentes. A criação da União Mundial de Ex-alunos, animada e promovida pelos Superiores Maiores, foi outro dado de experiência dos Irmãos, vivido nessa mesma ocasião, que contribuiu para confirmar que os Irmãos são uma entidade supranacional, internacional, mundial.

Nessa mesma “circular” do Irmão Léonida se inclui uma citação de uma carta “circular” do P. Cyr, Superior-Geral dos Padres Maristas, por ocasião da Beatificação. Escreve:

“Quando o Papa Bento XV deu sua bênção especial ao Instituto dos Irmãos Maristas e à Sociedade de Maria, por ocasião da proclamação da heroicidade das virtudes do P. Marcelino Champagnat, manifestou o desejo ardente de que sempre houvesse em ambas as famílias religiosas nobre emulação em imitar as virtudes do Venerável Servo de Deus que pertence às duas”²⁸.

Na “circular” de 8 de dezembro de 1955, quando o irmão Léonida convidou a “contribuir com nossos esforços” para conseguir a canonização de Marcelino, cita uma série de pessoas que bem poderiam ser consideradas uma primeira intuição do Irmão Léonida dos quem formam a família marista.

²⁷ *Circulares do Reverendíssimo Irmão Léonida*, Edelvives, Zaragoza, 1958, p. 435

²⁸ *Idem*, p. 435

“Irmãos, alunos, pais, amigos, sacerdotes e religiosas com quem mantemos relação”²⁹.

A experiência do encontro da Beatificação vivida em Roma se trasladou às Províncias e às casas, às comunidades e aos colégios, de forma espontânea e simples. Os Irmãos regressaram de Roma contando o que viram e ouviram. Os participantes nas festas romanas da beatificação não foram somente os Superiores. Essa experiência não foi unicamente uma vivência das autoridades. Cada Província organizou a participação de Irmãos. Muitos deles não foram a Roma porque tiveram postos de governo e dignidade no Instituto. O Irmão Léonida escreve: “Faço constar, com muito prazer, que não foram olvidados os que exercem empregos manuais”³⁰. Em alguns lugares, a decisão de quem participaria nas festas da Beatificação se fez por sorteio.

Três anos depois da Beatificação, se reúne o 15.º Capítulo Geral em Grugliasco.

2.2.3. “Família marista” nas “circulares” do Irmão Charles Raphaël

Charles Raphaël é o herdeiro de duas grandes experiências institu-

cionais que dinamizaram o Instituto nesses anos: a experiência da Beatificação (1955) e a celebração do 15.º Capítulo Geral (1958). Um terceiro acontecimento, com ressonância mundial, que viverá durante seu mandato, será a celebração do 150.º aniversário da fundação do Instituto (1967). Nas “circulares” enviadas durante seu mandato encontramos uma abundância considerável e generalizada do uso da expressão “família marista”. Em 9 anos (1958-1967) usa a expressão “família marista” 20 vezes em 9 “circulares”³¹.

O primeiro dado da expressão “família marista” se encontra em sua “circular” de 24 de maio de 1960, para referir-se a um fato ocorrido durante o 15.º Capítulo Geral (1958)³²:

1. “As longas discussões dos capitulares acerca dos sufrágios devidos a nossos defuntos partiam também do interesse por **toda a família marista**”³³.

Aqui se realça a dimensão de inclusão que será aplicada pouco a pouco a essa expressão. No pensamento dos Irmãos capitulares, os defuntos também formam parte integrante da família marista.

²⁹ Idem, p. 437

³⁰ Idem, p. 432

³¹ As “circulares” em que usa a expressão “família marista” são: 8 de dezembro de 1958 (2), 24 de maio de 1960 (4), 8 de dezembro de 1962 (1), 24 de maio de 1963 (3), 8 de dezembro de 1964 (2), 1.º de dezembro de 1965 (2), 1.º de maio de 1966 (1), 1.º de dezembro de 1966 (3), 20 de fevereiro de 1967 (2).

³² Nessa “circular”, o Irmão Charles Raphaël dedica uma primeira parte para glosar “os três meios propostos pelo Capítulo de 1958 para vivificar entre nós o espírito do Beato Fundador”. O primeiro item é dedicado ao desenvolvimento da ideia de “família”. Charles Raphaël, *Circulaires* T 22 (1957-1962), p. 429-434

³³ Charles Raphaël, *Circulaires* T 22 (1957-1962), p. 433

Duas vezes aparece a expressão concisa. Uma, na “circular” de 24 de maio de 1960 para aludir à obediência, respeito e amor que merece um grupo numeroso de Irmãos: os superiores:

2. “Na **família marista**, não é suficiente que o superior seja obedecido e respeitado, deve ser amado...”³⁴.

E outra, com data de 8 de dezembro de 1962, escreve:

3. “Acima dos limites de nossa comunidade e nossa Província, é preciso ver as necessidades de toda a **família marista**”³⁵.

Em três ocasiões a expressão “família marista” se une a “vida de” e a “espírito de”. Assim ocorre na “circular” de 1.º de maio de 1966. O Irmão Charles Raphaël, ao fazer o enunciado sintético dos temas que vai tratar, assinala, em quarto lugar:

4. “Salvaguardar nossa **vida de família marista**”³⁶.

Algo semelhante encontramos na de 1.º de dezembro de 1966:

5. “O Capítulo deverá levar a cabo paralelamente uma revisão tranquila... de nossa **vida de família marista**”³⁷.

E o mesmo podemos comprovar na data de 24 de maio de 1963:

6. “... fará nascer numa Província esse belo **espírito da família marista**, que atrai as boas vocações e apoia admiravelmente os religiosos nas possíveis provações”³⁸.

Em quatro outras ocasiões aparece a expressão reforçada com o adjetivo possessivo “nossa”. Duas na “circular” de 24 de maio de 1960. A primeira diz:

7. “Em todas as nossas comunidades um tanto numerosas há diferença de ‘idade’: ‘tempos atuais’ e ‘velhos tempos’, como se diz às vezes brincando. Facilmente poderia ocorrer um mal-entendido entre uns e outros simplesmente por causa dessas diferenças. Em **nossa família marista**, isso não deveria acontecer”³⁹.

A segunda:

8. “Recordemos, neste momento, o grande número de regras que, em nossa família marista, se referem à vida em comum...”⁴⁰.

A terceira a lemos na “circular” de 24 de maio de 1963:

9. “Quase todos os nossos aspirantes entram em nossa família marista como juniores”⁴¹.

³⁴ Idem, p. 445

³⁵ Idem, p. 708

³⁶ Charles Raphaël, *Circulaires T 23 (1963-1967)*, p. 358

³⁷ Idem, p. 431

³⁸ Idem, p. 43

³⁹ Charles Raphaël, *Circulaires T 22 (1957-1962)*, p. 452

⁴⁰ Idem, p. 436

⁴¹ Charles Raphaël, *Circulaires T 23 (1963-1967)*, p. 129

A quarta, na de 1.º de dezembro de 1966:

10. “Os milagres ‘da unidade’ são possíveis hoje em dia como nos primeiros dias de **nossa família marista**”⁴².

A quinta encontra-se na “circular” de 24 de maio de 1963:

11. “Que bem imenso **nossa família marista** poderia fazer na Igreja!”⁴³.

A expressão “nossa família marista” é usada também na carta que o Papa Paulo VI dirigiu ao Irmão Charles Raphaël, como Superior-Geral, por ocasião do 150.º aniversário da fundação do Instituto (1967):

12. “Todos os membros de **nossa família marista** serão muito gratos por esse gesto paternal de S.S. Paulo VI”⁴⁴.

Na “circular” de 20 de fevereiro de 1967, o Irmão Charles Raphaël, referindo-se às notas que os Irmãos podem enviar ao Capítulo Geral, diz:

13. “geralmente são o resultado da experiência pessoal e uma meditação séria; são inspiradas por um espírito de serviço leal com relação a **toda a família marista**”⁴⁵.

2.2.4. A dimensão inclusiva concomitante ao conceito de família marista em Charles Raphaël

Quem integra a “família marista”, segundo o pensamento do Irmão Charles Raphaël, exposto em suas “circulares”?

Não há nenhum texto, nas “circulares” do Irmão Charles Raphaël, em que se faça uma enumeração explícita dos integrantes da “família marista”, mas através do contexto se pode entrever o alcance que se lhe dá. O texto da “circular” de 8 de dezembro de 1964 pode ser considerado como uma primícia do pensamento do Irmão Charles a respeito de quem ele inclui na expressão “família marista”:

14. “Que se nos permita fazer um voto, que sobretudo neste momento, nos é muito achegado ao coração: não olvidemos nossos Irmãos, nossa Províncias ou Distritos ameaçados em sua própria existência. Continuemos rezando sem descanso por nossos Irmãos afastados de sua **família marista** (Província da China) pela força; pelos que lutam tenazmente para manter a possibilidade de seu apostolado; por aqueles cujo devotamento é incompreendido, entretanto seu coração arde de amor... Oremos por todos eles, por seus alunos, pelos que confiam na presença de nossos Irmãos.

⁴² Idem, p. 436

⁴³ Idem, p. 145

⁴⁴ Idem, p. 517

⁴⁵ Idem, p. 511

Oremos também para que nunca falte a substituição, para que as vocações missionárias sejam numerosas, valentes e fiéis em todo o Instituto, para que haja um excelente recrutamento nos próprios setores missionários⁴⁶.

Nesse enunciado de pessoas e estruturas organizativas podemos entrever o alcance que tem a ideia de família marista na mente do Irmão Charles Raphaël. Fala explicitamente de Irmãos, alunos e vocações missionárias diretamente vinculadas à família marista. Mas se amplia também com outras pessoas que vivem a circunstância da “luta tenaz”, a “entrega”, os que “confiam na presença dos Irmãos” ou de estruturas que acolhem coletivos de pessoas, como são as Províncias ou os Distritos.

No contexto de abertura do Capítulo Geral 15.º (1958), durante seus trabalhos, inclusive durante as semanas seguintes, o Irmão Charles Raphaël afirma que chegaram testemunhos reconfortantes de simpatia e apreço

15. “de Irmãos de todos os países e de todas as comunidades, ... das enfermarias e das casas de aposentados, de Irmãos enfermos ou anciãos, ... de sanatórios e de quartéis, ... de jovens de todas as casas de formação... Muitos Irmãos interessaram seus alunos... Mas o grande interesse que nossos antigos alunos manifestaram pelos temas mais importantes foi uma revelação para muitos de nós⁴⁷.”

Esse texto pode ser considerado como um complemento do anterior quanto à enumeração de pessoas integrantes da família marista.

2.2.5. A “grande família” em Charles Raphaël

Outra matização que se acrescenta à expressão “família marista” é a de “grã” ou grande. O Irmão Charles Raphaël, em sua primeira “circular” ao Instituto (8 de dezembro de 1958), sem desprender-se ainda da expressão “família religiosa”, usada pelo Irmão Léonida para aludir ao Instituto, recolhe, pela primeira vez neste tipo de escritos, a expressão “grande família”:

16. No Instituto, a autoridade suprema corresponde ao Capítulo Geral (C 111). Este traça a rota a todos os membros da grande família, que hão de seguir até a reunião seguinte; dá a todos os Irmãos, superiores e inferiores, diretrizes que deverão cumprir sem negligência⁴⁸ (1958).

A expressão “grande família” alude obviamente ao Instituto governado pelo Capítulo Geral. Não parece haver nenhuma referência aos outros ramos maristas. O adjetivo “grande” se unirá pouco depois à expressão família marista, e teremos uma expressão nova “grande família marista”, utilizada em profusão.

⁴⁶ Idem, p. 226

⁴⁷ Idem, p. 215

⁴⁸ Idem, p. 212

Nas mesmas “circulares” do Irmão Charles Raphaël se encontram algumas afirmações que nos podem ajudar a concretizar o alcance que tinha, na mente e no coração do Irmão Superior-Geral, a expressão “grande família marista”.

A primeira a encontramos na “circular” de 8 de dezembro de 1964:

17. “Necessitamos de Superiores, e, entre nós, quase todos os Irmãos, tarde ou cedo, terão algum cargo especial na **grande família marista**”⁴⁹.

Na “circular” de 1.º de dezembro de 1965 escreve:

18. “Juntos, os cristãos constituem a Igreja. Desde o primeiro anúncio do Concílio, pediu-se a todos os cristãos que se sintam ‘em estado de Concílio’. Também juntos estamos construindo a grande família marista; somos, pois, todos responsáveis pela boa marcha de nosso Instituto”⁵⁰.

Assim como os cristãos, que formam a Igreja, sentir-se-ão em estado de Concílio, os que formam o Instituto estão chamados a construir a grande família marista. Com essa alusão se abrem novos horizontes para a família marista, chamada a expandir seus horizontes até os limites da Igreja.

E outro texto da “circular” de 1.º de dezembro de 1965 diz:

19. “Deve parecer-nos óbvio orar amiúde por nossos Irmãos provados, distantes ou ‘separados’ da **grande família marista** pela força, por nossos defuntos, pelos setores do Instituto que lutam pela sua existência, por nossas missões, pelo recrutamento de boas vocações, por nossos antigos alunos e por todos aqueles que confiam em nós”⁵¹.

Esse anunciado bem pode ser considerado uma descrição do alcance inclusivo da “grande família”. O pensamento anterior amplia a inclusão de novos grupos relacionados com os Irmãos, não considerados aqui até agora, como são os antigos alunos ou “os que confiam nos Irmãos”...

2.2.6. Concluindo

Parece claro, depois da análise realizada, que o uso da expressão “família marista” nas citações anteriores, extraídas das “circulares” do Irmão Charles Raphaël, não dá margem para pensar que se faça referência ao projeto surgido de Fourvière, mas às comunidades e obras dos Irmãos.

A única exceção que encontramos é um texto redigido, quando o mandato do Irmão Charles Raphaël está por se concluir, em que a expressão “grande família” parece incluir os outros ramos. Por ocasião do 150.º aniversário da fundação do Instituto (1967), o Irmão Charles Raphaël inclui, em sua “circular” de 1.º de dezembro

⁴⁹ Idem, p. 217

⁵⁰ Idem, p. 305

⁵¹ Idem, p. 332

de 1966, uma proposta de resoluções para dispor os ânimos à celebração do acontecimento a ser comemorado, uma exortação para acolher esse aniversário e algumas pautas práticas para festejá-lo. E conclui:

20. “Certamente que os membros da **grande família marista** serão convidados de todas as partes a participar dessas festas”⁵².

Em contraposição, encontramos um texto do Irmão Charles Raphaël, escrito alguns meses antes, em que usa uma linguagem completamente diferente. Em 1966, os Padres Maristas se dispõem a celebrar o 150.º aniversário de sua fundação. Com esse motivo, o Pe. Buckley, Superior Geral dos Padres, apresenta esse evento a todos os membros da Sociedade de Maria por meio de uma “circular”. O Irmão Charles Raphaël inclui esse documento na “circular” que dirige aos Irmãos, acompanhada de uma apresentação pessoal. O Pe. J. Buckley, Superior-Geral dos Padres, fala nesse documento explicitamente de “família marista” e indica quais são os integrantes dessa família marista:

21. “A essas celebrações se poderá convidar, sempre que se considere viável e conveniente, os demais membros da família marista que residem na mesma província ou cidade: Irmãos Maristas, Irmãs Maristas, as Irmãs Missionárias da Sociedade de Maria, Servas de Nazaré, congregações do Pacífico

vinculadas, por sua origem e propósito, à Sociedade de Maria, e, naturalmente, os membros da Terceira Ordem de Maria”⁵³.

Esse modo de o Pe. Buckley se expressar contrasta com o modo utilizado pelo Irmão Charles Raphaël, ao apresentar aos Irmãos o 150.º aniversário da fundação dos Padres Maristas e faz um comentário em que alude ao “grande projeto marista vinculado à promessa de Fourvière”, estreitamente unido à Sociedade de Maria. Recolhe o desejo de Champagnat, expresso no seu testamento espiritual: que “um mesmo amor os una a eles (aos padres), como ramos a um só tronco e como filhos da mesma família”. Mas em nenhum momento o Irmão Charles Raphaël usa a expressão “família marista” como englobando os ramos maristas. Ao referir-se aos Padres Maristas usa a expressão “família religiosa”. E ao fazê-lo a Padres e Irmãos, fala de “as duas famílias religiosas”⁵⁴. Ainda parece estar presente em seu pensamento o fato legal da “separação externa de duas famílias”.

A pergunta que surge espontaneamente aqui é: Por que no Instituto se começa a falar de “família marista” em torno da celebração do 15.º Capítulo Geral? Que aconteceu na vida institucional para que a sensibilidade espiritual coletiva sintonizasse com os valores da família?

⁵² Idem, p. 398-401

⁵³ Idem, p. 398-401

⁵⁴ Charles Raphaël, *Circulaires* T 22 (1957-1962) p. 398-401

Fica, pois, claro que a expressão “família marista” é usada com um significado muito concreto quando se alude às relações históricas e espirituais que mantêm entre si os membros dos ramos maristas a partir do Concílio Vaticano II. Mas os fatos evoluíram, de maneira que os técnicos dos vários ramos, que hoje estudam o patrimônio espiritual marista, devem esclarecer o termo “família marista”. De relações cordiais entre dirigentes nos anos conciliares passou-se a interrogar o significado e alcance dessa expressão entre os estudiosos do Patrimônio espiritual marista.

Não obstante, desde as origens do carisma se pode comprovar que há uma família espiritual liderada pelos Irmãozinhos de Maria. Por isso, se os Irmãos imprimiram peculiaridades próprias à família marista, haverá que explicar quais são essas peculiaridades e como se manifestam.

Desses dados se pode concluir que, antes que o Irmão Basilio Rueda comprovasse de fato a existência “recentemente” da Família Marista da Sociedade de Maria, já se falava “com anterioridade” da família marista dos Irmãos, aludindo a uma realidade bem diferente. “Nossa família marista” ou “toda a família marista”, no contexto das “circulares”, se refere aos Irmãos e suas obras.

Não está claro se a expressão “família marista’ usada pelos Superiores-Gerais em sua “circulares”, sobretudo as do Irmão Charles Raphaël, é uma expressão original surgida da pena dos Superiores-Gerais, ou antes um reflexo de uma realidade existente no Instituto, da qual eles fazem ressonância. Essa investigação fica aberta.

A dimensão prática dessa nova qualificação da família marista suscitou uma adesão afetiva de grande ressonância em muitas obras maristas, ao mesmo tempo que se abria o debate para determinar o alcance da inclusão.

O conceito de família marista para o Irmão Virgílio, como se poderá ver através dos textos que apresentamos, não é prioritariamente o das grandes congregações religiosas e da Terceira Ordem, surgidas do projeto da Sociedade de Maria, mas uma realidade peculiar existente entre os Irmãos. Não é uma experiência nascida da ideia de vários ramos, mas uma intuição surgida da reunião de Irmãos em Capítulo. Para o Irmão Virgílio, a família marista são os Irmãos espalhados pelo mundo e numerosas pessoas que se relacionam com eles, cujo centro de unidade é Cristo, Maria e Champagnat, como intentaremos mostrar nas páginas seguintes.

3. A INTUIÇÃO DO IRMÃO VIRGÍLIO ACERCA DA FAMÍLIA MARISTA. SUA EXPERIÊNCIA DE VIDA

3.1. História de uma experiência de vida

Os leigos escreveram o relato de sua descoberta do carisma marista e o que esse fato supôs para suas vidas. Esses escritos foram denominados “histórias de vida”⁵⁵. O conjunto dos quatro escritos do Irmão Virgílio, que consideramos neste trabalho, bem podem ser avaliados como sua história de vida acerca de sua intuição sobre a família marista. Esse relato da descoberta da família marista o partilha com seus Irmãos e com os juvenistas quando tinha 40 anos, depois de ter vivido intensamente a vida de comunidade.

Segundo a narração do Irmão Virgílio, o processo espiritual que o conduziu à descoberta da família marista, manifesta que seu ponto mais elevado o experimentou quando participava da primeira sessão do Capítulo Geral 16.º (1967), celebrado em Roma, apenas concluído o Concílio Vaticano II.

Virgílio participa do 16.º Capítulo Geral (1967) como Provincial da então Província marista de Catalunha. Esses dois acontecimentos, Concílio e Capítulo, põem em evidência diante dos olhos do Irmão Virgílio que “a Igreja se define como a grande família cristã⁵⁶” e que o Capítulo Geral marista foi “um concílio, em miniatura, da grande família marista”⁵⁷. Nas reuniões do Capítulo, “todos nos sentíamos irmãos, filhos da mesma Congregação”⁵⁸.

A família cristã se reuniu em Concílio para

“revisar as estruturas para pô-las em dia; fazer um balanço da Mensagem que recebeu do Senhor e mirar-se no espelho do Evangelho para contemplar sua figura”⁵⁹.

“E como efeito dessa meditação séria e comunitária que os bispos fizeram, o Concílio nos disse: A Igreja se define como a grande família cristã⁶⁰.”

Dessa comprovação o Irmão Virgílio deduz que o Instituto marista reunido em Capítulo não faz senão tomar a sério a tarefa que o Concílio deixou aos Institutos religiosos.

“Isso foi nosso Capítulo Geral; um concílio em miniatura da grande Família Marista. Uma meditação em comum para assimilar a doutrina da Igreja.

⁵⁵ <http://www.champagnat.org/es/240208000.asp>

⁵⁶ Virgilio León, *Familia Marista*, dezembro de 1967, p. 2. Ver Antonio Martínez Estaún, *Hermano Virgilio León, marista rebelde*. Imprenta Leridiana, Lleida 1992, p. 560

⁵⁷ Idem, p. 560

⁵⁸ Idem, p. 560

⁵⁹ Idem, p. 560

⁶⁰ Idem, p. 560

E à luz de seus ensinamentos sentimos avivar-se nossa consciência de que somos Família. Somos a grande Família Marista”⁶¹.

A experiência de pertencer a uma grande família integrada por pessoas nascidas ao amparo do mesmo carisma, unidas pela mesma fé, mas que representam raças, língua e culturas diferentes, se lhe manifestou através de seu encontro com os Irmãos capitulares vindos ao Capítulo dos quatro pontos cardeais⁶²:

“No meio dessa grande assembleia de 155 capitulares, falando espanhol ou francês, alemão ou inglês, italiano ou português, todos nos sentíamos irmãos, filhos da mesma Mãe Congregação. Havia-os da Europa e Oceania, brancos, negros e amarelos: de povos aristocratas e de povos subdesenvolvidos, mas todos nos amávamos como irmãos em Cristo e Champagnat. E quando buscamos a fórmula para definir nossa Congregação e assentá-la sobre uma base sólida, não encontramos outra que a de considerá-la a GRANDE FAMÍLIA MARISTA”⁶³.

Ao regressar do Capítulo à Província, depois de concluída a primeira sessão, de 29 de agosto a 28 de outubro de 1967, esperam-no as tarefas interrompidas ao ir a Roma. Nesse momento sente a necessidade de

comunicar aos demais a alegre descoberta feita em Roma e redige para a revista Família Marista o primeiro dos quatro textos que acabamos de apresentar. Nesse primeiro informe relata como descobrira a família marista. Para isso empreende uma viagem no tempo e recua às origens de sua vocação.

3.2. Os primeiros passos da descoberta

A primeira experiência de pertença à família religiosa dos maristas Virgílio a vive aos 12 anos ao ingressar no seminário marista como juvenista. Essa troca de família é feita com naturalidade, de forma quase espontânea e tranquila, como uma transição de “minha outra família” a uma “nova filiação”. Ao deixar sua família, pai, mãe e irmãos, em San Cristóbal de Boedo (Palência), onde nasceu, para ir ao juvenato marista de Carrión de los Condes, não ficou sem casa, sem pais, sem parentes nem herança, mas no juvenato descobriu que havia adquirido uma “nova filiação” que o vinculava a uma família espiritual possuidora de um rico patrimônio. Isso acontecia lá pelo ano de 1940⁶⁴, “poucos dias depois de me haver separado de minha outra família”⁶⁵.

⁶¹ Idem, p. 560

⁶² Nenhum Capítulo viu tão grande número de capitulares: 61 de direito e 94 eleitos. Ademais, alguns países ou certas raças estarão representados pela primeira vez. Aos Irmãos chineses, presentes nas assembleias anteriores, vão se juntar um Irmão cingalês e um Irmão malgaxe”. *L'oeuvre de nos Chapitres Généraux. Bulletin del'Institut*, T 27 (1966-1967) p. 645.

⁶³ Virgílio León, *Família Marista*, dezembro de 1967, p. 2. Ver Antonio Martínez Estaún, *Herrmano Virgilio León, marista rebelde*. Imprenta Laridiana, Lleida 1992, p. 560-561

⁶⁴ Virgílio León, *Família Marista*, junho de 1967. Ver Antonio Martínez Estaún, *Herrmano Virgilio León, marista rebelde*. Imprenta Laridiana, Lleida 1992, p. 553

⁶⁵ Idem, p. 553

Para o Irmão Virgílio, a “nova filiação”, que lhe confere a pertença à família marista, é um dom carismático, recebido junto com o dom do chamado vocacional, ao ingressar no juvenato. A passagem da igreja doméstica, que se reunia na igreja de San Cristóbal de Boedo, na qual foi batizado, confirmado e onde recebeu pela primeira vez a eucaristia, para a igreja-comunhão que o acolheu no juvenato de Carrión de los Condes, foi ocasião e circunstância de que o Senhor se serviu para presentear-lhe uma nova família espiritual.

Com a nova família, o Irmão Virgílio recebeu, além de uma herança de longa história institucional, o presente da fraternidade:

“Descobri que nesta família me haviam nascido muitos irmãos. Nela todos somos irmãos”⁶⁶.

O processo posterior mediante o qual se produziu a “descoberta da nova família se fez aos poucos”, e foi fruto do amor ao Instituto e à sua vocação:

“O amor de cada dia é que me permite fazer descobertas... Por isso minha alegria e minha esperança se renovam cada dia, na medida em que amo a todos os membros desta grande família”⁶⁷.

Nesse processo de descoberta, o Irmão Virgílio encontra quatro grandes novidades:

1. “Um dia, descobri que há **um grande santo a quem todos chamam de pai**”⁶⁸.
2. “Descobri logo, bem logo, que aqueles homens que me haviam recebido em sua grande família, **tinham uma mãe singular**, que amavam apaixonadamente e invocavam deveras como Mãe, Padroeira, Modelo e Superiora”⁶⁹.
3. “Descobri também que nesta família me haviam nascido **muitos irmãos**”⁷⁰.
4. Nesta família “todos formamos a **mesma categoria**, temos os mesmos direitos e nos repartimos fraternalmente a mesma herança”⁷¹.

Eis aqui o núcleo fundamental e constitutivo de “nossa família, família que é de todos”, ... a “grande família marista”⁷². Nesses quatro enunciados estão enumerados os princípios básicos sobre os quais se apoia a nova filiação, que confere uma identidade própria.

O presente da família espiritual, que o Irmão Virgílio recebeu, foi acompanhado da surpresa do novo, do prazer da pertença a uma identidade gratificante e fecunda. Essa expe-

⁶⁶ Idem, p. 554

⁶⁷ Idem, p. 553

⁶⁸ Idem, p. 553

⁶⁹ Idem, p. 553

⁷⁰ Idem, 554

⁷¹ Idem, p. 554

⁷² Idem, p. 553

riência o enche de uma torrente de alegria que comove profundamente sua alma, sinal da presença do Espírito Santo em sua vida.

“Há poucos meses de haver-me separado de minha outra família, tive uma alegria imensa”⁷³.

“Sentir-me deveras filho de uma nova família, encheu-me de imenso prazer”⁷⁴.

Esse dom da “nova filiação”, esse presente de uma família espiritual, dá origem a novas relações filiais com o pai e a mãe dessa nova comunidade de fé.

“Comecei a invocá-lo (Marcelino) como tal. E desde então, meu Pai Fundador, o Beato Marcelino Champagnat, ocupa um lugar de distinção em meu coração”⁷⁵.

“Tinham mãe singular, que amavam apaixonadamente e invocavam como Mãe, Padroeira, Modelo e Superiora”⁷⁶.

Essa experiência espiritual harmoniza a vivência da novidade da família carismática, dom do Espírito, com o dom da família terrena.

“Meu Pai Fundador, o Beato Marcelino Champagnat, ocupa um lugar de distinção em meu coração, sem que discuta o lugar que também guardo àquele que Deus me deu aqui embaixo. Antes, pelo contrário, ele me ajudou a

sobrenaturalizar meu sentimento e potenciar meu amor de filho”⁷⁷.

“Ao sentir-me filho predileto da Virgem, ao saber que se podia harmonizar o amor das mães, ao apalpar, dia por dia, que o amor àquela de cima purificava o amor àquela daqui embaixo, ao comprovar que cada dia amava mais a uma e outra, ao adquirir consciência de que, na realidade, amo as duas com um único e mesmo amor, com o mesmo intenso amor, porque ambos os amores são espirituais, ao afirmar-me lá do céu, no fundo do coração, a ventura de podê-las amar também juntas na outra vida, então sim comecei realmente a ser feliz e com uma felicidade que espero salte até a eternidade”⁷⁸.

3.3. Paternidade, maternidade e filiação marista

O Irmão Virgílio parte de uma noção de família, nascida de uma rica experiência vital, que expressa o essencial. Reduzida a suas dimensões mais simples, a família é constituída por um pai, uma mãe e alguns filhos entre os quais se suscitam ricas e profundas relações.

Essa intuição do Irmão Virgílio acerca da família marista se apoia em duas referências vitais: a grande e numerosa família em que foi acolhido quando chegou a este mundo, e a

⁷³ Idem, p. 553

⁷⁴ Idem, p. 553

⁷⁵ Idem, p. 553

⁷⁶ Idem, p. 553

⁷⁷ Idem, p. 553

⁷⁸ Idem, p. 553

experiência de viver como irmãos, realizada nas diversas comunidades maristas de que participou.

Os laços que unem os filhos da família com seus pais constituem uma “filiação”. Virgílio é consciente que os que nascem dentro da família marista ficam vinculados para

“constituir uma verdadeira família dentro da família de Deus”⁷⁹.

A intuição do Irmão Virgílio vincula a pertença à família marista com a fecundação do espírito pelo carisma e pela missão institucionais. Ser família marista implica acolher interiormente a exigência evangélica de nascer de novo, de ser engendrado espiritualmente pelo pai e pela mãe dessa nova família e ser acolhido e reconhecido pelos irmãos que a integram. A família marista é fruto da fecundidade do espírito.

No pensamento e no coração desse homem está claro que a gestação espiritual pela qual se pertence à família marista é de natureza espiritual, que inicia já com os primeiros passos de aproximação ao carisma marista quando começa a formação. O processo de formação é um período de gestação espiritual.

No momento histórico em que Virgílio capta as primeiras intuições da família marista, como fecundidade do carisma legado por Marcelino, a vida nascida desse dom transborda por cima dos limites das estruturas existentes, em que estão enquadradas as pessoas que pertencem ao Instituto, e aparecem novos espaços de presença da ação de Deus. Isso é o que se vê através das palavras que o Irmão Virgílio dirige aos juvenistas. Palavras com as quais rompe fronteiras de separação entre os “maiores”, isto é, os Irmãos que já professaram, e os “benjamins” que se preparam para ingressar no Instituto⁸⁰, incluindo-os todos na mesma família:

Nesta família “todos somos irmãos. Os maiores para com vocês, os benjamins do juvenato. Irmãos meus no espírito, em Maria e Champagnat, são teus familiares, e os meus o são para os demais⁸¹.”

“Ao chamar-nos Irmãos, afirmamos que pertencemos a uma família unida pelo amor de Cristo” – Constituições 6 (1986).

Nessas palavras se vê que o Irmão Virgílio, ainda que admita graus de maturidade dentro da família, afirma que a pertença a essa nova família espiritual confere direitos para os afiliados:

⁷⁹ Virgílio León, *Família Marista*, junho de 1968. Publica-se simultaneamente com o n. 3 dedicado aos pais dos Irmãos. Ver Antonio Martínez Estaún, *Hermano Virgilio León, marista rebelde*. Imprenta Lerdiana, Lleida 1992, p. 595

⁸⁰ “Quase todos os nossos aspirantes entram em nossa família marista como juvenistas” (Charles Raphaël, *Circulaires* T 23 (1963-1967) p. 129

⁸¹ Virgílio León, *Família Marista*, junho de 1967. Ver Antonio Martínez Estaún, *Hermano Virgilio León, marista rebelde*. Imprenta Lerdiana, Lleida 1992, p. 554

“São, com todo o direito, membros da família marista”⁸².

“Saber-nos membros, com todo o direito,
de nossa família marista”⁸³.

Virgílio intui a família marista como uma comunhão de pessoas nascidas da fecundidade de um carisma recebido através de Maria e Marcelino. Como irmão maior da família, aceita os benjamins como

“Irmãos meus no espírito, em Maria e Champagnat”⁸⁴.

“Deve surgir algo do sincero afeto filial que numa família bem-nascida todos sentem para com os seus benjamins. E como não? Há de ser uma necessidade em nós o desejo sincero de perpetuar a família, merecendo-lhe, como filhos agradecidos, todos os Irmãos cada ano alguma vocação”⁸⁵.

A meta última da família marista é o amor. Sem amor não há comunidade de pessoas. Os membros da nova família ficam constituídos em novas criaturas ligadas intimamente e organicamente a Cristo por meio de Maria e Champagnat pelo amor.

“Todos a uma dizemos PAI! E Ele nos ama e protege como tal. Todos a uma rezamos MÃE!
E Ela nos responde sempre carinhosa: Filho!
Nesta família não há contraparentes a quem se olhe

com receio, nem meios-irmãos aos quais se ocultam certas coisas, nem irmãos mal-avindos, como alguma vez ocorre nas famílias de aqui embaixo, quando repartem as heranças. Todos formamos a mesma categoria, temos os mesmos direitos, e nos repartimos fraternalmente a mesma herança:

- o amor imenso e delicado do mesmo Pai,
- o carinho imenso e prazerosíssimo da mesma Mãe”⁸⁶.

A família, sem o amor, não pode viver, crescer e aperfeiçoar-se como comunidade de pessoas. A família marista nasce e se constitui como tal no amor de Maria e Champagnat.

“Todos nos amávamos como irmãos em Cristo e Champagnat”⁸⁷.

Ser irmãos em Cristo é bem diferente que ser irmãos de sangue.

Esse vínculo particular com Cristo significa ter aceitado e assumido livremente uma presença como membro da Igreja.

3.4. Uma família nascida de um carisma fecundo

A intuição acerca da família marista vivida pelo Irmão Virgílio se enquadra numa experiência de celebração e

⁸² Virgílio León, *Família Marista*, junho de 1968, n. 1, dirigido aos pais dos Irmãos, p. 3.. Ver Antonio Martínez Estaún, *Hermano Virgilio León, marista rebelde*. Imprenta Leridiana, Lleida 1992, p. 591

⁸³ Idem, p. 593

⁸⁴ Virgílio León, *Família Marista*, junho de 1967. Ver Antonio Martínez Estaún, *Hermano Virgilio León, marista rebelde*. Imprenta Leridiana, Lleida 1992, p. 554

⁸⁵ Virgílio León, *Família Marista*, maio de 1967. Ver Antonio Martínez Estaún, *Hermano Virgilio León, marista rebelde*. Imprenta Leridiana, Lleida 1992, p. 500

⁸⁶ Virgílio León, *Família Marista*, junho de 1967. Ver Antonio Martínez Estaún, *Hermano Virgilio León, marista rebelde*. Imprenta Leridiana, Lleida 1992, p. 554

⁸⁷ Virgílio León, *Família Marista*, dezembro de 1967, p. 2.. Ver Antonio Martínez Estaún, *Hermano Virgilio León, marista rebelde*. Imprenta Leridiana, Lleida 1992, p. 560-561

festa pelo 150.º aniversário da fundação do Instituto.

“Esta família, que é nossa família, está de festa, em plenas festas jubilares, celebrando seus 150 anos de vida”⁸⁸.

Esta efeméride o ajuda a descobrir que a família marista que intui é a continuação daquela família de La Valla, fruto da fecundidade de um carisma que 150 anos depois de sua aparição numa humilde aldeia da França continua dando fruto em todo o mundo. O Irmão Virgílio se sente herdeiro de uma família que procede das mesmas origens históricas do carisma marista.

“Um dia, já distante, o 2 de janeiro de 1817, dois adolescentes se juntaram a um sacerdote jovem, vigário de uma paróquia simples, na diocese de Lião, no município de La Valla. E desde aquele dia, o chamaram PAI, porque em seu coração encontraram todo o amor, toda a compreensão, todo o apoio de que necessita aquele que Deus escolheu para ser cabeça, chefe de uma família: a grande família marista”⁸⁹.

E imediatamente estabelece a continuidade histórica entre os que desde 2 de janeiro de 1817 “o chamaram de

pai” e os que agora descobriram a “nova filiação”:

“Quantos viemos a formar parte desta família o continuamos a chamá-lo pai, convencidos de que seu amor aos primeiros Irmãos se projeta para nós”⁹⁰.

Seu estilo, familiar e bondoso, comunicativo e delicado, o projetou nas Regras que dele herdamos e também em todos os seus escritos espirituais”⁹¹.

“Chamar-se-ão Irmãos – nos deixou escrito nas Regras – para que se lembrem que formam uma mesma e única família, em que todos devem amar-se”⁹².

Daí que para nós constitua esse desejo – o de chegar a constituir uma verdadeira família, dentro da família de Deus, na qual circule, entre todos os seus membros a caridade, o amor delicado, a compreensão e a ajuda mútua... – uma meta necessária para que todos os membros dela se sintam felizes e reine entre todos a união. Um dia, já faz século e meio, dois adolescentes com quem iniciou a Congregação começaram a chamá-lo de PAI. E o sentiram e amaram realmente como Pai. Outro dia, também já distante, ao redor de seu leito de morte, mais de uma centena de Irmãos se desvelavam em consolar, em aliviar as dores daquele que se despedia, deixando-lhes, como melhor herança, um rico

⁸⁸ Virgilio León, *Família Marista*, junho de 1967. Ver Antonio Martínez Estaún, *Hermano Virgilio León, marista rebelde*. Imprenta Lericiana, Lleida 1992, p. 553

⁸⁹ Idem, p. 595

⁹⁰ Idem, p. 595

⁹¹ Idem, p. 595

⁹² Durante a segunda sessão do 16.º Capítulo Geral (1967-1968) elabora-se um novo texto das *Constituições*, em que se diz: “Nossa Congregação está integrada por Irmãos professos: temporais, perpétuos, estáveis. Não existe entre eles nenhuma distinção de classe ou observância: são religiosos leigos, irmãos de uma mesma família, unidos entre si pela caridade e a obediência das Constituições. Os novíços são membros associados”. *Constituições* 3 (1968). O Irmão Virgílio participou na elaboração dessas *Constituições*.

testamento espiritual, que é autêntica carta de caridade, fundamento de nosso espírito de família⁹³.

3.5. Pertença e inclusão. Quem participa da família marista?

A enumeração dos grupos de pessoas que integram a família marista foi evoluindo com o tempo no pensamento do Irmão Virgílio à medida que ia amadurecendo sua intuição primeira.

Os primeiros grupos de pessoas que o Irmão Virgílio inclui junto aos capitulares de raças, línguas e nações diferentes, que constituem a “grande família marista”, são os seminaristas que, naquele tempo já estão nos juvenatos maristas, e suas famílias. Como irmão maior da família, acolhe os benjamins como membros que já formam parte da família marista.

Nesta família “todos somos irmãos. Os maiores para com vocês, os benjamins do juvenato. Irmãos meus no espírito, em Maria e Champagnat, são teus familiares, e os meus o são para os demais⁹⁴.”

Amplia essa acolhida sucessivamente aos pais e mães dos Irmãos Ma-

ristas junto com seus familiares (irmãos, avós, primos, sobrinhos) aos quais diz:

“Sim, com imenso prazer, Família Marista para vocês, como laço material, símbolo do espiritual que sempre existiu e que desde agora voluntariamente queremos reforçar entre nós, os Irmãos e todos os nosso familiares⁹⁵.”

Para dirigir-se a esse grupo de uma forma mais personalizada, manda editar um suplemento da revista *Família Marista* dedicado *ex professo* a eles:

“Hoje, queridos pais e familiares de todos os Irmãos da Província de Catalunha, nasce⁹⁶ para vocês Família Marista⁹⁷.”

“Para levar-lhes, a vocês, pais e mães de nossos Irmãos que ainda vivem, o consolo, a alegria de saber-nos membros com todo o direito de nossa Família Marista:

- a vocês, irmãos da família com quem temos compartilhado as alegrias do mesmo lar, o consolo de participar também de nossas coisas;
- a vocês, avós que ainda vivem, algo da riqueza de nossa herança religiosa;
- a vocês, primos, sobrinhos, uma participação no tesouro que nos prometeu o Senhor que nos escolheu⁹⁸.

⁹³ Virgílio León, *Família Marista*, junho de 1968. Publica-se simultaneamente com o n. 3 dedicado aos pais dos Irmãos. Ver Antonio Martínez Estaún, *Hermano Virgílio León, marista rebelde*. Imprenta Lleridiana, Lleida 1992, p. 595

⁹⁴ Idem, p. 554

⁹⁵ Virgílio León, *Família Marista*, fevereiro de 1968, n. 1, dirigido aos pais dos Irmãos, p. 3. Ver Antonio Martínez Estaún, *Hermano Virgílio León, marista rebelde*. Imprenta Lleridiana, Lleida 1992, p. 592

⁹⁶ Esse nascimento alude a um complemento da revista Família Marista dedicado *ex professo* aos pais dos Irmãos. Esses acréscimos à estrutura da revista original põem de manifesto como foi crescendo pouco a pouco a idéia de quem integrava a família marista e como se foi difundindo.

⁹⁷ Virgílio León, *Família Marista*, fevereiro de 1968, n. 1, dirigido aos pais dos Irmãos, p. 3. Ver Antonio Martínez Estaún, *Hermano Virgílio León, marista rebelde*, Imprenta Lleridiana, Lleida 1992, p. 591.

⁹⁸ Idem, p. 592

“São, com todo o direito, membros de nossa família, que pensamos e rezamos por vocês todos os dias, que os queremos mais vinculados a nós, desfrutando todos os bens espirituais da Congregação”⁹⁹.

Pouco tempo depois, transcorridos apenas uns meses, amplia o círculo de membros, incluindo na família marista os antigos alunos e suas famílias:

“Neste todos, nos encontramos os Irmãos maiores e os benjamins da casa, seus e nossos familiares, nossos alunos e antigos alunos e as famílias de uns e outros”¹⁰⁰.

Impelida por um profundo amor a Deus, à Igreja e ao Instituto, a alma de apóstolo do Irmão Virgílio acolhe nesta grande comunidade espiritual a todas as pessoas que se relacionam com os Irmãos.

“No decorrer dos anos, foram milhares e milhares os que pertenceram a sua família, sentindo que o amor, a devoção ao Pai comum, foi o nexó de união, o segredo de um excelente espírito de família”¹⁰¹.

“Hoje são mais de meio milhão de almas entre alunos, antigos alunos e seus familiares, juvenistas, Irmãos e seus familiares, os que continuamos sentindo nossa vida de família com esse carisma de amor simples, natural, delicado que causa a felicidade e o bem-estar em todas as nossas casas”¹⁰².

A grande família marista teve no início uma grande acolhida, e muitos se sentiram mais vinculados ao nome de Maristas que ao carisma marista.

3.6. A espiritualidade e a oração na família marista

A proposta de viver como família marista foi refletida, trabalhada e vivida nos juvenatos de Catalunha por meio de três recursos de ordem pastoral: a revista “Familia Marista”, para difundir a idéia; o “Día de la Madre” como referente anual de encontro; e o “Sábado marista”, expressão que ainda é usada no calendário religioso da Província de l’Hermitage, como dia da semana dedicado a rezar pela família marista. O primeiro elemento de apoio da família marista foi a revista chamada “Familia Marista”. O cabeçalho desse pequeno órgão de comunicação sintetiza todo o conteúdo intencional da promoção da família marista suscitada nos juvenatos de Catalunha. Uma análise dos conteúdos recolhidos em suas páginas demonstraria o alcance desse instrumento de comunicação.

Juntamente com a iniciativa de criar a revista “Familia Marista” surge, na

⁹⁹ Idem, p. 591

¹⁰⁰ Virgílio León, *Familia Marista*, dezembro de 1967, p. 2. Ver Antonio Martínez Estaún, *Hermano Virgilio León, marista rebelde*, Imprenta Lerdiana, Lleida 1992, p. 561.

¹⁰¹ Virgílio León, *Familia Marista*, junho de 1968. Publica-se simultaneamente, com o n. 3 dedicado aos pais dos Irmãos. Ver Antonio Martínez Estaún, *Hermano Virgilio León, marista rebelde*, Imprenta Lerdiana, Lleida 1992, p. 595.

¹⁰² Idem, p. 595

equipe de Irmãos formadores da Província, a iniciativa de celebrar o “Día de la Madre” no juvenato, mas com conteúdos e estilo bem diferente do imposto pela sociedade consumista e comercial. A primeira celebração se realizou a 7 de maio de 1967.

“O discurso do Irmão Virgílio León, Provincial, arrancou lágrimas de emoção em todo o numeroso público e especialmente nas mães em quem deixou uma recordação indelével”¹⁰³.

A celebração do “Día de la Madre” destacava de maneira prioritária o papel da mãe na família. A festa anual do “Día de la Madre” (a do céu e a da terra) nos juvenatos marcava o final de etapa da programação de atividades formativas de cada ano. As famílias que tinham seus filhos nos juvenatos encontraram um lugar e um espaço no qual puderam se identificar a si mesmas como protagonistas dentro das celebrações festivas do calendário anual. Assim como a Páscoa é o ápice da vida litúrgica da vida cristã, para as famílias dos juvenistas, e para os próprios formandos, a celebração do “Día de la Madre” representava o cume da vida acadêmica e familiar do juvenato.

A celebração do “Día de la Madre” tinha dois pontos centrais: a eucaristia e o programa lítero-musical. Os juvenistas preparavam durante todo o

curso, especialmente nos meses de inverno, o programa com que iriam obsequiar suas mães. Durante o seu desenvolvimento nunca faltaram a intervenção da mãe de um Irmão ou juvenista e a palavra calorosa e vibrante do Irmão Virgílio enquanto foi Provincial. Essa celebração suscitou um intercâmbio espontâneo de histórias de vida entre as famílias dos juvenistas, propiciado pelos testemunhos escutados durante a festa.

A feliz acolhida da celebração do “Día de la Madre” por parte das famílias despertou nos Irmãos formadores outras iniciativas de animação espiritual da família marista. Com essa finalidade se lança, por meio da revista “Familia marista”, a campanha “Sábado marista”.

O slogan “Sábado marista” se utilizou pela primeira vez nos juvenatos de Catalunha como título de uma campanha de promoção de um dia da semana dedicado a orar pelas vocações maristas. O sábado se propõe como um dia de encontro espiritual em torno de Maria para encomendá-lhe as vocações. Com o compromisso semanal de rezar pela família marista no sábado, se revalorizou um dia da semana que, entre os maristas, é tradicionalmente dedicado a Maria com a catequese especial. Com essa proposta Maria passa a ser o centro de atenção da família marista con-

¹⁰³ 07/05/1967 Crônica da casa de Llinars, recolhida nas “folhas verdes”, assim denominadas porque o papel, em que se recolhiam os fatos mais destacados do ano para ser enviados à Secretaria-Geral, era de cor verde.

gregada nesse dia em torno da Mãe. Além da oração pessoal, se propõe a prática da oração familiar, convidando a que toda a família se reúna para rezar pelas vocações maristas¹⁰⁴.

A campanha propõe a oração familiar feita juntos; que a família reze unida mediante uma união familiar íntima e sobrenatural. É sobretudo no momento da oração quando a família espiritual vive, se apoia, enche a solidão de presença de Deus e daquelas criaturas que n'Ele e por Ele se amam. A comunhão na oração é fruto e exigência da comunhão recebida por meio do sacramento do batismo. Virgílio entrevê a família marista como uma pequena célula de crentes na qual se tributa o culto de louvor, de adoração e de intercessão diante do Pai pelas vocações. Rogai ao dono da messe.

A família está vinculada ao culto que se há de tributar a Deus. A família marista é para o Irmão Virgílio um grupo humano-religioso fecundado pelo carisma recebido pelo filho juvenista através de sua incipiente vocação. A

vocação e o carisma do filho é a causa que dá nova vida aos dinamismos interiores da família. A influência espiritual do filho se manifesta em sua oração mediadora e oferente.

“Cada vez que um filho juvenista reza por sua família – e o faz frequentemente – sua oração traz um rio de graças para seu querido lar”¹⁰⁵.

Para Virgílio fica claro que o filho juvenista ou já consagrado, mediador de uma nova vida carismática, exerce uma “benéfica influência do filho sobre a mãe” que eleva espiritualmente as mães, até que cheguem a ser a “mãe ideal”, a “imagem da Mãe de Jesus”.

“Pais, mães de nossos juvenistas, quando lhes venham dúvidas ou temores sobre o futuro de seus filhos, pensem que é seu PAI que está nos céus quem os chamou, porque necessita deles. E rezem em família para que cheguem a ser o santo religioso que um dia sonharam”¹⁰⁶.

Uma incumbência da família é a de formar os homens para o amor e praticar o amor em toda a relação humana com os demais. A promoção da caridade dentro da família maris-

¹⁰⁴ Este foi o anúncio com que se iniciou a campanha: “Sim, senhora. Tudo vem enlaçado nesse compromisso comum para o grande dia da total consagração de seu filho. E para percorrer juntos esse caminho inventamos algo fora de série: o **sábado marista**.”

Somente lhe pedimos, quicá, o sacrifício de um tempinho de tele... y que você seja valente e ache um jeito para reunir, cada sábado, o papai, a avó, as crianças, a tia, a empregada, e todos juntos comecem a rezar o Rosário pela perseverança de seu filho.

Não esqueça, pois, esse encontro de cada sábado: Nós por vocês, vocês por nós. Cada sábado marista **um Rosário em família**, como um golpe de graça sobre todos...

Não o esqueça, ao menos, **cada sábado...**”. Virgílio León, *Família Marista*, abril de 1967. Ver Martínez Estaún, Antonio. *Hermano Virgilio León, marista rebelde*. Imprenta Leridiana, Lleida 1992, p. 531

¹⁰⁵ Virgílio León, *Família Marista*, abril de 1967. Ver: Martínez Estaún, Antonio, *Hermano Virgilio León, marista rebelde*. Imprenta Leridiana, Lleida 1992, p. 550

¹⁰⁶ Virgílio León, *Família Marista*, novembro de 1966, n.1. Ver: Martínez Estaún, Antonio, *Hermano Virgilio León, marista rebelde*. Imprenta Leridiana, Lleida 1992, p. 530

ta defende a exigência de uma profunda e autêntica espiritualidade que se inspira na rica fonte do carisma marista e se desenvolve mediante o exercício da vida cristã com a oração e os sacramentos.

“Em família se oferece
todo um sacrifício comunitário, muito grato
aos olhos de Deus”¹⁰⁷.

A família marista promovida pelo Ir. Virgílio é uma família unida pela caridade. A maneira prática de exercer essa caridade conforma uma espiritualidade. Despertando e animando a perfeição da caridade entre os membros de uma fraternidade, se semeia e se difunde a santidade na grande comunidade dos fiéis que dessa maneira enriquecem a Igreja de Deus.

O Irmão Virgílio pede aos pais que promovam em suas casas um ambiente familiar impregnado de amor cristão e que colaborem com o juvenato para formar em seus filhos um sentido filial e de estima por tudo o que recebem de seus pais. Esse sentimento deve impeli-los a compreender a grande paternidade de Deus.

“Já temos assinalado o caminho de nossa renovação:
saber que somos irmãos, sentir-nos irmãos,
querer-nos e amar-nos como irmãos.
Irmãos que se alimentam do único rico pão espiritual

que a TODOS sacia e torna felizes na casa da Virgem: O pão do AMOR, o pão da CARIDADE, que se reparte entre todos pela oração. E mais se multiplica quanto mais o repartimos, e alcança a pequenos e grandes. Senhor, que na casa de Marcelino haja pão para todos! Que nos conscientizemos de verdadeira família!”¹⁰⁸.

Um meio muito simples de pôr em prática a partilha do pão do amor e da caridade será a reza do rosário, num dia da semana, todos juntos. O sinal do rosário se converte num indicador coletivo de uma espiritualidade fundamentada na oração que se manifesta através de expressões simples ao alcance de todos.

3.7. A Família e a promoção das vocações consagradas

A vivência e a experiência da família marista foi vivida especialmente no ambiente dos juvenatos e foi entendida como uma proposta para enfrentar uma grande cruz que pesava sobre eles. No momento em que o Irmão Virgílio comunica sua intuição sobre a família marista, os seminários não gozam de boa fama e sofrem forte deserção de candidatos. Dizia:

“Mencionar hoje em dia o tema dos seminários é relacionar planos mal concebidos,

¹⁰⁷ Virgilio León, *Familia Marista*, abril de 1967, n.1. Ver: Martínez Estaún, Antonio, *Hermano Virgilio León, marista rebelde*. Imprenta Leridiana, Lleida 1992, p. 551

¹⁰⁸ Virgilio León, *Familia Marista*, dezembro de 1967, p. 2. Ver: Martínez Estaún, Antonio, *Hermano Virgilio León, marista rebelde*. Imprenta Leridiana, Lleida 1992, p. 561

teorias perigosas, posturas desacertadas e situações que não sabemos como podem terminar. Nem sempre, graças a Deus; mas são demasiados os que nadam em águas turvas, por demais revoltas, para que o pescador não lucre”¹⁰⁹.

A realidade dos seminários era difícil, praticamente insustentável. Para muitas instituições, os seminários, de internatos que eram, passam a ser colégios abertos; de colégios abertos evoluem para colégios simplesmente, e os seminaristas ficam simples colegas. O processo conclui com o fechamento daqueles seminários singulares, porque causam muitos problemas e bem poucas satisfações. Como consequência, em poucos anos não há mais noviços nem ordenações... *há crise vocacional*. O Irmão Virgílio analisa os fatos e diz, graficamente:

“Mataram a mãe e depois se lamentam de que não haja filhos”¹¹⁰.

Para Virgílio, entretanto, os juvenatos são a menina dos olhos da instituição marista e se enche de otimismo olhando o futuro.

“Eu sei. É difícil ser otimista em certas ocasiões perante os fatos quando se trata da juventude dos seminários. Contudo, eu me declaro otimista apoiado em fatos concretos, embora a maioria continue a escrever para falar da crise vocacional dos seminários”¹¹¹.

Virgílio fundamenta a família marista em perspectiva de fé e de fidelidade ao carisma marista com a esperança segura de que será fecundo. Nos escritos do Irmão Virgílio encontramos a referência ao episódio bíblico da vocação de Abraão, pai dos crentes, cuja fé será fecunda e lhe dará uma descendência mais numerosa que as estrelas do céu e as areias da praia. A fecundidade da fé, que dá origem à família dos crentes, é o fruto da resposta e a fidelidade a uma vocação.

Não é de estranhar que o ambiente mais propício que o Irmão Virgílio encontrou inicialmente para difundir sua intuição foram os juvenatos, os familiares dos juvenistas, os Irmãos da Província e os familiares dos Irmãos. Esses grupos de pessoas foram caixa de ressonância que difundiram a intuição e se sentiram gerados pelo carisma marista e ao reconhecer Marcelino como Pai, e Maria como Mãe.

Uma ideia muito querida do Irmão Virgílio é a importância que teve sua mãe no seguimento de sua vocação e na qualidade de sua fidelidade. A proposta da intuição que teve sobre a família marista foi fortemente reforçada pela experiência do que supôs sua própria mãe em sua vida espiritual. Essa é a base sobre a qual apoia sua proposta apostólica para a família: as mães são as que mais

¹⁰⁹ Virgílio León, *Família Marista*, maio de 1967, p. 2. Ver: Martínez Estaún, Antonio, *Hermano Virgilio León, marista rebelde*. Imprenta Leridiana, Lleida 1992, p. 515

¹¹⁰ Antonio Martínez Estaún, *Hermano Virgilio León, marista rebelde*. Imprenta Leridiana, Lleida 1992, p. 529

¹¹¹ Revista *Frontera*, Ano 3, novembro de 1966, n. 7, p. 34.

apoiarão a vocação de seus filhos. Afirmava com força que as mães e os pais dos juvenistas e dos consagrados são os que mais apoiarão o seguimento da vocação. Em sua reflexão sobre os juvenatos, intui com clareza essa idéia... A presença de jovens nos juvenatos o Irmão Virgílio atribui à vivência de fé das mães:

“Se ainda continuam chamando às portas dos Juvenatos jovens bem conservados, que procuram fazer florescer sua vida na entrega, na abnegação e no serviço da Igreja, é porque ainda há mães que sabem que seus filhos, quando o Pai do alto os chama, devem ocupar-se nas coisas que visam ao Reino e à grande Família de Deus”¹¹².

O Irmão Virgílio recorre com força à família como sementeira de fé e de vocações consagradas e faz um grande ato de fé na família, num momento em que socialmente essa instituição entra numa forte crise da qual as famílias dos juvenistas não estão isentas¹¹³.

“Cada família aspira a ser a família ideal. Eu não sei se haverá muitas que se aproximem

ao modelo da família ideal. O que sei é que aquela que conta com um filho consagrado a Deus, está no caminho de o ser”¹¹⁴.

É por isso que se lança a reforçar as famílias dos juvenistas e dos consagrados. Inclusive convida estes a conquistar seus próprios pais e irmãs como intercessores perante o Senhor para seu apostolado.

O Irmão Virgílio propõe a toda a família a vocação do filho, que está no juvenato, como motivação dinamizadora da vida e a oração de todos os seus membros.

“Quando uma família cristã entrega a Deus um filho, acontece algo grande que os céus contemplam com respeito.”¹¹⁵

A proposta de responsabilizar toda a família pela vocação de um de seus membros, feita pelo Irmão Virgílio no transcurso desses dias, foi uma autêntica ousadia e uma novidade, e sua voz foi escutada com admiração, porque ia carregada de acento profético e de vitalidade carismática. A maneira entusiasta, exultante, ani-

¹¹² Palavras dirigidas pelo Irmão Virgílio às mães dos juvenistas por ocasião do *Dia de la Madre*, celebrado em Llinars del Vallés a 12 de maio de 1968. Martínez Estaún, Antonio. *Hermano Virgilio León, marista rebelde*. Imprenta Leeridiana, Lleida 1992, p. 594.

A celebração do *Dia de la Madre* foi recolhida nos anais da casa como acontecimento singular. O *Dia de la Madre em Llinars (12 de maio de 1968)* foi cuidadosamente preparado em conjunto com os juvenatos de Llinars e Rubí. *Uma jornada estupenda. Falam duas mães de juvenistas, além de cantos, poesias e a colossal conferência do Irmão Virgílio, Provincial, que arrancou aplausos e lágrimas do público que enchia o pátio interior onde se celebrou o serão.*

¹¹³ Os juvenatos tinham ainda, nessas datas, um contingente de alunos que não provinha dos colégios maristas, mas de academias ou escolas oficiais nas quais os Irmãos recrutadores mantinham contatos amistosos com os dirigentes ou com os professores.

¹¹⁴ Virgilio León, *Familia Marista*, abril de 1967. Ver: Martínez Estaún, Antonio, *Hermano Virgilio León, marista rebelde*. Imprenta Leridiana, Lleida 1992, p. 550.

¹¹⁵ Idem, p. 551

madora, como o Irmão Virgílio apresenta a proposta de viver como família marista, busca o modo de entusiasmar as famílias pela vocação de seus filhos. Conta especialmente com o apoio das mães.

“No dia em que os pais entregaram a Deus um filho, sacrificaram, é certo, a continuidade terrena de um sorriso mais no seu lar, mas o filho começou a sorrir na Família de Deus e no mesmo instante apareceu no céu familiar uma estrela que jamais se apagará. No dia em que uma família entrega a Deus um filho, aparece um anjo protetor que velará por todos os de seu lar”¹¹⁶.

O chamado vocacional é um sinal de predileção de Deus não somente para o filho, mas para a família que o entrega com generosidade.

“Dentro de seu lar cristão houve um caso de predileção de Deus.”¹¹⁷

Cada família há de ver em seu filho juvenilista

“o eleito, o consagrado, predileto do Senhor, a serviço da Igreja, para-raios da família, futuro apóstolo da juventude”¹¹⁸.

Essa faceta da espiritualidade da família marista Virgílio a intui estreita-

mente relacionada com a **fecundidade do carisma marista**. Como as mães são fecundas trazendo novos filhos à vida biológica, da mesma maneira, mediante o amor, realizam uma fecundação espiritual para trazer novos filhos à família marista e à Igreja.

“Assim, entre a dor e o amor, entre a lembrança do passado e o sonho do futuro, entre os colóquios íntimos e não poucas preces, essa mãe cristã, mulher forte como a da Escritura, como a mãe dos Macabeus, gera de novo o filho, para entregá-lo a Deus, para consagrá-lo à Virgem”¹¹⁹.

O Irmão Virgílio estava convencido de que o apostolado da família marista se faz com as famílias. As famílias se salvam mediante o apostolado das próprias famílias. Por isso a família marista convoca para um verdadeiro apostolado familiar.

“Para o amanhã, esse é nosso compromisso: que se estenda esta grande Família Marista, que se fortaleçam os laços de união e solidariedade entre todos os seus membros, que possamos transmitir à posteridade o rico patrimônio de um espírito de família, graças ao qual, seus filhos, espalhados pelo mundo inteiro, sigam fiéis aos santos desejos do testamento espiritual (de Marcelino) e continuem formando uma grande família na qual todos o chamam de pai e o amem como tal”¹²⁰.

¹¹⁶ Idem, p. 551

¹¹⁷ Virgílio León, *Família Marista*, março de 1968. Ver Martínez Estaún, Antonio. *Hermano Virgilio León, marista rebelde*. Imprenta Leridiana, Lleida 1992, p. 592

¹¹⁸ Virgílio León, *Família Marista*, maio de 1967. Ver Martínez Estaún, Antonio. *Hermano Virgilio León, marista rebelde*. Imprenta Leridiana, Lleida 1992, p. 552

¹¹⁹ Idem, p. 552

¹²⁰ Virgílio León, *Família Marista*, junho de 1968. Publica-se simultaneamente com o n. 3, dedicado aos pais dos Irmãos. Ver: Antonio Martínez Estaún, *Hermano Virgilio León, marista rebelde*. Imprenta Leridiana, Lleida 1992, p. 595.

A missão apostólica deve manifestar-se de forma comunitária. A perfeição cristã se alcança mediante a união da alma com o Senhor. Essa missão adquire uma modalidade própria entre os que se comprometem a viver a tendência à perfeição com um compromisso comunitário. Por isso o Irmão Virgílio empenhou-se em promover uma autêntica comunidade de pessoas, fundada e alimentada pela comunhão interior do amor.

Nestes momentos em que a Santa Igreja deseja renovar-se e enriquecer-se em seus princípios; nestes momentos em que o Concílio deseja fortalecer os laços do povo de Deus; agora que nós cristãos sentimos, mais do que nunca, nossa família de Deus, empenhar-nos-emos nesta campanha interna de amor, de solidariedade espiritual, de união entre todos os que de algum modo pertencemos também a esta outra grande Família, a família Marista de Champagnat¹²¹.

4. CONCLUSÕES

O uso da expressão “família marista” aparece de forma explícita nas “circulares” dos Irmãos Léonida e Charles Raphaël. A origem dessa expressão, com o sentido e alcance ainda impreciso que se lhe dá nessas “circulares”, surge da própria vida institucional empenhada em encarnar um intenso espírito de família, pedido pelo Capítulo Geral XV (1958).

O Irmão Virgílio propôs a ideia da “família marista”, tal como se depreende da apresentação realizada neste estudo, através de quatro documentos fundantes. A reflexão, o diálogo e, sobretudo, a vida, suscitaram uma progressão multidirecional acerca do alcance e conteúdos encerrados nessa expressão e, naturalmente, sobre a maneira prática de levá-los a cabo. O alcance da intuição do Irmão Virgílio haveria que descobri-lo através do longo caminho de debate, reflexão, oração e estudo que percorreu até chegar às portas do 18.º Capítulo Geral. As exigências de extensão deste trabalho nos permitiram considerar outros documentos originais do Irmão Virgílio, através dos quais se complementa seu pensamento sobre a intuição da família marista. Para maior aprofundamento dessa intuição é preciso contar com sua vida, sua obra e seus escritos, recolhidos em grande parte em sua biografia.¹²²

As expressões “família marista” e “grande família marista”, tais como as apresentou o Ir. Virgílio em seus começos, estão em sintonia com a linguagem e o pensamento expresso nas “circulares” dos Irmãos Léonida e Charles Raphaël, mas as enriquece de conteúdo teológico e de tradição marista conectando-as com o carisma marista de Marcelino. Ao apresentar e difundir a “família marista” como espaço de comunhão, desco-

¹²¹ Idem, p. 595

¹²² Voir : Antonio Martínez Estaún, *H. Virgilio León, La familia marista de los Hermanos*, Edicions Sargossa, Barcelona, 2011.

briu para muitas pessoas a novidade da vida espiritual marista e suscitou entre elas uma adesão prazerosa.

O nome de “família marista” atraía porque convocava a uma relação nova com muitas pessoas próximas aos maristas, englobava muitas vontades e abria as portas a uma participação na missão do Instituto para pessoas não vinculadas por compromissos jurídicos ou legais, mas pela sintonia que sentiam com o carisma, a espiritualidade e a missão dos Irmãos. A intuição inicial do Irmão Virgílio não convidava as pessoas a vincular-se à família marista por motivos jurídicos, mas por motivos teológicos expressos em linguagem simples e direta.

O Irmão Virgílio manifestou uma grande criatividade e originalidade ao propor a ideia de “família marista” nos juvenatos, em momento tão convulso e difícil para essa etapa de formação, nos anos imediatamente posteriores ao encerramento do Concílio. A promoção, acolhida e formação das incipientes vocações maristas era uma das manifestações concretas da fecundidade da família marista. Com essa opção vinculou a fecundidade institucional à fidelidade ao carisma marista, que pertence ao tesouro da comunhão dos santos, superando delimitações formais ou jurídicas, convocando um grande grupo de pessoas a ser fecundas para a Igreja, suscitando e cultivando os chamados vocacionais.

A novidade da intuição do Irmão Virgílio não consiste num pensamento, num propósito, num desejo de algo que hipoteticamente é preciso construir para dar respostas eficazes, mas na comprovação de um fato: “Somos família marista”. Essa afirmação do Irmão Virgílio indica que intui a família marista como uma realidade presente no meio da comunidade. Por isso, ao falar da família marista não expressou ideias ou projetos, mas vida, atitudes, vivência, fogo, paixão.

Virgílio, em sua intuição, expressa a pertença de pessoas à família marista sem explicitar um discernimento prévio, processos de formação ou fórmulas de vinculação, senão que lhes reconhece “direitos” de pertença porque são possuidoras de dons que se podem acolher como pertencentes à identidade marista. O Irmão Virgílio propõe uma participação nos ideais carismáticos do Instituto ao convidar as famílias a fomentar a fidelidade vocacional dos membros consagrados do Instituto e dos juvenistas que iniciam o caminho para a consagração. Essa proposta inicial às famílias, mães, pais e familiares dos juvenistas foi se ampliando pouco a pouco para pais de alunos, ex-alunos, etc. As sementes, caídas no terreno fértil de uma Igreja de comunhão, proposta pelo Concílio Vaticano II, auguram uma colheita abundante de frutos de santidade.

O PADRE E O PASTOR DIOCESANO

O relacionamento do Pe. Champagnat com o Bispo Devie



Frederick
McMahon, fms



Bispo Alexandre Devie

BISPO DEVIE: CARREIRA INICIAL

Alexandre Raymond Devie nasceu em família de modestos recursos, em 23 de janeiro de 1767, em Montélimar, Drôme. Após a educação inicial na cidade natal, ele começou a Filosofia em 1783, no seminário de Viviers e, dois anos depois, a Teologia em Bourg-Saint-Andéol. Os dois seminários eram dirigidos por Sulpicianos;

o segundo era afiliado à Universidade de Valence. Desde que ambos os seminários eram de alta reputação nas dioceses vizinhas, em geral elas enviavam aí os estudantes mais bem dotados. Dois anos depois, em Bourg-Saint-Andéol, o senhor Devie recebeu o seu M. A. Embora, apenas tivesse as ordens menores, o seu Bispo foi pressuroso em nomeá-lo professor de Filosofia no seminário, em 31 de julho de 1787. Foi ordenado subdiácono pelo Bispo de Savines, em 23 de março de 1790 e diácono em 20 de maio. A Revolução Francesa de 1789 ainda não havia enevado o seu horizonte clerical.

Dado que o Bispo Savines *jurou* a Constituição, Devie teve de encontrar um Bispo *não juramentado* para ser ordenado sacerdote. Foi o Bispo Falot de Beaupré, de Valson, quem ordenou Devie, em Valréas, em outubro de 1791. Como se recusou a fazer o *juramento*, Devie tinha de exercer o seu ministério clandestinamente, pri-

meiro escondido por uma família em Thueyts, então na própria Montélimar, até o golpe de Estado de Brumário de Napoleão, em 9 de novembro de 1799. Depois, ele exerceu o ministério abertamente como sacerdote de paróquia e como capelão das Irmãs da Visitação.

Em janeiro de 1812, Devie tornou-se professor de Teologia Moral no seminário de Viviers e, no começo do ano letivo seguinte, ficou Reitor dele. Em 31 de maio de 1813, o Bispo Vécherel de Valence designou-o, simultaneamente, Vigário geral e Reitor do seminário maior de Valence. Depois de receber a necessária aprovação, ele tomou posse de seus novos encargos, em 19 de agosto. Ele era um dos quatro Vigários gerais nomeados pelo Capítulo, depois da morte do Bispo Bécherel, em 26 de junho de 1815. Quando o novo Ordinário, Bispo de la Tourelle, tomou posse da Sé, confirmou o padre Devie como Vigário geral.

Em 13 de janeiro de 1823, o Rei designou Devie para a Sé de Belley, que foi restabelecida como diocese pela Bula *Paternae Caritatis*, em 6 de outubro de 1822. Foi nomeado Bispo de Belley, em 10 de março e foi sagrado pelo Bispo Frayssinous, em 15 de junho, na capela de Issy-les-Moulineaux em Paris. Então ele fez a sua entrada solene em Belley, em 23 de julho.

Desde o começo, o Bispo Devie achou-se em contato com a Sociedade de Maria, especialmente com os sacerdotes e as freiras, ramos da

Sociedade que estavam em formação na sua diocese. Em 15 de julho de 1827, ele ordenou Pierre-Louis Chanel como sacerdote da sua diocese. Foi em 1831 que este futuro protomártir da Oceania se juntou ao grupo dos padres que queriam tornar-se membros da Sociedade de Maria, ainda não aprovada.

DEVIE E CHAMPAGNAT: PRIMEIROS CONTATOS

O Bispo Devie não demorou em tomar conhecimento de Marcelino Champagnat, porque tanto escolas como congregações religiosas particulares estavam em alta prioridade nos planos da diocese. Foi especialmente no decênio de 1830 a 1840 que o Fundador dos Irmãos Maristas e o Bispo de Belley estiveram em contato direto.

Em 16 de setembro de 1831, o padre Bourdin saiu de l'Hermitage de Champagnat, na Arquidiocese de Lyon, para juntar-se ao padre Colin e outros futuros Maristas no seminário menor de Belley. Bourdin estava aí para ensinar Humanidades, num centro que então estava sob a direção de Colin. Este movimento é indicação da crescente aquiescência quanto ao conceito da Sociedade de Maria.

Em 7 de outubro de 1832, no encerramento do retiro dos Irmãos, o Bispo Devie fez uma visita a l'Hermitage e, na conferência aos Irmãos, encorajou-os e abençoou-os. O Irmão Avito nos dá este informe:

“O Bispo Alexandre Devie de Belley, que sempre mostrou grande bondade para com a Sociedade dos Padres e dos Irmãos, honrou-nos com a sua visita a Notre Dame de l’Hermitage, por ocasião do retiro geral dos Irmãos, em 1832 ... O Padre Champagnat levou o Bispo na sala de oração, onde os Irmãos estavam reunidos. Sua Excelência encorajou-os, deu-lhes a sua bênção e se retirou. O tempo de retiro não foi modificado em nada por esta muito apreciada visita¹”.

A ESCOLA AGRÍCOLA DE BRESSE

Outros contatos com o Bispo de Belley foram motivados pelo crescente interesse de Devie em escolas agrícolas para rapazes. Escute-se sobre isso o seu biógrafo.

“O Bispo Devie não apenas encorajava diferentes modelos de escolas agrícolas, que foram estabelecidas em diferentes tempos no Departamento de Ain; mas ele próprio tentou um experimento desse tipo com considerável dispêndio².”

Em 16 de julho de 1832, Devie e Champagnat se encontraram para discutir uma escola agrícola, ou fazenda modelo, que o Bispo queria abrir em Bresse. Sem rejeitar a ideia, o Fundador, depois de discutir com o Pe. Gardette, um dos supervisores, procurou obter um adiamento. Devie empenhou ajuda nessa causa, de acordo

com o Pe. Jean-Claude Colin que, nesse tempo, era o Centro de Unidade de quantos almejavam ser Padres Maristas. Em 24 de junho de 1833, Colin informou Champagnat de que o Bispo de Belley estava pedindo dois Irmãos para o estabelecimento de Bresse. Ele o convidou a ir ver o estabelecimento, passando por Belley. Não sabemos se Champagnat seguiu tal sugestão; mas, em todo o caso, pelo fim de julho, ele parecia ter gostado do projeto.

Na sua carta de 24 de junho, Colin fez saber a Champagnat a sua intenção de ir a Roma no começo de setembro, esperando poder encontrar-se com ele em tal data. Colin pediu igualmente que, no aguardo, Champagnat preparasse um projeto de Regra para os Irmãos³.

Champagnat foi a Belley perto de 6 de julho⁴ e logrou um acordo com o Bispo Devie no atinente a enviar Irmãos para a escola de Bresse pelo fim do verão. Depois de maior reflexão, e seguindo o parecer do Pe. Gardette, Champagnat pediu um prazo de vários meses⁵.

Em carta ao Bispo Devie, no final de julho de 1833, Champagnat justificou a demora no envio dos Irmãos ao estabelecimento de Bresse. Ele tinha de aguardar o retorno do Pe. Cholleton a Lyon, e também pela reunião dos Ir-

¹ Resumo dos Anais do Ir. Avito, p. 121-122

² Cognat, *Vida do Bispo Devie*, L. I, p. 259.

³ O. M. I, Doc. 272

⁴ AFM, reg.11, p. 64.

⁵ O. M. I, Doc. 273, Intro.

mãos nas suas férias e retiro. A carta não tem data, mas claramente é do verão de 1833, harmonizando-se bem entre a viagem de Champagnat

a Belley e o retorno de Cholleton pelo dia 6 de agosto⁶. A carta é endereçada ao Bispo Alexandre Raymond Devie de Belley, Ain:

“Demorei um pouco antes de lhe responder, pensando que, nesse aguardo, Colin partilharia com Vossa Excelência a carta que escrevi acerca do estabelecimento de Maison Blanche⁷. Estou cada vez mais interessado neste belo trabalho que, depois de criteriosa ponderação, não diverge do meu objetivo, desde que diga respeito, primariamente, à educação dos pobres. Assim, pretendo apoiar o seu zelo de todo o coração, uma vez que se dignou apelar para os meus préstimos. No meu retorno de Belley, falei com o Pe. Gardette acerca do estabelecimento que estive a ponto de abrir⁸. Pedi-me ele que aguardasse o retorno do Pe. Cholleton⁹; disse-me também que agosto e setembro são meses pouco salubres nessa parte da região. Ser-me-ia em extremo difícil retirar de uma escola muito grande o Irmão que eu pretendia fornecer-lhe. A escola já teve diversas mudanças este ano, até muito recentemente. Sei que o pároco confia plenamente neste Irmão. No momento, todos os nossos Irmãos estão reunidos para o seu descanso e retiro na Casa mãe. As despesas com o deslocamento dos Irmãos seriam consideráveis. As nossas férias começam em quinze de setembro e terminam em quinze de outubro¹⁰. Desse modo, humildemente lhe peço que concorde com este pequeno adiamento; isto vai permitir-me que lhe apresente o tema em termos mais precisos. Não creio que Cholleton levante objeções a este arranjo. Aprecio muito a ideia do Pe. Colin no atinente à Ordem Terceira. Penso que, como V. Excelência o prevê, ele vai ter êxito¹¹. Penso poder ir a Meximieux em quinze ou dezesseis de outubro; estarei em condições de dar-lhe, mais tarde, uma data mais segura. Aceite, Excelência, a segurança do respeito com que tenho a honra de ser o seu mais obediente servo¹.

Champagnat.

Evidentemente, deve ter havido outros obstáculos da parte dos Irmãos, o que fez gorar o projeto. Não hou-

ve mais menção de dar este estabelecimento aos Pequenos Irmãos de Maria¹². Posteriormente, certo Pe.

⁶ O. M. I, Doc. 273.

⁷ Id est Bresse

⁸ Sabemos que o Pe. Gardette era um dos principais conselheiros do Pe. Champagnat.

⁹ Dependendo do Bispo de Lyon, Champagnat não podia fazer novas fundações sem a sua aprovação, isto é, sem o consentimento de Cholleton, Vigário geral, cujo retorno a Lyon se previa apenas para o começo de agosto.

¹⁰ Champagnat entende que não tem condições de enviar Irmãos antes de 15 de outubro.

¹¹ Esta é a primeira referência ao plano da Ordem Terceira da parte de Colin. Pena que não temos informação de como Devie a considerava.

¹² O. M. I, p. 594.

Jean Granjard retomou o dispendioso projeto; mas terminou em desastre¹³ financeiro.

DEVIE E A SOCIEDADE DE MARIA

No concernente aos esforços dos membros da Sociedade de Maria em obter a aprovação de Roma, temos uma carta de 8 de abril de 1834, dirigida aos Ordinários de Lyon e Belley pelo Cardeal Odescalchi; este comunicou o resultado da reunião plenária da Congregação de 31 de janeiro, reunião que rejeitou na sua totalidade o plano de uma Sociedade de Maria; simultaneamente, autorizava-se a eleição de um Superior canônico dos padres e também se garantiam indulgências. Isto constituiu uma significativa vantagem para o ramo dos Padres Maristas da Sociedade, pela qual indulgências¹⁴ seriam asseguradas. Apesar disso, por causa de algum erro clerical, isto é, erro dos clérigos romanos, as indulgências pretendidas nesta aplicação eram asseguradas à Ordem Terceira de Maria, ramo de Belley. O decreto, portanto, continha um pouco de alegria para as Irmãs Maristas e para os Irmãos Maristas, cujas congregações ainda permaneciam sob a jurisdição diocesana. Ademais, era a intenção de Roma que a eleição do Superior

do ramo dos padres estivesse sujeito à aprovação dos dois Bispos locais.

A CRISE QUANTO À DESIGNAÇÃO DE SACRISTÃOS

No concernente a outra matéria, temos uma carta de 29 de março de 1835¹⁵, na qual o Pe. Champagnat solicita ao Pe. Colin que os Irmãos Maristas nunca sejam encarregados da posição de sacristães de paróquia. Quanto ao serviço das sacristias, sem dúvida, a ideia provinha do Bispo Devie, por sugestão do Pe. Colin. Alguns Irmãos do grupo de Champagnat estiveram trabalhando com os padres em Belley; as autoridades daí queriam confiar o serviço da sacristia aos Irmãos. Não se sabe se o Bispo pedia isso aos Irmãos de Maria, ou aos Irmãos de José, um grupo sob a direção de Colin. Não há documentação disponível para confirmar isso. O pedido há de ter sido formulado oralmente. Tudo o que sabemos é a decisão final, comunicada a Champagnat por Colin, em carta de 23 de abril de 1835.¹⁶

Na sua resposta, o Pe. Colin anunciou ao Pe. Champagnat que a posição de sacristão na catedral de Belley havia sido confiada aos Irmãos da Sagrada Família. É óbvio que Champagnat

¹³ Cf. O. M. IV, p.293-294.

¹⁴ O. M. I, Doc. 309

¹⁵ LMC 55 ; OFM 250 [12].

¹⁶ O. M. I, Doc. 336.

não queria o apostolado dos Irmãos Maristas abrangesse o trabalho da sacristia diocesana.

Havia mais perturbações no atinente aos Irmãos religiosos na diocese de Belley. Em novembro de 1835, o Pe. Gabriel Taborin, fundador da congregação dos Irmãos da Sagrada Família, escreveu ao Bispo Devie para explicar a sua repugnância à proposta união dos seus Irmãos com aqueles da Sociedade de Maria. Algumas autoridades queriam torná-los Irmãos José. Antes disso, algumas autoridades diocesanas haviam tentado uni-los aos Irmãos do Pe. Bochart e, depois, uni-los àqueles do Pe. Querbes¹⁷. Os Irmãos José foram apresentados por Colin como auxiliares leigos dos Padres Maristas. Inicialmente, haviam sido integrados aos Irmãos Maristas de Champagnat; este visava ao treinamento religioso deles. Não era, porém, um acordo satisfatório. Com o fluir do tempo, Colin visava a uma formação separada dos seus Irmãos, aplicados inteiramente no serviço da Sociedade dos Padres, de todo diversos dos Irmãos de Maria.

Notou-se que o Bispo Devie era um conselheiro do Pe. Champagnat quanto à autorização legal. Após um encontro com o Bispo pelo fim de 1836, Champagnat estava satisfeito com o Bispo, porque este o secundou na ideia de unificar as comunidades dos Irmãos de Champagnat e aque-

las do Pe. Mazelier. Isto fazia parte do plano de Champagnat de conseguir autorização pela união com uma congregação que já possuía essa prerrogativa e qualificação¹⁸.

DIFICULDADES RELATIVAS A UM NOVICIADO - ACORDO SOBRE A AUTORIZAÇÃO

Nesse tempo, o assunto de St-Didier-sur-Chalaronne entrou em foco mais agudamente. Certa senhora de la Poype escreveu ao Bispo Devie em 1835, dizendo que ela queria fundar uma escola para as crianças das paróquias de St. Didier-sur-Chalaronne e Thoissey; apresentou-lhe como presente 72 mil francos. O Bispo ponderava como levar a cabo o projeto. Ele tinha um edifício escolar em St. Didier, mas muito perto de Thoissey. Pediu ao Pe. Colin alguns Irmãos de l'Hermitage, informando-o de que pretendia acrescentar um noviciado para os Irmãos. Obediente aos Superiores, o Pe. Champagnat concordou com o pedido; mas mostrou relutância quanto à fundação do noviciado, porque, no informe do Irmão Avito, o noviciado estaria 'por demais perto daquele de l'Hermitage'¹⁹. Além disso, o Pe. Madinier, pároco de St. Didier, que havia construído a casa, não ha-

¹⁷ O. M. I, Doc. 346.

¹⁸ Cronologia, (4 de novembro de 1836) p.71

¹⁹ Resumo dos Anais do Ir. Avito, p. 193.

via previsto espaço adicional para um noviciado. Pelo fim de 1836, ‘ignorando que os Irmãos já se haviam estabelecido em St. Didier, Devie escreveu ao venerável Padre, ins-

tando-o a enviá-los quanto antes. Sua Excelência lhe perguntou também como andavam as coisas da autorização²⁰ legal. Aqui está a resposta de Champagnat.²¹

“Excelência,

Os Irmãos partiram para St. Didier; há uma semana estão instalados aí. Foram recebidos com entusiasmo; já nos informaram que estão com 260 crianças nas suas aulas e, se não houver pronta ajuda, não poderão cuidar bem de tantos.

Para obter a nossa autorização, redigimos os Estatutos abaixo, que enviamos a Paris em 28 de fevereiro de 1834²², com uma carta para o Rei, que contém um esboço histórico da fundação do nosso Instituto. Em maio de 1835, escrevemos igualmente à Rainha, a qual nos respondeu que a nossa documentação estava nas mãos do Ministro. A principal causa da demora que estamos enfrentando penso que seja a seguinte: o Ministro Guizot, sendo protestante, talvez não seja do seu agrado ver uma associação dedicada inteiramente a Maria. Aqui está a resposta que recebemos²³.

No concernente ao pedido em si, isto é, a autorização da sua casa como associação, não nos parece possível aprovar no momento. Eu sei que o senhor nos falou dos Estatutos dos Irmãos de St-Paul-Trois-Châteaux, mas eu não me recordo de tê-los recebido. Temos a Regra do Pe. de Lamennais, que nos foi enviada por eminente sacerdote da diocese de Grenoble. Os Estatutos da associação estão no começo: logo vamos enviar-lhos’.

Excelência, estou ainda acompanhando este assunto. Chegou um pedido proveniente da comissão da subdivisão administrativa em apoio do nosso pedido, com diversas cartas de recomendação da parte dos prefeitos das cidades onde os nossos Irmãos trabalham. Atualmente, os nossos documentos estão nas mãos do senhor Delbègue, Chefe da Divisão. Quando estive em Paris, tive a oportunidade de encontrar-me com ele, em companhia do Bispo Pompallier; ele foi muito cortês conosco. Prometeu que faria o possível para que o nosso projeto tivesse pleno êxito. Outras ilustres pessoas também expressaram a sua boa vontade para comigo. Assim, uma vez aprovados os nossos Estatutos pelo Conselho Real, previsto para 7 de março de 1834, espero que vamos obter finalmente a Ordenação que procuramos.

Aceite, eu lhe rogo, Excelência, a expressão de profundo respeito e inteira dedicação, termos em que sou sempre de Vossa Excelência o mais humilde e obediente servidor.

Champagnat

²⁰ Resumo dos Anais do Ir. Avito, p. 194-195

²¹ LMC 75 ; OFM 277

²² Data errada, por erro do copista. A carta é de 28 de janeiro de 1834.

²³ Resposta do Ministro, 4 de setembro de 1835.

Eis uma parte da carta de Dom Devie a Champagnat, com data de 7 de fevereiro de 1837.

“Caro Padre,

Belley, 7 de fevereiro de 1837.

‘Vossa Revma. encontra incluído um comprovante bancário de 400 francos referentes ao noviciado do quarto Irmão que enviou²⁴. Os padres de la Croix e Depery²⁵ tiveram muito trabalho em obter os documentos no Ministério do Interior, para que pudessem conseguir a autorização da sua congregação. Eles ainda não tiveram algum sinal de progresso da documentação. Ainda assim, uma autoridade do Departamento prometeu tudo fazer para localizá-la. Nesse mesmo tempo, este alto funcionário lhes disse que, como se trata de nova congregação religiosa, a aprovação legal das duas Câmaras vai ser necessária. Será que alguém em Paris poderia sustentar tal exorbitância? Não me lembro de que houvesse alguma exigência maior do que uma simples Ordenança ministerial.

Eu gostaria de saber se, entre os documentos, há algum registro de doação feita à sua congregação de l’Hermitage, porque estou interessado em que a doação da casa de St. Didier, algo como quarenta mil francos de capital, fosse também aprovada conjuntamente. Mantenha-me bem informado em tudo o que diga respeito à sua casa. Vou informá-lo de tudo o que me for comunicado pelos nossos viajantes, tão logo retornem, o que deve ocorrer em breve”.

Certamente Champagnat não perdeu tempo para responder a esta carta. Esta é a razão por que podemos datar a carta como de meados de fe-

vereiro²⁶ de 1837. Champagnat agradeceu a Devie tudo o que havia feito para apressar a autorização legal do Instituto.

“Excelência,

‘Recebemos a sua estimada carta em que se inclui o comprovante bancário.

Agradecemos-lhe a carta com a qual muito nos quis honrar. A sua gentileza e generosa liberalidade para com a Sociedade de Maria, de que Vossa Excelência vem dando prova cabal, nunca vai desaparecer da nossa memória. Ficamos realmente tocado pelo árduo trabalho em que os padres de la Croix e Depery se empenharam em Paris em nosso favor. Cremos que os nossos documentos ainda estejam em mãos do senhor Delbêque, alto funcionário no Ministério da Instrução Pública. Nunca me haviam dito que uma nova aprovação legal seria necessária para a

²⁴ A St. Didier.

²⁵ Vigários gerais de Belley.

²⁶ cf. A.A. p.214 ; LMC 90 ; OFM 291

autorização. No tempo da queda de Carlos X, tudo estava pronto e os procedimentos estavam em plena forma. Nada mais faltava além da assinatura da Ordenação, mas outros eventos devem ter irrompido e bloqueado a autorização.

Entre os nossos documentos não há declaração de doação feita à nossa casa; ninguém nem mesmo nos falou do caso. Desde o meu retorno de Paris, não ouvimos nada positivo de todo o nosso negócio. Estivemos esperando, por muito tempo, alguma notícia do resultado. . . .

Excelência, queira aceitar a homenagem do nosso total devotamento e a firme resolução que temos tomado de buscar tudo em cooperação com o seu zelo verdadeiramente apostólico para a glória de Deus e o bem da religião. Ficaremos muito agradecidos pela sua orientação e pelo auxílio das suas orações. Seja servido em aceitar esses sentimentos para com Vossa Excelência da parte do mais humilde e mais obediente servo.

Champagnat.”

O NOVICIADO DE ST. DIDIER E AS ESCOLAS DE NANTUA E THOISSEY

Em carta de 11 de outubro de 1837, o Bispo Devie pediu a Champagnat que abrisse o noviciado, quanto antes lhe fosse possível, em Saint Didier-sur-Chalaronne, uma vez que boas vocações vinham daí. Pediu-lhe igualmente que um ou dois Irmãos fossem enviados a Thoissey, para abrir uma escola, e três Irmãos para assegurar

os trabalhos daquela de Nantua. Acrescentou ainda:

“Se Colin estiver ainda aí, que lhe falasse; estou certo de que ele vai encorajá-lo. Parece-me que o senhor vai interessar-se em concentrar os seus estabelecimentos na diocese de Lyon e de Belley, por causa da facilidade em supervisioná-los e tê-los até mesmo supervisionados pelos seus confrades sacerdotes...”²⁷.

Em resposta a essa carta do Bispo Devie, Champagnat expressou a sua boa-vontade em cumprir o pedido.²⁸

“Em 18 de outubro de 1837:

‘Excelência,

Estou repleto de profunda gratidão para com Vossa Excelência pelo interesse na nossa Sociedade; este sentimento sempre vai levar-me a tudo fazer para não decepcionar as suas expectativas na ampliação do seu zelo. O edifício de St. Didier²⁹, como escola, não deixa nada a desejar na situação presente, além das poucas

ao Bispo Alexandre Raymond Devie, de Belley, Ain.

²⁷ AFM, 128.4.

²⁸ LMC 143 ; OFM 327

²⁹ Saint Didier-sur-Chalaronne, Ain, onde os Irmãos haviam estado desde novembro de 1836.

restaurações; poderia até mesmo começar como noviciado. Mas, o rés do chão e o primeiro andar já estão ocupados, e o segundo é muito baixo, a ponto de o Irmão Diretor, de estatura mediana, ter de inclinar-se, quando passa sob as vigas. Assim, creio que não é possível começar de imediato o noviciado. Quanto aos Irmãos que Vossa Excelência pede para Thoissey³⁰, penso que não é possível enviar mais de dois³¹. Logo que o pároco me informe que tudo está pronto e na conformidade do prospecto, vou apressar-me em enviá-los³². Excelência, baseado nos belos relatórios que nos dá sobre o estabelecimento de Nantua, decidi fazer tudo o que posso para fazê-lo funcionar como escola no ano que vem³³. Nos estabelecimentos que levantei na sua diocese, sempre tive a dupla vantagem de poder colocá-los sob a mais imediata supervisão dos meus confrades e provar-lhe o sincero devotamento e profundo respeito com que tenho a honra de ser, Excelência, o mais humilde servo.

Champagnat.

Logo depois encontramos Champagnat escrevendo ao Bispo Devie acerca da melindrosa questão do noviciado dos Irmãos Maristas em St. Didier; não apenas para explicar, com detalhes, o que diz respeito ao noviciado de St. Didier e às escolas em Thoissey e Verjon³⁴, mas também pedir a Devie orientação para reassumir o processo da autorização legal da congregação.

É possível que, por esta vez, a carta não seja a resposta a uma recebida

do destinatário, mas que Champagnat, após a carta de 18 de outubro de 1837, espontaneamente, tenha deixado o Bispo bem atualizado no concernente aos trâmites para cumprir os seus desejos. No registro das cartas, o último parágrafo foi acrescentado mais tarde, na margem, uma vez que, na carta seguinte do mesmo dia, consta cópia dele. Champagnat pode tê-lo acrescentado, ou foi acrescentado à cópia final, antes de enviar a carta, ou talvez tenha reescrito tudo.³⁵

³⁰ Cidade a um km de St. Didier.

³¹ Considerando a proximidade dos dois lugares, um comentador sugere que um Irmão da comunidade de St. Didier poderia de manhã ir ensinar em Thoissey e retornar de tarde. A necessidade de dois Irmãos, portanto, se devia ao número de alunos, não a preceito de Regra.

³² Aquela informação chegou depressa, porque, pelo dia trinta do mês, fora recebida por Champagnat, segundo a sua carta ao Bispo, de 30 de outubro de 1837.

³³ De fato, os Irmãos não foram a Nantua antes do começo do ano letivo de 1840.

³⁴ Cidade do Departamento de Ain. Não temos outra informação sobre o tema, que não foi trazido à tona de novo.

³⁵ LMC 145 ; OFM 330

"Em 30 de outubro de 1837:

ao Bispo Alexandre Raymond Devie, de Belley, Ain.

'Excelência,

Parece-nos que a estação está demasiado avançada para começar a renovações necessárias para o noviciado de St. Didier. Quiçá fosse mais vantajoso aguardar a volta da primavera, uma vez que teremos tempo de fazer os nossos arranjos com mais cuidado, de modo que tudo se faça com exatidão, de acordo com os seus desejos, para a maior glória de Deus e o bem da religião.

O interesse especial com que se dignou honrar constantemente a nossa Sociedade renova os nossos sentimentos de gratidão, bem como o nosso desejo de cooperar, quanto nos for possível, com o seu zelo verdadeiramente apostólico.

O pároco de Thoissey há pouco nos pediu que lhe enviássemos dois Irmãos, antes da festa de Todos os Santos³¹. Apressamo-nos em cumprir os seus desejos. Os Irmãos partirão logo³².

Fomos informados pelo pároco de Verjon que a cidade ainda não pode arcar com as despesas do estabelecimento dos nossos Irmãos, mas o prefeito continua ansioso em ter um estabelecimento desse padrão. Logo que a prefeitura possa arcar com o dispêndio, não deixará de nos informar.

Algumas pessoas de consideração e boa-vontade³³ pressionam-nos a que obtenhamos do governo, de uma vez, a aprovação dos nossos Irmãos. Como sempre consideramos de obrigação solicitar a sua orientação nos nossos empreendimentos, e como nunca tivemos razão alguma de não ser muito gratos por isso, por certo vai permitir-nos impetrar de Vossa Excelência uma diretiz acerca deste projeto; se o aprovar, pedimos-lhe uma carta de recomendação.

Com profundo respeito, Excelência, tenho a honra de ser o seu mais humilde e obediente servidor

Champagnat."

Não tudo andava bem na proposta de fundação de Nantua. Embora Champagnat desejasse levar a termo a fun-

dação aí em 1838, ele não havia recebido do pároco Debelay as condições que o pároco estava oferecenen-

³⁶ Esta é a carta que Champagnat estava esperando. O pároco, evidentemente, havia cumprido as exigências do Prospecto, como o Fundador havia pedido na carta de 18 de outubro (ao Bispo Devie), uma vez que o primeiro comprovante bancário dessa primeira carta estabelece: 'O seu pedido foi acompanhado de 400 francos, dispêndio da fundação para o segundo Irmão. De imediato, começamos a enviar-lhe alguns Irmãos; eles vão partir logo'.

³⁷ Segundo o Ir. Avito, nos Anais de Thoissey, 'O Ir. Pedro Maria e um outro vieram à cidade para ensinar em novembro de 1837, nas salas alugadas pelo Pe. Michaud, pároco, na periferia da cidade, na direção de St. Didier'. 'Anais de Thoissey', p. 10 (AFM 214.99.)

³⁸ Sem dúvida, incluindo, entre outros, Mazelier. Ver carta de Champagnat de 20 de setembro de 1837 a Mazelier.

do para a abertura da escola. Este negócio levou Champagnat, uma vez mais, a entrar em contato com o Bispo Devie.

O Fundador respondeu ao Pe. Debelay³⁹, pároco de Nantua, em 11 de maio de 1838⁴⁰. Segundo o Irmão Avito, parece que a resposta importunou um bocado o destinatário, dado que este não respondeu até abril de 1840. No intervalo, apelou ao seu Bispo, com quem discutiu o problema. O Bispo Devie então tornou a escrever a Champagnat, em 4 de janeiro de 1839. Abaixo a carta.

"Estou escrevendo, caro Padre, para juntar as minhas súplicas àquelas do pároco de Nantua⁴¹, para a consecução de um estabelecimento

dos seus Irmãos na paróquia dele, se for possível. Tanto como o senhor, sei que é necessário fazer uma escolha a respeito de lugar tão importante; mas também considero quão vantajosa tal posição seria para o seu estabelecimento. Não sei em que pé ficariam as coisas para os seus Irmãos; mas, se nada se faz, eu o aconselho a ir a Paris e submeter os Estatutos do Padre Lamennais. Vai lograr êxito mais depressa e com segurança. Aconselho-lhe a viagem, porque vai ver as coisas por si mesmo e vai ficar exposto a muito menos obstáculos."...

Em resposta a esta carta, Champagnat escreveu para explicar as dificuldades envolvidas na fundação de Nantua e agradece ao Bispo a sua preocupação com a autorização do Instituto.⁴²

"Em 20 de janeiro de 1839:

ao Bispo Alexandre Raymond Devie de Balley, Ain.

Excelência,

Desejo de coração cooperar com o máximo empenho da minha parte com o zelo de Vossa Excelência para o bem da sua bela diocese e mostrar-lhe crescente reconhecimento pela sua benevolência para com a nossa Sociedade.

O estabelecimento de Nantua, que Vossa Excelência quis recomendar-nos, apresenta dificuldades que, por ora, nos seria praticamente impossível superar, a menos que o pároco optasse por uma escola livre. Nantua tem diversos professores que, sem dúvida, gozam da consideração e da estima de bom número dos seus habitantes. As autoridades civis não estão falando em favor do estabelecimento dos Irmãos.

Para fazer face à concorrência, necessitaríamos de professores qualificados, que não temos no presente; mesmo com eles, o êxito seria incerto, como a experiência nos ensinou. Mesmo assim, não há coisa que não estejamos prontos para assumir para mostrar a Vossa Excelência gratidão e devotamento. Se o pároco de Nantua pudesse satisfazer a nossa condição, seríamos muito felizes em enviar os nossos Irmãos para exercer tais incumbências naquela cidade, sob os auspícios de Vossa Excelência e à sombra da sua poderosa proteção.

³⁹ Anais de Nantua, p. 10.

⁴⁰ LMC 189 ; OFM 350

⁴¹ Pe. Debelay.

⁴² LMC 239 ; OFM 383

*Fico muito grato a Vossa Excelência pela sua solicitude e zelo no atinente à autorização dos nossos Irmãos. Espero para breve um encontro em Lyon com o Pe. Colin, nosso Superior, acerca das novas tratativas de que nos possamos valer, nas presentes circunstâncias, para remover os obstáculos que bloqueiam o pronto e satisfatório resultado de tão importante matéria.
Queira aceitar etc.*

Champagnat”

O noviciado que o Bispo Devie havia solicitado para St. Didier em 1837 não começou de imediato, porque o edifício teria de ser antes renovado para acomodar os noviços. Além do mais, o projeto incluía aceitar internos, algo a que os Irmãos ligavam mais interesse do que ao noviciado. Apesar disso, fez-se honrado esforço; mas Champagnat convenceu-se, pelas razões que expõe na carta abaixo, de

que a situação não era ideal para tal instituição.

Fundamentalmente, Champagnat não concordava com o plano de haver um noviciado no mesmo local de um colégio de internos. Escreveu ao Bispo, explicando as dificuldades envolvidas no estabelecer noviciado em escola de alunos internos em St. Didier.⁴³

Em 3 de dezembro de 1839:

ao Bispo Alexandre Raymond Devie de Belley, Ain,

Excelência,

Muito lamento a minha inabilidade, por ocasião do retiro; deveria achar mais adequado momento para apresentar-lhe os sentimentos do meu respeito e, com mais clareza, expor-lhe a minha observação e reserva no atinente ao noviciado de Saint Didier.

De conformidade com o desejo expresso por Vossa Excelência, seja mediante o Padre Superior ou nos diversos contatos que tive com Vossa Excelência, eu aumentei o efetivo de Irmãos em St. Didier, de modo que o Irmão Diretor pudesse devotar-se mais de pleno ao cuidado dos noviços. Ele me escreveu ter recebido diversos noviços, e agradou-me ouvir isto, mas muito temo que o noviciado não possa ser solidamente estabelecido com a rotina de aulas e uma escola de internos. Aprendemos por experiência que esses diferentes trabalhos não podem ser combinados na mesma casa. No começo, em l'Hermitage começamos por aceitar alguns estudantes e internos. Tivemos de desistir, porque causavam a perda de muitos noviços e prejudicavam evidentemente a todos. Até mesmo fomos obrigados a separar os postulantes dos Irmãos. Foi o único jeito de pôr ordem na casa e preservar as pessoas.

⁴³ LMC 305 ; OFM 435

Proeminente sacerdote da diocese de Grenoble, havendo começado um estabelecimento em Côte-St-André na mesma e exata base como em St. Didier, também queria acrescentar-lhe um noviciado. Acedemos à sua insistência; mas ele foi o primeiro a reconhecer, pela experiência, que isso não podia funcionar. Escreveu-nos dizendo que se limitaria a preparar candidatos para a Sociedade, na condição de que fornecêssemos alguns à diocese, proporcionalmente àqueles que houvésemos recebido⁴⁴.

Não é que nós recusemos começar o noviciado que Vossa Excelência quer; mas, como fruto de muita reflexão e de cuidadoso estudo, não cremos que vá ter sucesso na base em que está posta a questão agora. Ainda assim, vamos tentar, se Vossa Excelência ainda pretende tê-lo; mas será uma pena, se, depois, formos obrigado a ver a obra e o trabalho em colapso e não servindo para o fim almejado.

Não seria melhor pôr o estabelecimento de Saint Didier em pé, provisoriamente, na forma daquele que temos em Côte-St-André, até que encontremos um lugar reservado exclusivamente para o noviciado, não diferente daquele que Sua Excelência o Bispo de Autun nos deu em Vauban? O meu receio é que ele possa ser de real perigo para a vocação dos nossos postulantes, se os deslocamos de l'Hermitage a St. Didier. Ademais, teríamos de comprar ou transferir a mobília, o que não seria barato, algo que os nossos recursos atuais não permitiriam, dado que as nossas despesas este ano quase dobraram.

Eu lhe rogo, Excelência, examine as minhas razões com cuidado. Submeto-as por inteiro à disposição de Vossa Excelência. A Sociedade de Maria lhe fica muito agradecida; estaremos prontos para empreender ou mesmo ousar tudo o que for ordenado, para que lhe mostremos o nosso respeito, gratidão e devotamento, sentimentos em que tenho a honra de servi-lo.

Champagnat

O IRMÃO AVITO ESCREVE ACERCA DO NEGÓCIO SAINT DIDIER

Em uma seção do *Abrégé des Annales* do Irmão Avito, o autor tece alguns comentários sobre a questão de St. Didier. Cumpre termos no espírito que o Irmão Avito pode, por vezes, ser cáustico comentador e escritor viaz, com bom senso e humor.

“Logo depois de aberta a escola, o Bispo solicitou que o noviciado também fosse aberto. O Fundador replicou que não havia quartos para eles no edifício. O Bispo foi aí, viu que havia falta de celas; escreveu a Champagnat, dizendo que ele apenas ordenara a construção da casa. Assim, a casa foi erguida com medidas equivocadas. Internato e noviciado foram estabelecidos aí, mas o primeiro matou o segundo. O Bispo ficou descontente; virou as costas ao Instituto e apoiou os Irmãos da Sagrada Família, bem como aqueles

⁴⁴ Champagnat preferiu que Douillet enviasse os noviços em perspectiva a l'Hermitage. Esta carta indica que Douillet teria tentado formar ele próprio alguns jovens em St-André, talvez antes de enviá-los a Champagnat. Por certo a tentativa não teve sucesso.

da Cruz, para a sua diocese. Nada deste desagradado teria ocorrido, se o Fundador houvesse tido a mão livre para evitar o impasse.”⁴⁵

Nos “Anais” das primeiras comunidades maristas, nas quais ele representou o papel principal, Avito diz a mesma coisa de St. Didier, no atinente ao noviciado.

‘Um noviciado foi começado; mas não demorou que se visse ser incompatível com a escola, especialmente com o internato; os planos deste já haviam sido feitos e nele estávamos mais interessados. Assim, o noviciado foi abandonado; isso desagradou ao Sr. Bispo. Então Sua Excelência nos abandonou e apoiou os Irmãos da Cruz e da Sagrada Família, que estavam começando o trabalho na sua diocese’⁴⁶.

No concernente à assim chamada *quebra* dos relacionamentos com o Bispo, cumpre ter em mente que o Bispo obteve Irmãos Maristas para Thoissey em 1837 e, em Nantua, em 1840. Acima de tudo, ele orientou o Fundador e o apoiou nas tratativas para obter a autorização do Instituto, como sabemos pelas numerosas cartas intercambiadas.

O CENÁRIO DEPOIS DE CHAMPAGNAT

Com a morte de Champagnat em 6 de junho de 1840, os contatos com o Bispo passaram ao seu sucessor, Irmão Francisco, Gabriel Rivat; depois

disso, o nosso estudo de Devie e Champagnat chega ao fim.

O Irmão Francisco escreveu duas vezes ao Bispo Devie em 1844; ele também escreveu a outros Bispos, em cujas dioceses os Irmãos estavam estabelecidos, solicitando o seu apoio no caso da autorização legal. O novo contato com Devie foi em 1846, quando houve negociações infrutíferas sobre a fundação de uma escola na paróquia de Echallon.

ÚLTIMOS ANOS DE DOM DEVIE

O Bispo Devie passou os seus últimos anos em Belley. Em 1850, com 83 anos, pediu um coadjutor e foi atendido; este tinha o direito à sucessão; tratou-se do Bispo Chalandon. Devie morreu em 25 de julho de 1852, depois de diversos meses de enfermidade.

Refere-se que as últimas palavras de Devie ao Padre Colin foram estas:

“Se Deus tiver misericórdia de mim, por certo não me esquecerei no céu da Sociedade de Maria.”

O Pe. Colin o declarou benfeitor da Sociedade.

Homem de doutrina e prolífico escritor, Devie publicou bom número de livros, ademais de numerosas cartas e “circulares”. Entre os livros, escreveu *‘Rituel de Belley’*, em três volumes,

⁴⁵ “Resumo”, p. 194.

⁴⁶ ‘Anais de St-Didier’, AFM, 214. 74, p.20

verdadeiro compêndio de disciplina eclesiástica e de atividade⁴⁷ pastoral, bem como ‘*Méthode pratique pour faire le Catéchisme*’.

No domínio político, o Bispo Devie demonstrou uma posição tanto de prudência quanto de firmeza. A sua independência do poder civil não impediu o Rei de nomeá-lo, por Ordenança de 4 de dezembro de 1839, para a arquidiocese de Reims, o que ele recusou. O Rei sondou-o até mesmo para a sede de Paris, sem sucesso.

VISÃO DE CONJUNTO DO RELACIONAMENTO DEVIE-CHAMPAGNAT

A carta de 11 de outubro de 1837 de Devie a Champagnat retrata significativamente o relacionamento de ambos:

“Se o Pe. Colin ainda comparece aí, procure falar com ele; estou certo de que ele quer encorajá-lo. Parece-me que o senhor deve estar interessado em concentrar os seus estabelecimentos na diocese de Lyon e na de Belley, pela facilidade em supervisioná-los e mesmo para serem supervisionados pelos seus confrades”.

O Bispo Devie, obviamente, está ansioso em ter os Irmãos Maristas na sua diocese; mas podemos detectar um toque de relutância por parte de Champagnat. Acima de tudo, podemos perceber alguma hesitação de Champagnat no atinente à escola agrícola de Bresse, projeto que, de-

pois, foi confiado a outros e que não teve êxito.

Além disso, havia o fato de que Devie era o Bispo de Colin e, por vezes, se valeu dele para que influenciasse Champagnat, como vimos acima quanto a St-Didier e Thoissey. (Ele ‘então pediu a Colin que pensasse nos Irmãos de l’Hermitage, informando-o de que pretendia acrescentar à escola um noviciado para os Irmãos’.) Champagnat não se sentia bem em ter muitos estabelecimentos em diocese onde havia duas autoridades importantes, Devie e Colin; elas poderiam influenciá-lo ou até mesmo dominá-lo. Além disso, Champagnat, sem dúvida, está precavendo-se das lutas que Colin havia tido com o Bispo Devie; este, quanto à emergência da Sociedade de Maria, a qual era o grande sonho de Colin, era muito mais intransigente na oposição do que era o Arcebispo de Pins, na vizinha arquidiocese de Lyon. Devie não se agradava muito de que os seus bons padres aderissem a Institutos religiosos.

Desse modo, Champagnat se precavava de um envolvimento muito profundo com a diocese de Belley. Outra razão disso era o senso de lealdade de Champagnat para com o Arcebispo de Pins e para as necessidades da sua arquidiocese. No fim de contas, de Pins era sólido apoiador dos empenhos de Champagnat e, mesmo quando tomava medidas que angustiavam a Champagnat, parece não haver dúvida de que se entendiam bem.

⁴⁷ O. M. I, p. 750, nota 1; O. M. II, p. 309, nota 3, p. 500, nota 1.

Lástima que Champagnat fosse prejudicado pelo inconveniente de que o Arcebispo de Pins não era a pessoa ideal para facilitar o entendimento com os círculos governamentais da educação, pelo que o Fundador pouco podia contar com ele para este objetivo. Champagnat persistia na tentativa de obter a autorização legal dos Irmãos Maristas, mas sem êxito, apesar da sua paciência e perseverança; no caso da legalização, não conseguiu o seu objetivo maior.

Se Champagnat houvesse seguido o conselho de Devie a respeito de como abordar a autorização, o êxito poderia ter sido facilitado; mas, é claro, seria da sua maneira. Ainda assim, quando em 1851, a Congregação de Champagnat foi legalizada, a conquista e bênção foram maiores: havia permis-

são para o trabalho apostólico por todo o território da França. Champagnat havia falhado no empenho de tal conquista; mas as virtudes da paciência, perseverança e longo sofrimento tiveram o precioso fim de lapidá-lo no processo de atingir a santidade.

Retornando ao Bispo Devie, ainda que ele se distanciasse um tanto dos Irmãos Maristas, como afirma o Irmão Avito, os Irmãos não podiam negar toda a assistência que ele lhes prestou, por certo dentro das suas coordenadas, mas sempre com lealdade. Ele sobressai entre os Bispos do seu tempo pela sua imensa cultura. Em certo encômio dirigido a ele por J. Christophe consta o seguinte:

“Intelectuais do nível de Devie, Bispo de Belley, são raros.”⁴⁸

Bibliografia

- AA – *Abrégé des Annales* de Frère Avit.
Lettres de Marcellin Champagnat, Editées par Fr. Paul Sester F.M.S. Fr. Raymond Borne F.M.S., traduites en anglais par Fr. Leonard Voegtle F.M.S.
 O.M. I – *Origines Maristes*, vol 1.
 O.M. IV – *Origines Maristes*, vol 4.
Chronologie des Frères Maristes des Ecoles.
 AFM – Archives des Frères Maristes.
 Annales de Thoisy.
 Annales de Nantua.
 Annales de St Didier.
Vie de Monseigneur Devie. Cognat

N.B. As passagens omitidas nas cartas de Champagnat ou de outros autores são indicadas por ...

⁴⁸ Cartas, Vol. 2, p. 186.

A BOA MÃE E A VIRGEM DO VOTO

Reflexões sobre uma tradição iconográfica



André Lanfrey
fms

Em muitas publicações recentes¹, o Ir. Agustín Carazo, antigo Postulador-geral, tratou acerca das estátuas mariais do Instituto e de modo especial sobre aquela da “Boa Mãe”, estatueta de gesso da Virgem com o menino, com cerca de 75 cm de altura, cuidadosamente restaurada² e hoje conservada em Roma. Nesses textos ele nos lembra que essa estátua figurava provavelmente em l’Hermitage, desde 1824 na “capela do bosque” e mesmo antes, em La Valla, no quarto do Pe. Champagnat. Substituída depois por estátuas maiores e sem dúvida mais de acordo com o gosto da época, parece que ela foi um pouco esquecida, em-

bora o Ir. Francisco mencione sua presença em St Genis-Laval no quarto que ocupava³ o Ir. João Batista⁴. Ela figura ainda em 1882 num retrato de Champagnat em sua escrivania, pintado pelo Ir. Wulmer, belga⁵. A estátua depois fez parte das mudanças da casa-mãe: em 1903 para Grugliasco, em 1939 para Saint Genis-Laval e, enfim, para Roma em 1961. Foi lá, no local dos arquivos, que o Ir. Agustín Carazo, procurando documentos, a descobriu num saco, por acaso, em fevereiro de 1982. Ele narra depois a história da “ressurreição” dessa estátua que recebe o nome de “Boa Mãe” e que as reproduções fotográficas tornam

¹ Em *Trás las huellas de Marcelino Champagnat*, Provincia Marista do Chile, 1999, p. 208-233, e num fascículo de 63 p. intitulado *Nuestra Buena Madre*, editado pela Provincia Marista Mediterrânea em 2007, sem contar diversos artigos.

² Pelo Ir. Cláudio Santambrogio, por volta de 1998.

³ O emprego do imperfeito significa que o autor escreve após a morte do Ir. João Batista em 1872.

⁴ Ver no caderno *Annales de l’Hermitage en forme de compte-rendu de certains événements* (AFM 213/16), que lista o inventário de objetos do Pe. Champagnat, e redigido pelo Ir. Francisco, p. 23-24: “Pertences que serviram ao Pe. Champagnat, que estão na casa-mãe de St Genis-Laval”[...] “No quarto ocupado pelo caro Ir. João Batista: 1.º o crucifixo diante do qual o bom Pe. Champagnat rezava; 2.º a estátua da Santa Virgem que ele tinha no seu quarto em Lavalla; (acrescentado, pelo mesmo autor, em letras menores) o menino Jesus está deitado nos braços de sua mãe, com o indicador no boca”...

⁵ O Ir. Agustín Carazo atribui grande importância à presença dessa estátua que parece testemunhar a tradição trazida por Irmãos das origens, ainda vivos naquela época.

popular entre os Irmãos Maristas. Um Irmão brasileiro, Francisco das Chagas Costa Ribeiro, autor de uma tese de Mariologia, em Roma em 1988, indica que o modelo dessa estátua de gesso se encontra na catedral de Rouen, sob o nome de Virgem do Voto⁶.

Uma segunda estátua da “Boa Mãe”, grosseiramente pintada, esteve sempre em l’Hermitage. Um Irmão da Província de Castela (Esteban Martín) elabora um molde a partir dela e assim se multiplicam as estátuas de gesso, mas também de madeira, de terracota ou de outros materiais, de diversos tamanhos, especialmente na América Latina. Entretanto, essa representação não parece ter ultrapassado o mundo dos Irmãos Maristas.

DUAS ESTÁTUAS ORIGINAIS DA “BOA MÃE”

O Ir. Carazo soube, portanto, dar-nos um histórico muito sólido da história da estátua da “Boa Mãe” entre os Irmãos Maristas, permitindo, de algum modo, uma ressurreição dessa peça importante de nosso patrimônio espiritual primitivo. Penso, entretanto,

que ele subestima a importância da estátua sempre presente em l’Hermitage que, a seu ver, é claramente menor que a de Roma e seria de época mais tardia. Ele levanta, portanto, a hipótese de que teria sido adquirida, depois de 1860, pelo Ir. Francisco de volta a l’Hermitage.

A meu ver, essa estátua seria mais ou menos contemporânea daquela de Roma. Sendo, porém, meu propósito completar o trabalho histórico do Ir. Agustín Carazo, apresentarei a discussão sobre esse ponto particular no fim de meu artigo.

A VIRGEM DE LECOMTE (1777)

A Virgem do Voto, de Rouen, é uma estátua de mármore de tamanho normal (cerca de 1,60m) colocada hoje na capela Santa Margarida, uma das numerosas capelas laterais da nave da catedral de Rouen, na Normandia. Ela repousa sobre um cubo de pedra colocado sobre um altar em lugar do tabernáculo, sobre o qual está gravada a fórmula: “*Nostra clemens, accipe vota*” (Nossa clemência, recebe os votos)⁷. Essa inscrição confirma o nome tradicional dado à estátua: “a Virgem do Voto”.

⁶ Um resumo da tese apareceu no Brasil em 1999 sob o título *A “superiora” dos Maristas*. Uma tradução francesa foi editada no mesmo ano, com o título *La supérieure des Maristes*. Mas, pelo que sei, nela não há precisão acerca dessa estátua de Rouen.

⁷ Um documento indica que o altar foi edificado em 1954. Isso parece tanto mais verossímil que a catedral, por ter sofrido graves estragos durante a guerra de 1939-1945, passou depois por importantes transformações. Uma fotografia de 1921 (Vierge de Lecomte, site *Inventaire des monuments historiques*. Base Palissy) mostra que então a estátua estava na janela do transepto.



Virgem do Voto. Rouen. Foto A. Lanfrey

Esculpida por Félix Lecomte, foi oferecida à catedral de Rouen lá por 1775 pelo cardeal-arcebispo Dom de la Rochefoucauld. Ela se caracteriza por um traço original: o menino Jesus chupa o indicador. Mas cumpre insistir sobre o fato de que essa estátua não está isolada: a dianteira do altar ostenta um baixo-relevo do mesmo escultor, mostrando Jesus morto, chorado por Maria e as santas mulheres.

Conforme o *Dictionnaire des artistes de l'École française au XIX^e siècle*, Félix Lecomte nasceu em Paris, em 1737, e morreu em 1817. Em 1764 conquista o grande prêmio de escultura e, em 1771, é recebido como membro da antiga Academia de pintura e escultura. Ademais ele foi professor da Academia de escultura e membro da Academia de Belas Artes. A estátua da Virgem e o baixo-relevo de Rouen estão entre suas maiores obras.

A BALAUSTRADA MEDIEVAL E A PRIMEIRA VIRGEM DO VOTO

Esse altar da Virgem do Voto não é o primeiro erigido sob esse vocábulo e não está em seu local primitivo. Com efeito, existia em Rouen, como na maioria das catedrais medievais, uma balaustrada (galeria, divisória com imagens) isolando o coro da nave. Sobre esta, certamente de estilo gótico, Jean-François Pommeraye⁸ dá, no fim do século XVII, os pormenores seguintes:

"A balaustrada que cerca o coro foi enriquecida de dois magníficos altares de riquíssima escultura, do crucifixo e de outros ornamentos de marcenaria, todos revestidos de ouro. [...] O altar do voto foi feito com recursos de fábrica. Fiquei sabendo (sic), de acordo com a memória de um particular que escreveu o que tinha visto, que esse altar da Virgem foi concluído no fim do mês de março de 1639 [...]"

⁸ *Histoire de l'Église cathédrale de Rouen métropolitaine primatiale de Normandie*, Rouen 1685, p. 20-25.



Virgem do Voto, detalhe. Rouen. Foto A. Lanfrey

que a 26 de abril [...] esse altar foi consagrado por M. François de Harlay, o antigo que nele pôs relíquias de S. Paulo apóstolo e de S. Nicásio. Foi denominado 'voto' devido a uma grande peste que affligiu por muito tempo a cidade de Rouen; isso obrigou a recorrer à misericórdia de Deus".

O autor acrescenta:

"O principal ornamento desse altar do voto é a imagem de Nossa Senhora feita de alabastro, doada pelo ano de 1357 por um cônego chamado François Le Tourneur". [...]

"O altar de Santa Cecília que está ao lado daquele do voto é célebre por causa da confraria ou sociedade dessa santa, onde os músicos se reúnem todos os anos para solenizar a festa".

[...] Fiquei sabendo, de algumas memórias que, em 23 de abril de 1642, esse altar foi concluído & as duas imagens instaladas"⁹. Para comemorar o evento, uma procissão é feita a 20 de setembro, e uma lâmpada brilha diante do altar da Virgem.

Portanto, uma Virgem medieval, provavelmente já presente na catedral, é colocada em 1643 como a "Virgem do voto", sobre a balaustrada ou galeria medieval, em companhia de Santa Cecília, que aí certamente já se encontrava.

UMA SEGUNDA BALAUSTRADA E UMA SEGUNDA VIRGEM DO VOTO

Sem dúvida, porque essa balaustrada e sua estatuária parecem muito "góticas", são substituídas por uma balaustrada de estilo clássico, edificada entre 1773 e 1778, segundo os planos do arquiteto rouense Mathieu Lecarpentier, composta de um pórtico iônico levando um Cristo entre a Virgem e São João, coroado de balaústres de bronze e fornilhos (vasos decorativos). Ela acolhe então dois altares laterais dedicados à Virgem (estátua e face dianteira do altar de Lecomte) e Santa Cecília. Essa modernização da balaustrada é, pois, apenas relativa: Santa Cecília e a Virgem do voto são sempre suas peças maiores.

⁹ Segundo Maurice Vloberg, autor de *La Vierge et l'enfant Jésus dans l'Art français*, o altar dessa Virgem do voto estava apoiado à coluna direita, na entrada do coro, "local da capela dita do voto, erigida na antiga balaustrada, depois de um voto durante a peste de 1637". Citado no site da abadia de Tamié.

A balaustrada ou divisória do século XVIII é, por sua vez, demolida em 1884, mas suas estátuas são preservadas: a de Santa Cecília, com seu altar e o baixo-relevo que a orna, obras de Clodion, são hoje relegadas na capela de São Nicolau¹⁰, ao passo que a Virgem, seu altar e o baixo-relevo, obras de Félix Lecomte, são colocados diante da capela de Santa Margarida. Duas das seis colunas da balaustrada ainda estão presentes na catedral: elas emolduram uma das portas laterais¹¹. Parece, no entanto, que no século XIX o sentido da devoção à Virgem do voto se tenha

modificado: uma tradição não comprovada, mas muito plausível, pretende que foi diante dessa estátua que os novos sacerdotes da diocese se consagravam a Maria antes de ir às suas paróquias.

Há, portanto, em Rouen, duas Virgens do voto e duas balaustradas. Nada parece ter restado da primeira estátua e da primeira balaustrada, mas nos restam representações iconográficas da segunda balaustrada; e o altar da segunda Virgem do voto foi cuidadosamente restaurado num novo local.



Diante do altar. Rouen. Foto A. Lanfrey

¹⁰ Quando de minha visita em 2010, essa capela parecia servir de depósito do mobiliário supérfluo.

¹¹ A obra consultada não diz nada do grupo central: o Cristo entre a Virgem e São João.

UMA ESTÁTUA INSCRITA NUMA TRADIÇÃO NORMANDA?

Mesmo se ignoramos a feitura da estátua medieval, definida em 1642 como Virgem do voto, podemos supor que Lecomte teve de inscrever sua obra numa tradição venerável e dela se teriam guardado traços característicos maiores, dentre os quais o Menino Jesus colocado entre os braços de sua mãe e chupando o dedo.

A hipótese não é inteiramente gratuita, porque existe um antecedente iconológico na mesma zona cultural: a Virgem de Valmont, estatueta de marfim de 41cm de altura, do fim do século XV, conservada na abadia de Valmont, na Normandia, até a Revolução. O original está conservado atualmente no museu de Antiguidades de Seine-Maritime (Rouen)¹². O comentário que acompanha essa estátua¹³ é extremamente interessante:

“A Virgem está de pé, o rosto inclinado para seu filho que ela segura deitado em seus braços. Ela está usando um vestido longo ajustado com decote superior arredondado”¹⁴. [...]

“O menino rechonchudo, cabelos anelados, está envolto num pano do qual sobressai seu torso nu. A expressão triste da Virgem, que lança um olhar melancólico sobre o filho porque ela sabe qual será



Virgem de Valmont. Rouen

o seu destino, é o reflexo da sensibilidade do século XV, mais apto a apanhar o aspecto doloroso da vida do Cristo mostrando-lhe a imagem.” [...]

¹² Seu valor histórico é tal que o ateliê de moldagem do Louvre oferece exemplares em resina a um preço relativamente acessível (244 Euros).

¹³ Ver documento informático na internet: “Vierge de Valmont”.

¹⁴ Seu vestido parece inspirado na moda feminina do século XV: “Ele cobre os ombros com uma capa retida por dois cordõezinhos terminados em borlas que traz debaixo do braço esquerdo e desce suavemente em pesadas dobras volumosas. Seus longos cabelos balançam em ambos os lados da face e descem nas costas”.

“O gesto raro do menino que põe dois dedos na boca corresponde à necessidade de aproximar o mundo dos homens ao de Deus, de tornar mais familiar o mundo divino.”

Vestuário à parte, essa descrição corresponde perfeitamente à Virgem de Lecomte. Basta, ademais, comparar a estátua do século XV com aquela de Lecomte para se perguntar se esta simplesmente não modernizou um modelo iconográfico anterior, do qual a Virgem de Valmont seria uma das amostras.

Essa “modernização” é manifesta no vestuário da Virgem: a de Valmont, segundo a tradição medieval, apresenta amplas dobras escondendo amplamente o corpo, enquanto a de Lecomte segue a antiga tradição, o vestuário largamente solto, revelando o corpo mais do que o escondendo. O véu sobre a cabeça modera parcialmente essa impressão de estátua antiga, anexando-o a uma representação clássica da Virgem. Quanto ao Menino Jesus, ainda um tanto homem em miniatura e parcialmente vestido na estátua de Valmont, aparece como um belo bebê quase nu em Lecomte.

PERMANÊNCIA DA MENSAGEM TEOLÓGICA?

Somos tentados a considerar que, nas duas estátuas, a mensagem religiosa, que repousa sobre o contraste entre a melancolia do rosto da mãe e o encanto do menino, está largamente implícita e, portanto, que a Virgem de

Valmont testemunharia certo desencanto religioso a acompanhar o fim do gótico; a de Lecomte, por sua vez, parece ser bastante típica da sensibilidade do século XVIII que redescobriu a mulher e o menino, mas não exprime sentimento religioso profundo.

Entretanto, para a Virgem de Lecomte a mensagem teológica é transparente se levamos em conta o baixo-relevo diante do altar representando a veneração do Cristo morto pelas santas mulheres, que parece, aliás, inspirar-se no tema iconográfico da *pietà*. Assim, estátua e baixo-relevo resumem a história da salvação: Encarnação e Redenção.

O menino que chupa o indicador, e não o polegar, poderia até ser interpretado teologicamente, pois que o indicador é o dedo que, posto sobre os lábios, significa a vontade de silenciar. Seria, portanto, evocado aqui o silêncio do Verbo encarnado. Neste caso, a figura de Cristo-menino juntar-se-ia ao texto de Filipenses 2, 6-11:

“Ele tinha a condição divina... esvaziou-se a si mesmo... tornando-se semelhante aos homens”...

Mas seriam necessárias fontes explícitas para sustentar tal interpretação.

Resumindo: A Virgem de Lecomte se inscreveria numa tradição iconográfica normanda, ilustrada por uma estátua do século XV e outra do século XVIII, sendo que a estátua de 1357, reutilizada em 1637, serviu de modelo hipotético para as ambas as obras.

ARTISTAS INSPIRADOS PELA VIRGEM DO VOTO

Se a tradição na qual se inscreve a Virgem de Lecomte é largamente hipotética, sua posteridade estética e devocional parece bastante importante, como procuraremos demonstrar abaixo, explorando essencialmente os recursos do site internet do Inventário dos monumentos históricos¹⁵.

Podemos, em primeiro lugar, distinguir uma posteridade artística, mais cuidadosa de inspirar-se em Lecomte que de copiá-lo servilmente e trabalhando sobre materiais nobres. Assim o site dos museus de Haute-Normandie apresenta uma “Virgem do voto” em marfim, de 13,2 cm de altura, conservada no castelo-museu de Dieppe, evidentemente copiada da Virgem de Lecomte. O mesmo museu de Dieppe adquiriu recentemente outra cópia, assinada Brunel, de marfim, de 34 cm, com data de 1857. Uma terceira estátua de marfim inspirada em Lecomte, de 13,2 cm de altura, sem autor, mas provavelmente do ateliê de Brunel, figura também nas coleções de Dieppe. Podemos, portanto, supor que, do fim do século XVIII até cerca de 1860, encontrou-se uma produção de estátuas de marfim copiando a Virgem de Lecomte, como testemunham as três amostras acima. Se elas puderam servir para uso devocional, devido ao seu tamanho, este devia ser privado e reservado à certa elite. Na Nor-

mandia ainda, o Inventário dos monumentos históricos assinala em Préaux, perto de Rouen, uma estátua de tamanho natural (160 cm), em terracota, e indica com precisão que foi em 30 de julho de 1780 que os tesoureiros e habitantes decidiram mandar fazer essa cópia.

Encontramos também certa quantidade de estátuas de igreja, de feitura mais ou menos grosseira, aparentemente obras de artistas locais ou regionais. O serviço regional do inventário do Limousin apresenta uma Virgem com um menino, dita Virgem de Lecomte, em Nigremont: 104 cm de altura, em madeira pintada (polícromada) e com data da primeira metade do século XIX. Se a atitude da Virgem e seu vestuário são muito inspirados em Lecomte, o Menino Jesus, muito mal esculpido, como o conjunto da estátua, está sentado e abre os braços num gesto de acolhida. Na mesma região, em Felletin (Creuse), uma “Nossa Senhora do Bom Socorro” talhada em madeira policromada, de 81cm de altura, datando do século XIX, é cópia fiel daquela de Lecomte. Uma terceira estátua está assinalada em Lit e Mixe, nas Landes (sul de Bordéus) em madeira dourada, de aproximadamente 1m de altura. É da metade do século XIX. Enfim, há na Abadia de Tamié, na Alta Savoia, uma estátua de 140 cm, cópia em madeira da de Lecomte, oferecida pela paróquia de Ugine, próxima da abadia, em 1930.

¹⁵ Pode-se acessar o site “*Inventaire des monuments historiques. Base Palissy*” ou, mais simplesmente, “*Vierge de Lecomte*”.

Era então policromada. Um monge da abadia decapou ou raspou a pintura e recolocou o braço esquerdo que havia sido quebrado¹⁶. Nada conta sobre a origem dessa estátua, mas ela data provavelmente do século XIX.

O artista provavelmente tomou por modelo a estátua conservada na igreja paroquial de Verrens, sobre a estrada da colina de Tamié, a uns 10 km da abadia. É de gesso, com cerca de 97 cm de altura e pode ser datada da metade do século XIX. O véu, a roupa de Maria e a roupinha do menino Jesus são dourados e seus rostos pintados de cor clara. A estátua não tem dorso: um simples véu cobre um amplo orifício oval que vai dos ombros até os pés¹⁷.

AS CÓPIAS EM GESSO DA VIRGEM DO VOTO

Parece que as empresas de arte são-sulpicianas tiveram interesse pela Virgem de Lecomte, se acreditarmos no número relativamente elevado de cópias em gesso de 96-99 cm¹⁸, reenseadas pelo inventário dos monumentos históricos.

Assim, em Saulgé (Viena), o priorado Saint Divitien possui uma cópia de 99 cm de altura, com data da metade do século XIX. Em Potherie-Mathieu



Virgem de Verrens (Savoia)

(Eure), a igreja paroquial Saint Pierre tem uma estátua moldada em gesso de 97 cm de altura. A Direção do patrimônio da Aquitânia apresenta outra

¹⁶ Site da internet da abadia de Tamié.

¹⁷ Quando de minha visita, a 12 de agosto de 2011, essa estátua, colocada normalmente sobre o altar da Virgem, estava na sacristia para ser transportada a Lião, a fim de ser restaurada.

¹⁸ Essas diferenças de altura são devidas aparentemente à dificuldade de medir com exatidão com meios rudimentares.



Belley. Irmãs Maristas

Virgem dita de Lecomte, em Tournon-d'Agenais, moldada em gesso, de 98

cm de altura, da metade do século XIX. A atitude da Virgem e sua veste são, lá também, idênticas às da estátua original, mas o menino está sentado nos braços da mãe e abençoa com a mão direita, estando com o braço esquerdo quebrado. Na paróquia de São Luís de Monferrand, perto de Bordéus, o altar da Virgem apresenta uma cópia fiel àquela de Lecomte, que parece do mesmo tamanho: cerca de 100 cm. Outra estátua, bastante estragada, me foi indicada na mesma região, em São Jerônimo de Escalans, e mais outra em Grésillac (Gironde)¹⁹. Nas Irmãs Maristas, em Belley, figura uma estátua pintada de branco, de 96 cm de altura²⁰, e um modelo semelhante se encontra na igreja de Coutouvre, paróquia natal de Jeanne-Marie Chavoïn, fundadora das Irmãs Maristas. Há outra em Nova Zelândia, certamente levada por um missionário marista depois de 1836²¹.

Descobri ainda outra estátua de 96 cm na igreja de Saint Christophe-la-Grotte (Savoia). Foi pintada de branco bem recentemente, e o braço esquerdo do menino Jesus está quebrado. Conforme a tradição oral, teria sido dada pelo mosteiro da Grande Cartuxa, convento próximo da paróquia. No próprio convento há uma estátua semelhante, mas de 75 cm de altura²².

¹⁹ Essas três estátuas me foram obrigatoriamente indicadas por M. Rambert Christophe, do Serviço Regional de Inventário da Aquitânia. Aparentemente, o Inventário-geral não as repertoriou como sendo Virgens inspiradas em Lecomte. Não conhecemos, portanto, suas dimensões exatas nem sabemos de que material são feitas.

²⁰ O braço esquerdo do menino Jesus, quebrado, foi muito mal reconstituído.

²¹ Ignoramos sua exata dimensão.

²² Carta do Irmão arquivista.

Graças a M. Jacques Delen, leigo marista, conheço outra dessas estátuas num mosteiro de Trapistas, em Chimay, na Bélgica²³, cujo itinerário pode ser descrito assim: religiosas da abadia cisterciense de Gomerfontaine (1207-1792) na comuna de Trie-la-ville (Oise), pertencente então à diocese de Rouen, fo-



S. Christóvão la Grotte. Savoia. Foto Lanfrey



Chimay. Bélgica. J. Delen

ram dispersas pela Revolução. Elas se reconstituem em Nesle, na diocese de Amiens, de 1804-1816, depois se instalam em Saint Paul-aux-Bois na Picardia, na diocese de Soissons onde ficam até serem exiladas da França, em 1904, após os decretos anticongregacionistas. Nessa data a estátua, adquirida numa época indeterminada, é confiada a uma família que a restituirá em 2007. É pintada de azul e branco. Pode-se supor que foi adquirida lá pela metade do século XIX.

Um amigo de M. Delen ainda fotografou uma dessas estátuas no castelo de Clermont, na Alta Savoia, que

²³ Pelas últimas notícias, essa estátua foi transferida para as Trapistinas de Arnhem nos Baíses Baixos.

parece do mesmo tamanho²⁴. Enfim, a igreja de Ars, aquela de João Maria Vianney, perto de Lião, conserva uma estátua de 99 cm, recentemente restaurada, sendo o véu da Virgem dourado e o vestido, vermelho.

Essas estátuas, de pouco menos de um metro, parecem corresponder a três tipos mais ou menos fiéis ao modelo original. Já vimos que certas estátuas representam o Menino Jesus sentado e abençoando, mas outras revelam uma diferença mais sutil no tratamento da vestimenta do Menino Jesus. Em Lecomte, é uma simples faixa de pano cobrindo a coxa direita do menino e descendo entre as pernas, deixando a coxa esquerda descoberta, de sorte que ele parece quase nu. As estátuas de Ars e de Clermont parecem seguir esse modelo, mas as outras apresentam um Menino Jesus vestido com uma espécie de roupinha cobrindo o baixo ventre e as duas coxas do menino, tratado de maneira variável conforme as estátuas: o véu tênue em Belley e em St Christophe la Grotte, torna-se estofado muito importante na estátua de Chimay²⁵.

Acreditamos que as estátuas que apresentam um Menino Jesus praticamente nu poderiam ser anteriores àquelas que o cobrem com uma roupinha. Nesse ponto temos um

indício porque Catherine Lassagne, testemunha da vida do Cura d'Ars declara: "M. Vianney tinha, no começo, comprado uma estátua da Santa Virgem com o Menino Jesus" e acrescenta que essa estátua "está agora num nicho ao lado da capela da Santa Virgem"²⁶. O pároco de Ars tendo chegado em 1818, pode-se supor que a estátua atual, que ocupa sempre o mesmo nicho, pôde ter sido adquirida de 1820-25. As estátuas do Menino Jesus mais vestido datariam de preferência da metade do século XIX e viriam de um ateliê de arte são-sulpiciano.

AS ESTATUETAS DE GESSO

Quanto às cópias da Virgem de Lecomte, de mesmo tamanho que as dos Irmãos Maristas, de gesso, moldadas bastante grosseiramente, com cerca de 75 cm de altura, o Inventário-geral parece não assinalar nenhuma. Muitas razões podem explicar esse fato: seu baixo valor artístico, a falta de acabamento do Inventário, o fato de os inquiridores não descobrirem a relação com o modelo. Outra razão me parece determinante: essas estátuas são, desde a origem, particularmente adaptadas a um culto privado ou conventual e, portanto, de acesso difícil. O fato é

²⁴ Um Irmão me indicou a presença de outra cópia em N. Dame du Laus, santuário dos Alpes do Sul, mas não verifiquei.

²⁵ Mas a policromia talvez acentue essa impressão.

²⁶ Citado em Mons. René Fourrey, *Le cure d'Ars authentique*, Éditions L'Échelle de Jacob, 1989, p. 126, nota 440.

que hoje eu conheço quatro dessas estátuas: duas com os Irmãos Maristas, uma no mosteiro da Grande Cartuxa, e outra no convento dos Santos Anjos de Mâcon. Tendo podido observar três dessas quatro estátuas, constatei que em cada uma delas Jesus veste uma espécie de roupinha que lhe cobre a parte inferior do corpo e ambas as coxas.

PEQUENA SONDAAGEM SOBRE AS ESTÁTUAS DOS IRMÃOS MARISTAS

O Ir. Carazo atribui à estátua de Roma uma altura de 75 cm e apenas 68 cm à de l'Hermitage, o que sugere que as duas estátuas não vêm do mesmo autor. A meu pedido, os Ir-



Virgem. Santos Anjos de Mâcon (França)

mãos Antonio Martínez Estaún e Juan Moral mediram a estátua de Roma e eis os resultados de suas medidas:

“O pedestal da estátua mede 3,6 cm. Realizamos essa medição sobre a parte frontal, ante os pés da estátua. Para dizer a verdade, o pedestal não tem largura uniforme e precisa em toda a sua estrutura devido à pintura, mas pode-se estimar que essa medida é válida para todas as faces do paralelepípedo que serve de base à estátua. Sem contar os 3,6 cm, do pedestal, a estátua mede 70 cm. A altura total da obra é, portanto, 73,6 cm.

Quanto à observação do interior da estátua, devo dizer que não é possível avaliar a olho nu. Na base da estátua observa-se um buraco cônico de cerca de 2 cm na parte exterior, e um pouco menos na parte interior. Através do buraco não se pode apreciar o que há no interior sem introduzir na cavidade algum instrumento munido de uma fonte luminosa que nos ajude a fotografar ou a observar diretamente a estrutura da composição dentro. Pareceria que a base do pedestal tenha sido coberta por uma grossa camada de gesso para fechar uma cavidade existente. A camada de gesso acrescentada é visível sobre os rebordos grosseiros que ficaram depois da aplicação da pasta. Sobre o material utilizado para a cobertura empregou-se uma camada de pintura similar à das partes visíveis do pedestal. A abertura feita no centro da base permite ver facilmente a espessura da camada de gesso aplicada. E pode-se apreciar perfeitamente a cor branca desse material.

Uma operação semelhante foi feita em l'Hermitage na mesma data (fim de janeiro de 2011) e o quadro seguinte dá os resultados obtidos.

	Hermitage. Estátua do Oratório (antiga)	Hermitage. Estátua da sala de Conferências (cópia recente)	Estátua romana
Altura do pedestal	3,5 cm	4 cm	3,6 cm
Estátua + pedestal	71,5 cm	72,5 cm	73,6 cm
Profundidade da cavidade no interior da estátua	71 cm	64,5 m	Escondida por uma placa de gesso
Qualidade do gesso	Muito rugoso	Bastante liso no interior, mais rugoso na orla	Não visível
Inscrição no interior	Inscrição a lápis parcialmente apagada: "(s)tatue du Bx (fo)ndat(eur) ²⁷ "	"Nossa Boa Mãe cópia do original de l'Hermitage janeiro de 1989 Ir. Esteban Martín"	Nenhuma inscrição indicada ²⁸

A diferença de altura entre as estátuas antigas é, portanto, pequena: cerca de 2 cm. Ela pode provir, aliás, do caráter artesanal da moldagem que faz com que nenhuma estátua seja absolutamente idêntica a outra e também de certa aproximação nas medidas, dificilmente evitável. A priori as duas estátuas antigas poderiam vir do mesmo ateliê e ser quase contemporâneas, mesmo se não tiveram o mesmo acabamento. Por exemplo,

para uma o interior está escondido por uma placa de gesso, ao passo que para outra o material permanece em estado bruto, como ao sair do molde.

O Ir. A. Carazo, que reencontrei em l'Hermitage em julho de 2011, relatou-me que quando viu a estátua de l'Hermitage antes que fosse feito um molde, esta não estava no mesmo estado de hoje, daí a diferença nas medidas então constatadas.

²⁷ Essas palavras, aliás, foram muito bem inscritas na época em que a estátua serviu de modelo para a realização de uma cópia. Serviram para diferenciar as duas estátuas.

²⁸ Mas sobre a dianteira do pedestal está colado um papel parecendo ser do século XIX: "Foi diante desta estátua que a questão das meias de pano foi resolvida na capela de l'Hermitage, em 1829".

UM ATELIÊ EM L'HERMITAGE

Mas esse problema parece, em síntese, um anexo, porque uma passagem da Vida do Ir. Boaventura (1804-1865)²⁹ faz refletir. Entrado no Instituto em 1830, tornou-se mestre dos noviços por volta de 1883³⁰. Ora,

“um dia o Padre Champagnat encontrando-o ocupado em ajudar um operário que fazia em gesso estátuas da Santa Virgem, lhe disse: Irmão Boaventura, não é verdade que tal molde, tal estátua? Pois bem! Lembre-se que você é o molde dos Irmãos, o molde de toda a congregação”...

Entre 1833 e 1840 foram, pois, fabricadas em l'Hermitage estátuas da Santa Virgem em gesso. O caderno de contas das receitas de l'Hermitage, começado em 1835, traz mesmo as precisões seguintes quanto à venda de algumas delas:

- 27 de março de 1838: “recebido por 3 estátuas: 9 F.”
- 7 de maio de 1838: “recebido (o preço) das estátuas: 4.75 F.”
- 25 de junho de 1838: “recebido por uma estátua: 0,60 F. do Ir. Boaventura: 1.15 F.”
- 8 de agosto de 1838: “por uma estátua: 3 F.”

Uma última venda está indicada a 11 de maio de 1842: por vendas de estátuas: 5 F.”

Seria, portanto, no decorrer do ano de 1837 e no começo de 1838 que se deveria situar a lição dada pelo P. Champagnat ao Ir. Boaventura e a constituição de um estoque de estátuas que são muito provavelmente as da Boa Mãe.

A QUESTÃO DO MESTRE DE OBRA E DO MOLDE

O registro das despesas indica o nome de Antoine Robert, engessador de Saint Chamond³¹, na fase que precede e acompanha a venda das estátuas. Que se julgue:

- 23 de maio de 1837: “(dado) ao Ir. Estanislau para pagar Robert, engessador: 40 F.”
- 4 de julho de 1837: “Dado a Robert como pagamento: 27,75 F.”
- 5 de agosto de 1837: “Dado a Robert pelo gesso: 18 F.”
- 23 de outubro de 1837: “Dado a Roberto por 4 sacos de gesso a 3 F o saco: 12 F.”
- 16 de janeiro de 1838: “Dado a Robert por 4 sacos de gesso cinzento que nós temos: 12 F.³²”, ao mesmo tempo que se indica uma compra de 7 sacos de gesso cinzento por 6 F.
- 19 de abril de 1838: “dado para comprar gesso: 6 F.”

²⁹ *Biographies de quelques frères*, 1868, p. 110.

³⁰ Ver *Répertoire des Lettres*, p. 99.

³¹ Esse Robert está muito presente na conta das despesas desde o começo: em 22 de abril de 1826 o registro declara entregar 100 F. a Antoine Robert, engessador de Saint Chamond e, no começo de maio, 600 F. Essas somas são certamente devidas aos trabalhos de arrumação de l'Hermitage. Robert aparece 2 vezes em 1830 (95 F.) e uma vez em 1833 (26,50 F.).

³² É possível que a mesma despesa tenha sido indicada duas vezes.

Notar-se-á que até 5 de agosto Robert é pago por uma obra, mas que depois ele se contenta com entregas entre 5 de agosto de 1837 e 19 de abril de 1838 que se explicariam, portanto, pela moldagem de estátuas. E o ator principal dessa empresa parece ser o Ir. Boaventura realizando ou fazendo realizar um molde a partir da estátua do Pe. Champagnat e tirando grande número de cópias.

Estamos, ademais, numa época em que o Instituto precisa de estátuas não apenas para a casa-mãe, mas também para as escolas, e se pode pensar que a procura de l'Hermitage tenha tido à disposição das comunidades esse gênero de estátuas, menos custosas e de tamanho bem adaptado aos oratórios e às salas de aula. Nessa hipótese, a estátua de l'Hermitage seria uma cópia da estátua do Pe. Champagnat e uma réliquia de um molde bastante difundido entre nós, depois suplantado progressivamente por novos tipos mais em moda. Em suma, a multiplicação atual de estátuas da “Boa Mãe” apenas retomaria uma tradição primitiva. O Ir. Carazo, aliás, sugeria uma hipótese nesse sentido.

Se supusermos um saco de gesso por estátua, o que parece um máximo, isso faria uma coleção pelo menos de 15 estátuas. Aliás, as contas das receitas evocam a venda de 11

estátuas a um preço entre 2,5 e 3 Francos por peça. Preço tão baixo sugere que as estátuas feitas deviam ser de qualidade bem medíocre e sem pintura.

A ESTÁTUA DE MÂCON

O Ir. Claudino Falchetto me indicou a presença de uma estátua da “Boa Mãe” na cidade de Mâcon³³, na casa-mãe das Irmãs dos Santos Anjos, fundadas em 1844, mas tendo hoje apenas Irmãs brasileiras. Tendo entrado em contato com a Irmã Maria Theresinha Falchetto, mana do Ir. Claudino, pude ver essa estátua posta numa gruta artificial do jardim das Irmãs. Pintada de branco, mede 74 cm com seu pedestal que não é quadrado, mas redondo, bastante alto: cerca de 7 cm. A comparação com as outras estátuas mostra que os pés da Virgem e a parte inferior do vestido foram mergulhados nessa base e uma folha de árvore foi moldada na parte inferior do vestido, sobre a própria base. Enfim, a parte inferior do pedestal, completamente fechada, leva um nome gravado à mão livre que é provavelmente o do realizador ou do reparador da estátua: G. Hocpuet. Mas não há nenhuma data e esse patronímico parece muito raro.

Uma notável biografia da fundadora³⁴, Barbe-Élise Poux (1797-1855), quase contemporânea de Marcelino Champagnat, nos fornece, porém, indí-

³³ A 80 km ao norte de Lião.

³⁴ Padre Jean Ladame, *Éducatrice et fondatrice au XIX^e siècle, Mère Marie Saint-Michel Poux*, 356 p.

cios. Jurassense, B. E. Poux funda em 1822 uma escola em Poligny para as meninhas da classe média. Caindo doente, seus alunos empreendem “uma novena diante da estátua da Santa Virgem e obtêm sua pronta cura. A estátua, de repente, foi declarada milagrosa, e a Irmã Franco (a cronista) nos diz que ela é preciosa-mente conservada na casa-mãe” (p. 65). Mas essa estátua, que figura ainda na sala da comunidade das Irmãs, é de pedra, bem menor que a “Boa Mãe”, e o Menino Jesus tem uma pomba nas mãos.

Para explicar a presença dessa réplica da “Boa Mãe” em Mâcon, outra pista parece possível: a prática do mês de Maria. Com efeito, instalada em 1831 em Lons-le-Saulnier, cidade situada ao pé do maciço montanhoso Jura, B. E. Poux continua sua obra educativa com a ajuda de uma comunidade de mulheres aspirando à vida religiosa e introduz no seu pensionato a prática do mês de Maria, até então desconhecida em Lons, cujos exercícios se realizam no oratório ao redor de uma estátua da Santa Virgem enfeitada de ramos e de estrelas (p. 75). Em 1832 a cerimônia se realiza na paróquia: “na frente do coro da igreja uma estátua foi colocada num pedestal” (p. 83).

Tendo fracassado sua fundação em Lons, B. E. Poux recomeça uma fundação em Morez, no coração do

Jura, e lá instaura também o mês de Maria. Com a consolidação de sua comunidade, ela instala em Mâcon, em 1844, uma segunda casa. Em 1845 instaura no pensionato o mês de Maria: “No meio de panos e de flores, é colocada uma bela estátua da Virgem” (p. 212).

Parece-me, pois, razoável supor que essa estátua da “Boa Mãe” de Mâcon fosse utilizada para a celebração do mês de Maria, talvez desde a época de Lons-le-Saulnier. Pode-se até pensar que os deslocamentos frequentes da estátua tenham causado danos, precisando de uma restauração da base. É possível que atualmente exista em Mâcon uma estátua semelhante à da Boa Mãe do Pe. Champagnat, cujo modelo parece datar dos anos de 1830³⁵.

CERTEZAS E HIPÓTESES

Convém agora fazer o cálculo a fim de distinguir certezas e hipóteses. Para as certezas: os trabalhos do Ir. A. Carazo mostram que a “Boa Mãe” de Roma deve datar dos anos 1820. Outras estátuas de gesso da Santa Virgem foram feitas em l’Hermitage nos anos 1837-38.

Passemos agora às hipóteses. O Pe. Champagnat teve de se procurar sua estátua num mercado de artigos religiosos, ao passo que a estátua da

³⁵ É útil notar que, quando da revolta das meias de pano em 1829, o Pe. Champagnat faz erigir na capela um outro altar mariano fortemente iluminado, como nas práticas do mês de Maria.

Boa Mãe de l'Hermitage deve ter sido feita em 1837-38 pelos cuidados do Ir. Boaventura, graças a um molde confeccionado a partir da estátua do Pe. Champagnat. Essa diferença de origem explicaria a presença de uma placa de gesso sobre o pedestal da estátua romana e sua ausência para a segunda.

É possível que desde essa época a estátua exista também em versão maior, mais adaptada às paróquias e certamente mais cara, como testemunharia a compra feita por Jean-Marie Vianney nos anos de 1820-30.

Resta o problema da pintura das duas estátuas. É claro que a da estátua de Roma revela a qualidade de um artista, ao passo que a de l'Hermitage é muito grosseira. Mas de quando data essa pintura? É possível que a estátua do Pe. Champagnat fosse originalmente branca, portanto, pouco custosa numa época em que não era rico³⁶. Aliás o original em mármore de Lecomte é branco, ao passo que as cores escolhidas para a estátua (manto azul bordado de motivos dourados e vestido branco) evocam um gosto pela tradição medieval ainda ausente por volta de 1820, mas muito presente nos anos de 1840.

Um trabalho de restauração da estátua primitiva pode ter ocorrido lá por 1837-38, depois que ela serviu para

moldar novas estátuas, e o pintor poderia ter sido Ravery. Naquela época este trabalhava na decoração da nova capela de l'Hermitage, construída em 1836, e o registro das despesas menciona as somas que lhe foram pagas para essa importante obra:

- 16 de julho de 1837: "Dado a M. Ravery: 300"
- 12. de setembro de 1837: "Dado a M. Ravery para depósito: 300"
- 7 de abril de 1839: "A Ravery para depósito da pintura: 100"
- 13 de junho de 1839: "A Ravery como pagamento da pintura, etc.: 400"

A pintura da estátua da Boa Mãe poderia estar compreendida nessas quantias num momento em que o Instituto, após 20 anos de existência, dispõe de mais meios e se preocupa de manifestar artisticamente sua tradição.

CONCLUSÃO

Como sempre acontece, uma pesquisa resolve certo número de questões e levanta outras novas. No que concerne ao Instituto, devemos considerar que ele possui duas estátuas antigas da "Boa Mãe", mas com características muito diferentes. Sobre a autenticidade e antiguidade daquela de Roma não há nenhuma dúvida.

³⁶ Vida de Champagnat, 1ª parte, cap. 7, p. 342: « Ele mesmo erigiu no seu próprio quarto um altarzinho sobre o qual pôs sua estátua » e instaura o mês de Maria (p. 343).

Quanto à de l'Hermitage, embora imperfeitamente documentada, parece merecer de ser considerada como uma peça rara, datando do tempo do Pe. Champagnat e testemunhando a devoção mariana dos Irmãos, talvez ligada à prática do mês de Maria.

Num contexto mais geral, parece que bem cedo após a Revolução haja funcionado um ateliê de moldagem de estátuas menores do que aquelas

do modelo de Lecomte, abastecendo os armazéns de arte religiosa. Aliás, as circunstâncias se prestavam a isso: após uma fase iconoclasta que havia destruído ou dispersado o mobiliário das paróquias e dos conventos, esse material permitia restabelecer uma peça importante de modo rápido e barato, inscrevendo-se também em continuidade com a sensibilidade estética do século XVIII ainda bem próximo.



Nossa Senhora de l'Hermitage. Cópia. XX século. Foto Binaud

O PROJETO DA HISTÓRIA BICENTENÁRIA



Michael Green,
fms

Em janeiro de 2017, vão transcorrer os duzentos anos da data em que Marcelino Champagnat convidou o jovem Jean Marie Granjon e o rapaz de catorze anos Jean Baptiste Audras, oferecendo-lhes como residência uma pequena casa na vila de La Val-la. A tradição sempre entesourou esse momento como a fundação do Instituto. Nos dois séculos seguintes, a modesta semente lançada naquela terra da França cresceu e floresceu como árvore magnífica. Hoje, a instituição atinge mais de oitenta países; ela compromete milhares de Maristas, Irmãos e Leigos, no nobre projeto de tornar Jesus Cristo conhecido e amado pela juventude. O nosso próximo bicentenário representa a pedra de toque que nos convida à reflexão, à alegria e ao restauro das nossas forças. Uma das formas de consolidar e impulsionar tudo isso consiste em realizar a escrita e a publicação da história do Instituto de 1817 a 2017.

Não temos ainda uma história abrangente e analítica dos Irmãos Maristas, embora haja todo um conjunto de pe-

quenas histórias escritas e alguns estudos de peritos para períodos completos ou setoriais da nossa realidade. Nos Arquivos da Casa mãe, em Roma, encontram-se sete volumes manuscritos, ainda inéditos, que foram redigidos nos quinze anos próximos do primeiro centenário de 1917. O autor é o Irmão Marie Nice, AG. Ele escreveu isto no tempo das leis de secularização de 1903 e da primeira Guerra Mundial de 1914-1918; forneceu-nos, em dramática perspectiva, um esboço e comentário dos cem primeiros anos de vida marista. Mesmo assim, há de ter sido a única tentativa deliberada de cobrir seriamente a história global do Instituto. Com a sabedoria de visão possibilitada pelo tempo, podemos agora lamentar que não tenha havido, em 1917, a decisão de escrever-se uma história oficial de maior profissionalismo do que foi feito. Agora tal omissão torna mais laboriosa a incumbência de fazê-lo. Houve, sem dúvida, algumas curtas histórias, escritas em diferentes tempos; mas elas não foram mais que trabalhos informativos, às vezes destinados às casas de for-

mação ou às escolas; visou-se apenas dar aos jovens Irmãos e estudantes uma visão geral do desenvolvimento do Instituto. Certamente, não se pretendia fornecer alguma análise crítica ou questões de discussão. Muitas vezes o seu intento era primariamente o de motivar e inspirar.

A partir dos decênios de 1950 a 1960, tem havido bom número de estudos, o que deu um rigor acadêmico ao estudo do nosso passado, abordagem que não fora atingida nos trabalhos anteriores. A chamada biografia do padre Champagnat, escrita pelo Irmão João Batista, em meados do século XIX, era mais hagiografia que biografia, pelas exigências aceitáveis do leitor moderno. Do mesmo modo, a abordagem do Irmão Avito, no seu maior projeto dos Anais do Instituto, constitui propriamente a inserção dos seus julgamentos e comentários na narrativa. Isto, juntamente com o seu estilo coloquial e com a elasticidade ocasional da verdade, resultou em trabalho que pode ter comprometido o leitor, mas padece de maior cuidado acadêmico. Em contraponto, no passado meio século, tem havido razoável número de pesquisadores que abordaram a história marista como legítimos historiadores. Eles retomaram as fontes primárias e trataram delas com disciplina acadêmica, no escopo de desenterrar novas visões e desenvolveram novas interpretações. Eles focalizaram sobremodo, mas não só, os primeiros decênios do Instituto. Temos os frutos da sua pes-

quisa em teses, dissertações, artigos de jornal e, eventualmente, livros publicados.

Simultaneamente, diversas Províncias têm publicado as suas próprias histórias. Isto aconteceu especialmente nos dois últimos decênios, quando tais Províncias lograram estágios significativos na sua história, em particular pela celebração do seu centenário de fundação. Muitas vezes, esses livros foram escritos por historiadores profissionais ou por Irmãos habilitados em bem fazê-lo. Disso resultaram excelentes publicações.

O Instituto, portanto, no último meio século, acumulou respeitável e não pequena coleção de valiosos estudos, projetos de pesquisa, artigos, e também livros que relatam os aspectos da sua história, com a história de várias regiões. Falta, porém, alguma integração deles ou algum trabalho que efetivamente reúna toda a pesquisa desses decênios e ofereça certa narrativa global e análise crítica dos temas mais importantes disso tudo. O bicentenário marista propicia a oportunidade tempestiva para responder a tal desafio da nossa erudição histórica. Eis o que se torna o Projeto da História Bicentenária

Entre 2011 e 2016, este projeto vai ser empreendido de forma coordenada por diferentes pessoas do mundo marista. Vai resultar no que promete ser um adendo significativo no patrimônio do nosso Instituto, isto é, a sua primeira história completa.

QUAL É A FINALIDADE DE UMA HISTÓRIA ESCRITA? POR QUE PRECISAMOS ESCREVÊ-LA?

Algumas pessoas, de imediato, podem ser tentadas a duvidar do valor de tal projeto. Podem perguntar: Vamos empenhar grande esforço e recursos em algo que tende apenas a recolher o pó nas prateleiras das bibliotecas? A pergunta é legítima e merece resposta.

Há dois aspectos no projeto de história como o proposto: há primeiro o *processo* e depois o *produto*, ambos importantes. Começamos pelo produto; talvez seja o mais óbvio.

O resultado do projeto da história bicentenária é que o Instituto vai ter pelo menos novo livro significativo, talvez dois ou três, na dependência da decisão final quanto à estrutura do projeto. Este livro, ou livros, vão servir para diversos fins, como a seguir se explicita.

1. Vai ser uma história oficial dos Maristas, história vasta em extensão e profunda em análise crítica. Os benefícios de tal trabalho são tanto de curto como de longo prazo. No futuro imediato, ficará ao uso de qualquer interessado em aperfeiçoar o seu conhecimento e compreensão da história marista, ou algum aspecto dela. Como outro texto de importância, não constitui necessariamente obra para ser lida de capa a capa, senão um livro para leitura seletiva, com algum fim específico, em geral para pesquisa. Como tal, ele necessita ter extenso índice remissivo. Em prazo mais longo, ele adiciona ao corpo acadêmico do Instituto algo que cresce em estatura no perlongar dos anos e mesmo dos séculos. Uma vez escrito, é escrito para a eternidade: trabalho perdurável de erudição, que sucessivas gerações vão examinar e reexaminar. É um presente para a posteridade.
2. Ele vai ser, de igual modo, contribuição significativa para a história da Igreja. O desenvolvimento do Instituto tem sido modelado por grandes movimentos de espiritualidade, vida eclesial e nos desafios missionários dos dois últimos séculos. Tem havido um tempo de extraordinárias mudanças na Cristandade. Os Irmãos Maristas foram um dos maiores institutos apostólicos; ele surgiu no século XIX, dentro do Catolicismo europeu, como um dos poucos institutos masculinos sem sacerdócio. Pelo seu efetivo e pela sua difusão no mundo, entrou em contato com a maioria das questões com as quais a Igreja teve de lutar nos séculos XIX e XX. Por exemplo, nos primeiros decênios interagiu com as oscilações do secularismo francês, como igualmente com o crescente momento que marcou o grande *século mariano*. A sua expansão missionária foi parte da nova onda da atividade missionária europeia no século XIX e começo do século

XX. A sua resposta ao Vaticano II, tanto em termos de renovação da vida religiosa, quanto no seu comprometimento com as exigências batismais e responsabilidades do laicato, proveram um valioso estudo de alternativas para a Igreja contemporânea.

3. Mais amplamente ainda, a história bissecular dos Irmãos Maristas representa, por direito próprio, genuína história social. Este tem sido um dos momentosos períodos da história humana: um tempo que testemunhou revoluções sociais, culturais, econômicas e políticas; a transformação das nações em Estados; industrialização; guerras catastróficas; ascensão e queda do comunismo; emergência das democracias seculares; difusão universal da educação; globalização; descolonização; comunicação e revolução digital; migração e contato intercultural; emergência do pensamento pós-moderno e pós-cristão; o chamado choque das civilizações; explosão exponencial do conhecimento humano e da tecnologia. A história marista proporciona uma como lente, através da qual se pode ver a sociedade em detalhe, porque o Instituto se comprometeu ampliada e diversificadamente. De modo peculiar, esta lente tem sido a educação. Como organização, cujo foco primário de atividade tem sido a educação das crianças e jovens, os Maristas se valem de prisma particularmente interessante para

observar a realidade em que vivem e trabalham.

1. O quarto fim, embora seja de ordem menor, é aquele do interesse humano geral e até da sua inspiração. A história marista pode ser apresentada como nobre empenho humano, empenho levado a termo por milhares de pessoas ordinárias que, coletivamente, realizaram coisas extraordinárias. A contribuição que mais de seiscentas escolas de Irmãos fizeram na França do século XIX e os homens que levaram a cabo tal contribuição é uma história que merece ser conhecida. O envio de homens jovens a distantes terras, os seus desempenhos inventivos e por vezes heroicos, os seus insucessos e os seus êxitos, são coisas de interesse fundamental e obrigatório. As futuras gerações merecem conhecer o que tais pessoas fizeram, na sua qualidade de educadores, como construtores, como missionários e como maristas. Em muitos países, os Irmãos Maristas representaram significativo papel na promoção da sociedade, incumbência que continuam cumprindo. Esta é uma história que merece ser narrada, estes são feitos credores de respeito e divulgação.

Do produto físico do projeto de um ou mais livros vai resultar outra profunda vantagem, inerente ao próprio processo de levar a bom termo a empreitada. Pela razão pela qual Platão considerava que a vida *sem reflexão não merece*

ser vivida, o Instituto tem muito que lucrar com a profundidade e amplitude da pesquisa, por causa da forte interação das ideias e do rigor acadêmico que vão ser aplicados neste Projeto de história. Há quatro aspectos deste processo que podem ser realçados, o que se explicita em seguida.

a) *Perspectiva longitudinal*

O Instituto, por certo, não é um grupo que avança sem ampla autoanálise e discernimento. Acontece tal exame em todo o Capítulo geral, em toda a Circular do Superior geral, em todo o encontro de uma comissão ou força tarefa. Em nível local, de igual modo, há Capítulos Provinciais e Distritais, bem assim numerosos comitês, comissões e conselhos. Inevitavelmente, porém, muito desse trabalho é limitado pelo tempo, lugar e temas do momento. É coisa pouco costumeira dar uns passos atrás para avaliar em perspectiva. Tipicamente, não é o historiador que é convidado para membro desses vários Capítulos e comissões ou, se for convidado, não estará aí como historiador, senão por outra qualificação ou habilidade que possa ter.

b) *Atenção para a história do todo*

Como se mencionou, houve algumas excelentes pesquisas e comentários nos últimos cinquenta anos. A maior parte deles, porém, focalizou Cham-

pagnat e o tempo da fundação. O mesmo grau de atenção e análise não foi empregado no final do século XIX e no século XX. As fontes primárias desses decênios permanecem quase intocadas pelos peritos; há muito material para a análise crítica. Para compreender o Projeto Marista no século XXI, importa estar bem informado por toda a história precedente, não apenas por aquela que parou em 1840. Marcelino foi fundador, mas partilhou tal fundação com outros, que a levaram adiante e passaram a interpretá-la e reinterpretá-la. A “essência marista”, hoje, define-se e pauta-se não apenas pelo tempo de fundação, mas é validada por tudo o que os Maristas têm feito, e como o fizeram, em muitos decênios posteriores.

c) *Visão integrada*

Enquanto algumas partes do Instituto foram bem servidas de crônicas da sua história provincial e regional, o Instituto como um todo carece de interpretação global da sua história. Vai ser um exercício proveitoso para os pesquisadores e escritores explorar as bordas da história marista, através de diferentes culturas e tempos, em busca de uma temática de convergência e de divergência.

d) *Rigor acadêmico.*

Instituto religioso de intuições apostólicas profundas, como o

dos Irmãos Maristas, instintivamente pode visar a atitudes e abordagens especialmente pastorais e pragmáticas. Talvez seja irônico que um grupo, que se dedicou primariamente à educação, tenha desenvolvido uma cultura que pode ser acusada de não ter feito pesquisas intelectuais de maior vulto. Não há dúvida de que os Irmãos Maristas tenham reputação de profissionais competentes, construtores de excelentes instituições acadêmicas e idealizadores de criativos e efetivos programas para a juventude. O lugar da erudição entre os seus membros, contudo, não é muito valorizado. Como consequência, o Instituto carece de literatura importante; nem sempre foi capaz de trazer o seu próprio discurso para o diálogo com os peritos de rigorosa e atualizada erudição em teologia, sociologia, antropologia, filosofia e história. Este Projeto de história bicentenária apresenta uma oportunidade de corrigir, em parte, tal insuficiência.

Quem é o alvo da leitura? Para quem vai ser escrita a obra?

O foco e escopo do Projeto vão ser notificados, antecipando as respostas das duas perguntas acima. Outra pergunta poderia ser esta: “Por quem queremos que a obra seja lida”? Também como modelar o Projeto de his-

tória como algo que atinja os fins que foram apresentados, vai ser igualmente importante considerar uma abordagem que atraia e comprometa o leitorado pretendido.

O primeiro grupo de pessoas a quem o trabalho é destinado são os Maristas. Incluem-se, por certo, os Irmãos, mas igualmente muitas pessoas que partilham com os Maristas a vida e a missão. É a história deles que está sendo narrada. É essencial que eles a conheçam e apreciem, de modo que possam transmiti-la aos outros, aos Maristas que vão substituí-los. Cumpre reconhecer que isso visa cobrir grande e variado grupo de pessoas: Irmãos jovens e velhos, leigos e leigas, educadores e jovens operários, gente de toda uma variedade cultural e lastro acadêmico. Seria desejável para outras pessoas, como a juventude estudantil, para que também colham os frutos do Projeto, interessando-os e desafiando-os.

Além da família marista, há o leitorado que cumpre encontrar na *Igreja ampliada* e na sociedade. As crônicas de duzentos anos da história marista, com a reflexão inerente, apropriada e crítica, vão ser do interesse de alargado espectro da Igreja, dos historiadores e do público em geral. Eles não vão procurar algo introspectivo ou mesquinho e afastado do que os preocupa; estão em busca de algo que ponha em diálogo a história marista com os profundos movimentos da Igreja e da sociedade. No escrever a história, muito importa que os

autores sejam capazes de fazer isso, caso a obra por fazer comporte o tipo de contribuição que se espera.

OPÇÕES DE UMA POSSÍVEL ESTRATÉGIA E ESQUEMA

Ainda há que decidir o formato e a extensão do Projeto da história centenária. No seu encontro em Roma de junho de 2010, a Comissão do Patrimônio Espiritual discutiu a matéria com certa abrangência e considerou diversas opções. A partir daí, os membros da Comissão continuaram a discussão por correio eletrônico. Algumas outras ideias emergiram. Abaixo constam três possíveis esquemas do Projeto, com alguns meios sugeridos para levar a termo cada um deles.

1. Esquema A:

obra em diversos volumes

Uma modalidade de estruturar o trabalho pode ser um projeto de três porções separadas, em três volumes. Cada parte focalizaria um setor, com diferente diapasão ou nível, visando atrair o leitorado deste ou daquele modo.

Volume 1 : Uma **história global marista**, em ordem estritamente cronológica. Cada seção ou capítulo descreveria uma fase particular ou algum maior desenvolvimento na história do Instituto e da sua missão. Seria texto acadêmico, de padrão reconhecido e em prática na escrita de história,

profusamente referenciado e indexado. Seria preferencialmente redigido por escritor singular, que trabalharia com um grupo editorial de referência. O volume representaria a história oficial. O livro que seria destinado preferentemente a pessoas eruditas.

Volume 2 : Um livro de **histórias regionais**, para traçar a história marista de vários países e grupos de países. As histórias teriam vários autores, designados e supervisionados por um editor, ou editores, para o livro todo. A abordagem, aqui, seria mais leve; por exemplo, com a inclusão de muitas fotografias. O livro seria endereçado a um leitorado mais geral. No seu estilo e aparência, tentaria comprometer tal leitorado. A autoria de cada capítulo teria o cuidado de seguir predetermined extensão e condizente formato. Não se repetiriam as histórias já publicadas e disponíveis no atinente a Províncias singulares e instituições; a autoria não se preocuparia com excessivos detalhes. Tratar-se-ia de permear a obra com certo sabor e sentir representativo do que aconteceu em cada país ou região.

Volume 3 : Uma **história temática**. *Este volume seria uma coleção de ensaios históricos,*

escritos de novo por autoria plural, que trabalharia supervisionada por uma pessoa ou equipe. A finalidade deste livro seria narrar a história multifacetada da vida marista e missão, e refletir, de modo crítico, em cada uma, mais especificamente do que seria possível no volume 1, e mais globalmente do que seria possível no volume 2. Exemplos de tais temas poderiam ser estes: a evolução das características e prioridades da missão educacional marista; o desenvolvimento da vida consagrada; a evolução da Regra Marista e das Constituições; o desenvolvimento da espiritualidade marista; a emergência da vida marista leiga; as mudanças de costumes e práticas no Instituto; as Circulares dos Superiores Gerais; a questão da ordenação sacerdotal; a história da formação inicial. Estas são apenas algumas sugestões; uma equipe editorial necessitaria chegar a uma seleção final. Os temas seriam abordados sob diversas perspectivas: histórica, teológica, espiritual, sociológica e antropológica. O escopo dessa abordagem é abranger os vários aspectos do Projeto, em termos seja do *produto* seja do *processo*, para que resulte em algo que um amplo leitorado possa achá-lo útil e interes-

sante. Seria, realmente, um projeto de importância; mas teria de ser uma obra levada a termo, com planejamento cuidadoso e operosa colaboração. O seu grande benefício é envolver muito pesquisadores e escritores. Seria um Projeto do mundo marista por inteiro. Isto vai exigir uma editoria geral para os três volumes e um Conselho Editorial.

2. Esquema B: Uma história integrada singular

Outra opção para o Projeto seria encarar o desafio em trabalho integrado. Esta opção seguiria uma estrutura predeterminada, aprovada por uma equipe editorial. A abordagem seria de tipo acadêmico, com ênfase não apenas no recontar a história de dois séculos, mas também proveria uma sólida análise crítica do evento. O trabalho seria uno, mas provavelmente vai requerer eixos limitados para tal análise, de modo que o texto compareça íntegro e lógico.

Nesta opção, haveria um historiador como autor singular, comissionado a escrever a história; ou uma autoria plural, autores encarregados a escrever seções, segundo uma acordada estrutura e estilo. Cada abordagem apresentaria argumentos favoráveis e desfavoráveis. Dependendo da extensão e do próprio plano da obra, haveria um ou dois volumes.

Esta opção proporciona uma abordagem mais direta. O plano e o acabamento seriam mais simples. Em contraponto, seria mais limitada no seu alcance e na acessibilidade do grande leitorado.

3. Esquema C: Uma mistura de gêneros e meios

A terceira opção seria realizar o Projeto da história mediante variado número de frentes, imaginando um resultado que se possa apresentar em formato de maior diversificação. Ao invés de dois ou três volumes de mesmo tamanho, o Projeto poderia cumprir os seus objetivos de vários modos, explicitados como segue abaixo.

- Uma história oficial, similar àquela descrita no Esquema B. A sua destinação seriam as prateleiras das bibliotecas e das coleções de peritos.
- Um livro de alta qualidade, publicado em estilo diferente, ao longo das linhas de uma edição atraente e solta. A opção comportaria forte ênfase ilustrativa, incluindo algum sumário de histórias regionais, bem como alguns interessantes fragmentos contidos nos encaixes de texto disseminados pelo livro. A sua destinação seriam as mesas da sala de estar da comunidade.
- Uma coleção digital, publicada em DVD, ou algo semelhante. Poderia incluir texto, pinturas,

vozes e *vídeoclips*. Seria algo interativo e próprio para um uso mais movimentado. A sua destinação seriam as aulas e as bibliotecas escolares.

Como no esquema A, esta opção tenta cobrir os muitos objetivos tanto quanto possível, e oferecer algo de interesse e seria usado para grupos muito amplos. Ainda assim, esta seria a mais complexa das opções.

Outras opções poderiam ser contempladas ou alguma mescla de opções. Qualquer que seja a opção por fim escolhida, vai ser necessário algum tipo de coordenação geral na forma de uma equipe do Projeto, ou Conselho editorial.

CONCLUSÃO

Em 1837, quando os sinais da doença que, depois, causaria a sua morte, eram evidentes, Marcelino Champagnat tomou importante decisão. Indicou o Irmão João Batista como o escritor oficial das crônicas do Instituto. Esta foi uma preciosa decisão do Fundador, pelo menos por duas razões, a seguir explicitadas.

1. A despeito de todas as dificuldades que ele há de ter tido e apesar de todos os desafios que o pressionavam e que lhe cabia enfrentar, como homem de ação, Champagnat via que era importante que a história fosse registrada formalmente, para que ser-

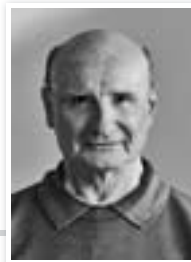
visse de reflexão. Aqueles que viriam mais tarde precisariam conhecer como foi o começo. Eles necessitariam apropriar-se da história como se fosse sua. Diferente de Colin, Champagnat não era nenhum homem de letras. Mas ele reconhecia o valor de que a história fosse escrita. No futuro, os Maristas tinham de herdar não apenas tijolos e argamassa, ou apenas a tradição oral e somente a informação viva dos discípulos; importava que herdassem também os eventos confiados a um sistema escrito.

2. Champagnat escolheu para a tarefa alguém que era capaz de cumpri-la e cumpri-la bem. João Batista era diferente de Marcelino em muitos aspectos: enquanto Marcelino era robusto de físico, João Batista era doentio, encur-

vado; Marcelino estava à vontade com o picão ou o martelo, enquanto João Batista manejava com mais gosto a pena de escrever no papel. Mesmo assim, Marcelino via neste homem a pessoa com a perspicácia intelectual para levar a bom termo a tarefa que tinha em mente, com o que prestou ao Instituto precioso serviço.

Fica bem que ponderemos uma intuição semelhante àquela de Marcelino, no atinente ao presente Projeto. O bicentenário da vida marista e da missão propicia-nos o valioso momento de designarmos uma equipe atualizada que faça as vezes de João Batista. As abordagens serão diferentes; devem ser mais inventivas, mas de idêntico intento. O Projeto vai proporcionar-nos algo de que ainda não dispomos.

O CARISMA MARISTA EM TERRAS MEXICANAS



Aureliano Brambila
de la Mora, fms

APRESENTAÇÃO

O acervo de documentos do México Marista é impressionante. Consta, entre outras coisas, dos três Arquivos Provinciais correspondentes à Província Mãe (Província do México) e àquelas das suas Províncias filhas: A Província do México Central e a Província do México Ocidental; da publicação mensal da Revista oficial de cada uma dessas três Províncias, de início com o título de “*Le Trait d’Union*”, em seguida com o nome genérico de “Ecos de Família” (e as suas condizentes variantes), desde 1945 até o início do ano 2000; dos três volumes da “História da Província do México” da Comissão Interprovincial de História; do livro dos “cem anos de Presença Marista no México” de Miguel López López/Luis Jesús Calderón Amaya; dos quatro volumes da obra do Ir. Ignacio Martínez Hernández, “Seguindo os seus Passos”; e dos próprios Arquivos de Cepam.

Ante essa riqueza imensa, e aproximando-se o bicentenário da fundação do Instituto dos Irmãos Maristas (1817-2017), decidi elaborar, com base nessas fontes, um trabalho que intenta narrar a sorte corrida pelo carisma dos Irmãos Maristas no México, desde 1899 até hoje. Implica dizer o que aconteceu a esse carisma no México e o que aconteceu ao México com este carisma. O enfoque deste trabalho é algo *sui generis*, porque se trata de distanciar-se das formas que reduzem os acontecimentos a crônicas e se privilegia uma apresentação por temas.

Finalmente, deseja-se que conste aquilo que foi solicitado à assessoria dos Irmãos Carlos Toral Gutiérrez e Hugo Jiménez Padilla, na revisão deste trabalho, e cuja valiosa cooperação se agradece mui sinceramente.

1. INTRODUÇÃO

1.1. A nação mexicana

Os Maristas chegaram ao México em plena ditadura de Porfirio Díaz. A mão forte do governo central produziu certa *pax porfiriana*, baseada na submissão. Ainda que seja certo que o progresso material saiu beneficiado, este não era partilhado por toda a população. Os setores operários, rurais e indígenas viviam marginalizados: caldo magnífico de cultivo para o estalido da revolução.

Apesar da imensidade do país, a terra própria para a agricultura no México não é muita. O seu litoral, tanto do pacífico como do Atlântico e do Mar de Cortés, compreende mais de dez mil quilômetros. Desse grande potencial, porém, não se retiram todos os benefícios que oferece. O petróleo, propriedade mítica da nação, constitui a sua riqueza singular, que lhe dá falsa sensação de segurança.

Torna-se interessante a narração que fez, em 1899, Manuel Maria Guerra, viajante espanhol, da impressão que lhe produziu o México, quando o visitou, precisamente no ano da fundação da obra marista no México.

“Figurai-vos um território, desenhado no mapa que tendes na frente, com a extensão territorial 1.946.292 quilômetros quadrados, com população de 12 milhões de almas, ou exatamente 11.601.347), segundo os dados mais recentes. Nessa extensão quase quádrupla do solo espanhol da península ibérica, vertei nele todas as bênçãos

do céu, todas as maravilhas da natureza e todas as virtudes da nossa raça, e tereis algo que se pareça a uma ideia do que é a República Mexicana. Colocada entre o centro e o norte da América, de sorte que vários geógrafos a consideram como parte de uma ou outra; com as suas costas abertas por um lado ao oceano Pacífico e por outro ao Atlântico, que recolhe o imenso golfo mexicano, encontram-se sobre os seus domínios desde o diminuto colibri de maravilhosa plumagem, até o enorme cetáceo que se arpoa nas congeladas ondas do grande oceano boreal. A densidade média da população é de 15 habitantes por quilómetro quadrado, correspondendo o máximo ao Distrito Federal, no Estado de Tlaxcala, enquanto o mínimo ao território da Baixa Califórnia. Dessa população 19% são europeus, 38% indígenas e 43% mestiços”. (Manuel Maria Guerra. *Un viaje por América*, 1899).

1.2. E os mexicanos

O mexicano é um ente formado de elementos indígenas e espanhóis. Naturalmente, há influência de outros países, como a França e os Estados Unidos.

Durante três séculos foi colônia espanhola. O povo indígena, ao qual se impuseram costumes e mentalidades diferentes das suas, para sobreviver teve de valer-se da simulação. Algo similar, guardada toda a proporção, pode dizer-se do povo crioulo, que começou a tomar distância do peninsular.

Desde o tempo da conquista, o mexicano padece de certo menosprezo de si, pelo complexo de inferioridade

que o leva a subavaliar-se, enquanto supervaloriza tudo o que é estrangeiro, sobretudo de países poderosos, como os da Europa e dos Estados Unidos. Mas guarda, paradoxalmente, fundos ressentimentos contra a Espanha, contra os Estados Unidos e a França, certamente devidos às guerras sofridas deles. O preço da guerra entre o México e os Estados Unidos foi enorme, nada menos que a metade do seu território.

As revoluções internas, constantes durante o século XIX, semearam divisões ideológicas marcantes. Isto convergiu na política para uma obstinação de classificar e discriminar. Assim, etiquetam-se os grupos mutuamente de “emissários do passado” e de “vendilhões da pátria”.

Existe um como laicismo galopante, praticamente ateísmo agressivo, nas esferas públicas. A postura anticlerical dos poderes públicos vem azeitando a relação com os crentes, que são, em maioria, católicos.

A escassa ou diminuta representatividade dos poderes públicos tem sido uma das constantes no México. O mexicano acata as leis emanadas, mas não as cumpre, pois sente que não refletem o pensamento da maioria. Foram elaboradas em centros afastados da realidade, desde o tempo colonial.

O federalismo, ao insistir na importância do regional, permite autonomia local. O mexicano sabe tirar partido das discrepâncias entre governo fe-

deral e estadual. O pouco apreço pelo Centro é algo que sempre afaga os poderes locais.

A flexibilidade do mexicano facilita a aceitação de pontos de vista por vezes opostos. O seu caráter não se dá bem com posturas rígidas. Procura sempre a forma de buscar acordo. Não se aferra a princípios, prefere a convivência. A sua maneira de dissentir é oblíqua e amenizadora.

Precisamente nesse afã de conviver com atitudes ideológicas diferentes, os mexicanos aprenderam que a postura anticlerical não se identifica, singela e francamente com o ateísmo. No anticlericalismo mexicano, há muitos elementos de ordem histórico-sociológica, diante do envolvimento da Igreja hierárquica nos processos da conquista, colonização e independência.

A postura anticlerical oficialista procede, em grande parte, de considerar o Papa mais como Chefe de Estado do que como líder espiritual. Dessa perspectiva nasceram muitos mal-entendidos. Os católicos são vistos como pessoas de dupla cidadania, a do México e a do Vaticano. E que, em caso de conflito, obedeceriam ao Vaticano. Isso faz duvidar do nacionalismo dos católicos.

Pela sua vertente aborígine, o mexicano é inclinado ao numinoso, ou esotérico, ou então ao transcendente. A sua veneração pelos antepassados o faz viver como num mundo dual de vivos e mortos. Tudo isso o familiariza com o pensar místico.

Ele crê em valores como a família, a religião e a pátria. Nossa Senhora de Guadalupe, portanto, lhe assentou como anel no dedo, porque, nas suas aparições, o trata como filho, fala-lhe de Deus e lhe pede um tempo, para ocupar-se maternalmente dele. Não deixa de ser significativo que o líder da independência, que era clérigo, tenha empregado um estandarte Guadalupano, para iniciar o movimento insurgente.

É possível que o México seja um dos países, depois de Espanha, Brasil e Austrália, que mais Irmãos Maristas nativos hajam subministrado ao Instituto. A devoção mariana dos Maristas atraiu muito a atenção dos mexicanos.

Quando começa a perseguição, os Maristas do México, em vez de ir embora do país, optam por não aparecer como religiosos: abandonam o hábito, se vestem e se apresentam como seculares.

Com tanta gente marginalizada no México, a atenção aos pobres e indígenas defende o carisma marista; faz com que os mexicanos o aceitem com agrado. A integração social nas casas de formação nunca foi problema. A mística de Guadalupe preparou o terreno para tudo isso.

O mexicano possui um gosto médio de brincadeira. Isto faz com que as suas relações pessoais com os outros não se revistam de muita solemnidade. Os apelidos e diminutivos formam parte da sua linguagem co-

tidiana. A simplicidade marista o cativou.

O mexicano é muito obsequioso e bom anfitrião. A acolhida que as comunidades mexicanas brindam aos Irmãos que visitam o México é proverbial. É algo muito caloroso. Não se importa em atirar a casa pela janela, contanto que o seu hóspede se sinta à vontade.

2. ORIGENS DO MÉXICO MARISTA

Ao Irmão Théophane e ao seu Conselho chegaram do México vários pedidos de fundação. Mas foi apenas quando dois sacerdotes mexicanos, Luís G. Romo e André Cárdenas, se entrevistaram pessoalmente com eles, assegurando-lhes a situação de estabilidade política em que se encontrava o país,

“que se convenceram de que as terras de Nossa Senhora de Guadalupe seriam terras maristas”(Cf. LHMEN, I, 16).

Efetivamente, o México, no momento em que os Superiores Maristas se decidem pela fundação neste país, ele tinha bom conceito no exterior. O General Porfirio Díaz havia pacificado a nação com mão de ferro. Neutralizara habilmente todos os tentames dessa mania revolucionária que, por vezes, havia assolado todo o território nacional. O chamado *porfirismo* cuidou da infraestrutura, como a construção de respeitável extensão de ferrovias e de linhas telegráficas.

Os investimentos estrangeiros acorreram maciçamente ao país. A prosperidade material era evidente. No concernente às relações com a Igreja, ainda que não removesse as Leis da Reforma, que tanto haviam feito sofrer a Igreja, deixou-as inoperantes.

Infelizmente, o bem-estar material, para não poucos, escondia ao olhar do mundo o retrocesso que ia padecendo o processo democrático no México e o esquecimento dos marginalizados. Era uma ditadura disfarçada de presidência pela eleição e era uma economia que seguia as normas do liberalismo. As lojas maçônicas, tanto de rito iorquino quanto escocês, haviam dominado as elites mexicanas, praticamente, desde o início do México independente de 1824. A Universidade, que Porfírio fundou na Cidade do México em 1910, se guiou pelos princípios do positivismo, herdados da França. A *Inteligência* mexicana ia preparando a cultura propícia para os furiosos ataques ao catolicismo e a todas as religiões que brotaram na primeira parte do século XX. Os Irmãos Maristas, expulsos da França em 1903, no país que os acolheu viveram muitas dessas circunstâncias, alguns anos depois.

Agora, porém, lhes fariam face de maneira diferente. Vão adotar um sofisticado regime de simulação.

De Saint-Paul-Trois-Châteaux partiram os Irmãos Pedro Damião¹, Francês, Filogônio² e Anselmo³, espanhóis, enviados pelo Superior Geral ao México, como fundadores da Obra Marista neste país. Embarcaram no Havre, via Nova Iorque. Daí, partiram para o México, aonde chegaram em 20 de junho de 1899. Um caloroso comitê de recepção lhes deu as boas-vindas e os alojou na casa da família Martínez Gallardo, na rua de la Merced, hoje Hidalgo.

“Desta maneira ficava constituída a primeira comunidade marista da República mexicana” (Cf. LHMEM, I, 41).

Em 21 de agosto de 1899, abriam-se as portas do Colégio da Imaculada Conceição, primeiro Colégio Marista da nação mexicana.

“Em 25 de setembro de 1899, embarcavam em Barcelona 5 Irmãos que, depois de feliz travessia, chegaram às terras iucatecas em 20 de outubro de 1899. Eram os Irmãos Armâncio⁴, Paxentius⁵, Magno⁶, Tomassi⁷ e Ligório⁸, todos franceses”. (Cf. LHMEM, I, 59).

¹ BONNET, Paul-Antoine, nascido em Nyons (Drôme) em 20/06/1865.

² OLLER CASELLAS, Pedro, nascido em Banyoles (Gerona, Espanha) em 02/12/1877.

³ FALGUERAS CASELLAS, Aniceto, nascido em Salt (Gerona, Espanha), em 16/04/1879.

⁴ BOUILLARD, Anicet-Henry, nascido em Goudargues (Gard), em 21/01/1856. 5

⁵ CHALOIN, Paul-Jean, nascido em Saint-Laurent-en-Royans (Drôme) em 26/08/1877.

⁶ LLORET MALLAIT, Miguel, nascido em Perelada (Gerona, Espanha), em 19/08/1876.

⁷ É preciso ler Tommasi: BONNET, Marcelin, nascido em Ancelles (Hautes-Alpes) em 22/12/1880.

⁸ MASSE, François, nascido em Lauzet-sur-l'Ubaye (Basses-Alpes), em 17/01/1881.

Chegados à Ciudad Blanca, Mérida, foi-lhes confiada a “Escola São Rafael”. As Conferências de São Vicente de Paulo asseguravam a subsistência econômica. Pouco tempo depois, por iniciativa própria, os Irmãos fundaram em São Rafael uma Escola noturna para adultos, todos operários, maiores de 18 anos. As Conferências de São Vicente de Paulo adquiriram amplo edifício, que havia sido fábrica de fiação e tecelagem; cederam-no aos Irmãos em 1902. Os Irmãos abriram nesse ano a “Escola de Artes e Ofícios São José”, popularmente conhecido pelo nome “Tear”.

Todos os alunos pagavam a sua pensão, e outros tinham bolsa por parte das Conferências. A aprendizagem compreendia este quinteto: carpintaria, marcenaria, ferraria, mecânica e impressão (Cf. LHMEN, I, 61).

Desde a sua fundação, as obras do México se viram favorecidas com a presença dos Irmãos franceses e espanhóis, que lhes deram ímpeto extraordinário. Do seu vigoroso crescimento em pessoas e obras brotou, em 1908, a Província Marista do México, canonicamente erigida, sob a liderança do Irmão Michaelis, Provincial.

Dos 175 Irmãos franceses que vieram ao México 55 regressaram à sua pátria, uns para combater pela sua nação na primeira guerra mundial; outros para reforçar as comunidades maristas da França. Enviados pela Espanha, também pertencente a Saint-

Paul-Trois-Châteaux, vieram 215 Irmãos espanhóis.

A pastoral vocacional local se iniciou logo depois da chegada. Os primeiros mexicanos ingressaram no postulado de Tlaquepaque, Jalisco, em fevereiro de 1901: Ignacio Vásquez Del Castillo Negrete e Miguel Ortega Cetina.

Ao todo, até hoje, o México Marista se formou com 13% de espanhóis, 10% de franceses, 70% de mexicanos, 3% de coreanos, 1% de cubanos, 3% de outros países, como italianos, norteamericanos, suíços, alemães, canadenses. Muitos deles, 378, morreram como Irmãos; outros, 264, continuamos a caminhada, enquanto outro grupo assaz numeroso, 1020, depois de haver professado, fizeram outra opção de vida. Seja como for, estes últimos presentearam o Senhor com boa parte da sua vida, ao passo que, na outra parte, cooperaram com a obra marista de maneira proficiente.

Esses dados e parâmetros comportam o seguinte: 23% são Irmãos falecidos; 16% são Irmãos atuais; 61% são Irmãos que saíram. Ainda assim, sem todos eles a obra marista mexicana não teria sido possível como historicamente foi levada a efeito, em quantidade e em qualidade, por cerca de um século. Todos eles são pessoas que encarnaram o carisma Marcelino e, desta ou daquela forma, fizeram com que chegasse ao que é hoje.

3. DIFICULDADES ENCONTRADAS PELO CARISMA MARISTA

3.1. Situações sociopolíticas

Em 1959, com 17 anos, pedi a papai a autorização para ingressar no postulado dos Irmãos Maristas. Papai, como por objeção, apresentou-me dois desafios em uma linha: “Dê-se conta de duas coisas: vai ingressar em uma instituição que, primeiro, está fora da lei e, segundo, compreende apenas religiosos não sacerdotes”? Aluno marista, desde os cinco anos, respondi-lhe, com conhecimento de causa, que estava plenamente a par de ambos os desafios.

Ao pensar em narrar a aventura do carisma marista no México, ocorreu-me que essa velada oposição do meu pai, quanto ao ingresso na vida religiosa marista como Irmão de ensino, refletia os dois principais polos de oposição que o dito carisma recebeu: aquele escancarado da parte do governo e o outro, muito bem simulado, da parte de um setor do clero. Abordo aqui apenas a oposição por parte do governo.

Nos primeiros anos da nossa presença marista, por haveremos chegado no tempo de Porfirio Díaz, por certo a relação com o governo era de plena harmonia. Essa situação idílica, porém, chegou ao fim, quando estalou a revolução de 1910. A promulgação da Constituição mexicana de 1917, de forte colorido anticatólico, reduziu grandemente a liberdade reli-

giosa. Por exemplo, o artigo terceiro exigia que todo o ensino público e privado fosse inteiramente leigo, com proibição estrita de ensinar os credos religiosos; o artigo quinto proibia a emissão de votos religiosos; o artigo 27 proibia os seminários e colégios confessionais; o artigo 130 reduzia o labor sacerdotal a um mínimo de ações sacramentais.

O caminho estava juridicamente pavimentado para a chegada, em 1925, do governo de Plutarco Elias Calles, o qual colocou a Igreja em aberto estado de perseguição. A reação de Roma diante de semelhante Constituição Federal dos Estados Unidos Mexicanos foi o protesto pontifício “*Iniquis afflictisque*” do Papa Pio XI, em 18 de novembro de 1926, que condenou a Constituição como anti-religiosa. Impulsionados pela valente tomada de posição do Papa, a declarada oposição dos seculares católicos não se fez esperar, até mesmo com as armas na mão. Depois de uns compassos de espera, porém pleno de ameaças tempestuosas, surgiu o embate socialista, em 1835, com o governo de Lázaro Cárdenas, que se alongou até 1940. A partir desse ano até 1994, embora os titulares do poder executivo federal, vale dizer, os presidentes da República, fossem pessoas mais ou menos conciliadoras, ainda assim, as leis persecutórias da Constituição de 1917 continuavam vigentes, como dogmas republicanos intocáveis. Apenas em 1994, com a chegada Carlos Salinas de Gortari, em grande ato de sensatez, todas essas leis foram abolidas. De-

pois desta visão de conjunto da problemática com o governo, avancemos com mais detalhes.

A revolução mexicana estalou em 1910. O seu objetivo, entre outros, era a derrocada do Ditador Porfirio Díaz. As falsas identificações⁹ levaram os chefes da Revolução a uma perseguição religiosa, sobretudo no campo da educação. O século XIX e as leis da Reforma haviam preparado os ânimos para o ódio contra a Igreja. As nossas obras muito depressa sofreram o embate dos diversos grupos revolucionários. As escolas de Mérida, Monterrey, Guadalajara e da Cidade do México tiveram de fechar as portas. Também as nossas casas de formação se viram fortemente afetadas. Como se verá adiante, essas casas tiveram até mesmo de emigrar ao estrangeiro. Os Irmãos já não podiam usar o hábito, nem ensinar. Muitos Irmãos estrangeiros foram expulsos do país. Em meio de toda esta tempestade, houve pequenos oásis, como foi o caso da Escola Preparatória São Luís Gonzaga da capital. Graças à mudança de nome para “Colégio Francês”, logrou continuar o seu trabalho, sob a proteção da Embaixada da França.

“Na expulsão dos Irmãos de Monterrey pelo general Antonio Villarreal, em setembro de 1914, o Colégio ficou amparado pelo cônsul francês Pierre Lambreton, enquanto o edifício do Instituto Científico da Sagrada Família permaneceu ocupado, durante dez anos, pelo consulado francês, o que evitou a sua confiscação. Os bons amigos de Monterrey e o próprio cônsul pediam que os Irmãos voltassem; porém isto apenas foi possível em fevereiro de 1925, quando o próprio Ir. Theyssier¹⁰ se apresentou em Monterrey, para preparar a abertura que se levaria a cabo para o ano escolar de 1925-1926. Ao renascer em setembro, esta obra mudou de nome; passou a chamar-se Colégio Franco Mexicano”
(Cf. 100ADPMEM, 49).

Plutarco Elias Calles, general revolucionário do norte da República,

“uma vez na presidência, tratou de aplicar ao pé da letra os artigos persecutórios da Constituição de 1917” (Cf. 100ADPMEM, 48).

Em 1926, apareceu a Lei Regulamentária do artigo 130, pelo qual as legislaturas estaduais podiam fixar o número de ministros do culto que devia haver na entidade federativa correspondente. A resposta de Calles foi a expulsão do país de

“mais de 200 sacerdotes e religiosos estrangeiros, entre eles quatro Irmãos Maristas”
(Cf. 100ADPMEM, 48).

⁹ O governo de Porfirio Díaz, que durou mais de 30 anos, pôs ordem no país... Foram estabelecidas boas relações com os países poderosos, entre os quais a França. Porfirio Díaz não aplicou as Leis da Reforma que eram muito contrárias à Igreja. Os Irmãos Maristas puderam entrar no México e foram muito bem acolhidos pelo governo do general P. Díaz. O partido conservador apoiava essa situação de calma momentânea e de paz, lembrando ao mesmo tempo ao Presidente Porfirio que seria bom convocar eleições e respeitar o resultado das urnas... Quando Madero iniciou a revolução, em 1910, foi apenas por razões políticas. Entretanto, a situação degenerou, rapidamente, quando os revolucionários do Norte (Estados fronteiriços com os USA), ligados em geral à maçonaria internacional, confundiram tudo. Identificaram os católicos, especialmente o clero e os religiosos, com a ditadura de Porfirio, considerando-os amigos e apoiadores do General.

¹⁰Leia-se *Teyssier* (NdT)

Todo o clamor indignado da sociedade em geral e das agrupações católicas em particular foi inútil. Esgotados todos os canais de diálogo, a Hierarquia Eclesiástica Mexicana decretou a interdição, ou seja, a suspensão do culto público em todo o país.

“A intransigência de Calles provocou a “rebelião cristã” nesse mesmo ano de 1926. Os Irmãos Maristas, como todos os religiosos de México, viviam em contínuo sobressalto, confiando apenas na Providência” (Cf. 100ADPMEM, 52).

O primeiro Colégio Marista na República mexicana, o da Imaculada Conceição, em Guadalajara, em agosto de 1899, recebeu uma visita incômoda, em 16 de fevereiro de 1926. O inspetor escolar veio para fechar a obra, com força pública. Graças à rápida ação dos pais de família e ao desgosto da sociedade local, o Colégio da Imaculada tornou a abrir as portas, mas agora com o nome de “Colégio Jalisco”.

O Colégio Luz Savinión da Cidade do México, certamente por estar no olho do furacão, não teve a mesma sorte. Em 23 de fevereiro de 1926, todos os Irmãos que trabalhavam aí foram levados à Secretaria da Governação. Os estrangeiros foram colocados em trem e enviados para Vera Cruz; tinham

“a ordem de sair do país” (Cf. 100ADPMEM, 51).

Os mexicanos deveriam comparecer no dia seguinte, em que deveriam comprovar a sua nacionalidade.

Em 22 de fevereiro de 1926, foi publicado “o regulamento para as escolas primárias particulares”.

“Nele se exigia: abolir nomes religiosos das escolas; fechar as capelas; tirar as imagens religiosas das aulas; não pertencer a ordens religiosas; ter título profissional, ou pelo menos cinco anos de prática do magistério; seguir os programas oficiais; utilizar livros aprovados pela SEP¹¹” (Cf. 100ADPMEM, 52).

Em 1929, na presidência de Emílio Portes Gil, encerra-se a situação originada pela luta armada em defesa da Religião. Nenhum dos contendores, nem os federais nem os “cristeiros” logram vitória definitiva. Estabelece-se um *modus vivendi* entre a Igreja e o Estado, mediante acordo. Infelizmente, este acordo, bom na aparência, resultou desvantajoso para a Igreja, sobretudo para vários dos principais seculares que haviam tomado armas, porque, logo que as depuseram, foram dolosamente assassinados um a um.

Ainda que

“grande parte dos compromissos pactuados não fossem cumpridos pelo governo, as escolas católicas, pelos discutidos ajustes, desfrutaram de um respiro que foi bem aproveitado” (Cf. 100ADPMEM, 53).

Ainda assim, em lugares afastados da capital do país, algumas instâncias

¹¹ SEP : Secretaría Educación Pública (Secretaria da Educação Pública). (NdT)

administrativas estaduais se permitiam escaramuças persecutórias contra as escolas católicas. Por exemplo, em Mérida,

“já tudo caminhava normalmente, quando, em 5 de outubro de 1931, aparece na escola o Procurador da Justiça do Estado, com a ordem de fechar de imediato a escola. Os pais de família, indignados, foram encontrar-se com o governador e o obrigaram a cancelar a ordem” (Cf. ADPMEM, 54).

Na realidade, em tal momento de trégua, se maquinava uma estratégia persecutória mais sutil. A arma que o governo decidiu usar era de índole legalista. A escola católica seria estrangulada mediante uma regulamentação cada vez mais jacobina. Com efeito, em 1932, a Secretaria da Educação Pública determinava o seguinte: toda a escola privada que solicitasse incorporar-se ao sistema educativo nacional deveria fazer com que se apresentassem, pessoalmente, os seus professores nos escritórios da dita secretaria; eles assinariam

“uma documentação, pela qual se aprovavam os seus estudos profissionais, e certificariam que não pertenciam ao estado sacerdotal ou religioso” (Cf. 100ADPMEM, 53).

No final de 1934, chegou à presidência da República o General Lázaro Cárdenas. No campo educativo, a sua meta era

“a implantação da educação socialista em todo o país” (100ADPMEM, 61).

Os professores da escola oficial eram proibidos de praticar qualquer religião. Quando se deu a conhecer a legislação nova, que impunha a “educação socialista” a todo o sistema escolar, tanto público quanto privado, nos níveis primário, secundário e normal,

“os professores católicos da República e, com maior razão, os religiosos e as religiosas; também se incluíam os sacerdotes que dirigiam estabelecimentos desses três níveis, tomaram a determinação de fechar os estabelecimentos, enquanto o governo mantivesse as leis sectárias” (Cf. 100ADPMEM, 61).

Os Irmãos, em convívência com os pais de família, começaram a organizar “academias comerciais”, que nada tinham nem de academias nem de comerciais. Eram escolas pequenas em casas particulares ou em edifícios das antigas escolas, e aí se reunia uma vintena de meninos ou meninas.

A engenhosa fórmula dos Irmãos e dos pais de família ideou também os “grupos clandestinos”. A esses grupos de catacumba,

“iam chegando, pouco a pouco, os alunos com algum livro ou caderno oculto sob o suéter, a aula era um recinto qualquer de alguma casa. Terminada a aula, os alunos saíam distanciadamente, com precaução, para despistar a polícia” (100ADPMEM, 62).

¹² “Cristeiros” – Eram chamados de *Cristeros*, termo derivado do grito de guerra que tinha adotado: *Viva Cristo Rei!* quando do conflito armado que, de 1926 a 1929, opôs uma rebelião popular, que defendia a Igreja católica romana, ao Estado mexicano, na época fortemente anticatólico (NdT).

“O Secretário da Educação Pública ordenou que se fizesse minuciosa investigação dos livros da FTD, porque muitos deles estavam em uso nas escolas oficiais” (100ADPMEM, 68),

apesar dos seus conteúdos não muito ortodoxos para a revolução socialista. Foram encarregados os inspetores escolares dessa busca por menorizada das escolas que usassem tais livros. As sanções a que se expunham os diretores dessas escolas eram muito severas. A escola poderia ser fechada por este “grande delito”.

O sistema federal da República mexicana prestou-se muito bem para encontrar soluções a tantos bloqueios colocados pelo governo. Os Estados, por convicção e mais ainda por orgulho, enganavam o Centro, permitindo no seu território aquilo que ele proibia no seu território. Com efeito,

“a falta de coordenação entre as autoridades federais e estaduais favoreceu as escolas particulares. Os sentimentos regionalistas de ambas primavam sobre a ideologia socialista” (100ADPMEM, 56),

Foi o caso do Estado de San Luis de Potosí, onde o ex-governador do Estado, General Saturnino Cedillo, aceitou, prazeroso, a proposta que lhe faziam os Irmãos de abrir uma escola em San Luis de Potosí, nas três seções: primária, secundária e internato. Assim, em plena refrega, o Instituto Potosino inaugurava os seus cursos em abril de 1935.

“San Luis abriu as portas aos estudantes proscritos do Distrito Federal, durante os anos de 1936, 1937, e 1938. Quando os internos do Instituto Potosino entravam em férias, chegavam a San Luis os alunos do curso secundário dos “grupos clandestinos” da Capital. Foi grande solução para os nossos alunos irregulares e, simultaneamente, era ótima propaganda para o internato do Instituto Potosino. Os exames duravam uma semana ou duas e se levavam a cabo com toda a seriedade” (Cf. 100ADPMEM, 65).

“No começo de 1937, surgem das catacumbas os Colégios maristas de Guadalajara. O Colégio Jalisco renasce em duas seções, com o novo nome de Colégio Cervantes. As denominações vão mudando, mas o espírito marista permanece” (Cf. 100ADPMEM, 63).

Os famosos grupos clandestinos do México, que haviam funcionado durante vários anos, dado o número cada vez maior dos seus alunos, deram lugar aos “Colégios México” do Distrito Federal, fundados em 1938.

Em fevereiro de 1939, ingressei no Colégio México de Sadi Carnot, 121. Estava entrando em uma escola fora da lei, tolerada mediante a dissimulação mútua, tanto das autoridades públicas quanto dos Irmãos Maristas.

A partir de 1940, com a chegada ao poder do General Manuel Avila Camacho, começou uma época de tolerância notável. A crispação nacional cedeu. Por fim se respiravam os ares de certa liberdade. A simulação deveria continuar, perlongando-se no país até 1994.

Assim,

“os livros de religião não se levavam às escolas. Procurava-se que os professores impostos pela SEP tivessem as suas aulas nas primeiras horas, para que, desse modo, os Irmãos pudessem dar a sua aula de religião pelo meio da manhã, as orações de grupo se faziam em silêncio ou a meia voz, pelo que não seriam ouvidas do exterior. As primeiras comunhões se celebravam com toda a solenidade, embora selecionando sempre algum recinto fora da escola” (Cf. 100ADPMEM, 73).

3.2. Outro tipo de situações de conflito

As guerras mundiais pouco afetaram as obras do México, como sucedeu com outras nações de presença marista significativa. Na realidade, nos Irmãos do México só teve algum impacto a primeira guerra mundial, como se disse acima, pelo fato de que dezenas de Irmãos franceses foram alistar-se nas forças armadas da sua nação.

“Em 4 de agosto de 1914, a França declarou a mobilização geral e declarou guerra aos “Impérios Centrais”; com esta declaração 50 Irmãos que haviam sido expulsos do seu país pela Lei de Combes, agora eram chamados para acudir em defesa da pátria. Anos depois, em 1919, retornaram vitoriosos os primeiros Irmãos soldados; infelizmente faltavam 12, que morreram nos campos de batalha e 3 que tinham sido horrivelmente mutilados” (Cf. LHMEM, II, 2).

Os Irmãos sofreram desastres naturais, como se exemplifica aqui. Em maio de

1900, o Colégio da Imaculada Conceição sofreu voraz incêndio, iniciado por um curto circuito na sacristia da igreja da Soledade, que foi a primeira instituição educativa marista no México. As perdas foram consideráveis. Teve de mudar de lugar. O internato da Capital chegou a ter 150 internos; o terremoto de 7 de julho de 1911 deixou o edifício inabitável. O Colégio México do curso primário sofreu o rude terremoto de 19 de setembro de 1985. Teve-se de suspender as aulas durante um mês, porque foi necessário reforçar a cimentação. Em Irapuato, Guanajuato, em 1973, as águas da represa del Co-nejo transbordaram, inundando a cidade. No Colégio a água chegou a 1.8 m no rés do chão.

Há também o caso das enfermidades, algumas mortais. Nos albores da presença marista, na península de Yucatán, morreram, vítimas da febre amarela, os Irmãos Crisóstomo¹³, em 8 de agosto de 1901, e Doroteu¹⁴, em 23 de setembro de 1901. Era o trágico princípio de uma série de mortes dessa febre. Houve doze Irmãos vítimas desta terrível enfermidade. Ainda assim, o número de voluntários que se ofereciam para Yucatán foi sempre superior aos falecimentos.

Não faltaram mal-entendidos com os pais de família.

“Em Villahermosa, Tabasco, a atuação do Irmão Anselmo e dos seus colaboradores foi tão correta, que o Colégio prosperou a olhos vistos.

¹³ JOUGLARD, Alphonse Vincent, nascido em 23/01/1873 em Romette (Haute-Provence).

¹⁴ MARIN PANTALIONA, Julio, nascido em 21/08/1881 em Camarón (Burgos, Espanha).

No fim do curso de 1903-1904, os pais de família que haviam formado parte do comitê em prol do Colégio Marista, testemunhas do rápido incremento, imaginaram ganhos exorbitantes e se julgaram no direito de exigir partilha do lucro. Perante tal atitude, o Ir. Michaelis ordenou o fechamento do Colégio” (Cf. LHMÉM, I, 77).

“Em Tulancingo, Hidalgo, os três primeiros anos dessa fundação transcorreram na normalidade; mas, em 1907, um forte rumor cresceu como tromba vertida sobre o afã do lucro que os Irmãos perseguiam, afã que, segundo diziam, lhes havia feito esquecer a formação moral dos alunos. Ante a impossibilidade de poder dialogar com as autoridades religiosas, os Irmãos se viram obrigados a deixar o Colégio” (Cf. 100ADPMEM, 31).

Teve-se de optar pelo autofinanciamento das obras, com o desaparecimento por lei de todas as associações pias de beneficência, que auxiliavam as escolas pobres. Isto sucedeu de maneira dramática nas obras de tipo social, na península de Yucatán. Os Irmãos se viram obrigados a solicitar dos pais de família uma contribuição, por mínima que fosse. O efeito negativo dessa medida foi que, apesar das bolsas de estudo concedidas, as obras maristas foram sendo insensivelmente objeto de elitismo involuntário. A educação começou a ser de quem podia pagá-la, mesmo que fosse apenas em parte. Por falta de facilidades, encontraram-se alguns locais escolares não plenamente satisfatórios. Por exemplo, o Colégio Francês de Alvarado, da Cidade do México, limitava-se com terreno baldio extenso, o muro que

separava o pátio deste terreno servia de alvo a um grupo de militares para as suas práticas de tiro. O estrondo que se produzia incomodava; mas isso não era o mais grave.

“Por desgracia, um dia uma bala logrou passar por entre as juntas dos tabiques e matou o menino Armando Linet” (Cf. 100ADPMEM, 38).

Os Irmãos sofreram agressões às suas instalações. Em Morelia, o Instituto Valladolid foi atacado em 1955 por estudantes das escolas oficiais, que apedrejaram as janelas do Colégio. Em Guadalajara, em 1956, o Colégio Cervantes, recém-inaugurado, foi apedrejado também por jovens das escolas oficiais. O alunado marista, que estava presente na sua totalidade, manteve-se calmo, sem repelir a agressão. Foram quebrados 360 vidros de janelas.

O México Marista sofreu muitas baixas nos seus efetivos. Os primeiros 15 anos subseqüentes ao encerramento do Concílio Vaticano II testemunharam grande saída de Irmãos mexicanos. A cifra de baixas ocasionadas por abandono da vida marista se aproxima de 200. Tudo isso, evidentemente, exigiu ajustes no pessoal das obras e das casas de formação e até mesmo no número de obras. A parte positiva desse fenômeno foi a maior atenção que se deu aos seculares maristas, capacitando-os na espiritualidade e missão marista, para convertê-los em colaboradores idôneos.

Apesar de que a atenção pastoral dos Irmãos Provinciais sempre tenha

sido muito assídua para com os Irmãos, ao longo da história do México Marista ocorreram casos de Irmãos que dificultaram a convivência comunitária pelas suas condutas psicológicas um tanto raras, de grau benigno ou até muito severo. Houve casos em que Irmãos portadores desses desequilíbrios tiveram de ser internados em instituições especializadas. As depressões sofridas por alguns Irmãos levaram-nos, lamentavelmente, ao suicídio, extremos esses mui reduzidos, felizmente.

No sudeste mexicano, a comunidade marista de Comitán, Chiapas, inserida na pastoral do Bispo Samuel Ruiz, foi intimidada, em fevereiro de 1982, por um grupo paramilitar. Os Irmãos foram maltratados e despojados do material de evangelização, usado no apostolado dos aborígenes da área. Certa mídia da Capital, com tiragem nacional, relatou caluniosamente o trabalho *subversivo* desse grupo de maristas no sudeste mexicano.

4. OS MARISTAS COMO AGENTES DE EDUCAÇÃO

“Não demoraram as famílias em perceber que as esperanças postas nos Maristas como educadores eram bem fundadas. Muito depressa, os alunos mostraram o que se pode obter com a disciplina paternal e a dedicação ao trabalho. O nosso segredo, dizia o Irmão Pedro Damião, fundador da Província, está ao alcance de todos os professores. Consiste em ser sempre razoável com os alunos; exigir constantemente com a palavra e, mais, com o exemplo” (Cf. 100ADPMEM, 17).

A presença do professor secular nas escolas maristas do México começou, significativamente, no decênio de 1940. A sua presença apresentou todo um processo evolutivo. Certamente, no início, os seculares compareciam apenas como instrutores de ginástica, de música e tarefas correlatas. Não demorou que viraram professores contratados e auxiliares, convertendo-se depois em titulares de grupos e educadores da fé.

Há evidente desequilíbrio entre a demanda e a oferta escolar, em termos de quantidade. Há tempo que o número de Irmão é muito diminuto e insuficiente. Surgiu, assim, a necessidade de incrementar o número de professores seculares. Sentiu-se a necessidade de atender a esses professores de maneira peculiar, sem detença. A animação cristã dos seculares foi uma das principais funções das autoridades provinciais. Desde 1974, foram organizados muitos cursos para o pessoal secular. Isso deu os seus frutos. Os seculares maristas, nas obras escolares do México, não apenas cooperam com o trabalho diário dos Irmãos, senão que também exercem cargos de responsabilidade, em todo o campo e nível.

É admirável a valentia e o arrojo de vários Irmãos em acudir pessoalmente a dialogar com as altas autoridades, algo que deu excelentes resultados.

“Em 1904, os Irmãos Paul Marie e Pedro Damião fizeram uma visita ao Presidente da República, general Porfirio Díaz, para dar-lhe a conhecer o

estado das obras maristas; o presidente os alentou a que fundassem mais escolas” (Cf. 100ADPMEM, 27).

“O Ir. Eugenio Cenoz, em plena época revolucionária, logrou uma entrevista com o Presidente da República, para expor-lhe a situação dos Colégios da Cidade do México. Era o desejo das famílias que as escolas fossem reabertas. A resposta do senhor Venustiano Carranza foi positiva. A única medida que se tomou foi mudar o nome primitivo para Colégios Franceses, com o intuito de colocá-los sob a proteção do governo da França” (Cf. 100ADPMEM, 44).

“Em meados de 1922, o Ir. Victoriano Martínez entrevistou o governador do Estado de Jalisco, licenciado José Guadalupe Zuno, e lhe solicitou apoio para que o Colégio marista de Cocula fosse incorporado ao sistema educativo estadual. A sua intervenção foi tão efetiva, que em 4 de outubro desse ano se recebia o tão almejado documento de incorporação” (Cf. 100ADPMEM, 44).

“Chama a atenção a forma como se geriu a fundação do Instituto Morelos de Uruapán, Michoacán, em 1963. Sabedoras do pedido do Pe. José Luis Sahgún, as autoridades da Governança solicitaram ao Irmão Vigário Geral dos Irmãos, Leoncio V. Lorenzo, que fosse atendido o pedido de um Colégio nessa localidade. Em troca disso, prometiam facilitar a entrada no México de Irmãos cubanos expulsos do seu país” (Cf. 100ADPMEM, 140).

4.1. Obras apostólicas de educação formal

4.1.1. A escola marista paga

A primeira obra marista que se abriu no México foi a de Guadalajara, Jalisco, em 21 de agosto de 1899, com o nome de Colégio da Imaculada Conceição.

Em Mérida, Yucatán, abriu-se a escola São Rafael, em 1899. Logo foi a vez da Escola Santo Ildefonso, em 1901; a Escola do Sagrado Coração, em 1901; o Colégio Católico de Santa Ana, em 1903.

Na Cidade do México, DF, capital da República mexicana, abriram-se os seguintes estabelecimentos: o Colégio da Perpétua, em 1900; o Colégio Comercial São Luís Gonzaga, em 1901; o Internato Patricio Sanz, em 1903; o Colégio Tacubaya, em 1905; o Colégio Popotla, em 1908; o Colégio Puente de Alvarado, em 1912; o Colégio Francês, de Alvarado, em 1915.

Em Cuernavaca, Mor., abriu-se a Escola Marista de Cuernavaca, em 1902; em San Cristóbal, Chis., o Colégio Nossa Senhora de Guadalupe, em 1903; em Tehuantepec, Oax., o Colégio de São Luís Gonzaga, em 1903; em Tulancingo, Hgo., o Colégio Guadalupano, em 1903; em Villahermosa, Tab., o Colégio de São João Batista, em 1903; em Zamora, Mich., o Colégio Santa Maria, em 1903; em Cotija, Mich., a Escola Marista de Cotija, em 1903; em Irapuato, Gto., o Instituto Guadalupano, em 1903; em León, Gto., o Instituto Sollano, em 1903; em Monterrey, NL., o Instituto Científico da Sagrada Família, em 1905; em Campeche, Cam., a Escola do Sagrado Coração, em 1905; e assim se foram abrindo as muitas obras maristas, em mais de 80 cidades.

Em Brownsville, Texas, Estados Unidos, o Colégio, de nome *St. Joseph*

Academy, foi incorporado à Província do México, em 1906, a pedido dos Padres Oblatos de Maria dessa povoação.

Quando foram expulsos de Guadalajara, em agosto de 1914, os Irmãos foram levados a Manzanillo, e embarcados para San Francisco.

“Aqui foram acolhidos benevolmente pelos Irmãos das Escolas Cristãs; estes os puseram em contato com o Bispo de Tucson, que desejava fundar uma escola católica masculina. No dia 4 de setembro de 1914, se abriu a escola” (Cf. 100ADPMEM, 57).

Quando as autoridades eclesiásticas do Texas, Estados Unidos, se deram conta das vantagens que oferecia a educação marista em Brownsville, pediram à Província Marista do México que fosse aberta uma escola educativa similar em Laredo, Texas. Em 1937, inaugurava-se a Academia São José de Laredo.

Em vésperas da divisão da Província dos Estados Unidos em duas unidades administrativas, em 1959, as duas escolas do México Marista em território americano, Brownsville e Laredo, foram passadas à Província dos Estados Unidos.

Ao serem fechadas as obras de Yucatán em 1914 pela Revolução, um grupo de Irmãos, que trabalhavam no México, foram enviados a Cuba. Em 2 de janeiro de 1915, iniciou-se a nova escola em Havana. Quando Calles fechou várias obras no México, muitos outros Irmãos foram a Cuba. Em 1926, tomou-se uma escola cedida

pelos padres de S. Vicente de Paulo, o Colégio do Sagrado Coração, em Matanzas. Ao tomar posse da diocese de Camagüey, o Bispo Enrique Pérez Serantes, que tinha sido capelão dos Irmãos em Cienfuegos, solicitou Irmãos para fundar o Colégio Champagnat de Ciego de Avila. Os Irmãos iniciaram a fundação no curso de 1929-1930. Em 1933, decidiu-se a fundação do Colégio Marista de Santa Clara. Ante o perigo que representava para os alunos uma escola protestante, os Cavalheiros de Colombo solicitaram Irmãos para fundar o Colégio Marista de Cárdenas, com tão bom resultado, que os cursos se abriram em setembro de 1934. A Academia Champagnat de Havana abriu as suas portas em 1931, na popular Calzada de El Cerro. Em 1935, abriu-se o Colégio Champagnat, em Camagüey. O Colégio abriu as suas portas ao numeroso público que o aguardava.

Retornada a calma na situação política mexicana, no decênio de 1940, o México Marista começou a recolher todo o seu pessoal mexicano que estava em Cuba.

O Bispo Marciano Tinajero, de Querétaro, tinha especial interesse em que se estabelecesse na cidade um Colégio religioso masculino. Em 13 de fevereiro de 1942, o Instituto Querétaro abria as suas portas.

Na cidade do México, no início de 1942, iniciaram-se os trabalhos de construção do edifício do Instituto México, em terreno de vinte mil me-

tros quadrados. Inaugurou-se em 1943, com 1.317 alunos.

Um sacerdote espanhol, de nome Enrique Tomás Lozano, solicitou Irmãos para fundar uma escola em Nuevo Laredo. Em 20 de setembro de 1943, teve início o Colégio América.

Em Ocotlán, Jalisco, os primeiros cursos do Colégio Colón começaram em setembro de 1945. Graças à ajuda das fábricas Nestlé e Celanese e a numerosos donativos recebidos, pode-se adquirir novo terreno, pois logo o local primitivo havia ficado insuficiente.

O Colégio Hidalgo de Cocula, em setembro de 1945, graças a um belo movimento solidário dos pais de família, foi restaurado convenientemente.

“Eles se prontificaram em cooperar segundo as suas possibilidades, uns com dinheiro, outros com materiais, outros com o trabalho” (Cf. 100ADPMEM, 91).

Em Morelia, um grupo de sacerdotes tinha fundado, em 1941, uma escola católica masculina, com o curso primário e secundário. Em 1943, foi aberta a seção Preparatória, incorporada à Universidade Autônoma do México. Ante a envergadura da obra e por causa da crescente atenção que requeria, decidiram

“solicitar a presença dos Irmãos Maristas. Em vinte de janeiro de 1946, chegavam quatro Irmãos para encarregar-se da obra” (Cf. 100ADPMEM, 91).

Um dos antigos alunos do Colégio Luz Saviñón, o senhor Paulo Sánchez, reuniu os ex-alunos, a fim de obter a sua colaboração; fez enormes gastos para restaurar o edifício; obteve dos Superiores a promessa de três Irmãos; por fim, corou com êxito a liquidação dos professores sindicalizados. A entrega oficial do Colégio aos Irmãos efetuou-se em 7 de dezembro de 1947.

Os cursos no Instituto Hidalguense em Pachuca iniciaram-se em fevereiro de 1948. Com a ajuda da associação de Pais de família, realizaram-se as melhoras imprescindíveis: nivelção de terrenos, instalação elétrica, sistema de água e o término do edifício. Os integrantes dos grupos de Ação Católica, que logo se estabeleceram no alunado, atenderam aos centros de catecismo popular.

O Internato México emigrou de São Luís de Potosí à Cidade do México. Foi instalado em amplo terreno, conseguido a um preço favorável. Tanto assim que as autoridades provinciais do momento o interpretaram como especial atenção de Maria. Em fevereiro de 1949, começaram as aulas. Os alunos internos eram trezentos.

“Os alunos do Instituto Guadalupano de Irapuato (1903-1914) não haviam esquecido a formação marista recebida na sua infância; e, por conta disso, sem que houvesse alguma promessa de dar-lhes Irmãos, começaram a organizar-se para levá-los de novo à sua cidade. Em 12 de dezembro de 1951, entregavam oficialmente aos Irmãos Maristas o Colégio Pedro Martínez Vásquez” (Cf. 100ADPMEM, 97).

Em 1955, inaugurou-se o Colégio, graças ao entusiasmo que mostrou o Irmão Pablo Aguilar nesse projeto.

O Colégio de Jacona foi aberto em 1958. A construção e a abertura dessa obra deveram-se ao Pe. José de Jesús Rojas, pároco da povoação.

É interessante dar-se conta de que, em Celaya, o Colégio Manuel Concha, a partir de 1970, prestou grande ajuda à diocese, aceitando nas suas aulas os seminaristas.

Na Cidade do México, o Colégio México, com curso secundário desde 1941, funcionou na rua Mérida, 33 até 1975. A partir daí, foi transferido ao sul da Cidade e ocupou as antigas instalações do Internato México, que logo se revelaram insuficientes, diante da demanda das inscrições. Atualmente a sua matrícula oscila ao redor de dois mil alunos.

Em Guadalajara se estabeleceu o Instituto de Ciências Religiosas (ICRO), para a formação de catequistas, em 1978.

Desde 2004, as Universidades Maristas de Guadalajara, Querétaro e San Luis de Potosí fundaram a sua respectiva Escola de bacharelato.

4.1.2. A escola marista gratuita

Desde o começo, contaram os Irmãos com benfeitores generosos, que lhes deram amplo respaldo. Entre eles, distinguiu-se Juan Ortiz Gordo, que cedeu, por vinte anos, a for-

mosa casa de fazenda, que possuía em Tlaquepaque, Jalisco, onde funcionou um noviciado e uma escola gratuita.

A Escola católica de Maxcanú (1902), no sudoeste de Mérida, foi pedida e contratada pelos mesmos vizinhos. Desde o começo, a sociedade, cheia de confiança, se aproximou dos Irmãos, e a matrícula passou logo dos duzentos alunos.

Paralelamente à Escola de Artes e Ofícios da Sagrada Família, houve em Zamora uma “Escola Gratuita”, atendida pelo Ir. Anacleto Maria; a escola chegou a ter 150 alunos.

Em Guadalajara, o Ir. Vitoriano fundou uma escola semigratuita, em 1902. A matrícula foi tão numerosa que, disso informado, o Arcebispo de Guadalajara Ortiz colocou à disposição dos Irmãos um antigo convento agostiniano.

Na Cidade de Jacona, em 1903, um grupo de benfeitores cedeu um edifício por vinte anos, com a condição de que os Irmãos abrissem uma escola gratuita para as crianças do povoado.

Em 1903, abriu-se o Colégio Guadalupe de Tulacingo, a pedido do Bispo. Como em muitas outras escolas, havia alunos pagantes e outros gratuitos. Os gratuitos eram o dobro dos pagantes.

Na Capital, México, os esposos Salvador e Luz Saviñón constituíram uma fundação que, entre outras obras

pias, tinha por finalidade sustentar uma escola para os meninos pobres da localidade. Em 1904, o patronato da fundação ofereceu a escola ao Irmão Michaelis, aceita de imediato.

Em Uruapan, em 1905, fizeram modificações no edifício escolar, aumentando especialmente a seção gratuita, que chegou a ter 250 alunos.

Na significativa data de 2 de janeiro de 1905, chegaram a Sahuayo cinco Irmãos, para fundar o “Colégio Marista de Sahuayo”. No setor de pagantes, havia quatro Irmãos; a seção gratuita foi entregue ao Ir. Vitoriano.

A senhora Luisa Garibi de Terán, mãe do futuro Cardeal de Guadalajara, decidiu empregar a sua fortuna na fundação de uma escola gratuita. Em 1908, chamou os Irmãos que, no mesmo ano, abriram a “Escola da Puríssima Conceição”.

Em Monterrey, a Província sentia a necessidade de fundar uma escola para os pobres. O Arcebispo doou, no bairro da Corona, um edifício simples, mas adequado para esse propósito. Além disso, deu-lhes um imóvel para a residência dos Irmãos. Em outubro de 1933, a escola abria as portas.

“Em 1942, um desejo manifestado, havia tempo, pelo Arcebispo de Yucatán, e que estava de perfeito acordo com o desejo da Congregação, foi aberta a escola gratuita para os meninos pobres.

Aprovada a fundação, o anexo do Montejo abriu as suas portas no bairro de San Juan” (Cf. 100ADPMEM, 76).

Os Colégios da Cidade do México se desenrolavam com pujança. Era imprescindível a presença marista entre os menos afortunados da capital. Em 12 de fevereiro de 1951, a Escola México, gratuita, iniciava as suas atividades.

“O problema do analfabetismo havia preocupado a todos os governos nacionais; mas foi especialmente no tempo do Presidente Avila Camacho (1940-1946) que se deu peculiar ênfase ao problema. Toda a nação secundou a campanha com notável êxito. Diante da dramática carência de escolaridade nos ambientes marginalizados, a Secretaria da Educação Pública convidou os professores das escolas particulares e oficiais a cooperar na educação popular. De imediato, cerca de 50 diretores do distrito Federal formaram o “Patronato de Escuelas Particulares”¹⁵, cujo objetivo seria cooperar com o governo neste labor cultural. A direção do Patronato foi oferecida ao Ir. José González Villaseñor, em 1954. O apelo teve êxito, porque, em poucos anos, o Patronato chegou a contar com mais de 100 grupos escolares que atendiam a mais de 15.000 meninos” (Cf. 100ADPMEM, 105).

Em Guadalajara, abriu-se a Escola Cervantes Colomos, em 1954, de curso primário gratuito, e a Escola Champagnat, de curso secundário gratuito, em 1994.

Em Querétaro, o Centro de Alfabetização, que o Ir. Gregory havia inicia-

¹⁵ Patronato das Escolas Particulares. (NdT)

do como centro de catequese, em 1950, transformou-se, aos poucos, em instituição escolar vespertina gratuita, de reconhecimento oficial, com o nome de Escola Champagnat.

Em 1962 e seguintes, várias instituições maristas abrem, nas mesmas instalações, uma escola, com turnos vespertinos para gente de escassos recursos. É o caso do Instituto México de Toluca, do Centro Universitário Marista de Monterrey e do Colégio México de Orizaba.

Em Irapuato, o Colégio Pedro Martínez Vásquez abriu, em 1963, uma escola primária vespertina para jovens de escassos recursos econômicos.

O Colégio México, de curso secundário, em Mérida 33, criou a seção vespertina para famílias de poucos recursos, batizada como Escola Marcelino Champagnat, em 1963.

Em Monterrey, em 1962, abriu-se uma escola gratuita, chamada Escola Tepeyac, na colônia popular Independência.

Em Ciudad Juárez, abre-se uma escola primária gratuita e uma escola secundária gratuita, em regiões marginalizadas: Escola Talamás, em 1970 e Escola Montesinos, em 1984.

Em Mérida, abre-se uma escola primária gratuita, em região marginalizada: Escola Joaquín Peón, em 1971.

Em Tijuana, se abre uma escola secundária gratuita, em região margi-

nalizada: Escola de Miramar, em 1980.

“Em Poza Rica, em 1983, funda-se uma escola secundária técnica, em uma das colônias mais necessitadas da cidade. A presença do Colégio não demorou em ser percebida na comunidade. Integrados na pastoral paroquial, formaram-se grupos de catequese de sábado; animaram-se grupos de oração para adultos e jovens e trabalharam na catequese conjuntamente com as religiosas estabelecidas na povoação. Em união com os pais de família, trabalhou-se em benefício da colônia: pavimento de brita das ruas, construção de latrinas. ...

Logo brotou um novo projeto, como resposta a uma necessidade detectada: atenção às crianças e jovens incapacitados. A comunidade educativa adaptou certo espaço dentro da escola secundária, onde, a um só tempo, se atende à sua incapacidade e se lhes dá a oportunidade de conviver com os adolescentes do curso secundário. Os adolescentes também saem beneficiários, dado que se vão sensibilizando com os problemas dos demais” (Cf. 100ADPMEM, 146-147).

Em 1984, fundou-se em Ixtaltepec uma Escola Preparatória Assunção.

Em Orizaba, Vera Cruz, no edifício do Colégio México, há em funcionamento uma escola primária vespertina para rapazes pobres, que porta o nome de Colégio México, e uma escola secundária, para filhos de famílias pobres, com o nome “Colégio Champagnat”.

“Em 1988, foi fundada a Escola Miravalles, na Delegação Iztapalapa da Cidade do México. Tais escolas chamam-se de inserção. Começou-se com grupos dos três primeiros anos do curso primário; depois, uniu-se a eles um grupo

de pré-primários. Em horário noturno, no mesmo tempo, houve grupos de alfabetização, de grau primário e secundário, destinados a adultos. Pouco a pouco, a Escola abrangeu o curso primário e secundário completos. Além disso, agregou-se pequeno grupo de crianças atípicas, com síndrome de Down, em convivência com os alunos normais da escola. Pode-se dizer que a escola tem o compromisso: caminhar com a colônia” (Cf. 100ADPMEM, 147-148).

Em Monterrey, abre-se uma escola popular, de nome Escola Franco Mexicano Guadalupe, em 1994.

Na Cidade do México, nas instalações do Colégio México, de Mérida 50, os Irmãos estabeleceram a Escola Basílio Rueda, secundária versátil para jovens pobres.

Em Potosí, Gro, fundou-se uma Escola Preparatória, em 2007.

Em Cotija, Michoacán, em 1905, abriu-se uma Academia Comercial, porque, neste lugar agropecuário, havia muitos comerciantes que procuravam dar uma educação nessa linha aos filhos.

4.1.3. A educação superior no México marista

Na Cidade do México, o Colégio Francês de Alvarado tinha uma Seção Comercial, em que se formavam alunos nas questões bancárias e comerciais.

“Os bancos da cidade disputavam os egressos, ano atrás ano, pelo seu ótimo preparo profissional” (Cf. 100ADPMEM, 39).

A pouco e pouco, porém, os Irmãos davam-se conta de que os pais de família desejavam carreiras universitárias para os filhos. A partir de 1912, se vão deixando as *carreiras curtas*, como escrituração mercantil, contador, secretário bilíngue. Era, pois, necessário ir pensando em abrir cursos preparatórios.

Em 1918, instalou-se a Seção de *Bacharelado*, sob o nome de “Colégio Francês Preparatório”, depois “Francês Morelos”, ou simplesmente “Morelos”.

Em Monterrey, no curso de 1933-1934, a Universidade de Nuevo León aprovou o dito curso de preparação. Desse modo, o Colégio Franco Mexicano oferecia os três níveis de ensino.

O ensino universitário no México Marista teve começos de existência discretos: um na Cidade do México, o outro em Monterrey. Na Cidade do México, aparece no momento em que estreia o Centro Universitário Mexicano, em 1947. A faculdade de Química, aberta para alunos externos e para os Irmãos, contava com muitos estudantes, na sua maioria ex-alunos do acima citado Morelos. Infelizmente, não logrou continuar, por falta de costume da parte das autoridades locais da instituição de trabalhar com estudantes universitários. Pelo menos os Irmãos puderam tirar proveito, já em nível interno, com várias das carreiras existentes no Centro Universitário Mexicano: Literatura, Matemática, Química, His-

tória, Geografia. No seu lado, a cidade de Monterrey, graças à benevolência das autoridades estaduais, conseguiu incorporar, na Universidade de Nuevo León, a Escola de ciências químicas, da qual tiraram proveitos os Irmãos.

Em Guadalajara, ao lado das Escolas Normais, e pelo entusiasmo e visão desanuviada do Irmão Tomás Zepe-da, em combinação com as religiosas do Verbo Encarnado, logrou-se que a Secretaria da Educação Pública incorporasse a Escola Normal Superior Nova Galícia.

“No verão de 1951, começaram os cursos intensivos da Normal Superior. Com o correr dos anos, chegou-se a ter três mil mestres-alunos em cada verão (100ADPMEM, 90).

A partir de 1985, a Escola Normal de Querétaro colocou o foco na formação de professores leigos nas licenciaturas da Educação primária e da Educação Pré-Escolar.

No México Marista ficava desmentida a frase tão irônica do ateísmo militante:

“Os senhores, como crentes, ensinam as crianças a ler nas suas escolas primárias, enquanto nós os ensinamos a pensar nas nossas universidades”.

Em Monterrey, um grupo de industriais, sensíveis à questão social, proporcionaram aos seus operários e funcionários diversas facilidades, tais como alojamento adequado, educação integral e lazer sadio. Pe-

diram que os Irmãos Maristas os auxiliassem. Em 1950, assumíamos duas de tais escolas: uma dita Vidreira e outra chamada Indústria do Vidro. Todos os gastos corriam por conta das indústrias respectivas. A residência para os quatro Irmãos dessas obras educativas começaram a ser construídas em 1952, também à custa dos empresários *regiomontanos*.

Em Guadalajara, abriu-se um Instituto de Ciências Religiosas em 1978, para propiciar estudos catequéticos e teológicos para seminaristas, religiosos e seculares. É dirigido por um grupo de Irmãos Maristas, em parceria com os Irmãos Lassalistas da ULSA da cidade do México. O nome desse Instituto é ICRO - Instituto de Ciências Religiosas do Ocidente. É reconhecido oficialmente pela Arquidiocese de Guadalajara.

“Depois de maduras reflexões, os Irmãos de Apatzingán perceberam que a sua presença em outro lugar da diocese era mais necessária. Em 1994, tendo permanecido, durante 31 anos na frente do Colégio, por vênias dos pais de família e bênção do Bispo, deixaram a obra nas mãos das Irmãs Servas do Sagrado Coração e dos Pobres; e partiram para o seu novo campo de trabalho em Villa Victoria, Michoacán, para inserir-se numa escola oficial e viver como assalariados” (Cf. 100ADPMEM, 149).

Essa experiência durou até 2001, porque os Irmãos passaram a outro lugar, a fim de poder atender a outras frentes com necessidades ainda mais prementes.

4.2. Obras apostólicas de educação informal

Em Mérida, em 1901, na escola gratuita do Sacratíssimo Coração de Jesus, os Irmãos atendiam a cursos noturnos para operários, onde se ensinava a ler e se davam noções de catecismo.

O Colégio Montejo cooperou amplamente na Campanha Nacional de Alfabetização, empreendida pelo Secretário da Educação em 1944; ademais, nos domingos atendia a vários centros de catequese com cerca de 300 participantes.

Em Juxtlahuaca, em 1976, foi fundada uma escola para catequistas, que os capacitava em múltiplas funções, dentro das suas comunidades originais.

O casal Sanz, pessoas muito caritativas, legaram respeitável fortuna para estabelecer na cidade do México (Tlalpán) um orfanato e o confiaram aos Irmãos, em 1903. Esta instituição logrou criar ambiente de família muito agradável. Instalaram-se vários ofícios, em proveito dos internos: impressão, carpintaria, marcenaria, forja e alfaiataria.

Logo no começo do estabelecimento dos Irmãos no México, pensou-se na elaboração de manuais escolares. Iniciou-se com a tradução dos livros da FTD. Os livros da Editora marista se vendiam também nos meios oficiais.

“A Editora marista procurava manter-se em dia com os avanços técnicos, razão pela qual os seus trabalhos eram muito apreciados”

(Cf. 100ADPMEM, 068-069).

Em 1935, a Editora foi registrada oficialmente com o nome de “Editorial Progreso”. Dada a situação persecutória mexicana, a elaboração de textos escolares fomentou o recurso do pseudônimo: Rozán, Mario Leal, Hamilton, Godard, Leonardo Lis etc.

“Foi fácil convencer os livreiros e professores de que as novas designações desconhecidas encobriam os antigos e excelentes livros FTD”

(Cf. 100ADPMEM, 069).

Muitos Irmãos e não poucos leigos maristas são os autores da ‘Editorial Progreso’.

O entusiasmo pelos esportes, em especial pelo futebol, desde a chegada dos Irmãos ao México, tem sido uma das características da educação marista.

“Nos Colégios maristas da Cidade do México, o grande esporte começou em 1912, quando na Perpétua se fundou a Preparatória. Nos primeiros anos, as equipes levavam o nome de Oncenas Colón, ou Onzenas Colombo. Quando o Ir. Eugenio Cenoz esteve no comando do Club Deportivo, este foi rebatizado como América e, com este nome, fez história no esporte nacional mexicano. Na sua vez, o Ir. Serpollet organizou, com os entusiastas ‘Ilaneros’ de São Rafael e Santa María ‘la Ribera’, os primórdios daquilo que, em menos de um ano, se tornaria o célebre Clube Francés. Tanto as equipes do Clube Francés como aquelas do América eram formados por estudantes”

(100ADPMEM, 039).

Em Guadalajara, em 1933, inaugurou-se o Clube Desportivo Jalisco, que funcionaria pelas tardes, nos pátios do Colégio marista.

O valor educativo que representa o Movimento Escoteiro chegou a vários colégios; esses grupos de escoteiros estiveram em voga especialmente em Mérida, Guadalajara, San Luis de Potosí, Tepic e Mexicali. Ademais, esses grupos se transformavam em escolas de efetiva cooperação em atividades sociais.

“Desde a sua chegada ao México, os Irmãos infundiram nos seus alunos o sentido de Igreja para colaborar com os seus pastores nos movimentos apostólicos” (100ADPMEM, 039).

Grupos da Congregação Mariana, da Cruzada Eucarística, das Vanguardas, da Legião Catequética de Cristo Rei, da ACJM, REMAR, MAS, MARCHA, estiveram na ordem do dia das obras maristas por toda a República Mexicana. Daí saíram, e continuam saindo, abundantes vocações de seculares comprometidos e de candidatos ao sacerdócio e à vida marista.

A propriedade do Barrial, adquirida pelos Colégios Maristas de Monterrey em 1960, foi uma bênção para a comunidade educativa marista *regiomontana*, porque se presta para organizar toda uma classe de movimentos de reflexão, retiros, convivência e como ponto de partida para numerosas excursões pela Serra Madre Oriental.

Diga-se o mesmo da propriedade dos Irmãos em Tepoztlán, Morelos, para os colégios da Cidade do México. E aquela dos Azufres, para as comunidades educativas dos Estados de Michoacán e Guanajuato.

Para as comunidades educativas de Guadalajara existem dois centros de encontro: Maisonnettes e Chapala. Para aquelas de Mérida há as instalações de Chelem, na praia. A propriedade em Encarnación de Díaz alberga com frequência comunidades educativas maristas de várias localidades.

Em 1960, chegaram ao México os Cursinhos de Crisandade, que produziram enorme impacto no mundo adulto cristão. As pastorais diocesanas os assumiram com entusiasmo. Perante esse fenômeno de renascimento espiritual na Igreja, um grupo de Irmãos do Centro Universitário Mexicano da Cidade do México decidiu fazer uma adaptação de tais Cursinhos para os rapazes do Curso Preparatório. Foi-lhes posto o nome de Jornadas de Vida Cristã.

“A pouco e pouco, penetraram entre os jovens do Colégio e logo mais se estenderam a vários lugares maristas da República. Os resultados foram muito alentadores. Hoje estão praticamente em todas as paróquias, passando a ser de grande apoio à juventude mexicana” (100ADPMEM, 111).

Audiovisão foi um centro que se dedicou, no decênio dos setentas, à elaboração de vídeos e transparências catequéticas. Quanto ao alcance, o

seu público superava com sobras aquele das obras maristas da República mexicana. Favoreceu grandemente a difusão da mensagem cristã em muitas paróquias de várias dioceses.

Em 1975, foi construída a Casa Champagnat em Morelia, Michoacán, para receber os Irmãos anciãos, enfermos e achacados. Conta com todos os serviços necessários. Vários Irmãos se destinam a atendê-los e há mesmo enfermeiras de dia e de noite, para qualquer emergência. Localiza-se ao lado do Noviciado, com o objetivo de que os Irmãos não se sintam isolados; com poucos passos podem entrar em contato com os noviços, o que é benéfico para ambos os grupos.

O México Marista se encontra entre as nações maristas pioneiras, que têm atendido, de maneira sistemática e achegada, aos professores leigos maristas. Organizaram-se cursos de dinamização para professores seculares, desde 1974 até 1995, com uma duração de uma semana. Foram substituídos pelos dez módulos do CELMAR, um de cujos módulos era de um fim de semana; os outros, de um só dia. No verão, organizam-se cursos de autoformação, que difundem o espírito marista nos nossos professores. Também se leva a cabo cursinhos de final de semana, ditos 'módulos para leigos maristas'. Muitas comunidades educativas beneficiaram-se dessa iniciativa.

Um movimento engendrado por Antonio González se dedicou a construir

casas modestas para gente pobre, com ajuda econômica e laboral direta de muitos alunos e ex-alunos. Esse movimento estendeu-se a várias comunidades educativas do México Marista.

No Instituto Potosino de San Luis Potosí, em 1991, constituiu-se o Serviço Social Obrigatório para os alunos do curso Preparatório. Os jovens, de acordo com o Município, desenvolveram diversos serviços em prol da Comunidade.

No Colégio marista de Celaya, os movimentos apostólicos promovidos pela Cidade Nova Marista e REMAR construíram numerosas casas modestas de serviço social.

"No Colégio México Acoxa, a formação espiritual e os movimentos apostólicos foram promovidos especialmente por integrantes do REMAR. Dezenas de alunos do curso secundário dedicam a sua Semana Santa a ir proclamar a palavra do Senhor na missão de Poza Rica" (100ADPMEM, 146).

Os Irmãos, além de proporcionar educação integral à povoação de Tepatitlán, preocupam-se do bem-estar físico dos habitantes dessa cidade dos Altos de Jalisco.

"Ademais de cooperar para a introdução de água potável, ajudaram na formação de duas cooperativas de autotransportes: As Alteñas e os Caminhões dos Altos; chegaram a ajudá-los na obtenção de algumas concessões especiais, até mesmo consertos e aros, nos tempos difíceis da guerra" (Cf. 100ADPMEM, 077).

O terrível terremoto de 19 de setembro 1985, de mais de sete graus Richter, que causou muitas vítimas e destroços na Capital, mostrou aos mexicanos o valor da solidariedade. Grande número de voluntários saiu às ruas para auxiliar os que estavam presos sob os escombros. Entre esses voluntários se encontravam muitos alunos do Centro Universitário Mexicano. Além das salas do seu Colégio, eles os adaptaram para que servissem de refúgio para as pessoas sinistradas que ficaram sem casa.

Por ocasião dos furacões que açoitarão o sudeste da República mexicana, os alunos maristas de Mérida da Cidade Carmen ajudaram em aliviar os atribulados da população angustiada, com tanto vento e inundações.

Em 1982, em Morelia organizou-se o CEMAR, Centro de Espiritualidade Marista. Aí os Irmãos do México Marista e das Províncias da América Central e da América do Sul, durante dez meses, vinham realizar um curso de renovação. Tal Centro funcionou até junho de 1992.

Um bom grupo de Irmãos assessoraram as fraternidades do Movimento Champagnat da Família Marista. Esses grupos, além das suas reuniões semanais ou quinzenais, têm encontros periódicos regionais e nacionais; empenham-se em realizar apostolados concordes com a missão do Instituto.

Em 1989, fundou-se o Centro de Estudos do Patrimônio Espiritual Maris-

ta, aberto para Irmãos e seculares maristas. Mais de 290 pessoas de vários países frequentaram tais cursos prolongados, de mais de três semanas. Tal Centro funciona até hoje. Os seus cursos normais se dão no verão. Atualmente, encontram-se em Guadalajara, Jalisco. Muitos Irmãos e seculares da Região Marista Arco Norte o frequentaram. A esses cursos também vieram pessoas da América do Sul: Brasil, Argentina, Chile e Uruguai, e da própria Espanha.

“A notícia da fundação do Internato Marista de Nossa Senhora de Guadalupe, em Chiapas, causou forte impacto entre os estudantes. Ao inteirar-se de que o objetivo seria formar catequistas indígenas, em especial na região Tzotzil, sentiram desejo de participar nessa missão. Efetivamente, em várias ocasiões, grupos numerosos de alunos maristas foram a algumas povoações, com o fim de ajudar a introduzir a água nas comunidades, ou para entregar telhas, roupa e alimentos aos carentes e necessitados. Chiapas converteu-se, desde então, em imã que atrai os estudantes”
(Cf. 100ADPMEM, 110-111).

Os voluntários têm ido todos os anos a Tarahumara. Geralmente são jovens que terminaram o curso secundário e se candidatam à Universidade. Essa experiência lhes muda a visão da vida e da sociedade.

Há também voluntários para as missões da Tanzânia. Ficam lá dois ou três anos. Em geral são solteiros, mas há caso em que ambos os cônjuges vão.

Em 1989, começou o grupo REMAR, cujo objetivo fundamental é formar lí-

deres cristãos mediante formação e humana e trabalho de ação social; as suas atividades têm sido de grande importância na formação dos jovens.

Em Guadalajara em 1994, abriu-se a comunidade de inserção em Villa Guadalupe, que atende um Centro de Desenvolvimento Comunitário. Aí se atende gratuitamente a meninos e meninas marginalizados, que não tiveram êxito nos seus estudos formais básicos. São auxiliados a reintegrar-se.

Muitos colégios maristas na Cidade do México e por toda a República

“organizaram diversas modalidades de artes e ofícios para o desenvolvimento humano daqueles que participam na formação dos diferentes membros da Comunidade Educativa” (Cf. 100ADPMEM, 113).

“Em 1997, surgiu, no Instituto México do Primário um novo campo de apostolado: atenção aos incapacitados. Um grupo de dez alunos recebeu atenção especial, em uma sala, e se integravam aos demais alunos nos recreios e em matérias que não se prestam a comparações, como o canto. Com isso se foi logrando melhor socialização desses alunos. Os outros alunos e o resto da comunidade educativa aprenderam a entendê-los, valorizá-los e mesmo a amá-los. Essa iniciativa se difundiu em outras comunidades” (Cf. 100ADPMEM, 114).

Velando de igual modo pela saúde dos Irmãos, a Congregação estudou algumas propriedades, como o Bohío em Veracruz, Ramada nas praias do Pacífico, perto da área de Chamela, Jalisco, como lugares de descanso ou de reunião para professores e alunos. O uso desses locais para des-

canso se estendeu ao pessoal docente e aos familiares diretos das obras maristas.

Todos os anos são organizados cursos de meditação para membros das fraternidades maristas e outras pessoas. Mais propícios, para isso, são os três ou quatro dias da semana santa.

4.3. MISSÕES

4.3.1. Missões nacionais

“Em 6 de janeiro de 1962, chegaram os primeiros Irmãos Maristas a Chiapas. O Bispo Samuel Ruiz expressara ao Irmão Provincial o seu pensamento: ‘Desejamos instalar um internato em que os indígenas aprendam a viver uma vida mais humana. Queremos que aprendam o catecismo, mas a sua influência será muito maior, quando ao seu catecismo bem sabido e à sua vida cristã levada à prática, eles unam a instrução profana tão avançada quanto lhes seja possível’. Muitos indígenas desfilaram pela casa marista em grupos de trinta e até de sessenta. A formação do catequista requer muito empenho, porque é substituto do sacerdote, o qual somente uma vez por ano pode visitar os seus fiéis. Cumpre proporcionar ao catequista, além dos conhecimentos religiosos, certos conhecimentos de enfermagem, primeiros socorros, civismo, agricultura, e orientação de ofícios, como marcenaria, alfaiataria, carpintaria e correaria, etc.” (Cf. 100ADPMEM, 135).

“O trabalho no internato de São Cristóvão se desenvolvia em cursos trimestrais; o tempo se distribuía entre a catequese e as artes e ofícios. Posteriormente, ia de sessão a sessão,

faziam-se visitas de animação às paragens e se tomava contato novamente com os catequistas que haviam assistido aos cursos. Desde os primeiros anos, as aulas do Internato sempre cheias, com muita bulha nos pátios, com cultivos variados de hortaliças. Aí se formaram bons alfaiates e artistas proficientes em produtos de couro e de madeira” (Cf. 100ADPMEM, 136).

“Em 12 de outubro de 1974, por desejo do Bispo e promovido pelos Irmãos, reuniu-se o primeiro congresso de indígenas e para indígenas; depois de escutar o parecer de diferentes grupos, chegaram aos seguintes acordos: ‘A terra é de quem a trabalha; igualdade e justiça nos preços; renovar a educação dos nossos filhos; difundir e praticar que saúde é vida’. Os nossos irmãos indígenas, mediante tal congresso, deram-se conta de que nunca, antes, se haviam reunido; descobrem a força que eles têm, caso permaneçam unidos. Foi o começo de grande movimento de organização e tomada de consciência” (Cf. 100ADPMEM, 137).

Em 1961, os Irmãos chegaram à serra Tarahumara, Vicariato confiado aos Jesuítas. Eles estão principalmente em quatro lugares: Sisoguichi, Creel, Norogachi e Chinatú. Por meio dos Irmãos destinados à Tarahumara, coopera-se no trabalho que desenvolve a pastoral orgânica da Missão. De acordo com os planos do Vicariato, criou-se uma comunidade marista temporária em Kwechi, com a finalidade de que se adquirissem conhecimentos vivenciais da cultura idiossincrática dos Tarahumaras. Segundo o Bispo, deixou-se de atender ao internato Sisoguichi. Em Norogachi se presta auxílio às religiosas no

atendimento de uma escola primária para tarahumaras.

Em 1999, funda-se uma comunidade marista em Pico de Oro, também chamado Marquês de Comillas, Chiapas, para atender à povoação dessa área.

4.3.2. Missões internacionais

“Em 1971, quatro Irmãos chegaram à Coreia do Sul, nação da qual algo conheciam pelos seus estudos de geografia; mas dela ignoravam todo o resto. Com entusiasmo se deram à tarefa de aculturar-se começando por aprender a língua. A primeira lição que receberam os coreanos foi o testemunho da vida cristã dos Irmãos; por isso, na festa de Natal de 1972, ingressavam na comunidade marista os três primeiros postulantes. A obra missionária se foi desenvolvendo paulatinamente. A primeira experiência foi na diocese de Na Dong, onde os Irmãos entraram em contato com os jovens coreanos, por meio de uma academia de inglês, ábaco e contabilidade. Tratava-se de que houvesse certa presença cristã, nos meios pagãos da cidade. Ademais, atendiam a uma residência para estudantes universitários, que possuía grande biblioteca, aonde os jovens iam estudar, no fim das suas aulas. De noite, funcionava uma escola para alunos que preparavam os seus exames a título de suficiência. Posteriormente, trabalharam em uma escola de surdos-mudos, localizada em Chugju; mas depois de vários anos tiveram de abandonar a escola. Novo campo se apresentou: tomar a administração e o cuidado do hospital Damião de leprosos, em Yong yu. Para melhorar a situação econômica dos enfermos e das suas famílias, desenvolveram-se vários projetos, entre eles a criação de galinhas e porcos. Por outro lado, prestava-se atenção especial aos filhos dos leprosos, que estavam abandonados. O projeto durou até 1997” (Cf. 100ADPMEM, 143).

“Os Irmãos dirigiram, durante três anos, uma casa de retiros e convivências em Wong yu; desde o começo, dedicaram-se a dar aulas de espanhol nas universidades. Atualmente, exercem o seu apostolado em Chung-ju, orfanato no qual são atendidos 80 alunos, que são enviados pelo governo ou por outras instâncias. Ultimamente, em um lugar perto de Chung-ju, encarregaram-se de um curso preparatório especial de alunos com problemas” (Cf. 100ADPMEM, 144).

“A partir de 1989, a irmandade marista foi erigida como Distrito, pois já contava com 25 Irmãos coreanos e cinco mexicanos. O noviciado ao qual vêm chegando, a pouco e pouco, algumas vocações, foi estabelecido em Suwon. Todos os noviços têm idade acima de vinte anos, porque, antes de ingressar, tem de cumprir o serviço militar nacional, que dura três anos. A casa central do Distrito se encontra em Seul. Depois da reestruturação de muitas Unidades administrativas do Instituto, passou a pertencer à Província Ásia do Sul” (Cf. 100ADPMEM, 145).

Os Irmãos chegaram à Tanzânia em 1991. Encarregaram-se de uma escola técnica, de nível secundário. Ensina-ram muitos assuntos de agricultura e outros ofícios. Depois da reestruturação de muitas unidades administrativas do Instituto, passou a pertencer à Província da África Central.

Em resposta a uma petição expressa pelo Irmão provincial do Canadá, a partir de 2009, o México Marista assumiu o setor do Haiti, que estava sob a direção da Província do Canadá. Hoje, há três Irmãos mexicanos ajudando no Haiti. Os formandos haitianos se encontram no México Marista para o noviciado e escolasticado, com exceção dos postulantes que permanecem no Haiti.

5. PASTORAL VOCACIONAL

A Pastoral Vocacional se deu desde o começo. Os mexicanos se alistaram como discípulos de Marcelino sem delongas, praticamente passados poucos meses. Iniciou-se com o jovem Ignacio Vázquez Del Castillo Negrete, de Guadalajara. Depois de um decênio, já eram 66 Irmãos mexicanos. Em 16 de agosto de 1899, o Colégio da Imaculada abria as portas, na avenida Alcalde 2, da formosa cidade de Guadalajara. Um dos primeiros em apresentar-se como aluno foi Nachito Vázquez, acompanhado pela mãe. Havia, porém, um problema: a sua idade passava de meio ano no que prescrevia o regulamento.

“Um parente próximo acompanhou logo a mãe; a sua intervenção obteve o que me haviam negado as súplicas e as lágrimas, com a condição de que me comportasse bem. Entrei no Colégio no primeiro dia. O Ir. Pedro Damião, fundador do México Marista, começou a falar da vocação marista a mim e a mais quatro ou cinco. Entramos apenas dois. Na primeira noite houve alguma lágrima, mas o bom Deus me deu forças. O que estou dizendo sucedeu em uma casa de San Pedro Tlaquepaque, em 19 de fevereiro de 1901”. (São notas do Irmão Marcelino Luís).

Dito de outro modo, dezoito meses depois de aberta a primeira escola na República Mexicana, já havia dois garotos mexicanos, alunos maristas, como postulantes do Instituto.

Primeiros mexicanos professos maristas: em 1903, Ignacio Vázquez del Castillo Negrete, Miguel Ortega Ceti-

na; em 1906, Tomás Carvajal Coronado; em 1907, Manuel Hernández; em 1908, Francisco Casillas Casillas, Agustín Navarro; em 1909, Damián Barrios, Santiago Gutiérrez Reynoso, Daniel Paredes Rangel. Isto é, nos primeiros dez anos, a comunidade marista francesa incorpora 11 jovens mexicanos, o que dá um por ano.

A soma total dos mexicanos que participaram do carisma marista, mediante a profissão religiosa, ascende a mil e duzentos Irmãos. Cabe perguntar: Por que a alma mexicana foi tão sensível à vocação marista? Não seria estranho pensar que, sendo o nosso povo tão profundamente mariano, a atração pela Congregação dos Pequenos Irmãos de Maria tenha sido favorecida. As notas marianas do carisma estão muito em consonância com a mística preconizada no Tepeyac.¹⁶

Assim, a soma total dos mexicanos que se deixaram tocar existencialmente pelo carisma de Marcelino provém de vários Estados: Jalisco, 33%; Michoacán, 15%; Distrito Federal, 14%; Guanajuato, 6%; Querétaro, 5%; Aguascalientes, 3%; San Luis

de Potosí, 3%; Yucatán, 2%; Veracruz, 2%; Nuevo León, 2%; Estado de México, 2%; Hidalgo, 2%. Menos de dois por cento nos seguintes: Zacatecas, Chihuahua, Oaxaca, Tamaulipas, Campeche, Coahuila, Nayarit, Puebla, Sonora, Chiapas, Baja Califórnia, Sinaloa, Morelos, Colima, Durango, Guerrero, Tabasco e Tlaxcala.

Ao longo da história, uma porcentagem muito elevada, cerca de 80%, dos aspirantes à vida marista proveio das obras maristas.

Basilio Rueda foi o primeiro mexicano que tomou o timão do Instituto Marista; governou-o por dezoito anos. Ele constitui uma das melhores respostas ao carisma de Marcelino nas terras mexicanas.

6. CASAS DE FORMAÇÃO

A primeira casa de formação no México Marista se abriu em Tlaquepaque, Jalisco; aí viveram alguns postulantes. Tão logo se deixa essa casa, se abre outra em Zamora, em Michoacán. Os postulantes se trans-

¹⁶ Lugar das aparições da Virgem Maria a Juan Diego, um indígena pobre e sem cultura. A mensagem de Guadalupe permanece atual: *“Saibas e compreendas bem, o mais humilde de meus filhos, que eu sou a sempre virgem Santa Maria, Mãe do verdadeiro Deus [...] Gostaria que uma igreja fosse construída aqui, rapidamente [...] porque sou vossa mãe misericordiosa [...] A fim de realizar o que exige minha clemência, vai ao palácio do Bispo do México e diz a ele que eu tenho um grande desejo que aqui, nesta planície, seja construída uma igreja, em minha honra [...] Fica tranquilo que te serei extremamente reconhecida e te recompensarei, porque tornar-te-ei feliz e digno de recompensa pelos esforços e as dificuldades que vais enfrentar em favor dessa missão. Então, ouviste minhas instruções, tu meu humilde filho; vai e faz o teu possível”* (1ª aparição, extratos). A quintessência da mensagem de Guadalupe é expressa nestas palavras da Virgem a Juan Diego – e através dele aos Mexicanos – *“Por acaso, não estou aqui, eu que sou tua Mãe? “ Nada te amedronte. Não estás em meu coração? Eu cuido de ti.”* É assim que o Padre Champagnat via a Santíssima Virgem, nossa “Boa Mãe”. Em Tepeyac, Maria se apresenta como mensageira de Deus, aquela que prepara a evangelização do México. Hoje diríamos, aplicando-o ao nosso contexto, que a Virgem Maria se revela como o rosto mariano da Igreja... Por isso, houve tantas conversões.

ladam para lá. Na capela do Colégio Marista tomaram o hábito da Congregação os primeiros Irmãos Maristas mexicanos, em 30 de março de 1903. Pouco tempo depois, Jacona, povoação vizinha de Zamora, constitui-se em coração da Província incipiente. Aí estiveram o Juvenato e o Noviciado. Porém, quando a Revolução tomou força, essa casa foi confiscada e expulsos os seus moradores.

“Logo que os superiores maristas do México se deram conta do espírito anticatólico dos líderes do movimento revolucionário, viram como única solução tirar do país os formandos e levá-los aos Estados Unidos. Os Padres Oblatos de Maria Imaculada de Brownville, Texas, ofereceram aos Irmãos Maristas a sua casa de verão, em Port Lavaca, para esses jovens” (Cf. 100ADPMEM, 042).

Em 18 de fevereiro de 1915, os Irmãos e os formandos se mudaram para San Antonio, Texas, em outra propriedade dos Padres Oblatos. Nessa cidade se comprou um terreno de dez hectares. Começou-se a construir um edifício que pudesse albergar uma casa de formação

“que fosse a um só tempo constante súplica e perene ação de graças pelos cem anos da Congregação. Assim começou a ‘Casa do Centenário’. Esta casa chegou a ser uma feliz realidade. A cerimônia inaugural deu-se em dois de janeiro de 1917; foi coroada pela tomada de hábito de cinco postulantes, pela primeira profissão de seis noviços e pela profissão perpétua de quatro Irmãos” (100ADPMEM, 044).

Os planos da Providência, porém, eram diferentes. Um tornado destruiu a casa em 1920, sem nenhum feri-

mento dos seus moradores. A mensagem de Deus era patente: importa retornar ao México. Assim, terminou o exílio nos Estados Unidos.

Nos albores de 1921, um grupo ingressou no Postulado de Tlalpán. Infelizmente, a casa em que estavam albergados alojava também uma escola marista. Isto implicava incômodo mútuo e, mais ainda, o risco sempre presente de inspeções escolares por parte do governo. Pensou-se em obter uma casa só para os postulantes e os noviços. Logo se deparou com uma muito adequada, e que se encontrava também em Tlalpán.

“Sempre que os estudantes iam à missa na paróquia, passavam por uma quinta deserta, ampla, arborizada e silenciosa, que os noviços chamavam a ‘mansão do silêncio’ ou ainda a ‘casa da soledade’. O novo proprietário, de nome Francisco Llory, amigo dos Irmãos, colocou a quinta à disposição da Congregação e concordou que a chamassem ‘Quinta da Soledade’. A inauguração aconteceu em 24 de setembro de 1922” (Cf. 100ADPMEM, 047).

Em 1924, uma vez mais o panorama político do México se exacerbava. Os homens do governo federal eram muito adversos à questão religiosa. O retorno do radicalismo aflorava.

“Em previsão das violentas tempestades que ameaçavam a Igreja, o Irmão Provincial e o seu Conselho decidiram instalar na França um juvenato e na Espanha um noviciado para os formandos da Província” (Cf. 100ADPMEM, 048).

Desde 1912, já havia uma casa mexicana em Carrión de los Condes para vocações espanholas missionárias;

com o tempo, a casa receberia também formandos enviados do México. Desde 1920, havia-se adquirido uma propriedade em Pontós, próxima a Gerona, na Catalunha, onde se formavam jovens europeus missionários em nível de noviciado e escolasticado. Este local seria ocupado, a partir de 1924, por formandos do México.

“Em 1934 e 1935, ao serem fechadas diversas obras maristas da República Mexicana, o Irmão Provincial enviou à Europa vários Irmãos para reforçar o corpo docente das casas de formação” (Cf. 100ADPMEM, 067).

Em 1936, a guerra civil espanhola fez estragos de maneira particular em toda a área da Catalunha, por ser a base das milícias comunistas. Os formandos de Pontós muito sofreram. Pertenciam a diversas nações: Espanha, México, Cuba e Estados Unidos. Apesar da sua situação difícil,

“prosseguiram na sua formação. Em 8 de setembro de 1937, vários jovens receberam o hábito marista e outros pronunciaram os seus primeiros votos. Alguns deles foram chamados ao exército. Infelizmente, quatro pereceram; os outros, porém, puderam ver a luz da libertação, em fevereiro de 1939” (Cf. 100ADPMEM, 068).

No fim de 1939, a situação europeia começou a ficar grave pela dificuldade em enviar os formandos mexicanos. Foi necessário conservá-los no México. Tlalpán tornou a ser albergue dos aspirantes maristas. O juvenato foi fundado em Querétaro, no antigo ‘Moinho Santo Antônio’. No início de 1943, chegaram os juvenistas que emigravam de Tlalpán.

No início de 1943, em Tlalpán, na “Quintada Soledade” um grupo de jovens começou o seu postulado. Entre eles se encontrava um jovem de 18 anos, de nome Basilio Rueda Guzmán, que havia ingressado em Tlalpán em julho de 1942, na qualidade de aspirante. Aí mesmo fizeram o Noviciado e o concluíram com a sua primeira profissão religiosa, em 8 de dezembro de 1944.

Bom grupo de Irmãos havia realizado os seus estudos na Europa; era necessário revalidar-lhes os estudos, para que pudessem ostentar devidamente o seu título de professor de educação primária perante os inspetores da Educação Pública. Isto, unido à necessidade de preparar profissionalmente os noviços que se encontravam em Tlalpán, levou à fundação de uma Escola Normal, na Cidade de Querétaro.

“O Governador do Estado de Querétaro, em 31 de março de 1944, expediu o decreto que aprovava oficialmente a Escola Normal Queretana” (Cf. 100ADPMEM, 084).

Em 5 de janeiro de 1945, o primeiro grupo de neoprofessos chegava ao ‘Moinho Santo Antônio’, em Querétaro, com o objetivo de começar o seu escolasticado. Foi necessário fazer muito trabalho de acomodação dos espaços e lugares.

“Mesmo assim, as construções do ‘Moinho’ não era suficientes para hospedar as diversas Seções: Colégio, Juvenato, e agora o Escolasticado. Portanto, durante 1946, construiu-se novo edifício para os escolásticos” (Cf. 100ADPMEM, 096).

Graças às intervenções judiciosas e reiteradas do Pe. José Villalón Mercado e, posteriormente, chamado ‘o Bispo Marista’, a senhorial Cidade de Morelia ficou sendo um centro de formação marista para os seus jovens aspirantes. Com efeito,

“o senhor Arcebispo Luis M. Altamirano y Bulnes cedeu o edifício que ocupado pelo curso secundário de Valladolid, autorizando os Irmãos a realizar modificações reputadas pertinentes. Em 18 de fevereiro de 1947, se inaugurou o juvenato de Nossa Senhora da Saúde” (Cf. 100ADPMEM, 096).

“Em 1951, houve o projeto de enviar a Brownsville dez juvenistas, para que aprendessem inglês e pudessem conviver com jovens norte-americanos que aspiravam à vida religiosa; mas o projeto não frutificou; em 1957, o Conselho Geral e o Conselho Provincial tomaram uma decisão penosa, mas necessária: ceder as obras de Brownsville e de Laredo à Província Irmã dos Estados Unidos. O México perderia tais casas, mas as obras se salvariam para a Igreja e para a Congregação” (Cf. 100ADPMEM, 104).

Depois da divisão do México Marista em duas Províncias, as casas de formação estabeleceram-se em cada uma delas. O juvenato e o escolasticado do México Central continuaram em Querétaro e o noviciado em Tlalpán. O juvenato e o escolasticado do México Ocidental se estabeleceram em Loma Bonita, Guadalajara; o noviciado funcionou em Morelia.

No decênio de 1960, instituiu-se o noviciado interprovincial, que funciona em Morelia, Michoacán. Os escolasticados se mantiveram separados: aquele do Centro, no Distrito Federal;

aquele do Ocidente, primeiro em Guadalajara, depois em Monterrey.

No decênio de 1970, todas as casas de formação, a partir do postulado, entram em regime interprovincial, variando um pouco a localização: Querétaro, Guadalajara, Encarnación de Díaz.

A partir de 2008, o escolasticado se encontra em regime interprovincial, em Guadalajara.

As tentativas de ambas as províncias mexicanas para manter casas de formação nas suas respectivas áreas missionárias nacionais, afora simples grupos de aspirantes ou incipientes postulados, não lograram o êxito desejado, até hoje.

7. ALGUNS ACONTECIMENTOS MARCANTES

A implantação de uma congregação religiosa em um país seria impossível, sem que muitas pessoas, de uma maneira ou outra, prestassem o seu concurso com altruísmo e desinteresse. São pessoas de diversos estratos eclesiais: membros da hierarquia eclesial, seculares, outros religiosos. Costumamos chamá-los benfeitores. O seu número real é incalculável. Ainda assim, à guisa de símbolo, queremos referir-nos aos benfeitores oficialmente reconhecidos como tais, mediante a outorga da afiliação ao Instituto Marista. Esses alcançam cinquenta e dois beneméritos: 39 seculares; nove mulheres; onze membros do clero e duas famílias.

No México, em 1959, o número de Irmãos era de 415, exercendo o apostolado em 36 centros escolares, com um total de 18.475 alunos. Tendo em conta esses dados, o Conselho Geral decidiu-se pela formação de duas Províncias: México central, que abarcaria os colégios de calendário tipo A, isto é, com férias em dezembro e janeiro, aqueles da Meseta Central. O México Ocidental abarcaria os colégios de calendário tipo B, isto é, com férias em julho e agosto: aqueles das fronteiras e das costas. A divisão se realizou em 12 de dezembro de 1959, dia de Nossa Senhora de Guadalupe.

A Província do México Central, com o Irmão J. Jesús M. Rodríguez de Superior, continuou com a 'Quinta Soledade' como casa provincial; a do México Ocidental, cujo Provincial foi o Irmão José Salvador Heredia, teve de construir, em Loma Bonita Sur, em Zapopán, a Residência Provincial, com edifícios adicionais para o juvenato e para o escolasticado.

Somando tudo, desde o começo, abriram-se 198 obras, das quais 128 foram fechadas. Conservam-se 70 obras hoje. No atinente aos Irmãos Provinciais, 22 foram mexicanos, 5 franceses e 1 espanhol...

8. EXERCÍCIO DE AUTOAVALIAÇÃO

Segue o elenco de tudo o que importa notar acerca da fundação de obras.

- A constante presença de seculares benfeitores de enorme generosidade.
- Donativos não apenas em dinheiro, mas também em imóveis e terrenos postos ao serviço dos Irmãos.
- A intervenção favorável de Bispos e Párocos.
- A ajuda econômica de associações de beneficência.
- A importância dos antigos alunos.
- A capacidade de os Irmãos dialogarem diretamente com as autoridades civis, educativas e eclesíásticas.
- A educação superior no México Marista não se apresenta como católica, mas de inspiração cristã. Por certo foi para não cair sob o estrito controle das Instâncias Eclesiásticas de níveis superiores. De certo modo, isto auxiliou em não afugentar um público potencialmente anticlerical, ponderada como deve ser a nossa história nacional.
- O México Marista ofereceu aos seus Irmãos todo um leque de obras apostólicas de grande amplitude. Todas elas se inserem na missão carismática do Instituto: educação cristã de crianças e jovens. Tal diversidade deu causa a que o pessoal do México Marista não tenha de emigrar a outras Uni-

dades Administrativas Maristas, para realizar o apostolado educativo a que se sente chamado.

8.1. Em termos de superação

Desde os primeiros anos do México Marista, houve especial preocupação dos superiores em velar pela formação religiosa profissional dos seus membros. Logo que foi possível, os Irmãos obtiveram o seu diploma de professor; quando as circunstâncias permitiram, lançaram-se aos estudos universitários da Escola Normal Superior. Este ideal de superação foi o motor que impulsionou a organização do Congresso Marista de Educação no México, em 1967, o qual teve por escopo efetuar uma autoanálise do labor educativo dos Irmãos. Especial importância teve o Congresso de Catequese Marista em 1996. O Congresso desenvolveu-se contando com a assistência de muitos Irmãos e de muitos mestres dedicados à catequese. Os diplomados em educação marista são um esforço em prol da superação dos desafios dos professores seculares do México Marista.

Que recebeu o México do Marista universal?

A nação mexicana, com a chegada dos Irmãos Maristas de Champagnat, recebeu enorme graça. O seu nome *marista* robusteceu o termo *mariano*, já tão presente no coração nativo. A educação integral que os Irmãos ofereciam protegeu crianças e jovens mexicanos do positivismo e do lai-

cismo galopantes. A importância que eles davam aos esportes, à arte e à alegria cativou a alma do mexicano.

Que deu o México ao Marista universal?

Muitos Irmãos religiosos, muitas pessoas de peso na sociedade e na Igreja, dezenas de milhares de alunos, inúmeras vocações sacerdotais, religiosas e apostólicas, bem como multidões de cristãos convictos e proclamadores do Evangelho. Uma figura excepcional, Irmão Basilio Rueda, autêntico e profundo místico, filósofo e difusor da renovação da vida marista, pelo seu exemplo, pelas suas “circulares”, retiros, conferências e direções espirituais, sempre de timbre Vaticano II.

Numeroso efetivo do México Marista prestou o seu serviço espiritual e de liderança, em nível geral, como no elenco seguinte: 2 Superiores Gerais; 6 Conselheiros Gerais; 4 Visitadores delegados; 5 Diretores de grupos de espiritualidade; 5 Diretores de cursos especiais; 4 altos dirigentes das Casas da Administração Geral; 4 Membros de Comissões Internacionais; 3 Membros da Comunidade de Acolhida de l'Hermitage; 2 dirigentes da Biblioteca geral da Casa Generalícia; 3 membros auxiliares dos Retiros de Diagnóstico Provincial.

Por último e não menor, este inefável arbítrio mexicano que leva a pessoa a ser acolhedora, dialogante, sensível, empática. Isto constitui verdadeiro apelo a todo o Instituto acerca da im-

portância da promoção vocacional de sacerdotes e de maristas entre o alunado das nossas próprias escolas. Cumpre recordar a alta porcentagem de ex-alunos maristas entre os religiosos professos maristas do México. De igual modo, foi dada ao mundo a mensagem de que é melhor permanecer no país, quando irrompem crises sociais e perseguições religiosas, isto a qualquer preço, até mesmo por sofisticada simulação de secularização da corporação. Maristas mexicanos têm animado, em nível mundial, o amor ao Patrimônio Espiritual Marista, PEMA, mediante traduções, organização de cursos sobre o tema, pesquisando e subministrando material pertinente por meio da internet.

9. O NOSSO PASSADO E O PRESENTE DÃO ESPERANÇA AO FUTURO

Continuaremos o carisma de Marcelino na medida em que concretamente respondamos às necessidades e aos apelos das crianças e dos jovens de hoje; mas, para logr-lo, temos de atender às condições e desafios elencados aqui:

- Tomar em conta os novos dados: culturais, religiosos, sociais e políticos.
- Dar espaço à crescente inter-relação, no interior da Sociedade de Maria, de Irmãos, Sacerdotes e Irmãs.

- Dar passo e espaço ao robustecimento do papel e protagonismo dos seculares, em face da missão e da espiritualidade marista.
- Levar a bom termo o processo que ajude a continuar com o essencial do carisma, deixando de lado o que foi meramente conjuntural.
- Seguir explicando o nosso presente, contemplando o passado; e continuar preparando o futuro, a partir dos progressos e intuições do presente.
- Explorar a riqueza imensa da nossa missão carismática, que é a evangelização, mediante a educação cristã da juventude, o que abarca por inteiro o escolarizado e o não escolarizado.
- Continuar sendo *tecelões de fraternidade*.
- Abrir-se cada vez mais à internacionalidade do Instituto
- Continuar respondendo aos desamparados ou *Montagnes* de hoje.
- A diversificação apostólica, dentro do campo educativo, demonstrou ter sido um acerto no México Marista, pelo que importa continuá-la e incrementá-la.

Fala-se de nova fundação. Cumpre não temer a expressão. É tão bela e exata quanto a nova evangelização, muito empregada por João Paulo II.

O nosso labor é obra do Espírito Santo. Não há lugar para o temor. O carisma é como a água: sempre continua correndo e vai tudo en-

chendo. Se a água em demasia, no solo, vira pântano, o sol a socorre e a faz evaporar, para que torne a cair benfazeja em outro lugar.

BIBLIOGRAFIA

Livros

- Angel Goñi/Esteban González/Fernando García, *Calendario Religioso Marista 2010*, Provincias Maristas de México, Ed. Progreso, D.F., 199pp
- Comisión Interprovincial de Historia, *Los Hermanos Maristas en México*, Vol. I, *Los Pioneros*, 1899-1914, Editorial Progreso, México, D.F., 1977, 264pp.
- Comisión Interprovincial de Historia, *Los Hermanos Maristas en México*, Vol. II, *La lucha por la libertad*, 1914-1938, Editorial Progreso, México, D.F., 1982, 414pp.
- Comisión Interprovincial de Historia, *Los Hermanos Maristas en México*, Vol. III, *La Resurrección*, 1938-1959, Editorial Progreso, México, D.F., 1993, 406pp.
- Ignacio Martínez Hernández, *Siguiendo sus pasos*, Vol. I, Editorial Progreso, México, D.F, 1994, 240pp.
- Ignacio Martínez Hernández, *Siguiendo sus pasos*, Vol. II, Editorial Progreso, México, D.F, 1995, 368pp.
- Ignacio Martínez Hernández, *Siguiendo sus pasos*, Vol. III, Editorial Progreso, México, D.F, 1998, 368pp.
- Ignacio Martínez Hernández, *Siguiendo sus pasos*, Vol. IV, Editorial Progreso, México, D.F, 2005, 375pp.
- Miguel López López/Luis Jesús Calderón Amaya, *100 años de presencia marista en México*, Editorial Progreso, México, D.F., 1998, 163pp

Revistas

- "Ecos de Familia", *Revista de la Provincia de México*, bimensual, 325 números, Editorial Progreso, D.F.
- "Le Trait d'Union", *Revue de la Province du Mexique*, 1911-1935, mensual
- "México central", *Revista de la Provincia de México Central*, bimensual, 62 números, Editorial Progreso, D.F.
- "México Marista", *Revista de las Provincias de México*, bimensual, 61 números, Editorial Progreso, D.F.
- "México Occidental", *Revista de la Provincia de México Occidental*, bimensual, 62 números, Editorial Progreso, D.F.

Arturo Lauda/Alejandro Aldape/Orlando Astiazarán/César Lorenzo Rodríguez,
“México Marista, Núm Extraordinario, abril-junio de 1998, Año 5, Núm. 16”,
Editorial Progreso, México, D.F.

Arturo Lauda/Alejandro Aldape/Orlando Astiazarán/César Lorenzo Rodríguez,
*“México Marista”, Núm Extraordinario, julio-diciembre de 1998, Año 6, Núm.
17”*, Editorial Progreso, México, D.F.

Archivos

Archivos de CEPAM, Marcelino Champagnat 2981, 45086, Zapopan, Jal.

Archivos Provinciales de México Central, Moneda 15, 14000, México, D.F.

Archivos Provinciales de México Occidental, Amado Nervo 280, 44650, Guadalupe, Jal.

Archivos Provinciales de México, Moneda 15, 14000, México, D.F.

ESBOÇO DE UMA HISTÓRIA DO INSTITUTO



André Lanfrey
fms

Não existe, atualmente, verdadeira história global do Instituto, mesmo se, desde cedo, a Congregação tenha produzido trabalhos que cumpriram essa função. Assim, em 1856, a 'Vida do Fundador' evocou detalhadamente, em sua primeira parte, os anos de 1789 a 1840; outrossim, o capítulo 23 (1ª parte) menciona rapidamente os grandes acontecimentos que ocorreram entre 1840 e 1856. Os Anais do Instituto, escritos pelo Irmão Avito e acabados em 1891, tecem uma crônica completa, partindo de 1775. Porém, esse documento não foi publicado a não ser parcialmente, em 1972, e *in extenso*, em 1993.

Entretanto, o Instituto contentou-se com organizar cronologias detalhadas, a primeira em 1917 (Circulares, volume 13) e a segunda, em 1976. A publicação de uma 3ª cronologia (até 2009) acaba de vir a lume. É preciso mencionar, entretanto, uma História do Ins-

tituto destinada às casas de formação, em 1947¹, e a bem recente *Historia del Instituto de los Hermanos Maristas*, editada na Argentina em 2004, com a vantagem de esboçar nossa história, das origens até 2001. Seu autor, o Ir. Luís Di Giusto, no prólogo, situa claramente seu trabalho como instrumento para a formação dos Irmãos.

Em suma, de 1856 até hoje, as publicações mencionadas acima não fizeram história senão indiretamente; seu objetivo fundamental era a edificação, a formação ou uma informação sucinta. No entanto, pode-se dar um lugar específico ao Irmão Avito que não se contentou com a função de cronista. É talvez esta a razão por que seu trabalho permaneceu sem edição, por tão longo período.

É preciso também considerar a *Histoire des Frères Maristes* das origens até 1930², conservada nos arquivos

¹ *Histoire de l'Institut des Petits Frères de Marie (1817-1947)*, Administration Générale des Frères Maristes, Saint Genis-Laval, 223 p.

² O autor parece ter trabalhado nesse escrito, até mais ou menos 1960.

de Roma, e da qual o Irmão Juan Moral acaba de lembrar a importância. Seu autor é o Ir. Marie Nicet (Claude-Marie Thomas), Irmão francês da Província de Varennes-sur-Allier, nascido em 1880 e que foi ao Brasil, em 1898. Excetuada uma estada em Grugliasco, em 1908 e 1909, ele passou toda sua vida no Brasil e morreu em Mendes, em 1962. Formada por cadernos manuscritos, redigidos em francês e encadernados atualmente em sete volumes, essa história parece oferecer um real interesse porque considera o Instituto em seu conjunto, e o autor, dotado de espírito crítico, parecer ter consultado, ao menos parcialmente, os arquivos do Instituto. Mas esse trabalho de grande abrangência (em torno de 6.000 páginas) parece bastante desigual. É duvidoso que se tenha pensado em promover uma edição.

Apesar dessa tentativa interessante, o trabalho propriamente histórico, dentro da Congregação, começou nos anos de 1950-60 e foi ilustrado, desde então, com trabalhos de qualidade, mas centrados essencialmente sobre nossas origens. Sobre a história do Instituto depois de 1840, trabalhos parciais (histórias de Províncias, biografias...), muitas vezes de excelente qualidade, não faltam, mas são pouco valorizados.

Em suma, o material para uma história global do Instituto existe, mas a elaboração de uma síntese histórica é um empreendimento ousado: primeiro, porque é preciso dominar

uma abundante documentação e, sobretudo, porque fazer história não significa ressuscitar o passado, mas interpretá-la de outro modo, com o risco de ir contra representações consideradas verdadeiras, até então.

Mas, uma corporação como a nossa pode ela se privar de uma similar visão global sobre o seu passado, mesmo que ela tenha seus limites? Desde 1950-60, começamos, com efeito, uma reavaliação de nossas origens e esse esforço deve continuar porque, longe de colocar em jogo a nossa identidade espiritual, contribui à sua renovação.

Portanto, é baseado nessa convicção e com algum conhecimento das fontes que me permito de traçar o esboço de uma história global, destinada, pouco mais pouco menos, a orientar a organização de um plano global para uma história mais elaborada a ser realizada ulteriormente.

1ª PARTE: FUNDAR O RAMO DOS IRMÃOS

Mesmo sendo evidente que M. Champagnat é o fundador, sua obra contou com a ajuda - decisiva embora problemática, com frequência, - de numerosos outros atores, sendo mais importantes os primeiros Irmãos, a Sociedade de Maria e a diocese de Lyon. Pode-se dizer ainda que ele foi herdeiro de um determinado ambiente familiar e de uma terra de cristandade.

1.1. Uma herança e uma vocação precoce

Marcelino Champagnat é, especialmente por seu pai, o herdeiro de uma intensa atividade missionária que remonta a São Francisco Regis, no século XVII, amigo do pároco de Marlhès e verdadeiro renovador da paróquia. Sua ação foi continuada pelo clero e pela confraria dos penitentes do SS. Sacramento, associação de militância e formação cristã, da qual J. B. Champagnat foi o último tesoureiro, antes da Revolução.

Sua vocação de educador e de sacerdote parece ter surgido depois da morte de dois de seus irmãos mais velhos e de seu pai, em 1803-1804. Ela é tão profundamente ancorada que supera as extremas dificuldades de aprendizagem e os problemas financeiros da família. Em torno de 1810-1812, ele afirma querer “instruir os ricos e os pobres”. Em 1815, se reconhece “escravo” de Maria, isto é, ligado a Ela por laços particularmente estreitos³. Sua piedade marial, até então bastante convencional, parece, dali para frente, consistir no abandono, como testemunham várias orações suas.

1.2. O encontro com o projeto marista

Quando ele se associa aos aspirantes maristas, Champagnat já tem

sua percepção própria da sociedade e das necessidades pastorais de seu tempo: “precisamos de Irmãos...” diz ele, reivindicando assim uma Igreja na qual a ação sacerdotal não pode dispensar apóstolos leigos. O pouco eco de suas palavras, dentro do grupo, faz entender sua relativa independência. Ele parece mesmo ter integrado pouco o termo “Marista”, vindo de Courveille⁴; e a imagem de uma árvore com três ramos (padres, irmãs, leigos), muito cara a J. C. Colin, não se harmoniza muito com sua idéia de um ramo de Irmãos.

Ele sempre vai sentir-se profundamente ligado a uma dupla vocação: contribuir na fundação da Sociedade de Maria e, dentro desta, o ramo de Irmãos. Ele igualmente fez sua a espiritualidade apostólica paulina da 2ª epístola aos Coríntios que inspira a consagração marista de julho de 1816. Ele partilhou, discreta, mas fortemente, a utopia de uma Igreja mariana inspirada em Maria de Agreda, o restabelecimento da Igreja primitiva, no fim dos tempos, e da qual a Sociedade de Maria se concebe como a vanguarda.

1.3. La Valla como «oratório»

Duas fontes principais permitem estabelecer um histórico da fundação dos Irmãos Maristas; a Vida de

³ A palavra « escravo » traduz frequentemente o termo latino « servus » que pode ser traduzido por « servidor » ou « escravo ». É preciso entendê-lo como uma condição de vassalo, criando uma dependência contratual, ao mesmo tempo afetivo e institucional entre Maria, a “domina”, em francês “Dame”, e em português “dona” ou “senhora” e seu servidor.

⁴ Ele vai usar preferentemente o termo « Irmãos de Maria ».

Champagnat, com a cronologia muito aproximativa, e os documentos contidos em *Origines Maristes*.

Nós sabemos que, apenas chegado a La Valla, Champagnat interpreta dois encontros como sinais complementares: aquele do jovem agonizante que teve que instruir *in extremis*, e o de Jean-Marie Granjon, disposto a colaborar em seu projeto de constituir um grupo apostólico. Assim procedendo, Champagnat parece, aliás, seguir uma estratégia clássica que “os amigos do cordão”, sociedade de seminaristas do “Santo Irineu”, projetam para sua pastoral paroquial: constituir um grupo secreto de jovens para formá-los na “prática do zelo”. Já em 1806, em Coutouvre, o abade Lefranc tinha procedido assim, reunindo em torno de si piedosas mulheres, entre as quais, Jeanne-Marie Chavoïn. É, pois, para formar um “oratório”⁵, isto é, um centro de ação apostólica que, logo de início e apesar da oposição do pároco, Champagnat aluga e depois compra uma casa, onde Jean Marie Granjon e Jean-Baptiste Audras começam a viver, em 2 de janeiro de 1817.

Champagnat não é o superior deles; é apenas diretor espiritual e formador. Ele os instrui, aconselha, partilha com eles os seus projetos, mas são autônomos. E é talvez por iniciativa de J. M. Granjon (*Mémoire Bourdin*) que, provavelmente no fim de 1817, os primeiros Irmãos começam a acolher

meninos pobres ou andarilhos que eles alimentam e instruem, fazendo, rapidamente, de sua casa uma escola oficiosa à qual os pais enviam de boa vontade os seus filhos. Nos domingos, vão aos lugares mais afastados para dar a catequese a meninos e a adultos. Depois de 1820, sem dúvida, a escola do vilarejo será reorganizada (Vida, cap. 7, p. 76), acrescentando-lhe um tipo de pensionato. Os Irmãos garantem a escola, em alguns lugares próximos da vila, como Luzernaud e Chomiol.

Aparentemente os Irmãos de La Valla não se contentam dessa ação limitada: em St. Sauver-en-Rue (1820...) e em Bourg-Argental (1822...), eles imitam o modelo de La Valla, multiplicando os pedidos de esmola para os pobres, as aulas da tarde, o cuidado dos doentes, o combate às danças e exortando, mesmo os tíbios, a frequentar os sacramentos. O Ir. Lourenço, sozinho no Bessat, depois em Tarentaise, é também ele um exemplo desse gênero de vida eminentemente apostólica, mas deixando a vida comunitária em segundo plano. Ainda não parece ser uma congregação, mas uma associação de “Irmãos”, isto é, leigos piedosos, não apenas professores, mas cumprindo tarefas múltiplas.

Ao mesmo tempo, a vida em La Valla e nas escolas é de extrema austeridade, por pobreza e também por mortificação, segundo a tradição dos

⁵ Termo usado no memorial Bourdin, redigido em torno de 1830 (OM2/ doc. 754) e vindo muito provavelmente de Champagnat.

Padres do deserto e por imitação da Trapa: sem colchão, apenas uma enxerga; vinho jamais...

Esse gênero de vida, talvez mais preconizado por J. M. Granjon do que por Marcelino Champagnat, suscita ao mesmo tempo admiração e reprovação. Desde 1819, segundo parece, denúncias são levadas às autoridades eclesiásticas e universitárias. Certamente, para dar-lhes uma resposta, o Pe. Champagnat vai viver com os Irmãos, provavelmente no fim de 1819. Mas em 1820, Dervieux, pároco de St. Chamond, ameaça de requerer o fechamento de La Valla, considerada uma escola clandestina. A tradição dos Irmãos desculpa, parcialmente, o Pe. Dervieux de ser responsável por essa dura prova porque, mais tarde, já com melhores sentimentos, ele vai prestar grandes serviços. A mesma tradição acusa indevidamente o Vigário geral Bochard que, ambicionando fundar uma congregação diocesana de Irmãos, protegeu oficialmente a obra nascente.

Entretanto, a comunidade cresceu com jovens provenientes de La Valla e das comunas vizinhas. Foi eleito um superior – J. M. Granjon, evidentemente – e um professor (em 1819-1820) treinou alguns Irmãos no método simultâneo, convertendo-os em verdadeiros professores modernos. Em torno de 1820, a obra de La Valla começa a especializar-se, a adquirir um caráter religioso e escolar mais marcante.

1.4. Uma tendência para 1822

A ida de Jean-Marie Granjon para Bourg-Argental, em 1822, parece indicar uma tendência a uma vida, apostolicamente menos exaltada e menos mortificada, porém mais comunitária, como convinha para ganhar a opinião pública e as autoridades eclesiásticas. Embora sempre diretor dos Irmãos, Granjon – que perde suas funções de mestre de noviços – é marginalizado.

Sua substituição pelo Irmão Louis resolve outro problema porque o pároco de Marlihes, Padre Alliot, e outros sacerdotes mais, consideram a obra dos Irmãos como uma simples casa de preparação de professores, deixados depois sob sua exclusiva autoridade. A reação do Ir. Louis, decisão à qual esse (Alliot) adere plenamente, significa então que os Irmãos de Champagnat não são apenas auxiliares paroquiais, mas religiosos que obedecem a um superior, mesmo se nessa altura eles não gozassem de existência oficial.

Em torno de 1820, portanto, o grupo restrito de Irmãos parece dividido em duas tendências: em St. Sauveur-en-Rue e Bourg-Argental, os Irmãos Etienne Roumésy e Granjon mantêm o estilo dos primeiros anos, e em Tarentaise, o Ir. Lourenço parece estar em situação similar. Em La Valla, no entanto, o Ir. Louis e o Pe. Champagnat dão à obra um caráter muito mais congregacionista e limitado à escola.

1.5. Uma crise de recrutamento muito significativa

Os anos de 1820-22 são particularmente desgastantes porque a obra de Champagnat e dos Irmãos parece não obedecer a nenhum modelo conhecido e oferecer mesmo contrastes de comportamento que deformam sua imagem. Além disso, não recebeu o apoio oficial da universidade nem da diocese. Afinal, os párocos não solicitam “Irmãos” segundo o modelo congregacionista, mas professores de escola, sacristães e cantores aos quais, com frequência, se dá o nome de “irmãos” sem que nada tenham de congregacionista.

A crise do recrutamento que a obra de Champagnat enfrenta situa-se, pois, num nível bem preciso: não faltam candidatos dispostos a se prepararem para uma função tradicional de mestres de escola (os testemunhos parecem indicar que o número de ‘Irmãos’, em La Valla, é relativamente elevado e a acusação de constituírem uma escola clandestina vem, sem dúvida, daí), mas uma vez formados, estes, desgostados de uma vida austera e sem garantia futura, empregam-se como professores independentes ou procuram alhures uma existência menos submissa. La Valla é uma espécie de escola normal oficiosa e o projeto primitivo é ameaçado por uma concepção tradicional da função docente. Mas Champagnat não se resigna a essa deriva.

1.6. Do oratório à congregação (1822-24)

O ano de 1822 não é então somente a solução da crise de recrutamento e do relativo acantonamento do Ir. Jean-Marie, mas uma reativação do projeto primitivo, por ocasião da vinda de oito postulantes do Haute-Loire que desejam tornar-se Irmãos, conforme o modelo congregacionista.⁶ A decisão de recebê-los é tão séria que, na altura da Páscoa, o Padre Champagnat reúne o que poderia parecer uma espécie de primeiro capítulo geral em que se decide de acolher os jovens. Em consequência, será preciso aumentar a casa. Foi provavelmente a ocasião de implantar uma regra mais precisa e de exigir uma obediência mais expressa ao superior. A formação parece centrar-se mais no modelo monástico, mas sem excessos de mortificação.

Enfim, o Irmão João Batista assinala que neste ano de 1822 a doutrina se resume em 15 sentenças (Vida, p. 107): piedade, amor a Jesus e a Maria, zelo pela catequese, além de exaltar a vida religiosa. O Ir. J. M. Granjon, já afastado de La Valla em 1820, parece manifestar seu desacordo com a nova orientação, empreendendo uma fuga para a trapa d’Aiguebelle. No entanto, o modelo congregacionista parece constituir o único meio de evitar que a obra seja vulgarizada.

⁶ O Ir. João Batista lembra que eles queriam ir para os Irmãos Lassalistas.

O Vigário geral Bochard certamente encorajou essa mudança; e a visita dos Irmãos de Valbenoite a La Valla, em maio de 1822, em vista de uma fusão, só pôde fazer-se com o assentimento das autoridades eclesiásticas. A dificuldade está no fato de Bochard querer unificar as congregações nascentes de Irmãos sob o nome de “Irmãos da Cruz de Jesus”.

As fontes maristas, depois de 1822, não mencionam mais problemas de recrutamento, como se a chegada dos postulantes do Haute-Loire os tivesse definitivamente resolvido. Na verdade a maior parte desses postulantes irá embora, depois de um período mais ou menos longo, e os novos que vêm do Haute-Loire serão apenas um complemento. A verdadeira explicação dessa mudança de situação é que, desde então, o apoio de Bochard, conhecido na diocese de Lyon, conferiu à obra uma proeminência definitiva. A partir de então, considerável número de párocos da diocese vão orientar os jovens para La Valla, considerada como o polo diocesano em matéria de escola popular. É por isso que, desde 1823, Champagnat, acompanhado por dois Irmãos, procura uma localização adequada para estabelecer sua obra de modo mais estável.

Se a chegada de Monsenhor de Pins, no começo de 1824, emancipa os Irmãos Maristas da tutela de Bochard,

ela não representa, porém, uma revolução porque o administrador apostólico⁷ apenas confirma o que tinha sido feito: uma associação diocesana de Irmãos, tendo seu centro em La Valla. A real novidade está na nomeação do Pe. Courveille e do Pe. Terrailon para o Hermitage, o que significa que as autoridades eclesiásticas, e particularmente Mons. Barou, Vigário geral, apoiam o nascimento de uma Sociedade de Maria diocesana, com dois ramos: os sacerdotes para a formação dos Irmãos e, secundariamente, para as missões; os Irmãos para as escolas.

Efetivamente, ao mesmo tempo em que se constrói l’Hermitage, a sociedade dos Irmãos, nesse ano, se constitui com o prospecto dos Pequenos Irmãos de Maria, que faz deles uma sociedade de educação patrocinada pelo arcebispado.⁸ Champagnat distribui aos Irmãos um “pequeno escrito” (Vida, p. 124-126) que resume a doutrina espiritual e educativa do Instituto.

2ª PARTE: O REVÉS DE UMA SOCIEDADE DE MARIA LIONESA E A CONTINUIDADE DO RAMO DOS IRMÃOS

Desde a origem, existe uma diferença fundamental entre Champagnat e os primeiros Irmãos: esse se refere,

⁷ O cardeal Fesch é ainda o arcebispo titular.

⁸ Não é uma congregação diocesana porque a opinião eclesiástica se opõe fortemente a esse gênero de instituição e de Pins, cuja vinda suscitou polêmicas, não pode ir contra esse modo de pensar.

antes de tudo, ao projeto da Sociedade de Maria de 1816 e estes, ao ramo fundado em 1817.

2.1. Uma Sociedade de Maria segundo os Irmãos

É provável que, aos olhos de Champagnat e de Courveille, o ano de 1824 é o da fundação da Sociedade de Maria, tendo sido o período de 1817-24 apenas um esboço. A seus olhos, a Sociedade definitiva vai poder constituir-se com Courveille como superior geral e Champagnat como administrador. Mas, ao elegerem Champagnat como seu superior, em 1825, os Irmãos manifestam que esse não era seu ponto de vista e que a sociedade já existe, desde 1817, com Champagnat como fundador e superior.

Courveille poderia ter-se contentado de fazer, provisoriamente, o papel de superior geral, o que os Irmãos não lhe contestavam, se os padres tivessem chegado a um acordo sobre a forma a dar à Sociedade de Maria. Mas Terraillon se opõe à perspectiva muito monástica de Courveille e não confia nele. Quanto a Champagnat ele parece estar dividido entre os dois homens e, aliás, extremamente ocupado com os Irmãos, porque, além das dívidas e da gestão das escolas, ele tem a oposição dos mais antigos: J. M. Granjon, verdadeiro cofundador até então, e Etienne Rouméty, mal aceitam a nova fisionomia da obra e terminam por retirar-se. Até o Ir. Louis chega a pensar no sacerdócio.

Para os padres, a aventura termina em desastre com a doença de Champagnat depois da partida de Courveille e Terraillon, em 1826. A obra foi salva, em parte, pela fidelidade do Irmão Louis, primeiro companheiro de J. M. Granjon, e sempre pronto a assumir os lugares difíceis (Marlhes, mestre de noviços, Charlieu). Um fator novo tem igualmente um grande peso: desde 1822, entraram numerosos discípulos, formados no sistema mais clássico e prontos para aceitar a nova organização. O Ir. Estanislau, que também contribui na salvação da obra durante a doença de Champagnat, com a ajuda das autoridades eclesiais (Pe. Dervieux), é exemplo emblemático dessa nova geração. Afinal, desde então superior, o Pe. Champagnat saberá como fazer para ser obedecido. A crise do método de leitura, da batina costurada e das meias de pano, em 1829, marca o fim dessa difícil transformação da obra de La Valla no ramo dos Irmãos da Sociedade de Maria, cujo hábito se parece, agora, com o dos Irmãos das Escolas cristãs.

Os anos de 1817- 1829 marcam, pois, a passagem de uma obra guiada por um sacerdote e um leigo bastante anárquico e de religião austera, para uma associação religiosa diocesana ensinante. Longe de serem passivos, os Irmãos souberam impor a própria visão da Sociedade de Maria: para eles, a sociedade dos padres, um pouco mais tardia, não era central. Eis porque, na Vida de Champagnat, em 1856 (cap. 3, p. 29...) a consagração de Fourvière de 1816 é apenas lem-

brada. Quanto à revelação do Puy, tão importante para os primeiros aspirantes maristas, é banalizada numa fórmula lapidar (Vida, cap. 13, p. 138): “O Pe. Courveille tinha a pretensão de ter tido, em primeiro lugar, a idéia de fundar a Sociedade dos Maristas”.

Enquanto Champagnat aceita uma evolução, não prevista, da obra dos Irmãos (*Nisi Dominus*) sem renunciar, no entanto, à obra dos Padres, Courveille recusa uma sociedade que não corresponde à sua revelação no Puy (Carta d’Aiguebelle). Mesmo assim, l’Hermitage se torna um convento que vive segundo uma regra, para cujo surgimento Courveille não é provavelmente estranho. Comunidade, clausura, regra, escola tornam-se os eixos maiores da obra.⁹

2.2. A situação inacabada da Sociedade de Maria de l’Hermitage

Em 1827 Champagnat constata que a obra dos Irmãos resistiu à tempestade, mas não se imagina o homem apto a fazer surgir a sociedade dos padres que ele crê essencial. É o Pe. Séon que, a partir de 1827, se encarrega de reorganizá-la com Bourdin, Pompallier... e com a bênção da diocese. É o tempo em que os padres de l’Hermitage vivem segundo a mesma regra dos Irmãos, e se encarregam do acompanhamento des-

tes, ao mesmo tempo que prestam serviços missionários.

A revolução de 1830, breve, mas violentamente anticlerical, enfraquece Dom de Pins, muito ligado ao regime precedente, e debilita com um golpe o projeto da reconquista cristã pela aliança entre o trono e o altar. Oferece, sem dúvida, a ocasião para uma discussão interpretativa, entre Champagnat e Séon, em torno do papel dos sacerdotes no seio da sociedade de l’Hermitage: Séon quer dar prioridade à missão, enquanto Champagnat considera que a preparação dos Irmãos constitui para eles a primeira tarefa.

A criação de um centro de unidade para a Sociedade dos padres, na pessoa de J. C. Colin, no fim do ano de 1830, marginaliza a interpretação de Champagnat: desde então, quase todos os padres de l’Hermitage reconhecem como seu o modelo de Belley. Em 1832, eles se instalam em Valbenoite enquanto Pompallier, mais próximo de Champagnat e das autoridades diocesanas, vai organizar em Lyon os primeiros passos das ordens terceiras maristas, masculina e feminina.

Champagnat se descobre quase sozinho com os Irmãos. Durante alguns anos há frieza: são os jesuítas que pregam os retiros para os Irmãos, e ainda em 1834 Champagnat tenta trazer ao redil os Padres Maristas esta-

⁹ E também uma fábrica, uma colônia agrícola, um pensionato, uma casa de repouso para idosos e centro missionário.

belecidos em Valbenoîte, oferecendo-lhes a casa de La Grange-Payre, muito próxima a l'Hermitage.

2.3. Uma congregação de Irmãos próspera, mas frágil

L'Hermitage resistiu bastante bem às dificuldades da revolução de 1830, graças ao sangue frio e à maleabilidade de Champagnat, mas também porque a obra já se fundamenta sobre uma espiritualidade firme (Humildade, zelo, Jesus e Maria...) e sobre uma forte identidade construída entre 1817 e 1829. Sempre apoiada pela diocese e estimulada pela lei Guizot de 1833, que impõe a criação de uma escola de meninos em cada comuna, teve um rápido desenvolvimento. Desde então, M. Champagnat aparece como fundador e especialista em educação. J. C. Colin, que inicialmente parece muito reticente face à obra dos Irmãos (“vossos irmãos”), torna-se, pouco a pouco, mais favorável (“nossos irmãos”).

No entanto, a obra é frágil porque Champagnat continua não tendo a autorização oficial e, ajudado apenas por dois sacerdotes (Besson e Matricon), não dispõe de quadros para a formação. Deve, pois, valer-se de expedientes que vão tornar-se duradouros: associar-se ao Pe. Mazelier de St. Paul-Trois-Châteaux e escolher colaboradores entre os Irmãos: o Ir. Francisco e também os Irmãos Luís Maria e João Batista...

Em 1836, o fato de Roma reconhecer apenas os padres maristas, que

veem atribuído a si o título de Sociedade de Maria, cria um grave problema: se os Irmãos não são da Sociedade de Maria, quem são eles? O problema se resolve, provisoriamente, modificando a fórmula dos votos, feitos desde então ao superior do ramo dos Irmãos Maristas, mas “segundo as constituições da ordem”. Outra resposta parcial é dada pela regra de 1837, que parece mais um costumeiro do que uma verdadeira regra, mas resolve uma necessidade urgente. Os “Princípios de leitura”, primeiro manual pedagógico do Instituto, afirmam expressamente a identidade ensinante do Instituto.

2.4. A impossível integração à Sociedade de Belley

Fazendo seus votos em Belley, desde 1836, Champagnat aceita uma Sociedade de Maria que não se formou segundo sua concepção pessoal. Ao mesmo tempo, mediante sua pessoa, é a obra dos Irmãos que se vê implicitamente reconhecida. Aliás, a partida para a missão da Oceania inclui Irmãos porque a antiga concepção mística da Sociedade de Maria transcende a definição canônica. No ano seguinte, Champagnat renuncia a ser superior de seus Irmãos, mas é logo renomeado por J. C. Colin: desde agora, os Irmãos são uma sucursal da Sociedade de Maria.

Depois de algumas tentativas autoritárias, J. C. Colin concede, sabiamente, aos Irmãos uma grande autonomia e é significativo que, em

1839, lhes peça de eleger um diretor, contentando-se com uma superioridade geral. Na verdade, Colin não sabe bem o que fazer com essa obra que lhe parece não fazer parte do projeto primitivo da Sociedade de Maria. Sua tentativa de clarificar a situação, fazendo um só corpo com os irmãos auxiliares dos padres acabou muito depressa. Também magoou-se porque, algumas semanas antes da morte de Champagnat, a sociedade civil imobiliária constituída para assumir a herança, não incluía senão Irmãos e que, sobretudo, o registro tenha sido feito em St. Chamond e não em Lyon, no cartório do Sr. Bertoly, notário dos padres. Por essas razões todas, ele aguarda uma oportunidade para entregar o ramo dos Irmãos educadores nas mãos do arcebispo de Lyon. Mas, em seu testamento espiritual, o Padre Champagnat, que sempre concebera sua obra dentro da Sociedade de Maria, faz dele seu herdeiro espiritual e institucional.

Em 1844, Colin pretende separar os Irmãos da SM e é em 1845 que o Capítulo dos padres toma a decisão. Mas será preciso esperar que os Irmãos tenham obtido o reconhecimento legal (1851) e que o generalato do Padre Colin tenha terminado (1854) para que a independência dos irmãos se torne, pouco a pouco, efetiva. A razão profunda da separação é antiga: os padres se veem como o centro da Sociedade, mas em l'Hermitage, os Irmãos também se consideram um centro. Eles desejam, sim, pertencer à Sociedade de

Maria, mas sem renunciar à própria tradição. O grande número de Irmãos (várias centenas) submissos a algumas dezenas de padres pode também parecer uma carga excessiva.

3ª PARTE: INSTITUCIONALIZAÇÃO E EXPANSÃO (1840-1903)

O Pe. Colin e os primeiros superiores dos Irmãos se encontram diante de uma tarefa difícil: dar um estatuto civil e canônico bem como uma doutrina e regra « definitiva » a um corpo em rápida expansão.

3.1. As sínteses da espiritualidade marista

O Padre Champagnat faleceu sem ter concluído sua obra: sem regra definitiva, sem autorização canônica nem oficial. O governo da congregação está muito pouco definido: parece ter funcionado como um triunvirato, o Ir. Francisco, diretor, dando a impressão de não ter tido senão uma primazia de honra; e, muitas vezes doente, de não ter tido a mesma autoridade e dinamismo que seus dois assistentes, os Irmãos Luís Maria e João Batista. Em 1841, uma carta do Ir. Luís Maria transmite as propostas severas do Padre Colin, relativas ao governo: a obra está muito endividada; os superiores são severos demais e há numerosas saídas; “você vão cada qual para seu lado, e nem se entendem estando juntos”. No entanto, foi

sob o generalato do Ir. Francisco que o Instituto obteve dois resultados decisivos: a aprovação governamental (1851) e o começo da aprovação romana (1860). Mas, os dois assistentes parecem ter sido, por muito tempo, partidários de uma maior união com a Sociedade de Maria, enquanto o Irmão Francisco parece reservado.

No plano espiritual, fundamentos são colocados: em 1848-51, o Ir. Francisco publica, com a ajuda do Ir. Luís Maria e do Pe. Matricón, uma longa Circular em quatro partes, sobre “O espírito de fé”, primeira síntese da espiritualidade marista, fortemente inspirada no ensino de Champagnat, embora este não seja nunca citado. O núcleo da Circular é a ideia de que, como cristão, como educador, como religioso e como marista, o Irmão deve viver do espírito de fé.

Em 1852-54, a redação das « Regras Comuns », das « Regras de Governo » e do “Guia das Escolas” – fortemente influenciadas pelas instruções de Champagnat – que ainda continuam em muitas memórias e foram copiadas, dão à congregação um quadro legislativo, enfim preciso. Mas os ‘Anais do Instituto’, do Ir. Avito, testemunham que esse trabalho de institucionalização não foi feito sem sérios conflitos, quanto à interpretação da tradição.

O “Manual de Piedade”, certamente utilizado, há muito tempo, pelos mestres de noviços mas impresso somente em 1855, dá em sua segunda parte, com 13 capítulos, as “Qualida-

des de um bom Irmão”, feitos de piedade, de amor a Jesus, de devoção a Maria, de zelo...Essa síntese da espiritualidade marista termina por uma série de 52 sentenças de Champagnat que resumem o ensino primitivo: encontram-se ali, especialmente, 15 sentenças que o Ir. João Batista data de 1822 (Vida, cap. 10, p. 107).

Enfim, a Vida de Champagnat, publicada em 1856, apresenta-o (prefácio) como um fundador de ordem, na tradição dos Padres do deserto, de S. Bento e de S. Francisco. A primeira parte da obra, histórica, homologa largamente uma tradição oral que tende a desfazer exageradamente alguns parceiros (Courveille, Bochard), a diminuir o papel de J. M. Granjon, e a reduzir a pouca coisa a história da Sociedade de Maria, antes de 1817. A segunda parte dessa Vida, mais doutrinal, mostra-nos Champagnat sob diversos aspectos:

1. o espiritual impregnado de alegria, de espírito de fé, de confiança em Deus...;
2. o asceta obediente, mortificado, pobre, humilde, puro...;
3. o “pai” que ama seus discípulos, formando-os, corrigindo-os;
4. o homem zeloso para com os pobres e grande educador. Em suma, embora sendo sacerdote, Champagnat aparece como o exemplo perfeito de Irmão, convidado a viver a regra que conserva seu espírito.

Depois de 1860, o Ir. João Batista, servindo-se do *corpus* de documen-

tos manuscritos que serviu para redigir os livros fundamentais, produz outros livros como “Biografias de alguns Irmãos” (1868), os “Avisos, Lições, Sentenças” (1868), “O Bom Superior” (1869, completando e atualizando notavelmente a doutrina estabelecida nos anos de 1852-56. Ele é também, como parece, o artifice maior de obras de espiritualidade que misturam à espiritualidade primitiva os seus próprios ensinamentos. Trata-se das obras seguintes: “Os princípios de perfeição” (1865) e o “Diretório da sólida virtude” que retomam e desenvolvem o conteúdo do “Manual de Piedade”; as “Meditações sobre a Paixão e sobre os nomes de Nosso Senhor” (1870) e enfim, a obra póstuma, (1875), “Meditações sobre o mistério da Encarnação, sobre as virtudes de Jesus Cristo e sobre a Eucaristia”. Por ocasião de sua morte, em 1872, o Ir. Luís Maria reconhece nele o legislador da congregação e um segundo fundador, minimizando demais o papel do Ir. Francisco que teve, na preservação da memória espiritual do Fundador, um papel muito superior ao que lhe é, habitualmente, reconhecido.¹⁰

3.2. Tornar-se uma ordem - o generalato do Ir. Luís Maria

Em 1840 a congregação tem em torno de 280 Irmãos, 826 em 1851, 1681 em 1861, 3600 em 1877 e em torno de

5000 em 1903. Esse dinamismo é fruto, sobretudo, de uma mística do nome original, Champagnat considerando que, todo postulante, sendo enviado por Maria, deve ser recebido; é possível excluí-lo quando não assume o espírito da sociedade. A manutenção dessa tradição obriga a congregação a grandes despesas, a uma formação rápida e a numerosas saídas e exclusões. Isso já foi causa de discórdia entre Champagnat e Courveille, em 1825-26. No fundo, a verdadeira entrada na congregação é a profissão perpétua dos três votos, depois de um curto tempo de noviciado e alguns anos, durante os quais o Irmão emitiu votos temporários, e depois, a partir de 1840, o exclusivo voto de obediência do qual podia ser facilmente dispensado.

Como os professos, chamados aos cargos de direção, são sempre insuficientes e os antigos são diluídos numa massa de jovens com espírito diferente, e muitas vezes mais instruídos do que eles, desde 1855, os superiores instituem um voto de estabilidade que limita a elegibilidade para o Capítulo e para as funções importantes a Irmãos escolhidos por seu bom espírito e por sua grande capacidade. Rapidamente, pois, a congregação funciona em três velocidades: 1º) uma massa instável de jovens executores; 2º) os diretores, professos em princípio, e 3º) uma elite, guardiã do espírito do Instituto. Trata-se, enfim, de um conjunto bas-

¹⁰ O fato de, ulteriormente, ter sido encaminhada sua causa de beatificação, enquanto ninguém - assim parece - pensou naquela do Ir. João Batista, pode significar o reconhecimento tardio de sua obra.

tante impreciso, a meio caminho entre a confraria e a ordem religiosa, numa época em que o direito canônico ainda não oferecera um estatuto claro às congregações. Os Irmãos das Escolas cristãs funcionam de modo semelhante (eles tem “noviços empregados” sem votos), mas o estatuto civil e canônico deles é mais sólido.

Por outra, os Irmãos Maristas são ainda considerados pelas autoridades eclesiásticas como um ramo da Sociedade de Maria, indevidamente separado de seu tronco – em suma, uma ordem terceira – não podendo, pois, pretender a um estatuto de ordem independente. O grande número de defecções favorece, aliás, essa interpretação. O arcebispo de Lyon, uma parte dos Padres Maristas e talvez os meios romanos consideram, pois, que os Irmãos Maristas não são capazes de governar a si mesmos.

O problema se põe claramente desde 1860, quando Mons. Chaillot, consultor romano, depois de examinar as Constituições, declara que estas são por demais centralizadas e o poder poderia degenerar em despotismo, sendo o superior geral nomeado por toda a vida e os assistentes governando diretamente as Províncias. Notificados para redigir Constituições menos centralizadas, os superiores, com o acordo da grande maioria dos capitulares e seguindo os conselhos de Dom Parisi, vão valer-se, até 1903, de métodos oblíquos para manter uma rigorosa centrali-

zação que lhes parece indispensável para a coesão do corpo a eles confiada.

Contra a desconfiança e o problema da perseverança, os superiores procuram diminuir o número das saídas, persuadindo os Irmãos que a fidelidade à vocação é um dever rigoroso que compromete a salvação. Não é, pois, por um acaso que, na Vida, Champagnat é apresentado como um fundador de Ordem.

Os superiores hesitam em rever a formação inicial dos Irmãos. Assim, em sua Circular de 1867, o Ir. Luís Maria considera que o essencial da formação cabe, após um noviciado muito curto, aos Irmãos diretores que, de fato, não têm nem o tempo e, muitas vezes, nem a capacidade para isso. Entretanto, a diminuição das vocações impõe, desde 1867, a fundação de juvenatos, permitindo um recrutamento mais precoce e uma formação mais longa. A verdadeira implantação dos juvenatos, a partir de 1876, constitui uma revolução no recrutamento e na formação.

Se a formação inicial permanece fraca sob o governo do Ir. Luís Maria, este anuncia em sua Circular de início de mandato (1860) uma política visando a restaurar a regularidade, a piedade e a caridade na congregação, o que ele vai reforçar por uma série de Circulares, ao longo de todo o seu generalato, referindo-se amplamente à memória do Fundador. Se acrescentarmos que ele construiu a nova casa-mãe, em St-Genis-Laval, casas pro-

vinciais e pensionatos, o Ir. Luís Maria pode aparecer como um verdadeiro fundador da obra: aquele que a fez passar do nível de entidade bastante indefinida ao estatuto de congregação solidamente organizada. Todavia, um tanto de autoritarismo suscita reservas entre os Irmãos.

3.3. A defensiva, a crise interna, a expansão mundial

Depois do curto generalato do Ir. Nestor¹¹ (1880-1883) o Ir. Teofânio (1883-1907) continua a tradição do Ir. Luís Maria, em ambiente bem menos favorável, pois o surgimento da república laica cria à Congregação dificuldades sempre crescentes.

Para enfrentar a situação, ele desenvolve as obras na Europa e fora da Europa, em antigas cristandades e países de missão. A primeira expansão tendo ocorrido na região da Oceania, a internacionalização para países anglófonos começou cedo: a Província das Ilhas Britânicas, primeira Província não francófona, foi erigida em 1873. No conjunto, a perspectiva é tanto defensiva quanto expansiva: é preciso, certamente, anunciar o Evangelho, mas igualmente proteger os jovens irmãos do serviço militar, preparar refúgios eventuais, preparar zonas novas de recrutamento, espalhar a instrução e a cultura francesa. Em suma, o Instituto

não distingue muito entre missão, expansão europeia e cuidado pela segurança.

O Ir. Teofânio terá muito a fazer contra um grupo que anuncia atitudes inquietantes a respeito das Constituições ainda não aprovadas. Mas há também uma crise de consciência dentro de um corpo cujo nível cultural muito se elevou e cujos membros aspiram por orientações apostólicas mais de acordo com o espírito da época. Além disso, produziu-se uma dissociação entre ensino e catequese; entre profissão e vocação, e o religioso professor pergunta se ele é antes religioso, ou antes professor. A criação de uma escola superior (Escolasticado), do segundo noviciado e dos grandes retiros antes da profissão, bem como uma abertura para obras pós ou para-escolares constituem parte de uma resposta parcial a esses problemas. A introdução da causa do Fundador, em Roma em 1896, integra o arsenal de medidas para responder a uma crise de identidade. Permanece, entretanto, alguma divergência na interpretação da identidade marista entre o comando da congregação e os Irmãos das escolas.

3.4. Sobre a vida dos Irmãos: fontes excepcionais

A crise de que falei acima é percebida quando se cruza a literatura oficial do Instituto com as cartas ou docu-

¹¹ Sua eleição parece manifestar a vontade de romper com a política do Ir. Luís Maria. Mas não terá o tempo necessário para montar uma estratégia definida.

mentos que vêm dos Irmãos da base. Entretanto, as cartas, os testemunhos e outras manifestações do pensamento dos Irmãos continuam relativamente raros. Podemos compensar, parcialmente, essa falta, com a ajuda dos ‘Anais das Casas’ do Ir. Avito, cheios de informações muito precisas, e muitas vezes, muito prosaicas, sobre a vida e a evolução de centenas de escolas, ao longo do século dezenove até mais ou menos 1889. Percebe-se ali, especialmente, o aumento progressivo do fosso que se estabelece entre o Instituto e as populações sempre mais de acordo com a República laical e mais preocupadas com a ascensão social do que com o catecismo. Depois de 1880, em muitas comunas, os Irmãos, apoiados pelo partido conservador, precisam lutar, progressivamente, contra a escola da República. Mas eles mesmos estão, com frequência, achegados às aspirações da sociedade.

Outra fonte que permite acompanhar muitos Irmãos, enquanto indivíduos, são as abundantes notas biográficas. Sem dúvida, esse gênero literário edificante e estereotipado deve ser interpretado cuidadosamente, mas numerosas biografias são mais ricas de informações do que possam parecer, inicialmente¹². Tais fontes são particularmente preciosas para evitar uma história do Instituto demasiadamente idealista e centrada em personalidades excepcionais.

4. PARTE: SECULARIZAÇÃO, INCULTURAÇÃO, TRADIÇÃO

Na França, a Igreja aparece como o núcleo central da resistência à laicidade, e as congregações como a ponta de lança de sua ação. Servirão como bode emissário para um Estado republicano e laico, ainda hesitante ante um choque frontal.

4.1. A secularização como brecha impossível de fechar

Para os Irmãos Maristas, o século XX começa sob o signo da secularização, pois em 1903 o governo francês lhes impõe a dissolução ou o exílio. Mas o termo “secularização”, empregado em sentido amplo, poderia por si só resumir toda a história do XX século, pois, um pouco por toda parte, a congregação se defronta com uma secularização e mesmo um secularismo multiforme e permanente. As duas guerras mundiais, as guerras civis (Espanha), as perseguições (México...), os regimes totalitários (Alemanha), ou autoritários (Turquia...) afetam o Instituto um pouco por toda parte e em profundidade.

Quanto à secularização em sentido estrito, desde 1903, se esboça um debate de fundo, finalmente bastante próximo daquele que ocorreu no

¹² Essas notícias ou biografias foram informatizadas pelo Ir. Louis-Richard.

Hermitage, em 1824-26, em torno da natureza da obra: ordem religiosa ensinante ou “oratório” apostólico com contornos mais ou menos bem definidos? Em efeito, diante do dilema exílio ou secularização definitiva, um número significativo de Irmãos escolhe uma via paradoxal: a secularização fictícia ou simulada, mantendo o laço congregacional, sem sinais exteriores. Bem que pouco explicada por seus autores, esta atitude traduz uma concepção nova dos fundamentos da vida religiosa: não tanto uma comunidade definida por uma regra, um hábito, uma comunidade, mas a livre escolha de uma pessoa que pensa continuar fiel a seus compromissos, ao preço da perda das referências tradicionais da vida religiosa. E essa estratégia se revela compensatória: boa parte das obras é mantida, por exemplo, na França e no México, e a fidelidade dos Irmãos secularizados não é desmentida.

Será preciso esperar 1920 para que o Capítulo reconheça os méritos dos secularizados franceses sem, no entanto, apresentá-los como exemplos. Portanto, a guerra de 1914, com suas centenas de Irmãos mobilizados (em torno de 950), criou outra forma de secularização. Mas os acontecimentos, mesmo os mais assombrosos, não influem sobre a doutrina da preservação do espírito do Instituto. Aliás, do espírito de que época? O espírito do Padre Champagnat e dos primeiros Irmãos, responde o Ir. Estratônico (ver Circulares). Mas, não seria antes o espírito do tempo dos Irmãos João Batista e Luís Maria que prevalece?

Timidamente, o Ir. Diógenes, em sua Circular do Natal de 1923, vai tentar distinguir o essencial do acidental na vida religiosa, baseando-se no exemplo dos Irmãos que, vivendo em países que tiveram revoluções e perseguições, souberam preservar o essencial de sua identidade. Mas, ele não irá mais longe. Por isso, em 1940 (sob o Ir. Diógenes) os Irmãos franceses são convidados pelos superiores a retomar a batina, num momento em que a guerra acelera a secularização. E, em 1945, o Ir. Marie-Odulphe, Vigário geral, propõe o programa seguinte: “tudo restaurar no espírito do Venerável Fundador pelo culto da regra.”

4.2. O tempo das Províncias

Esquecemos, vezes demais, que 1903 é marcado pelo fim do problema das Constituições, o Capítulo tendo aceitado, precipitadamente, as constituições romanas e, portanto, um Superior geral eleito por um tempo determinado, e Provinciais como superiores maiores. Por isso, são criadas, em 1903, as Províncias da Austrália, de Notre-Dame de Lacabane (franco-espanhola), do Canadá, da Espanha; depois em 1908, África do Sul, Síria, Colômbia, Constantinopla, China, Brasil Central, Meridional, Setentrional e México. Em 1911, nasce a Província dos Estados Unidos da América, e em 1916, aquela da Nova Zelândia.

Mesmo se, na prática, os assistentes mantêm por muito tempo uma tradição muito centralizadora, as Províncias (ou grupos de Províncias de-

pendentes de tal ou tal Assistente), assumem fisionomias as mais diversas. Aliás, as guerras, revoluções e transtornos do XX Século acarretam dificuldades de comunicação e impõem soluções particulares. Mesmo nos países em paz, as políticas nacionais impõem dificuldades e mudanças (diplomas, programas...). É bem verdade que o exílio de numerosos franceses, a partir de 1903, pôde fortalecer momentaneamente o aspecto expansivo do modelo francês, mas sua partida progressiva ou forçada (os Irmãos mobilizados ou expulsos) permite certamente a amálgama entre o espírito marista e a cultura de vários países.

Os anos 1903-1914 são os de uma mudança de fundo da congregação que parece muito pouco documentada. Aparentemente, sobrevaloriza-se o efeito da partida de numerosos Irmãos da França, vista, retrospectivamente, como um acontecimento providencial que permitiu uma expansão, iniciada, no entanto, antes; e subestima-se a mutação institucional e cultural da congregação que lhe permite, através da descentralização mais ou menos rápida, de inculturar-se em numerosos países. Não foi, certamente, por acaso que, em 1909, foi criado o Boletim do Instituto como órgão de ligação para um corpo preocupado em manter sua coesão, apesar de sua diversidade geográfica e cultural.

O extraordinário crescimento do Instituto, até 1965, testemunha do sucesso dessa internacionalização,

mesmo se algumas Províncias (Constantinopla, Síria, China...), demais ligadas ao contexto colonial e com poucas possibilidades de enraizamento nos países em questão, conheceram o fracasso ou sucessos limitados. Sem dúvida, esse sucesso global é devido ao “espírito do Instituto”, mas também a uma capacidade de descentralizar-se e de diversificar-se que, em 1903, ainda não se impunha por si. No entanto, vimos acima que essa etapa brilhante da história da Congregação deixava de lado um problema de fundo: como adaptar-se a um mundo em rápido processo de secularização sem renunciar ao espírito do Instituto?

Uma história geral do Instituto deveria, pois, segundo nosso parecer, dar um lugar notável a esse processo de internacionalização do Instituto, primeiro como prolongamento das Províncias francesas, depois, tornando-se rapidamente autônomo pela criação de novas Unidades administrativas.

4.3. Uma fase de transição (1946- 1967)

O Ir. Leônidas, Superior geral de 1946 a 1958, é o exemplo típico de Irmão francês, perfeitamente aclimatado num universo cultural latino-americano. Entretanto, em suas Circulares aparece como um tradicional inquieto, bem consciente de que o crescimento rápido do Instituto foi acompanhado de relativo enfraquecimento do espírito marista. O Capítulo de

1958, que escolheu como programa a revitalização do espírito do Fundador através de um fervor mais intenso e de um zelo mais eficaz, parece querer responder a suas interrogações, certamente compartilhadas por muitos.

Em certa medida, o Capítulo conseguiu esse *aggiornamento*, antes da carta, porque ele matiza o quadro muito comunitarista do Instituto, autorizando inclusive a meditação e a leitura espiritual individuais. Em sua Circular de 1960, o Ir. Charles-Raphaël, que apresenta as novas Regras Comuns, introduz a palavra “espiritualidade” destinada a substituir a antiga noção de “espírito do Instituto” e legitima uma liberdade espiritual até então considerada com suspeição. Enfim, lembrando que, em Champagnat, a preocupação apostólica precedeu cronologicamente a intenção de fundar uma Congregação, ele afirma que os Irmãos Maristas são uma ordem apostólica. Mas o Concílio Vaticano II (1962-65) e a mutação sócio-cultural levam vantagem sobre essa reforma muito tardia e talvez muito tímida. O XVI Capítulo geral (1967-68) vai modificar, profundamente, a fisionomia da congregação.

5ª PARTE: DESCONSTRUÇÃO E RECONSTRUÇÃO (1968-2010)

O Instituto se encontra, bruscamente, diante de dois acontecimentos concomitantes: a revolução sócio-

cultural e o Concílio Vaticano II que, por sua força explosiva combinada, o constrangem a empreender febrilmente uma mudança sistêmica.

5.1. Inversão de tendência

Na Circular de 1968 (em 5 partes), o Ir. Basílio faz um balanço da primeira sessão do Capítulo, constatando que, pela primeira vez, este conheceu um verdadeiro confronto de duas tendências, assim qualificadas: espiritualidade contra psicologismo, e estrutura contra liberdade. É uma maneira elegante e nuançada de dizer que o partido da espiritualidade-estrutura é, sobretudo, o da tradição e o do psicologismo-liberdade é o da abertura.

Essa análise pode também servir para definir a história da congregação, se não desde as origens, ao menos desde o capítulo de 1852-54. É a partir dessa época que, através do voto de estabilidade, o partido da espiritualidade-estrutura – que se poderia chamar, no linguajar da época, aquele do espírito do Instituto – toma o controle da congregação para mantê-lo até 1958. O partido do psicologismo-liberdade, mesmo se privado de voz oficial, não ficou sem meios de ação: a história movimentada de certos Capítulos gerais mostra que alguns eleitos não aderiam ao conservadorismo da maioria.

Talvez seria necessário também evocar um problema de fundo colocado pela dupla identidade da con-

gregação, ao mesmo tempo ordem religiosa e sociedade educativa e suscitando realmente uma dupla hierarquia: a dos espirituais e guardiões do espírito do Instituto (Superiores maiores mas também mestres de noviços, formadores diversos...) e aquela dos pedagogos, representada pelos Irmãos educadores de todos os níveis, os diretores de grandes colégios... Essas duas hierarquias, teoricamente unificadas pelo alto, por meio do voto de estabilidade, não se harmonizam se não imperfeitamente e, em certa medida, o que deveria ser estudado mais de perto, suas culturas são bastante diferentes, porque a relação deles com o mundo não é a mesma. Foi no momento da secularização de 1903, que essa dicotomia relativa se tornou mais manifesta, sendo os superiores maiores aqueles que mais se opunham a uma secularização para salvar as escolas, e os diretores ou os professores secularizando-se ficticiamente para mantê-las.

Seja como for, o Capítulo de 1958 já tinha manifestado um evidente avanço da tendência favorável a uma evolução. Se ela se impôs em 1967-68 não foi apenas por conversão repentina, após o Concílio, mas também porque existia uma tradição que pensa ser possível adaptar-se sem renegar (a si mesmo). No fundo, é um espírito do Instituto que pode, tão legitimamente, apoiar-se no Padre Champagnat quanto o espírito que foi adotado em 1852-54.

5.2. A lucidez do Irmão Basílio

Uma sorte do Instituto nessa transformação foi a de ter, na pessoa do Ir. Basílio, um Superior geral que sabia usar, de primeira vista, um discurso de ruptura sem, no entanto, tirar fora o passado. Depois da 2ª sessão do Capítulo, no dia 1º de novembro de 1969, ele declara, com efeito:

“Podem estar certos que caminhamos para formas de vida menos legalistas; apostolicamente mais audazes; mais inseridas na socialização profissional crescente; com formas independentes e mais livres, exteriormente”.

E ele acrescenta que tal transformação “vai desembocar, finalmente, em crises vocacionais” porque “não se trata apenas de nível, mas de estilo e mesmo de sistema”. Ele tornará a essa ideia na Circular de 1º de julho de 1971, falando de uma imperiosa “conversão institucional” da congregação.

Em minha opinião, essas palavras continuam atuais. Em 1967-68, encerrou-se um passado do Instituto que poder-se-ia dividir em dois tempos: uma primeira fase de fundação, muito movimentada (1817-1852); e uma segunda (1854-1958), dominada pela tradição ou melhor, por uma certa tradição. Parece, no entanto, que acima dessas divergências pode-se entrever a persistência de uma mística profunda, inspirada nas origens e capaz de dinamizar o Instituto, apesar de incontestáveis lacunas e um real imobilismo institucional.

A palavra profética do Ir. Basílio, que prevê um processo de refundação, parece justamente posicionar-se nessa profundidade mística, liberada de certa estreiteza, e suas Circulares doutrinárias contribuem ao surgimento de uma época de profunda renovação, mesmo se, de imediato, elas acontecem num contexto pouco receptivo.

5.3. Uma renovação desbordada por uma crise de identidade (1958-1976)

Os esforços do XVI Capítulo geral (1967-68) e do Ir. Basílio serão dificultados por um questionamento generalizado da tradição. Em poucos anos, os efetivos do Instituto caem pesadamente pela saída de numerosos Irmãos professores temporários e perpétuos e pelo recrutamento descuidado. É uma crise estrutural devida a causas internas e externas. Mesmo se vivida mundialmente, ela se manifestou de modos variados, segundo os lugares.

5.4. Resistência, reorganização, aprofundamento (1976 - 2009)

A parte mais recente da história do Instituto é também a mais difícil de escrever porque estamos nela implicados. Além disso, dos numerosos acontecimentos, por ora, deduzem-se mal os eixos portadores de futuro. O Instituto parece muitas vezes dividido entre necessidade e projeto;

entre recuo estratégico e busca de renovação.

No decênio de 1970-80, a crise de identidade se atenua, mas suas seqüelas continuam consideráveis: é preciso proceder à fusão de Províncias e a adaptações administrativas. Os fechamentos de estabelecimentos, alguns remontam mesmo ao tempo do Padre Champagnat, são bem numerosos. Paralelamente, o Instituto inicia uma política de reorganização, criando lugares novos de formação, às vezes de abrangência continental, especialmente nos países do Sul e tenta, sem grande sucesso, manter ou restabelecer estruturas de pastoral vocacional nos países do Norte.

A espiritualidade torna-se um tema central (Circulares) e por isso também o cuidado com a formação inicial e permanente. As numerosas conferências e encontros mostram que o trabalho em rede substituiu a centralização. Esse processo parece enfraquecer as Províncias, enquanto os níveis nacional, regional ou continental se impõem como lugares intermediários entre elas e a administração geral. Talvez possamos propor uma primeira fase dessa longa desconstrução-reconstrução (1976-1993) como um tempo de marasmo, de interrogações e tateamento.

Será preciso datar de 1994 uma nova fase da história do Instituto? Este, tendo redigido suas novas Constituições, decidido o problema do sacerdócio, centralizado sua existência

sobre a comunidade e a espiritualidade, e tendo-se aberto à participação dos leigos, parece que terá como tarefa, daqui para frente, encarnar na prática os grandes eixos ou valores de sua identidade renovada. É uma tarefa eminentemente longa que os Capítulos de 2001 e 2009, as múltiplas sessões de formação, a missão *ad gentes*, a renovação dos lugares de nossas origens, a reestruturação geral do Instituto... tentam conduzir, com perseverança, em meio a um mundo dificilmente decifrável.

Em todo caso, já podemos dizer, sem grande risco, que a fase 1967-2010 caracterizou uma mudança decisiva em nossa história: uma troca de sistema, uma ruptura institucional como o anunciava, bem cedo, o Ir. Basílio.

CONCLUSÃO: ALGUNS EIXOS DE UMA MUDANÇA SEM PRECEDENTES

Talvez, possamos tentar definir alguns eixos mais importantes dessa ruptura ainda em curso.

1. De 1976 a 2010, o Instituto operou uma mundialização de natureza bem diferente daquela dos anos 1880-1914. A primeira era mais uma expansão partindo de um lugar central, enquanto esta apresenta uma fisionomia de mais polos, favorecida pela maré da descolonização. Assistimos também a inversão das hierarquias geo-eclésiológicas: para sintetizar, um Norte longamente enfraquecido e um Sul dinâmico. Mesmo permanecendo um centro de coordenação, este é, sobretudo, animador e menos normativo.
2. A espiritualidade é o núcleo, a morada da identidade, mesmo se a continuidade com o conceito precedente de “espírito do Instituto” é forte. As Circulares dos Superiores gerais já construíram um quadro conceitual que permite dizer, com bastante clareza, o que é a espiritualidade provinda com Champagnat. No entanto, se o termo “espiritualidade” se impôs, estamos ainda longe de uma escola de espiritualidade, no sentido forte do termo. A dificuldade, aliás, provém em parte do fato de a etiqueta “espiritualidade marista” não pertencer apenas aos Irmãos, que devem enriquecê-la com a contribuição dos outros ramos da Sociedade de Maria.
3. Outra mudança fundamental é o transtorno da conexão comunidade-apostolado. Em numerosos países, o esquema tradicional, amarrando comunidade religiosa e comunidade educativa, é contestado. Desde agora, o diretor da escola não é mais automaticamente o superior da comunidade; esta pode reunir Irmãos com atividades diversas, em variados lugares. A noção de projeto comunitário torna-se então central, mas difícil de administrar. Daqui, em bom número de Províncias, surgem dois

grupos: o da escola e os simpatizantes de uma obra apostólica mais aberta. Mas há, certamente, numerosas outras variantes.

Paradoxalmente – mas o paradoxo é talvez apenas aparente – no momento em que a comunidade parece voltar-se à sua identidade espiritual, a espiritualidade marista se reconhece explicitamente apostólica, matizando fortemente o modelo monástico que servira de modelo estrutural desde 1824, com a construção de l’Hermitage. De certo modo, e sem dúvida em graus diversos, segundo as Províncias, o Instituto reviveu o tempo do apostolado bastante anárquico e da comunidade fervorosa, mas pouco estruturada, dos primeiros anos em La Valla. Ainda que a fase extrema dessa tendência pareça superada, a comunidade fundada sobre a uniformidade monástica e sobre a escola não mais se impõe como modelo único. Mantidas as devidas proporções, nosso estilo de comunidade se afastou do mosteiro e se aproximou daquele dos Jesuítas.

4. A relação com o mundo e com a Igreja tornou-se bem outro, ao ponto de a congregação – concebida como espaço fechado aos leigos e, especialmente, às mulheres – não teve mais legitimidade. Em particular, o Vaticano II, que recusou a Igreja como sociedade perfeita e hierarquizada para defini-la como “povo de Deus”, conturbou fundamentalmente a rela-

ção do Instituto com o sacerdócio e com o laicato. Entretanto, essa falta de fronteiras claras entre o interno e o externo; entre o alto e o baixo, foi um elemento considerável da crise de identidade. E ainda hoje, se a imagem da fortaleza – tão bem ilustrada pela arquitetura das antigas casas gerais ou provinciais – se tornou caduca, como manter os laços sem dissolver-se, ou ser joguete de múltiplas solidariedades mais ou menos equivalentes?

5. A relação hierarquia - indivíduo transformou-se completamente. De agora em diante, a coesão do grupo é menos amparada por uma regra e por uma hierarquia vigilante do que pela convicção de cada membro. Para dizê-lo com poucas nuances: a espiritualidade substituiu a regra e o indivíduo prevaleceu sobre o grupo. Ou, para empregar uma figura clássica: a carapaça coletiva foi substituída por uma coluna vertebral individual. Mas, esse primado do indivíduo e da espiritualidade é muito exigente e alguns podem sentir “a fadiga de ser eu mesmo” (assumir-se). Em alguma medida o Instituto sofre de um excesso de utopia individualista e de uma carência oposta àquela dos anos de 1854-1967: isto é, certa fraqueza institucional.

6. A diminuição do número de religiosos aparece como uma tendência pesada e a gente pode perguntar se o tempo das con-

gregações não está atrás de nós, no passado. Onde a urgência para aquelas que conseguem reconhecer-se sobre novas bases: como correntes espirituais reivindicando um Fundador fortemente inspirado, enquadradas por um grupo restrito, mas legitimado por uma continuidade de certo modo apostólica, e disposto a acolher diversos gêneros de vida.

Notemos que imaginar a vida marista segundo um modelo de ordem ou de comunidade ampla e menos segundo o modelo de con-

gregação faz-nos voltar ao projeto marista primitivo de uma árvore com três ou quatro ramos, forçada pela Igreja de então a organizar-se canonicamente em congregações distintas, especializadas segundo funções precisas. A emergência de um laicato marista, mesmo de clérigos ou de religiosos, implícita ou explicitamente ligados à espiritualidade de Champagnat, parece impulsionar-nos para a reativação dos ramos maristas concebidos num universo eclesiológico e cultural bem diferente daquele dos anos 1816-1840.

PROJETO DE HISTÓRIA DO INSTITUTO: BIBLIOGRAFIA

Segundo os Arquivos dos Irmãos Maristas (AFM)



Juan Jesús
Moral Barrio fms

INTRODUÇÃO

Quando de tratou de iniciar o projeto da História do Instituto, foi lembrado com acerto e atenção que seria bom iniciar na própria casa, pelos arquivos internos, antes que pelos depósitos e bibliografias de fora.

Deveríamos revisar, antes de buscar em outros lugares, o que a fidelidade de nossos Irmãos, em duzentos anos de vida, acumulou com o cuidado de mãos trabalhadoras e solícitas.

Uma busca perseverante permitiu selecionar documentos e livros sobre os quais a ação do tempo já se fazia sentir com seus vestígios e sinais. Nessa pequena bibliografia temos uma amostra do que existe no Arquivo geral do Instituto em Roma. Não se pretende trazer uma relação exaustiva. Aliás, é certo que nem tudo terá igual importância e significado aos olhos de todos e de cada um dos historiadores de qualquer tempo.

Apenas se pretende pôr à disposição dos investigadores um instrumento útil, prático ou ao menos válido, para a tarefa delicada e intensa de dar a conhecer a história, no reduzido espaço de umas centenas de páginas, de tão numerosos fatos, acontecidos nos duzentos anos da vida do Instituto.

Foi dada preferência ao que foi publicado ou semipublicado. Simplesmente, os trabalhos que foram publicados por uma editora ou aqueles que tiveram uma tiragem mais ou menos ampla de cópias.

A bibliografia geral ocupa um conjunto relativo a publicações que abarcam todo o Instituto ou várias Províncias do mesmo. Não incluí nesse conjunto uma fonte muito válida e fiel de documentação e de dados históricos. Refiro-me ao que, em seu tempo, era conhecido como “as folhas verdes”.

Formam um conjunto de volumes no 'fund', ou na coleção da história do Instituto que abrange os anos de 1959 a 1972. Estão reunidos por anos e por Províncias, postos em ordem alfabética.

Foi dada preferência às Províncias para facilitar a busca de dados relativos à história das Unidades administrativas, com prioridade para as casas e as pessoas. Outros muitos

documentos que, direta ou indiretamente, se relacionam com a história e a vida da Congregação, podem figurar nessa bibliografia, mas se não chegaram aos Arquivos gerais, não podemos incluí-los nessa fonte documental.

A Comissão do Patrimônio espiritual foi informada e valeu-se dessa relação, em sua visita aos Arquivos gerais.

BIBLIOGRAFIA DAS PROVÍNCIAS

1. África Austral

67.1 Loc 10.3.4.7

- By the Marist Brothers of the south African province, Centenary: 1867- 1967
- **Mengele, Michael:** *The origin, Development, Achievements and Future-schools in South Africa, 1867-1955.* Thesis of Bachelor
- Johannesburg 1889 1989 and Durban 1929-1979

2. América Central

64.1 Loc 9.1.3.11

- **Espinosa, Javier, López, J. A.** *Historia de la Provincia de América central 1949 - 2009, Vol. 1,2 Copia fiel, Guatemala, 2010*
- *Capítulo Provincial:* vol. 1-6
- *Informe al hermano Basilio Rueda.* 1974
- *México Marista,* número extraordinario, enero-abril 1999

3. Brasil

660 Loc 10.1.5.

- Atas 2008 UMBRASIL-Loc Blue
- Brésil Mariste, mars, 1988 (Quelques données) **Loc 10.1.5.4**
- *Presença marista, 100 anos no Brasil 1897-1997, Ecos do centenário* **Loc 10.1.5.4**
- *Vingt ans de Brésil 1897-1917 (Brésil Central)* **Loc 10.1.5.2**
e **Loc 10.1.5.1**
- *Presença marista no mundo e no Brasil: 1897-1967* **Loc 10.1.5.2**
- *Irmãos Maristas, centenário no Brasil: 1897-1997* **Loc 10.1.5.2**

- 4. Brasil Central** **661 Loc 10.1.5.5.**
- *Rapport sur le District Central R.001...009*
 - *Comemoração do Cinquentenário 18987-1947*
 - *Fête du Centenaire de l'Institut 31 décembre 1916 et 2 janvier 1917 Mendes*
- 5. Brasil Meridional** **662 Loc 10.2.5.1**
- *Rapport sur le District Méridional, Mars 1905*
 - **Ir. Alfredo Henz:** *Os primórdios da obra marista no Brasil meridional*
- 6. Brasil Setentrional** **663 Loc 10.2.5.6**
- *District Septentrional, Courte notice historique sur le Brésil, 1906*
 - *Echos da Província Marista do Brasil septentrional 1817-1917*
 - *Les frères Maristes au Brésil Septentrional*
- 7. Brasil-Santa Catarina** **664 Loc 10.4.5.2**
- *Assembleia Provincial - Relatório*
 - *1º Planejamento*
- 8. Brasil-São Paulo** **665 Loc 10.5.5.9**
- *Boletim Informativo Sociedade Paranaense de Cultura*
 - *Universidade Católica do Paraná, São Paulo, 1959*
 - *Relatórios e Avaliação, 1977-78-79* **10.5.5.8**
 - *Historique de la Province* **665. H. 001 - 011**
 - *Presença marista no mundo e no Brasil 1817-1897-1967* **Loc 10.5.5.3**
 - *Province de São Paulo, Les Communautés, 1988*
 - *Presença marista na integração da Amazônia*
- 9. Brasil-Porto Alegre** **666 Loc 10.6.5.6**
- *Histórico da Província*
 - *Historique de la Province*
 - *Colégio Marista Champagnat, há 50 anos fazendo escola*
- 10. Brasil-Rio de Janeiro** **668 Loc 10.5.4.4**
- *Résumé des Annales de la Maison Provinciale de Mendes, 1903-1950*
 - *Casa Provincial dos Irmãos Maristas, Anais, Belo Horizonte 1975*

11. Brasil-Santa Maria 669 Loc 10.6.4.0

- *Histórico da Província de Santa Maria*

12. Canada 631. H. 001 Loc 9.2.5.11

- **Joseph-Azaries** *L'œuvre mariste canadienne*, Vol, I, II Iberville, 1960,
- **Giroux, E.** *L'œuvre mariste canadienne*, VIII, Iberville, 1977
- *Histoire de la Province du Canada, 1885-1932*, Historique de chaque maison

13. Iberville 632 Loc 9.2.4.7

- *Liv. de visites Prov. Iberville, 1928*
- *Ma famille mariste, 1966*
- *Memorial 1960*
- *Historique de l'œuvre Mariste Canadienne, 1,2,3, 1959*
- *Historique de la Province de Iberville* **632.H.001-009 Loc 632 9.2.4.4**
- *Rapport annuel du Directeur général : 1983-1988 Collège Laval* **Loc 9.2.4.1**

14. Levis 633 Loc 9.1.4.6/8

- *Dossier de la division de la Province de Levis*
- *Origins of the marist district of Malawi* **633.H.001...009**
- *Hommage à notre " vieux Lévis" Châteaux de Richer 1963*

15. Desbiens 634 Loc 9.1.4.3.

- *Historique de la Province*
- *Cameroun OMBESSA-LABLE*

16. Quebec 635 Loc 9.6.3.4

- *Historique de la province mariste de Québec*, Lorenzo Tanguay 397 pp+113 sup
- **Fr. Lorenzo Tanguay**, *Dossier Historique de la Mission en Afrique Francophone : Congo Brazzaville - Cameroun*, 230 pp. + 115 sup.
- **Fr. Lorenzo Tanguay**, *Province de Quebec, District de Malawi-Zambie, dossier historique*, 335+200 sup.

- 17. España** **620 Loc 9.6.5.7.**
- *Annales des établissements d'Espagne (manuscrit, 1887)*
 - *Ensayo de una síntesis histórica de la obra marista en España*, Fr. Hipólito, Stella Maris, 1921
 - *Boletín informativo, Secretariado permanente del Centenario, 1984-1986*
- España** **621 Loc 9.5.5.2**
- *Documentos originales sobre la fundación de centros y celebración del Centenario 1817-1917*
- 18. Bética** **622 Loc 9.4.5.6**
- *50 años de historia del colegio marista S. Fernando*, Sevilla, 1933-1983
 - *Discernimiento y planes trienales, 1989*
 - **Delgado García, J.** *El Distrito marista de Bolivia*, Granada, 2003
- 19. Catalunya** **623 Loc 9.3.5.7**
- *Memorias: Girona, Valldemia, La Inmaculada, Sants, Lleida, Igualada, Badalona, Sabadell, Avellanas*
 - **Martínez, Inocencio** *Una Comunidad de mártires*, Luis Vives, Zaragoza, 1862
- Cataluña** **623 Loc 9.3.5.6**
- *Rev. Familia Marista y Catalunya marista*
 - *Historial de la Provincia de Catalunya, 2002*
 - *Memorias de los mártires*
- 20. Castilla** **624 Loc 9.2.5.5**
- *Discernimiento y estudio de la misión en la Provincia, 1993*
 - *Zambia, Rhodesia, Angola, misión*
- 21. Levante** **626 Loc 9.6.4.1**
- **Báscones, F.** *Un nombre, dos Provincias, tres épocas, 2007-50 años maristas entre La Marina de Elche y Guardamar del Segura*
- 22. Portugal** **614 Loc 8.4.2.3**
- *Historique de la Province*
 - **Ferraz, José:** *Fastos da Província Marista Portuguesa, 627 pp m/*
 - *Angola Doc e manuscritos*
- 23. Norte** **628 Loc 9.4.4.6**
- *Centenarios de Oñati, Pamplona, Zaragoza, Ver. Norte 2003*

- 24. Grande Bretagne** **611 Loc 8.4.1.7**
- *History of St. Mungo's Academy 1858-1958*
 - *Centenary Marist Brothers Sligo 1862-1962*
 - *A history of the Province of the British Isles 123 pp. Loc 8.4.1.3*
History of St. Mary's Boys' School Calton, Glasgow 1863-1963
- 25. Allemagne** **612 Loc 8.4.5.7**
- *Cronik der deutschen ordensprovinz, 228 pp. polik.*
 - *Maristen-Schulbrüder, 75 Jahre in Furth, 1915-1990*
 - *L'éducation en Allemagne. Une expérience éducative en Hesse, 1969*
 - *Maristen-realschule Recklinghausen, 1994*
 - *50 Jahre Maristenschulbrüder in Deutschland 1914-1964*
- 26. Belgique-Hollande** **613 Loc 8.3.2.4**
- *Historique de la Province*
 - *Maristen Aalsmeer, 1990*
- 27. Irlanda** **615 Loc 8.4.2.7**
- *Irlande, Situation de la Vice-Province, 100 pp, 1980*
- 28. Argentina** **651 Loc 9.5.2.3**
- **Magdaleno, Eugenio** : *Argentina marista* v. I y II ; 77 y 152 pp. mec.
 - *Fondations dites du Centenaire: Champagnat, Belgrano, San Luis, Mendoza, Morón*
 - *Luján, Instituto Ángel de Alvear*
- 29. Luján** **653 Loc 9.3.2.1**
- *Cincuentenario del colegio N^a Sr^a de Luján 1904-1954*
 - *Luján setenta años de la obra marista en Argentina, 1903-1973*
 - *Primer capítulo Provincial de la Provincia marista de Luján, 1968*
- 30. Uruguay** **656 Loc 9.1.2.5**
- *Primera sesión del Cap. Provincial A 001*
- 31. Córdoba** **652 Loc 9.4.2.5**
- *Historique de la Province H 001*

- 32. Río de La Plata** **657 Loc 9.5.2.5**
 • *Informe para los Consejos Provinciales de Córdoba, Paraguay y Río de la Plata, 2000*
- 33. Chile** **654 Loc 9.2.2.5**
 • **Cos, Miguel de:** *El Instituto San Martín, 1912 – 1932* Curicó, 1982
- 34. Perú** **655 Loc 9.1.2.4**
 • *Hª Cotexto The Peruvian soul* (informaciones)
 • *Familia Marista, bodas de diamante, 75 años en la patria de Santa Rosa, 1984* **Loc 9.1.2.4**
 • *Maristas San Luis, Barranco 1923- 1973*
- 35. México** **642 Loc 9.2.3.6**
 • *Los Hermanos Maristas en México, vol 1,2,3, Ed. Progreso, 1978...*
 • *Noviciat de Pontós, manuscrit, 1912-1913*
 • *100 años, Fidelidad, Misión, Audacia. Centenario Marista en México (1899-1999)* (vídeo)
- 36. México Central** **643 Loc 8.6.2.3**
 • *Situation 1983-1990*
- 37. México Occidental** **644 Loc 8.6.1.2**
 • *Actas del Primer Capítulo Provincial, 1969*
 • *Visita del H. Superior General a la Provincia de México Occidental 1981-1982*
- 38. Colombia** **645 Loc 8.6.5.4**
 • *Centenario marista, 100 años de fidelidad, Boletín informativo, 1989 del 0 – 10*
 • *El Instituto Champagnat obra de la divina Providencia, Pasto, diciembre 1947*
 • *Centenario Marista, 1817-1917* Ibagué
 • *Renseignements sur l'Espagne, La Colombie* (Manuscrit)
 • *Ecos de Familia, N°s 483 y 484, 75 años* (Historique)
 • *Province de Colombie, Popayán, 1946*
 • *Memoria: Primer Centenario 1817-1917*
 • *Institut des Petits Frères de Marie, Résumé historique de la Province de Colombie*
 • *Forjadores de la Provincia, 75 aniversario de la fundación de la Provincia, Popayán, 1965*

- 39. Ecuador** **646 Loc 9.4.2.1**
• *Historique de la Province*
- 40. Venezuela** **647 Loc 9.3.2.4**
• *Historique de la Province*
- 41. Italia** **616 Loc 8.5.2.1**
• *Historique de la Province* 616 H-001-009
• *Scuola S. Giuseppe, Genova*
• *Délibération du Conseil*
- 42. United States** **636 Loc 9.5.3.4**
• *Souvenir Book Centenary of Death of Ven. M. Champagnat, 1840 – 1940*
• *History of the Marist Brothers in the United States*
• *Sesquicentennial*
• *Livre du Centenaire de l'Institut des Petits Frères de Marie, Province des Etats-Unis, 1817-1917*
• **Leonard A. Voegtle**, *Go to the Land I Will Show You*, Marists Press, N.Y. 1995
- 43. Esopus** **637 Loc 9.4.3.6**
• *Docs L. Thous Provinces U.S.*
- 44. Poughkeepsie, N.Y.** **638 Loc 9.3.3.7**
• *Poughkeepsie, Beginning and Growth, manusct. 58 pp*
• *Kobe, Marist Brothers, Japan*
- 45. Africa** **670 Loc 10.3.4.0**
• *The Marist Brothers in Africa in the 80'S*
- 46. Congo** **672 Loc 10.2.4.4**
• *Pages tragiques de notre histoire du Congo, polic.*
• *Docs Historiques...* 672.H. 002
- 47. Zaire-Rwanda** **672 Loc 10.2.4.6**
• *Province de Zaire-Rwanda, Division de la Province*
• *Rencontre de Save, Compte-rendu de nos Provinces de l'Afrique, 1976*

- 48. Madagascar** **673 Loc 10.1.4.1**
- *Docs Historiques de la mission de Madagascar 1911-1947*
 - *Annales du District de Madagascar*
 - **Dumortier E.**, *Mission des Frères Maristes à Madagascar* Ed. Lille , France, 1998
- 49. Nigeria** **674 Loc 10.1.3.1**
- *A brief Historical Development.* 674 A. 001-009
 - *Historical of Province* 674 . H. 001-009
 - **Malia, James:** *BIAFRA Memory of the Music, Melrose, Cambridge shire, 2007*
- 50. Chine** **681 Loc 10.3.4.1**
- *Historique de la Province de Chine... jusqu'en 1953*
13 cahiers manuscrits 500 pp ?
- Chine** **681 Loc 10.3.4.2**
- **Louis-Michel, Aristonique:** *Siège du Pei-t'ang, 1953*
 - *Annales de l'Ecole municipale de Changhai, cahier, 1,2*
- 51. Philippines** **683 Loc 10.5.3.1**
- *Docs. Historique* 683 H. 001-009; R. 001-09
 - *Historique Brothers Marists of the Philippines* **Loc 10.5.3.3**
- 52. Srilanka** **684 Loc 10.5.3.4**
- *Docs Notre Mission de Ceylan* 684. H. 001-009
 - *Rapport sur la Syrie*
 - *The Pearl of the Indies, Catholic Messenger, Colombo, 1924*
- 53. Liban-Syrie** **685 Loc 10.6.4.2**
- *Présence Mariste en Syrie 1868 - 1975;*
280 pp mec. Vialla, Abel-Jean, 1988
 - *La guerre et l'enfance au Liban, Beyrouth, 1981*
 - **Vialla, Abel-Jean:** *Collège Saint Louis de Saïda, 1989;*
232 pp mec. - Essai d'Evaluation-
La guerre au Liban **Loc 10.6.3.3**
- 54. Constantinople** **686 Loc 10.5.2.1 H. 001-010**
- *Historique de la Province de Constantinople,*

55. Hongrie 686 Loc 10.5.2.4

- **Histoire de Hongrie*
- **Présence Mariste en Yougoslavie 1905-1941*

56. Australia 691 Loc 10.4.2.1

- **Doyle, Alban:** *The Story of Marist Brothers in Australia, 1872-1972, Hong Kong, 1972*
- *Annales d'Australie, 2 cahiers, 263 pp. manus.*

Australia 691 Loc 10.4.2.3

- *Marists in Oceania Rev. N° 03, 2009*
- **Urban, Fr:** *History of the Catholic Education in New South Wales, 269 pp. méc.*
- **Heslin, Joseph:** *A History of the Roman Catholic Church in Samoa, 1845-1995.*

Australia 691 Loc 10.4.2.4

- *"... in the favour of Mary, Marist Brothers in Australia*

57. Sydney 692 Loc 10.3.2.7

- **Burns Gerard,** *A simple work.* St. Vicens, Australia 1991
- **Valerian Braniff:** *The Quest for Higher Things,* Kilmore, Victoria, 1992

Sydney 692 Loc 10.3.2.3

- *Marist Brothers of the Schools, Sydney Province, 1961*
- *Proceedings of the First Australian Congress of Religious Brothers*
- **Naughtin, Michael:** *A Century of Striving, St Joseph's College Hunter's Hill, 1881-1981*

58. Melbourne 693 Loc 10.2.2.1

- *Marist Brothers 100 Years in Australia*
- *Marists Brothers, Melbourne Province Rev. 2008*

59. New Zealand 694 Loc 10.1.2.1

- **Clisby Edward:** *Marist Brothers and Maori, 1838-1988*

New Zealand 694 Loc 10.1.2.8

- **Pompallier Mission (Tonga)**
- *N.Z. Catholic Schools' Journal, Centenary Number 1838 - 1938*
- *Souvenir of the Golden Jubilee 1876 - 1926*
- *Outline of the History of Samoa, 60 pp. manusc.*
- **Kerr and Donnelly :** *Fitji in the Pacific, Hong Kong, 1977*
- *Marist Brothers Samoa, 1888 - 1988 (Rev. Centennial)*

BIBLIOGRAFIA GERAL

Histoire de l'Institut des Petits Frères de Marie : Économat de Frères Maristes, St.Genis-Laval, 1947

Nicet, Marie : *Histoire de l'Institut*, 7 vol. Manusc., 1789-1930

Giusto, Luigi di : *Historia del Instituto de los Hermanos Maristas*, Imprenta Tecnográfica, Rosario (Argentina), 2004

Palau, Saturio: *Anales de España*, 2 vol. Manusc., 1925

Rostros de la fidelidad de Dios, Provincia de América Central, 3 vol., El Salvador, 203

Comisión de Historia: *Los Hermanos Maristas en México*, 3 vol., Ed. Progreso, México, 1982

Azzi, Riolando, *História da Educação Católica no Brasil*, 4 vol., São Paulo, 2005

Adorator, *Vinte anos do Brasil*, SIMAR, Ed. Brasileira, 2005

Roger, Stirn : *Petite histoire de la Grande Affaire*, Bruxelles, 1991

Les Petits Frères de Marie, identité et vitalité (1840-1890)

Zind Pierre : *Bx. M. Champagnat, son œuvre scolaire dans son contexte historique*, Rome, 1991

Les nouvelles Congrégations des Frères Enseignants en France de 1800-à 1830, St Genis-Laval, 1969

Lanfrey, André : *Marcellin Champagnat & Les Frères Maristes, Instituteurs congréganistes au XIX^e siècle*. Ed. D. Bosco, Paris, 1999

Une congrégation enseignante : les Frères Maristes de 1850 – 1904, Lyon, 1979

Sécularisation, séparation et guerre scolaire (1901 – 1914) Ed. Cerf, Paris, 2003

Coste, Jean et Lessard, Gerard : *Origines Maristes*

Gabriel, Michel : *Frère François (Gabriel Rivat), 60 ans d'histoire mariste*, Delta, 7 Saint-Chamond, 1996

Silveira, Luiz: *II Capítulo Geral do Instituto dos Pequenos Irmãos de Maria: 1852 – 1854* M. C. Belo Horizonte, 1993

Avit, Bilon: *Annales des Maisons*, 7 vol. polyc. Rome, 1991

Annales de l'Institut, 3 vol., Rome, 1993

Les Frères Maristes en Chine, Petit historique de leurs œuvres de 1891-1941, Polyc.

Neuville-sur-Saône, 1967

Réveil de la Province de Chine, Lettres et Documents, 1901 – 1906, Polyc. Rome, 1999

Contribution à une étude sur les débuts des missions maristes d'Océanie, Pol. Saint-Genis-Laval, 1995

- *Amazônia* : **10.5.5.3**
- *Malawi*, **9.1.4.6/8**;
Malawi and Zambia **9.6.3.4**;
and Zambia-Rodesia-Angola **9.2.5.5**
- *Cameroun* **9.1.4.3**
and Congo-Brazaville **9.6.3.4**
- *Distrito Marista de Bolivia*, **9.4.5.6**
- *Biafra*, **10.1.3.1**
- *Tonga*, **10.1.2.8** ;
History of Samoa, **10.1.2.8**;
Marists Brother Samoa, **10.1.2.8**
- *Fiji in the Pacific*, **10.1.2.8**
- *Kobe, Japan* **9.3.3.7**

